

ISSN: 1679-9887

Psicanálise & Barroco em revista

Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura

Psicanálise & Barroco em revista

Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura.

Psicanálise & Barroco em revista é publicada pela linha de pesquisa Memória Subjetividade e Criação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Editores Responsáveis

Editora-Chefe: Denise Maurano Mello

Editora: Nilda Martins Sirelli

Conselho Editorial

Angela Coutinho (UNIV. SANTA ÚRSULA / RJ)

Carlos Eduardo Leal Vianna Soares (FAMATH)

Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)

Edson Luiz André de Souza (UFRGS)

Eliana Yunes (PUC / RJ)

Jean-Claude S. Soares (UFJF)

Júlio Cesar de Souza Tavares (UFF / RJ)

Luciano da Fonseca Elia (UERJ)

Marco Antônio Coutinho Jorge (UERJ)

Sérgio Paulo Rouanet (Academia Brasileira de Letras)

Rogério Lustosa Bastos (UFRJ)

Sérgio Nazar David (UERJ)

Sônia Alberti (UERJ)

Conselho Científico

Ana Petros (UNT / AR)

Betty Bernardo Fuks (PUC / RJ e CES / MG)

Jean-Michel Vivès (UCA / FR)

Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV. PARIS VII / FR)

Paola Mieli (SVA / NY)

Paolo Lollo (UNIV. PARIS XIII / FR)

Equipe Técnica

Revisoras de normas técnicas de publicação: Renata Figueiredo e Suellen Claris Bolorini

Técnico de Informática: Bruno Carvalho da Silva

Revisor de Inglês: Bruno Carvalho da Silva

Pareceristas Ad-Hoc

Alinne Nogueira Silva Coppus (UFRJ)

Andrea Bieri (UNIRIO)

Ana Vicentini de Azevedo (UFSCAR)

Cláudia Bodin (Universidade de Paris VII)

Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)

Daniela S. Chatelard (UNB)

Ecio Pisetta (UNIRIO)

Edson Luiz André de Souza (UFRGS)

Hélia Freitas (UERJ)

Josaida de Oliveira Gondar (UNIRIO)

Laéria Fontenele (UFC)

Lucia Maria de Freitas Perez (UERJ)

Luiz Alberto Pinheiro de Freitas (IBMR)

Marlen de Martino (FURG)

Mariângela Máximo Dias (UERJ)

Maria Das Graças Leite Villela Dias (UFSJ)

Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO)

Nadiá de Paulo Ferreira (UERJ)

Orlando Cruxen (UFC)

Rodolfo Petronio (UNIRIO)

Sandra Edler (SPID)

Sonia Leite (CPRJ)

Tereza Calomeni (UFF)

Valéria Wilke (UNIRIO)

Walter Kohan (UNIRIO)

Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos (UERJ)

© *Copyright* **Psicanálise & Barroco em revista**

Endereço para correspondência / Address for correspondence / Adresse pour correspondance

Psicanálise & Barroco em revista

Programa de Pós-Graduação em Memória Social, UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Avenida Pasteur, 458, Urca, 22.290-240, Rio de Janeiro, RJ.

Secretaria — (21) 2542-2820 | Coordenação — (21) 2542-2708

Email: revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Psicanálise & Barroco em revista

Ano 14, Número 02: Edição Dezembro de 2016

Rio de Janeiro, RJ.

Psicanálise & Barroco em revista

(ISSN:1679-9887)

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

Ano 14, Número 02: Edição Dezembro de 2016.

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE: SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ACOLHER O RECÉM-CHEGADO	13
DA LITERATURA À PSICANÁLISE: O LUTO POÉTICO DE MANUEL BANDEIRA	25
A ESCRITA DE CASO CLÍNICO: UM RITORNELO EM TORNO DA FALTA	49
A INFLUÊNCIA DE FRANÇOISE DOLTO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS NA ATUALIDADE	65
A CRIANÇA E O LUTO: A VIVÊNCIA DA MORTE NA INFÂNCIA	91
SATURNO E NUN: O DESAMPARO E O SER EM DEPRESSÃO	105
UMA LEITURA SOBRE O ATO SUICIDA NA CONTEMPORANEIDADE	124
ANOREXIA: O IMPASSE SUBJETIVO PARA LIDAR COM CORPO E A FEMINILIDADE	149
DA INIMPUTABILIDADE PENAL E DA RESPONSABILIDADE DO SUJEITO NO DISCURSO DA PSICANÁLISE	167
O ENIGMA PULSIONAL NA ESCOLHA DO OBJETIVO DE SIDONIE CSILLAG, A JOVEM HOMOSSEXUAL	185
CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁDIO DO ESPELHO E OS ESQUEMAS ÓPTICOS DE LACAN	211
ESTRUTURA BÁSICA DA CLÍNICA: DA MEDICINA MODERNA À PSICANÁLISE	233
CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR NA PARANOIA: UMA LEITURA A PARTIR DE FREUD E LACAN	249
UM ESTUDO SOBRE O ESTATUTO DO SUPEREU NA PSICOSE	267

O SUPEREU NA LEI MOSAICA: RESENHA DO FILME BATA ANTES DE ENTRAR	297
O TEMPO, ESSE PASSANTE	311
CONTENTS	321
SOMMAIRE	322

Psicanálise & Barroco em revista

(ISSN:1679-9887)

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

EDITORIAL

Denise Maurano Mello e Nilda Sirelli

E brindamos o ano de 2016 com mais uma bela edição de Psicanálise e Barroco em Revista! Convidamos a todos a saborear conosco cada um dos textos que serão apresentados e que compõem nossa edição. Vamos a eles!

O artigo “**Adolescência e psicanálise: sobre a importância de acolher o sujeito recém-chegado**” de Aline Tavares e Sonia Alberti ressaltam que, na psicanálise de Freud com Lacan, a adolescência corresponde a uma etapa lógica de articulação do sujeito na estrutura, marcada pelo encontro com o sexo e com a falta no Outro. A partir desse pressuposto dialogam com alguns recortes do filme brasileiro *As melhores coisas do mundo*, dirigido por Laís Bodanzky e baseado na série de livros *Mano*, escritos por Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto. O filme apresenta um retrato paradigmático da adolescência: seu personagem principal encontra-se às voltas tanto com a angústia provocada pelo encontro com o real que o sexual implica, quanto com o fato de não poder mais sustentar uma posição idealizada junto a seus pais, o que o leva a se engajar no trabalho de se desligar da autoridade deles. Tempo de travessia, que não se faz sem um trabalho.

Como sabemos, a arte é uma via fecunda para a transmissão da psicanálise, Thales Alberto Fonseca Vicente no texto “**Da literatura à psicanálise: o luto poético de Manuel Bandeira**”, faz uma análise psicanalítica de algumas poesias de Manuel Bandeira, partindo de fatos de sua biografia e elementos presentes em sua obra poética, em especial, no que tange à temática da morte, marcante em sua vida e frequente em sua poesia. Para a análise, o autor se vale, principalmente, das noções de luto e de sublimação, tal como articuladas dentro da teoria psicanalítica.

Versando sobre o luto, o artigo **“A criança e o luto: a vivência da morte na infância”** de Ilana Côrtes e Nilda Martins Sirelli, aborda as especificidades do luto para a psicanálise, para pensar como uma criança poderia lidar com a morte. O luto é uma produção árdua de retorno aos traços que ligam o sujeito a um determinado objeto, até que ele possa incorporá-los, podendo se ver livre para investir em novos objetos. Diante de uma perda, o luto não é uma reação automática, ele pode não acontecer, e um luto não vivido não é sem efeitos, podendo produzir ainda mais sofrimento, e diversos sintomas, como depressões, fobias, e falta de investimento em si e na vida.

Assim, nem para todos o luto é um trabalho possível, o artigo **“Saturno e Nun: o desamparo e o ser em depressão”** de Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães evidencia isso. A autora situa o desamparo como núcleo constituinte na depressão, para isso, retoma a referência do astro e figura mitológica grega de Saturno e da mitologia egípcia, Nun, como representantes do Caos, e faz um levantamento do desamparo nas contribuições de Freud e dos psicanalistas contemporâneos Deloya e Fédida, entre outros.

Bernardo Sollar Godoi e Renata Viana Gomide, no artigo **“Uma leitura sobre o ato suicida na contemporaneidade”** evidencia ainda a impossibilidade de lidar com o mal-estar, que pode culminar pra além da depressão, em um ato suicida. Articulam a atuação frente o suicídio (*acting out* e passagem ao ato) ao contexto sociocultural contemporâneo, marcado pelo tabu da morte, a noção de maior vulnerabilidade a traumas, devido a uma possível redução da capacidade simbólica e as implicações derivadas da disseminação do discurso capitalista.

Ainda versando sobre as implicações do discurso contemporâneo, Sabrina de Oliveira Nésio e Juliana Motta no texto **“Anorexia: o impasse subjetivo para lidar com o corpo e a feminilidade”**, apontam que o crescente aparecimento da anorexia, em especial entre mulheres no início da idade adulta e adolescência, pode se articular a um imperativo do gozo contemporâneo que recai sobre o corpo da mulher, a lançando na busca de um ideal impossível. Pressupõem que a anorexia pode ser uma das formas encontradas pelo sujeito para lidar com o mal-estar estrutural ou a tentativa da construção da máscara feminina, de forma que a sintomatologia ao longo da história da civilização é própria a cada época.

Outra importante questão de nosso tempo, a ser pensada sob o olhar da psicanálise, se refere à inimizabilidade penal. Greta Fernandes Moreira e Betty B. Fuks no artigo **“Da inimizabilidade penal e da responsabilidade do sujeito no discurso da psicanálise”** analisam a questão da inimizabilidade penal, conceito jurídico referente à culpabilidade e conseqüente incapacidade do louco-criminoso em responder pelo ato infracional cometido, pela ótica da psicanálise, tomando por base as formulações lacanianas a respeito da constituição do sujeito a partir do campo da linguagem e de sua responsabilidade subjetiva. Já que, como ressalta Lacan no texto “A ciência e a verdade” (1966), “por nossa posição de sujeitos, somos sempre responsáveis”.

A organização de nossa sexualidade e a escolha objetal, é um tema que atravessa a história da humanidade, e ainda hoje nos permeia, sendo alvo constante de debates e preconceitos. O artigo **“O enigma pulsional na escolha do objeto de Sidonie Csillag, a jovem homossexual”**, de Carina Freitas Passos e Anamaria Silva Neves discute sobre o caminho que a pulsão percorre na escolha do objeto de Sidonie Csillag, caso apresentado por Freud no texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. Para tal os conceitos de pulsão e objeto são retomados na obra freudiana, e articulados com o caso clínico e com a biografia de Sidonie.

O artigo **“A escrita de caso clínico: um ritornelo em torno da falta”**, de *Cirlana Rodrigues de Souza* aponta que o caso clínico é testemunho da clínica psicanalítica, nele convergindo a pesquisa e o tratamento. Convergência que ocorre por meio da letra bordeando o enigma do caso, que se manterá como não-realizado, não-sabido na narrativa que se escreve e, assim, nos mostra como cada sujeito vai enfrentando o que há de real em sua experiência subjetiva. Esse ponto inassimilável, o “umbigo dos sonhos” é impossível de se escrever e, nessas condições, escrever um caso clínico é escancarar o buraco da boca de Irma, é fazer borda ao real.

Uma escrita é um modo de transmissão, que alcança efeitos muito além do que um autor pode saber enquanto escreve. Nesse sentido, a obra de Françoise Dolto ainda é prenha de conseqüências para o cenário psicanalítico, especialmente no que se refere à clínica com crianças. Francisco Lamartine Guedes Pinheiro e Letícia

Maria Teixeira Matos no artigo “**A influência de Françoise Dolto na clínica psicanalítica com crianças na atualidade**”, apresentam os pressupostos teóricos básicos de Françoise Dolto, e suas influências no cenário atual, fazendo contrapontos com outros importantes psicanalistas de crianças, como Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott, para destacar as contribuições originais de Dolto.

Ainda tentando fazer borda ao real pela letra, Lacan recorre constantemente a matemas, topologia e esquemas diversos que possibilitem a transmissão da psicanálise. Márcio José da Silva, no artigo “**Considerações sobre o estádio do espelho e os esquemas ópticos de Lacan**” retoma os esquemas ópticos sob o olhar de um físico, apontando como ocorre a formação das imagens em situações físicas diferentes daquela que foi explorada por Lacan. A partir da teoria lacaniana, apresenta considerações que apontam para algumas interpretações possíveis de diferentes esquemas que possibilitam pensar a construção do narcisismo e da imagem especular.

Maurício de Novais Reis no texto “**Estrutura básica da clínica: da medicina moderna à psicanálise**” evidencia as modificações constantes que a clínica médica vem sofrendo, desde seu nascimento. Essas mudanças não se restringem a avanços tecnológicos, mas também às subversões semânticas de seu significado originário. Engendrando uma investigação acerca da clínica médica e, por extensão, psiquiátrica, este artigo possibilita uma reflexão acerca das similitudes e distorções existentes entre a clínica médica e psicanalítica. A clínica médica foi ponto de origem da psicanálise, mas, sabemos que Freud, cria um método de investigação próprio, e novas balizas éticas que sustentam a psicanálise como um saber autônomo com relação à clínica médica.

A questão das estruturas clínicas é um tema caro à psicanálise, sendo tema recorrente em nossas edições. Nesse sentido, o artigo “**Considerações sobre o amor na paranóia: Uma leitura a partir de Freud e Lacan**” de Antonio Garcia Neto apresenta os desdobramentos do amor na estrutura da psicose, na tipologia da paranóia. O percurso partiu da formação do sujeito do inconsciente, retomando o conceito nomeado por Freud de *Verwerfung*, e por Lacan da forclusão que apontam a posição do sujeito psicótico diante da castração, e que, certamente lhe conferem um modo específico de lidar com o amor. A emergência do fenômeno

amoroso é uma via de sustentação do laço social, na qual o sujeito pode reposiciona-se frente ao Outro e a seus efeitos, via que pode ser fecunda na psicose.

Abordando ainda o sujeito psicótico, Claudete Justino Correa e Magali Milene Silva, no texto “**Um estudo sobre o estatuto do supereu na psicose**” partem da premissa freudiana de que o supereu é herdeiro do complexo de Édipo, para daí pensarem as peculiaridades do Édipo na psicose. Destacam que Lacan atribui a forclusão como fator essencial da operação da psicose na castração, forcluindo o significante primordial, o Nome-do-Pai, que permite ao sujeito ancoragem simbólica e produção de significações. Contudo, o que foi forcluído ressurgiu no real, alucinatoriamente; o que não foi internalizado reaparece no real como a voz do Outro, por exemplo, o que parece evidenciar que o psicótico experimenta o Supereu no real.

Além dos artigos, para fechar com chave de ouro nossa edição, contamos ainda com duas resenhas: “**O supereu na lei mosaica: Resenha do filme *Bata antes de entrar***”, de Pedro Brocco e a resenha do livro “**Uma psicanálise possível**”, de Janaína Bianchi de Mattos.

A primeira, articula o filme *Bata antes de entrar (KnockKnock)*, lançado em 2015, com formulações da psicanálise acerca do supereu e da relação entre psicanálise e religião, sobretudo às formulações de Freud sobre o monoteísmo judaico. Neste sentido, o filme abre-se para interpretações que o ligam à noção de supereu que subjaz à Lei mosaica e às formulações de Lacan sobre a ética da psicanálise.

A segunda aponta os pontos principais apresentados no livro “Rio de Janeiro (1937-1959): Uma Psicanálise possível” de Maria Teresa Saraiva Melloni, onde a autora estabelece de forma primorosa uma compreensão analítica e histórica acerca da constituição do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro. Sabemos que compreender a história é um modo de poder olhar e atuar nos engendramentos do presente, e na constituição do que está por vir.

Para finalizar, ainda fomos presenteados com o ensaio “**O tempo, esse passante**”, de Maria Teresa Saraiva Melloni, que com uma escrita poética nos fala sobre a transitoriedade.

Desejamos a todos uma boa leitura!

© 2016 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE: SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ACOLHER O RECÉM-CHEGADO

*Aline Tavares*¹ e *Sonia Alberti*²

RESUMO

Na psicanálise de Freud com Lacan, a adolescência corresponde a uma etapa lógica de articulação do sujeito na estrutura, marcada pelo encontro com o sexo e com a falta no Outro. Nesse sentido, apresentamos alguns recortes do filme brasileiro *As melhores coisas do mundo*, dirigido por Laís Bodanzky e baseado na série de livros *Mano*, escrita por Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto, por considerar que este nos apresenta um retrato paradigmático da adolescência: seu personagem principal encontra-se às voltas tanto com a angústia provocada pelo encontro com o real que o sexual implica, quanto com o fato de não poder mais sustentar uma posição idealizada junto a seus pais, o que o leva a se engajar no trabalho de se desligar da autoridade deles. O filme indica ainda a importância do professor de violão durante a travessia que a adolescência estava impondo ao jovem, parecendo seguir à risca as recomendações freudianas nos textos *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* (Freud, 1910) e *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (Freud, 1914), que são trabalhadas ao final do artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Adolescência. Psicanálise.

1

2

INTRODUÇÃO

Em seus *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) não fala de adolescência, mas de puberdade. Assinala que trata-se de um período em que a vida pulsional reaparece com toda sua força devido ao término da latência e início da sexualidade adulta, interrompendo, então, o sono de um Édipo adormecido. É o momento em que as fantasias infantis incestuosas, recalcadas com a entrada no período de latência, voltam a emergir, agora reforçadas pela “premência somática”, isto é, pelo fato do sujeito ter a possibilidade e a maturação biológica suficientes para colocar em ato seu desejo edípico. Paralelamente ao trabalho de subjugação dessas fantasias, ocorre uma das realizações psíquicas mais significativas da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais.

A puberdade implica, portanto, um encontro com o sexo e com a falta no Outro. O encontro com o sexo não pode ser reduzido à relação sexual propriamente dita, se referindo ao encontro do jovem com as questões sobre a assunção de um posicionamento na partilha dos sexos, isto é, constituir-se enquanto homem ou mulher, posicionando-se frente à castração. Como assinala Alberti (2004), se na infância o sujeito acreditava que o encontro com o outro sexo tinha a possibilidade de ser harmônico, ele agora se depara com o fato de que há mais desencontro com o outro sexo que encontros, e que mesmo estes são sempre faltosos, marcados pela incompletude. Nesse sentido, o encontro com o sexo implica o encontro com algo inesperado, que pode ser bom e/ou ruim, e que necessariamente provoca angústia por trazer a marca do real, do que não pode ser dito, para o que não se tem palavras.

O desligamento da autoridade parental é consequência de o sujeito adolescente não mais poder atribuir uma posição idealizada a seus pais, ou seja, não é mais possível fechar os olhos à insuficiência deles. Alberti (1996; 2004) salienta que, em função do horror à castração do Outro, se durante a infância a criança tenta salvar o pai, ignorando suas falhas, na adolescência trata-se de fazer um longo trabalho de elaboração da falta no Outro.

A adolescência implica, então, um furo no saber do sujeito, que perdeu as referências sólidas às quais estava atrelado – como filho, irmão, herói imaginário dos

seriados de TV. Diante do trabalho de se desligar do ideal das referências infantis, o jovem se pergunta: e agora, como fico? quem sou?

Nesse momento em que os ideais se quebram, o sujeito é levado a construir suas próprias referências, o que fará, sobretudo, a partir da introjeção dos pais da infância. Assim, o trabalho da adolescência implica verificar que por mais que haja o desamparo fundamental, é possível vir a fazer alguma coisa, modificando algo na realidade para seus próprios fins, levando em conta os limites, o que exige uma postura ética (Alberti, 2004).

As melhores coisas do mundo, filme brasileiro dirigido por Laís Bodanzky e baseado na série de livros *Mano*, escrita por Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto, nos apresenta um retrato paradigmático da adolescência. Mano é um adolescente de quinze anos que na primeira cena do filme aparece em seu quarto assistindo a um show de rock com sua guitarra em punho e de óculos escuros, se imaginando um grande ídolo. Afirma que sempre ouviu seu pai dizer “a gente só é feliz na infância” e “passa rápido, filho, aproveita”. Entretanto, contesta, “rápido o *cacete*, demorou séculos até eu conseguir minha liberdade”. Na cena seguinte, o garoto encontra-se dentro de um táxi com os amigos, estão bebendo e comentando sobre o corpo das mulheres que passam na rua enquanto se dirigem a um pequeno hotel onde é possível pagar por 20 minutos na companhia de uma prostituta. Mano, porém, não consegue fazer sexo com ela. Na verdade, nem tenta. Apenas espera os vinte minutos passarem enquanto explica à mulher que “ainda não rolou sua primeira vez”. Ao chegar em casa, Mano se depara com as malas de seu pai, que decidiu ir embora: “quando eu descobri que coelhinho da páscoa e papai Noel não existiam, me senti traído, mas descobrir que minha família não existe mais é a pior coisa do mundo”.

Alguns dias depois, Mano e seu irmão vão jantar no apartamento do pai e começam a interpelar o genitor – “que mulher é essa que te tirou de casa?”, momento em que o pai, que é professor, lhes confessa estar namorando um homem, um orientando seu da faculdade. Pedro, irmão de Mano, não suporta a escolha do pai, se afastando dele, ao que Mano, embora às voltas com pensamentos como, “em vez de se separar, minha mãe poderia ter ficado viúva” e “se é para rolar tragédia, não poderia ser uma tragédia normal?”, continua a procurar

o genitor. Certo dia, ao visitar o pai, que a essa altura já estava morando com o namorado, Mano se depara com o quarto todo bagunçado, o que o remete à intimidade do pai, fato que se mostra insuportável e o leva a, literalmente, ir embora correndo, sem dizer uma palavra.

O adolescente se interessa por uma garota da sua sala, mas seu interesse por ela o faz levantar questões: “a Valéria é linda e fuma. Fumar é horrível. Isso é um paradoxo. Eu tô completamente apaixonado por um paradoxo. Meu pai é gay. Esse é o maior paradoxo de todos os tempos”. Quando conta para sua melhor amiga sobre a escolha sexual de seu pai, esta diz a Mano que ele tem um pai muito corajoso, por ter escolhido falar a verdade para os filhos ao invés de “se esconder no armário”. O garoto parece não acreditar na resposta da amiga diante da “gravidade da confiança”, ao que ela, que se chama Carol, lhe responde “tá, o seu pai é gay, e o meu que é antropólogo!”. Com sua fala, a menina deixa claro para Mano que, de alguma forma, todo pai claudica, não se mostrando à altura das expectativas dos filhos.

Carol também está às voltas com a emergência do real sexual e mostra toda sua angústia quando diz que não aguenta mais “esses beijos que não sabe o que significam”, explicando que depois da festa em que beijou um garoto, não sabia se era para fingir que aconteceu alguma coisa ou fingir que não aconteceu nada – “não sei se a gente tava se beijando por beijar ou se tava acontecendo alguma coisa. Odeio esses beijos. Esses beijos são uma merda”.

Para complicar ainda mais a vida de Mano, numa reunião da escola, sua mãe conta para a genitora de outro aluno sobre sua vida pessoal, falando da separação e da escolha do ex-marido em viver com outro homem. A notícia logo se espalha pela escola e Mano passa a ser alvo de piadas e até mesmo de agressões físicas.

É só com o professor de violão que Mano consegue falar do que lhe ocorre, sendo ele quem auxilia o jovem a realizar a travessia que a adolescência estava lhe impondo. Assim, quando Mano consegue falar sobre o que estava ocorrendo na escola, o professor aponta que o adolescente se encontrava diante de uma encruzilhada e que era preciso decidir entre “amarelar ou enfrentar”: “essa escolha, Mano, é sua, é como a escolha da música que você vai tocar. Que música você quer

tocar?”. Em outra ocasião, o professor diz a Mano que irá precisar se ausentar por seis meses, pois irá para Europa estudar, correr atrás dos seus sonhos, ao que adverte o aluno a correr atrás dos seus. Após esse momento, Mano forma com os colegas da escola uma chapa para concorrer ao grêmio, visando fazer frente ao que vinha ocorrendo na escola: o constante rechaço a que vários alunos eram submetidos quando não se encontravam dentro dos padrões de normalidade esperados, o que incluía a garota lésbica, a que teve fotos sensuais divulgadas pelo namorado...

Na última cena do filme, Mano, que já havia tido alguns (des)encontros com a garota por quem se interessara inicialmente, lê o diário de sua melhor amiga, Carol, onde estava escrito “hoje o Mano tocou *Something*, dos Beatles, na escola. Ficou em segundo lugar na minha lista das melhores coisas do mundo, só perdendo para a bomba de chocolate da padaria. Acho que a bomba só vai sair do primeiro lugar quando eu gostar de verdade de alguém. Como é que a gente sabe que gosta de alguém de verdade? Eu não sei”. Mano, então, tenta beijar a amiga, que se esquiva dizendo que não aguenta mais esses beijos [que não sabe o que significam]. Ele insiste, garantindo a ela que não precisa mais ter medo. Eles se beijam, enquanto Mano pensa, “não é impossível ser feliz depois que a gente cresce. Só é mais complicado”, respondendo, assim, ao dito que ouvira “mais de um milhão de vezes” de seu pai: “a gente só é feliz na infância”.

O percurso realizado por Mano em *As melhores coisas do mundo* é paradigmático para exemplificar a travessia adolescente: inicialmente identificado com os astros do rock que admirava, o jovem vai se deparando com os furos do mundo adulto, com o real sexual que reatualiza, a cada vez, o encontro com o impossível, organizando uma certa inacessibilidade do objeto que constitui e dá lugar ao vazio central que engendra o desejo. Assim, quando percebe que não há como escapar do desamparo, que o Outro não pode protegê-lo, Mano lança mão dos recursos que lhe foram transmitidos, até então, por seus pares, mas, principalmente, por seus pais, para enfrentar o desamparo.

A JUVENTUDE NOS MOSTRA O QUE SE PASSA PELO MUNDO

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921) assinala que um grupo é definido pelos laços libidinais que o caracterizam e que a família é uma formação natural de grupo. Ressalta, então, que quando um grupo se desintegra, ou seja, quando os laços libidinais que ligam os membros se afrouxam ou deixam de existir, cada um passando a se preocupar apenas consigo mesmo, surge uma angústia gigantesca, desproporcional ao perigo vivido: “agora que está sozinho a enfrentar o perigo, pode certamente achá-lo maior, embora permaneça o mesmo” (Freud, 1921, p. 122). É um quadro semelhante a este descrito por Freud que encontramos na adolescência, quando ocorre um momento de vacilação do eixo imaginário do jovem, de perda das referências da infância, de questionamento dos ideais parentais - que se tornam inconsistentes - e de desligamento das figuras parentais, ou seja, trata-se de um momento em que o sujeito adolescente busca, a duras penas, construir suas próprias referências com a ajuda de seus pares. É preciso, nesse momento da vida do sujeito, buscar no Outro pontos de apoio, referências simbólicas que o apaziguem e ajudem a responder a pergunta que se impõe: “quem sou eu, agora?”.

Deste modo, para Nominé (2001), a juventude nos mostra o que se passa pelo mundo por estar em posição de indicar, com suas condutas, as condições simbólicas – ou a carência delas – de acolhimento do sujeito recém-chegado, que ultrapassam, embora estejam a ela ligadas, as possibilidades de sobrevivência material. Ângelo (2007) nos ajuda a compreender o que está em jogo:

Trata-se das condições necessárias ao tornar-se sujeito, isto é, alguém capaz de se sustentar com seu desejo, única proteção verdadeira contra o mal-estar, pois é com ele que o homem cria, inventa, decide, dá sentido à vida, isto é, tira leite de pedra. É a adolescência, então, que pode denunciar se do lado do outro comparecem as possibilidades de haver sujeito. Isto porque é o momento em que se afrouxam os laços familiares, em razão das inevitáveis decepções, pondo à prova tudo o que se constituiu como pilar da subjetividade na infância. O jovem é aquele que, decepcionado com a figura parental como ideal, mas não sem ela, volta-se para o mundo em busca de algo que possa substituí-la (ÂNGELO, 2007, p.34).

Assim, foi por observar que no momento de se separarem de seus pais e suas famílias, os adolescentes estão desarvorados, diante de um ponto de real, onde a vida pulsional irrompe de maneira inesperada, que Freud (1914) ressaltou a importância do mestre, do Outro social, que deve exercer sobre o jovem uma

influência mantenedora da vida, de modo a fazer frente às repressões exigidas pela cultura e pela civilização.

Em *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*, Freud (1914) afirma que os jovens transferem para os professores o respeito e as expectativas ligas ao pai da infância. Nessa perspectiva, Vidal (2005) indica que a desidealização do pai na adolescência é acompanhada pela articulação de novos ideais e pela ereção de novas figuras idealizadas para constituir um recurso pelo qual o sujeito busca refazer seu pacto com a civilização.

Também sua *Conferência XXXI*, Freud (1933[1932]) afirma que, no curso do desenvolvimento, o supereu assimila as influências que tomaram o lugar dos pais – educadores, professores, pessoas escolhidas como modelos ideais: “Realizam-se, pois, identificações também com esses pais dessa fase ulterior, e, na verdade, regularmente fazem importantes contribuições à formação do caráter” (FREUD, 1933[1932], p. 83-84).

Alberti (2004) destaca que não há escolha que prescindia de indicativos e direções que lhe são anteriores e explica que o sujeito os recebe ao longo de sua infância, mas que pode continuar recebendo esses mesmos indicativos e determinantes ao longo de todo processo adolescente, desde que não lhe falte quem lhe possa transmiti-los. Nesse sentido, a autora assinala que o adolescente pode ser assistido tanto pelos mestres quanto pelo psicanalista.

O psicanalista se dirige ao adolescente para fazê-lo trabalhar a fim de produzir sua própria determinação – verificar o que o determina para o sofrimento do qual se queixa e assim se descobrir sujeito desejante.

O discurso do mestre pode transmitir duas leis possíveis: a lei veiculada pela função paterna enquanto barrando o desejo do Outro, ou seja, a lei que castra o Outro, e a lei da pura interdição que justamente não sustenta o sujeito desejante, mas tiraniza-o, exigindo que trabalhe e deixe seu próprio desejo para depois (Alberti, 2004). Essa segunda forma de lei fica evidente num diálogo do texto ‘O Despertar da Primavera’, de Wedekind(2008) quando o jovem adolescente Melchior, pergunta a seu amigo Moritz: “Eu só queria saber, por que é que a gente veio parar neste mundo?”, ao que o colega responde: “Para ir ao colégio. Eu preferia ser um burro de

carga a ir ao colégio! Para que vamos ao colégio? Para fazer os exames! E para quê os exames? Para sermos deixados cair!”. De acordo Alberti (2004), a fala de Moritz reflete um tipo de relação entre o mestre e o aluno na qual o professor é um Outro sem limites que não se importa com qualquer apelo do sujeito-aluno, descaracterizando-o mesmo enquanto sujeito. Nesse sentido, a autora indica que para a sociedade pouco importa se em seu posicionamento o sujeito segue seu desejo, motivo pelo qual depende exclusivamente do sujeito responsabilizar-se pelo próprio desejo.

Em seu *Prefácio a Juventude desorientada de Aichhorn*, Freud (1925) afirma que o trabalho da educação é algo *sui generis*, não devendo ser confundido com a influência psicanalítica e nem substituído por ela. Porém, assinala que a psicanálise pode ser convocada pela educação como meio auxiliar de lidar com uma criança e encerra seu texto com uma inferência para “aqueles que estão empenhados na educação”:

Se um deles aprendeu a análise por experimentá-la em sua própria pessoa e está em posição de empregá-la em casos fronteiriços e mistos – crianças e delinquentes juvenis – a fim de auxiliá-lo em seu trabalho, obviamente terá o direito de praticar a análise; e não se deve permitir que motivos mesquinhos tentem colocar obstáculos em seu caminho (FREUD, 1925, p.343).

Nesse contexto, seguir à risca esta direção dada por Freud, assim como aquela fornecida em suas *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*, onde assinala que é preciso fornecer ao jovem o desejo de viver e lhe oferecer apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento o compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e a família, mostra-se fundamental para todos aqueles que, em seus trabalhos, deparam-se com jovens adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. (1996). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____ (2004). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ÂNGELO, D. (2007). Do horror e miséria ao bom e belo. In: BASTOS, R.; ÂNGELO, D. & COLNAGO, V. *Adolescência, violência e lei*. Rio de Janeiro: Cia de Freud; Vitória: Escola Lacaniana de Psicanálise, p. 25-38.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____ (1910). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____ (1914). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____ (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____ (1925). Prefácio a juventude desorientada de Aichhorn. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____ (1933[1932]). Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NOMINÉ, B. (2001). A adolescência ou a queda do anjo. In: *Marraio, n. 1: da infância à adolescência*. Rios Ambiciosos/FCCL, 2001.

VIDAL, P. (2005). Freud e a nostalgia do pai. In: BERNARDES, A. (Org). *10XFreud*. Niterói: Azougue Editorial.

WEDEKIND, F. (2008). O despertar da primavera. 3ª ed. Trad. Maria Adélia Silva Melo. Lisboa: Editora Estampa.

Filme: BONDANZKY, L. *As melhores coisas do mundo*, 2010.

ADOLESCENCE AND PSYCHOANALYSIS: ABOUT THE IMPORTANCE OF WELCOMING THE NEWCOMER

ABSTRACT

In Freud's psychoanalysis with Lacan, adolescence corresponds to a logical stage of articulation of the subject in the structure, marked by the encounter with sex and the lack in the Other. In this sense, we present some clippings from the Brazilian film *The Best Things in the World*, directed by Laís Bodanzky and based on the book series *Mano*, written by Gilberto Dimenstein and Heloísa Prieto, considering that this presents us with a paradigmatic portrait of adolescence: its main character Finds himself in the throes of both the anguish provoked by the encounter with the real that the sexual implies, and the fact that he can no longer support an idealized position with his parents, which leads him to engage in the work of detaching himself from the Their authority. The film also indicates the importance of the guitar teacher during the crossing that the adolescence was imposing on the young person, seeming to follow the Freudian recommendations in the texts *Contributions to a discussion about suicide* (Freud, 1910) and *Some reflections on school psychology* (Freud, 1914), which are worked out at the end of the article.

KEYWORDS: Subject. Adolescence. Psychoanalysis.

ADOLESCENCE ET DE LA PSYCHANALYSE: L'IMPORTANCE D'ACCUELLIR LE SUJET DES NOUVEAUX ARRIVANTS

RÉSUMÉ

Dans la psychanalyse de Freud avec Lacan, l'adolescence représente une étape logique d'articulation du sujet dans le cadre, marqué par la rencontre avec le sexe et le manque dans l'Autre. En ce sens, nous présentons quelques coupures de films brésiliens *Les meilleurs choses dans le monde*, dirigé par Lais Bodansky et basé sur la série de livres *Mano*, écrit par Gilberto Dimenstein et Heloisa Prieto, considérant que cela nous donne un portrait paradigmatique de l'adolescence: son personnage principal est aux prises à la fois avec la détresse causée par la rencontre avec le réel que des moyens sexuels, comme avec le fait qu'il ne peut plus soutenir une position idéalisée avec ses parents, qui l'amène à se livrer à des travaux de se déconnecter de leur autorité. Le film montre aussi l'importance de professeur de guitare en traversant que l'adolescence était imposant le jeune homme, à la recherche après la lettre les recommandations de Freud dans les textes *Contributions à une discussion sur le suicide* (Freud, 1910) *Quelques réflexions sur la psychologie scolaire* (Freud, 1914), qui sont travaillé à la fin de l'article.

MOTS-CLÉS: Sujet. Adolescence. Psychanalyse.

Recebido em: 18-08-2016

Aprovado em: 15-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

DA LITERATURA À PSICANÁLISE: O LUTO POÉTICO DE MANUEL BANDEIRA

Thales Alberto Fonseca Vicente¹

RESUMO

Pretendemos, no presente artigo, estabelecer um diálogo, que já se mostrou profícuo, entre psicanálise e literatura. Para tanto, propomos uma análise psicanalítica de algumas poesias de Manuel Bandeira, partindo de fatos de sua biografia e elementos presentes em sua obra poética, em especial, no que tange à temática da morte, marcante em sua vida e frequente em sua poesia. Para a análise, nos valem, principalmente, das noções de luto e de sublimação, tal como articuladas dentro da teoria psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Literatura. Manuel Bandeira. Luto. Sublimação.

1

INTRODUÇÃO

É sabido que a psicanálise não se restringiu e não se restringe a questões de cunho, exclusivamente, psicológico, articulando-se, assim, com diversas áreas², como por exemplo, a filosofia, a sociologia, a filologia, a educação e a arte, com especial atenção, nessa última área, à literatura.

O diálogo inaugurado por Freud entre a psicanálise e a literatura sempre se mostrou bastante profícuo e ainda se mostra. Freud (1907 [1906]) ressaltava que os literatos se adiantam à ciência e à filosofia, de um modo geral, ao tratar de temas de difícil acesso a esses campos do saber:

“[...] os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.” (p. 20).

Articular a teoria psicanalítica com a literatura é, então, uma importante ferramenta na busca por um melhor entendimento das peculiaridades próprias à psique. Porém, tal empreendimento deve ser feito tomando-se os devidos cuidados, procurando fazer interpretações dentro dos limites e possibilidades dessa articulação. Freud (1925 [1924]), ao falar da relação de que tratamos aqui, afirmava que a psicanálise é capaz de dizer sobre as relações entre a vida do artista, suas experiências e sua obra, procurando lançar luz sobre a constituição psíquica do autor e os mecanismos pulsionais envolvidos. Enfatizamos, portanto, que não pretendemos, nesse artigo, realizar uma análise literária da obra de Manuel Bandeira, mas sim uma análise psicanalítica baseada na correlação entre fatos de sua biografia e elementos de sua poesia.

² Freud dedica parte do texto *O interesse científico da psicanálise* (1913b) para demonstrar tal articulação com outras áreas.

Tomando como modelo a forma como Freud inicia o texto Dostoievski e o parricídio (1928 [1927])³, destacamos três facetas de Manuel Bandeira que se articulam na análise que aqui propomos: físico, enlutado e poeta. A questão que se coloca é: “Como encontrar o caminho nessa desnorteadora complexidade?” (p. 187).

O POETA E A INDESEJADA DAS GENTES⁴

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.
– Eu faço versos como quem morre.
(Manuel Bandeira)

Não pretendemos, aqui, abordar toda a vida de Manuel Bandeira em seus mínimos detalhes, mas apresentar, brevemente, dados de sua biografia, tendo como enfoque, principalmente, os acontecimentos relacionados à morte – a “indesejada das gentes”, como ele a nomeou na poesia *Consoada* –, determinantes para sua obra poética.

Nasce no Recife, em 19 de abril de 1886, Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho. Ainda adolescente, vai viver no Rio de Janeiro. Com o objetivo de se tornar arquiteto, inicia em São Paulo seus estudos, interrompidos, porém, pela descoberta de tuberculose e da iminência da morte, já que na época não existia cura para a doença. Viaja, então, para a Suíça, em 1912, para se tratar no sanatório de Clavadel, onde conhece o poeta Paul Éluard, entrando em contato com a poesia simbolista e pós-simbolista que viria influenciar a sua obra. Retorna ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro.

Apesar do convívio com a ameaça de morte desde muito novo, Manuel Bandeira, por uma ironia cruel, vê todos os seus familiares mais próximos morrerem

³ Freud inicia o referido texto com a seguinte sentença: “Quatro facetas podem ser distinguidas na rica personalidade de Dostoievski: o artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador. Como encontrar o caminho nessa desnorteadora complexidade?” (FREUD, 1928 [1927], p. 187).

⁴ Os dados biográficos aqui trazidos foram retirados dos livros: *História concisa da Literatura Brasileira* (1975), de Alfredo Bosi e *Humildade, Paixão e Morte: a poesia de Manuel Bandeira* (1990), de Davi Arrigucci Júnior.

em sequência: sua mãe, irmã, pai e irmão, deixando-o solitário, com poucos recursos financeiros e doente.

Manuel Bandeira dedicou-se, exclusivamente, à poesia, crônica, traduções e crítica literária, exceto nos anos em que lecionou Português no colégio D. Pedro II e Literatura Hispano-Americana na Universidade do Brasil. Desacreditado ainda na adolescência, Bandeira vive, porém, até os 82 anos, vindo a falecer somente em 1968.

FREUD COM BANDEIRA: A POESIA COMO LIBERTAÇÃO

A poesia voltará de novo, única solução para mim,
Única solução para o peso dos meus desenganos (...)
Verei fugir todas as minhas amargas queixas de repente.
Tudo me parecerá de novo exato, sólido, reto,
A poesia restabelecerá em mim o equilíbrio perdido.
A poesia cairá em mim como um raio.
(Manuel Bandeira)

O conceito de sublimação, apesar de não ter sido totalmente desenvolvido por Freud, tem grande importância dentro da teoria psicanalítica e é de grande valia para discussões, como a que aqui propomos, localizada no limite entre a psicanálise e a literatura. Isto porque a noção de sublimação possibilita explicar como obras humanas as mais variadas e sem qualquer relação com a sexualidade – sexualidade, aqui, no sentido dado pela psicanálise ao termo – são produzidas partindo de uma origem sexual. Dessa forma, apesar de o produto, isto é, a produção humana que nasce da sublimação – produção artística, científica entre outras –, não ser de cunho sexual, sua origem é libidinal e, conseqüentemente, sexual (NASIO, 1997). Sendo nosso objeto de análise uma produção artística, a obra poética de Manuel Bandeira, fica clara a importância da ideia de sublimação para este trabalho.

A sublimação, como já adiantamos, diz respeito à plasticidade da pulsão, isto é, à característica que permite que a pulsão se desloque de um alvo sexual para um não-sexual (NASIO, 1997). Poderíamos nos perguntar: qual a necessidade de se realizar um deslocamento desse tipo? Nasio (1997) nos explica que a sublimação é uma das formas que o Eu encontra para barrar a tendência de satisfação direta da pulsão. Isto é, temendo a dissolução pela descarga total da pulsão, o Eu cria mecanismos de defesa contra esse excesso pulsional, sendo a sublimação um

desses mecanismos. Assim, a satisfação da pulsão sempre é parcial e seu destino variado, dependendo do obstáculo colocado pelo Eu a sua satisfação total. O movimento da pulsão é, conseqüentemente, incessante, pois como sua satisfação é parcial, há sempre uma insatisfação que lhe impulsiona na busca por uma satisfação inalcançável.

Para Freud (1908 [1907]), a insatisfação é a base motivadora das fantasias, pois estas têm como função, para o sujeito, reparar uma realidade que lhe é insatisfatória. Os escritores criativos, em sua produção artística, se aproximam bastante da criança enquanto brinca, pois realizam uma atividade que lhes é prazerosa, usando a fantasia como meio para tal atividade. Assim, o artista, a partir da fantasia e movido por uma insatisfação, procura “libertar-se e, através da comunicação de sua obra a outras pessoas que sofram dos mesmos desejos sofreados, oferecer-lhes a mesma libertação” (FREUD, 1913b, p. 195).

Manuel Bandeira, na poesia Poética, literalmente diz de sua poética, isto é, da forma como ele concebe a poesia, dando sinais de seu estilo e de seu processo criativo. No referido poema, Bandeira repudia o lirismo que capitula ao que é externo ao sujeito, que procura se ajustar ao exterior, o lirismo que cede às exigências do que vem de fora – numa tendência enamorada ou política – e que, assim, não condiz com o que o sujeito, realmente, deseja. Nesse repúdio, o poeta nos indica que sua poesia é o contrário, sendo, então, uma poesia subjetiva, que diz do que é pessoal, singular, interno e, portanto, diz do autor. Para Bosi (1975), Manuel Bandeira pratica um “lirismo confidencial, auto-irônico, talvez incapaz de empenhar-se num projeto histórico, mas, por isso mesmo, distante das tentações pseudo-ideológicas, alheio a descaídas retóricas.” (p. 406). O seguinte excerto ilustra o que estamos falando:

“[...]
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquíptico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora
[de si mesmo.
[...]]”
(BANDEIRA, 1966, p. 108).

Nesse mesmo poema, Manuel Bandeira diz ainda do lirismo que deseja: lirismo pungente, que aflige, lirismo que admite a tragédia – a tragédia que, tal como mostrada por Shakespeare, é dotada de elementos cômicos, irônicos –, e que, desse modo, comporta o sofrimento, a insatisfação, que como ele já indicou, é singular. Ele finaliza a poesia, então, mostrando que o que ele busca, com a sua obra, é a libertação. Além da libertação buscada pelo movimento modernista, libertação, principalmente, da estética tradicional, da métrica, o poeta parece nos dizer, de forma orgânica, o mesmo que Freud diz ao tentar explicar o processo criativo: que o artista busca, através da fantasia, se satisfazer narcisicamente e libertar-se dos desejos insatisfeitos. A pulsão insatisfeita é sublimada em uma produção artística, no caso de Manuel Bandeira, em poesia:

“[...]
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.
[...]”
(BANDEIRA, 1966, p. 108).

Quase duas décadas depois da publicação do livro *Libertinagem*, no qual *Poética* é publicada pela primeira vez, Manuel Bandeira escreve a poesia *Nova Poética*, em que reafirma a ideia de que o poema deve conter algo de desespero, deve ter a marca suja da vida, a marca da insatisfação constante, que pode ser interpretada como aquela resultante da satisfação sempre parcial da pulsão, desse resto da pulsão que nunca é satisfeito e que, como Nasio (1997) ressalta, faz dos seres humanos, “aos olhos de Freud, seres desejantes cuja única realidade é a insatisfação” (p. 82). Se Bandeira não afirma que toda poesia deve ser assim, ele, de forma clara, indica que a sua poesia se faz dessa forma, lançando, inclusive, uma teoria para explicar o seu “fazer poético”:

“Vou lançar a teoria do poeta sórdido.
Poeta sórdido:
Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.
Vai um sujeito.
Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco
[muito bem engomada, e na primeira esquina
[passa um caminhão, salpica-lhe o paletó
[ou a calça de uma nódoa de lama:
É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:
Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.
[...]"
(BANDEIRA, 1966, p. 201).

Além disso, se na Poética Manuel Bandeira evidencia o caráter singular e subjetivo de sua poesia, na Nova Poética, o escritor inclui o leitor nesse processo, se aproximando, assim, da afirmação freudiana de que a libertação proporcionada pela obra de arte diz respeito não só ao seu autor, como também aos que são atraídos pela obra. Freud (1913b) explica que a obra artística representa, para o artista:

“[...] suas fantasias mais pessoais plenas de desejo como realizadas; mas elas só se tornam obra de arte quando passaram por uma transformação que atenua o que nelas é ofensivo, oculta sua origem pessoal e, obedecendo às leis da beleza, seduz outras pessoas com uma gratificação prazerosa. A psicanálise não tem dificuldade em ressaltar, juntamente com a parte manifesta do prazer artístico, uma outra que é latente, embora muito mais poderosa, derivada das fontes ocultas da libertação instintiva.” (p. 195).

A partir do que demonstramos, é possível perceber, na poesia de Manuel Bandeira, indícios de que a forma como ele concebe sua poética – que diz respeito não somente ao seu estilo, enquanto poeta, mas, principalmente, ao seu processo de criação – converge com a forma como Freud explica o processo criativo dos artistas, de um modo geral, a partir do conceito de sublimação. Alfredo Bosi (1975) já havia ressaltado que Bandeira, em sua poesia, indicava ter conhecimento das origens psicológicas de sua arte. A semelhança na compreensão desse processo artístico se evidencia na afirmação, presente tanto na obra literária de Manuel Bandeira, quanto na obra teórica de Freud, de que a poesia (a arte) é libertação.

Antes de passar para o próximo tópico, consideramos importante, para a análise que ali iremos propor, atentar para dois condicionantes do processo de sublimação, explanados por Nasio (1997), que dizem respeito à relação entre esse processo e as noções de narcisismo e de ideal do Eu.

Primeiramente, para que o mecanismo de sublimação se efetive, é preciso que haja uma intervenção do eu narcísico. Isto é, antes da pulsão – que num primeiro momento busca a satisfação direta e total – se tornar uma pulsão sublimada, é necessário que ela retorne para o próprio Eu através da fantasia, sendo a satisfação narcísica do próprio artista que permite sua atividade

sublimatória de criação. O segundo condicionante do processo de sublimação é o ideal do Eu, pois é ele que o desencadeia e orienta. Desencadeia porque, como os objetos de tal processo possuem valor social, ele depende de ideais sociais introjetados pelo Eu sob a forma de ideal do Eu; e, orienta porque, apesar de a sublimação ser um destino dado à pulsão que não envolve o recalque – que seria um outro destino – a sublimação não torna a pulsão livre, plena e, o que a limita é exatamente o ideal do Eu do artista, que exalta sua plasticidade, direcionando-a para uma satisfação não-sexual.

AS TRÊS FACETAS DE MANUEL BANDEIRA: O LUTO DO QUE NÃO FOI

Algumas questões, inevitavelmente, se colocam. Primeiramente, por que as três facetas de Manuel Bandeira indicadas no início do artigo – tísico, enlutado e poeta – são importantes para nossa análise? Além disso, qual a relação entre tais facetas e a frase presente no título deste tópico: “o luto do que não foi”? E, por fim, em que tudo isso se articula com o fato de o processo sublimatório envolver as noções de narcisismo e ideal do Eu? Tentaremos lançar luz sobre esses questionamentos.

Com a notícia da doença, que fez de Manuel Bandeira um tísico, e com a morte sempre à espreita, ele se vê obrigado a viver o luto de si mesmo, luto do que ele planejava e idealizava para si, luto do que ele poderia ser, mas que a doença impossibilitou. Juntou-se, a esse luto de seu ideal, o luto pela morte seguida de seus familiares. Serão esses fatos de sua vida que vão fazer de Manuel Bandeira um poeta em cuja poesia a morte se fará presente de forma frequente. Como nos diz Arrigucci Jr. (1990), “o rapaz que só fazia versos por divertimento ou brincadeira, de repente, diante do ócio obrigatório, do sentimento de vazio e tédio, começa a fazê-los por necessidade, por fatalidade, em resposta à circunstância terrível e inevitável.” (p. 132). É essa sucessão de acontecimentos, que nos permitiu atribuir tais facetas a Manuel Bandeira, que se desenrolam no título desse tópico, pois, ao descobrir que é tuberculoso, tísico, Manuel Bandeira se torna um enlutado, cujo luto é dele mesmo, ou melhor, do que ele poderia ter sido, mas que não foi, devido às circunstâncias trágicas de sua vida.

Freud, no texto *Luto e Melancolia* (1917 [1915]), nos diz que o luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupava esse lugar, como o país, a liberdade, o ideal etc. Como já enfatizamos, apesar de Manuel Bandeira ter perdido muitos entes queridos, o que já justificaria seu estado de luto, ele perde, principalmente, seu ideal, o que ele gostaria de vir a ser, a partir da impossibilidade concreta – sua doença e a certeza da morte iminente – de alcançar tal ideal.

Frente a essa perda, faz-se necessário realizar um trabalho de luto, em que o objeto amado, que agora já não existe mais, deixará de ser investido libidinalmente e outro objeto passará a ser investido, sendo um processo sempre gradual e doloroso (FREUD, 1917 [1915]).

Quinet (2006), ao revisitar o texto de Freud ao qual estamos nos referindo, concluiu que o luto diz respeito à perda de um objeto que ocupava o lugar de ideal do Eu, “lugar de onde o sujeito se vê como amável. O ideal do eu é o traço do Outro, ou melhor, a insígnia do Outro que situa o eu ideal para o sujeito [...] como aquele objeto imaginário, amado pelo Outro, com o qual o sujeito se identifica” (p. 205). Assim, ao ter seu ideal do Eu abalado, há um abalo, também, no Eu ideal, o que tem como consequência uma ferida narcísica.

Isso ocorre porque, como vimos, o Eu ideal é constituído a partir do Outro. O sujeito tenta se encaixar nesse Eu ideal para satisfazer às exigências do ideal do Eu e, assim, satisfazer-se narcisicamente. Com a perda do ideal do Eu, um vazio é desvelado e o sujeito se depara, então, com uma falta no Outro que, inevitavelmente, remonta à castração (Quinet, 2006). Como bem explica Darian Leader (2011), “uma perda deve ser posta em relação a outra perda anterior. Só podemos realizar um luto se já perdemos algo” (p. 118)⁵. Desse modo, a falta desnudada no luto sempre faz referência a uma falta primordial, percebida na travessia do Édipo.

⁵ Tradução nossa. Na versão utilizada: “una pérdida debe ser puesta en relación con otra pérdida anterior. Sólo podemos hacer duelo si ya hemos perdido algo.” (LEADER, 2011, P. 118).

É nesse ponto que a relação do processo de sublimação com as noções de ideal do Eu e narcisismo se articulam com o que aqui propomos, já que no luto, o que está em causa é exatamente o ideal do Eu e, conseqüentemente, o narcisismo.

Para Nasio (1997), a sublimação pode surgir como defesa contra uma lembrança sexual intolerável, remetendo essa lembrança ao complexo de Édipo. Como destacamos, a perda do ideal do Eu coloca o sujeito frente a uma falta que lhe é própria, falta que tem origem, exatamente, no complexo de Édipo, onde a criança se vê confrontada à angústia da castração. Desse modo, o processo de luto de Manuel Bandeira, ao remontar a uma lembrança intolerável referente ao complexo de Édipo, acaba estimulando, nele, uma atividade sublimatória que culmina em sua produção poética.

Além disso, como já demonstramos, o processo de sublimação e produção artística envolve a fantasia, na tentativa de corrigir uma realidade insatisfatória. A fantasia, segundo Nasio (1997), surge para tornar a lembrança sexual – que foi recalcada a partir do complexo de Édipo – aceitável, sendo, ao mesmo tempo, meio que permite que a lembrança intolerável seja sublimada e produto de tal sublimação. Manuel Bandeira, em seu trabalho de luto, busca preencher o espaço vazio deixado pelo seu ideal do Eu e, para isso, ele sublima o teor sexual inevitável do confronto com tal vazio, com a falta que remonta a tempos edípicos.

Desse modo, o que podemos perceber é que a passagem pelo trabalho de luto incita em Manuel Bandeira a sublimação que culmina em sua poesia – poesia marcada pela temática da morte, que ocupa posição central em sua vida. E essa poesia constitui um novo ideal do Eu no lugar do que foi perdido, dando novamente forma ao Eu ideal o qual ele irá se identificar: Manuel Bandeira, que idealizava se tornar arquiteto, devido às circunstâncias de sua vida, torna-se poeta. Como atenta Arrigucci Jr (1990), “a existência esvaziada pela doença é, por assim dizer, preenchida pela poesia” (p. 132).

A morte ocupa posição central na vida de Manuel Bandeira, seja porque é a partir da notícia da doença que o levaria à morte que Bandeira se vê impossibilitado de alcançar o que planejava; seja porque, doente, resta-lhe esperar que essa morte chegue; seja porque ela acaba não vindo quando ele esperava e ele se vê obrigado

a encontrar outros rumos para a sua vida. Ao nos determos a sua poesia, fica clara a relação ambivalente do poeta com a morte. Ambivalente, pois ao mesmo tempo em que a notícia de sua provável morte impede que Bandeira realize o que ele idealizava para si, iniciando, assim, seu sofrimento, ele passa a desejá-la, pois, nessa situação, resta-lhe escrever para aplacar sua angústia e se acostumar com o fato de que a morte de fato vai chegar e acabar, de uma vez por todas, com todo seu sofrimento. Como nos diz Arrigucci Jr. (1990), “a poesia que preenche o espaço da doença (como se a imaginação poética ocupasse o oco ocioso deixado ao doente) perfaz um longo e difícil percurso de familiarização com a ideia de morrer” (p. 133). A poesia Testamento – cujo título é sugestivo, já que geralmente escreve-se um testamento quando se está à beira da morte – ilustra bem a nossa análise. Vejamos a primeira estrofe:

“O que não tenho e desejo
É que melhor me enriquece.
Tive uns dinheiros – perdi-os...
Tive amores – esqueci-os.
Mas no maior desespero
Rezei: ganhei essa prece.
[...]
(BANDEIRA, 1966, p. 173).

Manuel Bandeira já começa a poesia indicando que “ganhou essa prece”, essa poesia, a partir do desespero, o mesmo desespero que ele cita em Nova Poética, o qual movimenta, constrói e que, no seu caso, produz uma poesia que liberta. E esse desespero surge do que ele perdeu, do que não tem e deseja. Fica, mais uma vez, evidente que a poesia de Manuel Bandeira é uma poesia de insatisfação, uma poesia que nasce da falta, a falta que constitui os sujeitos desejantes – bem ilustrada no primeiro verso – e pela qual Bandeira é defrontado devido à perda de seu ideal do Eu.

Na segunda estrofe, Manuel Bandeira nos diz de suas fantasias, das terras que inventou:

“[...]
Vi terras da minha terra.
Por outras terras andei.
Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado,
Foram terras que inventei.
[...]
(BANDEIRA, 1966, p. 173).

Nasio (1997), ao falar do processo de sublimação, diz que o Eu precisa retornar a libido para ele mesmo, através da fantasia, para depois destinar essa libido para um alvo não-sexual. Assim, “o alvo inicial da pulsão, que é obter uma satisfação sexual direta, cede então lugar a uma satisfação sublimada, artística, por exemplo, graças ao prazer intermediário de gratificação narcísica do artista” (p. 85). A fantasia, aqui, tem a função de satisfazer narcisicamente Manuel Bandeira, reforçando, mais uma vez, que sua poesia é mesmo fruto da insatisfação. O poeta inventa terras para compensar as que ele conhece, mas que não o satisfazem.

Bandeira completa a poesia com mais três estrofes:

[...]
Gosto muito de crianças:
Não tive um filho de meu.
Um filho!... Não foi de jeito...
Mas trago dentro do peito
Meu filho que não nasceu.

Criou-me, desde eu menino
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!

Não faço versos de guerra.
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo-suicida
Darei de bom grado a vida
Na luta em que não lutei!”
(BANDEIRA, 1966, p. 173-174)

A partir da terceira estrofe, Manuel Bandeira começa a falar de forma mais clara sobre o que perdeu – perda que ele já havia mencionado na primeira estrofe –, sobre a vida que ele podia ter tido, mas não teve. E ilustra tal perda através do filho que não nasceu, a profissão que não pôde seguir, a luta que ele não lutou. Nesses versos é possível perceber o trabalho de luto de Manuel Bandeira se delineando e se encaminhando para uma resolução, embora não deixe de encontrar as resistências próprias de tal processo.

Na terceira estrofe dessa poesia, fica clara uma dificuldade de Manuel Bandeira em se desligar da vida que ele idealizava, do filho que ele poderia ter tido e que perdura dentro de si. Para Darian Leader (2011), renunciar ao objeto perdido no luto é renunciar também a algo de si mesmo, pois diz respeito à renúncia de sua própria posição frente esse objeto. No caso de Bandeira isso fica mais evidente, pois

seu trabalho de luto concerne a, literalmente, renunciar ao que poderia ter sido caso não tivesse ficado doente.

Porém, na quarta estrofe Manuel Bandeira já demonstra que o processo de investir um novo objeto no lugar do que foi perdido está ocorrendo. Na impossibilidade de se tornar arquiteto, nasce o poeta. Segundo Leader (2011), um dos primeiros estágios do luto é o de sinalizar simbolicamente o objeto perdido, torná-lo uma representação: “todas as representações do objeto perdido devem estar reunidas em um conjunto: devem deixar de ser representadas para ser representações” (p. 95-96)⁶. Nessa estrofe, Bandeira fala do que perdeu a partir de uma representação: arquiteto, que ele não pôde vir a ser. Em contrapartida, na impossibilidade de ser arquiteto, tornou-se poeta. Somente assim é possível que se desvincule a imagem do que foi perdido do lugar de ideal do Eu, o que possibilita a constituição de um novo objeto para esse lugar.

Para finalizar seu Testamento, Manuel Bandeira não poderia deixar de falar da morte que ele tanto espera. Se a morte biológica não vem tão rápido como ele imaginava, veremos que o escritor precisará matar simbolicamente esse objeto que ocupava o lugar de ideal do Eu. Na quinta e última estrofe da poesia Testamento, já se vê indícios do trabalho realizado para matar simbolicamente, através de um “torpedo-suicida”, o morto, isto é, a imagem idealizada de si mesmo, para poder, enfim, constituir um novo ideal do Eu e levar o luto a sua resolução.

ANTOLOGIA: O TRABALHO DE LUTO EM VERSOS

Para ilustrar o que até aqui propomos, analisaremos a poesia Antologia, em que Manuel Bandeira cria uma verdadeira antologia de sua obra poética a partir de um compilado de versos retirados de outras poesias. Pensamos que a análise dessa poesia e de trechos de outras de onde os versos que a compõe foram recolhidos

⁶ Tradução nossa. Na versão utilizada: “todas las representaciones del objeto perdido deben estar reunidas en un conjunto: deben pasar de ser representadas a ser representaciones.” (LEADER, 2011, p. 95-96).

permitirá visualizar de forma mais clara as etapas do trabalho de luto atravessadas pelo poeta, até a sua definição.

Para tanto, partiremos, principalmente, das etapas do processo de luto definidas por Darian Leader (2011), a saber: a introdução de um marco simbólico que represente a perda; a necessidade de matar simbolicamente o morto ou o que foi perdido; a constituição de um novo objeto, que envolve a separação da imagem daquilo que foi perdido do lugar que ocupava para a pessoa, isto é, do lugar de ideal do Eu; e a renúncia à própria imagem frente ao objeto perdido.

Antonio Quinet (2006) discorre sobre três tempos que envolvem, primeiramente, a escolha de um objeto; posterior perda radical desse objeto, que implica em um luto; e, culminando com o fim do trabalho de luto iniciado com a perda, a retirada do investimento libidinal do objeto perdido e o reinvestimento em um novo objeto, que ocupará o vazio deixado pelo que foi perdido. Como podemos perceber, as etapas descritas por Leader (2011) dizem respeito ao terceiro tempo abordado por Quinet (2006), em que é preciso introduzir um marco para simbolizar a perda, o que envolve matar simbolicamente o objeto perdido, visando retirar o investimento desse objeto. Posteriormente, há a constituição de um novo objeto, que será investido de libido e passará a ocupar o lugar do ideal do Eu perdido, acarretando na renúncia da própria imagem frente ao que foi perdido, isto é, a renúncia ao Eu ideal, que, como já dissemos, é constituído em referência ao ideal do Eu.

Antologia é uma poesia criada por Manuel Bandeira a partir de versos de outras poesias por ele escritas e composta por cinco estrofes. Antes de passarmos para a sua análise, ressaltamos que iremos nos deter às partes – e, conseqüentemente, às poesias das quais essas partes foram retiradas – que dizem respeito ao trabalho de luto realizado por Manuel Bandeira, proposta deste trabalho. Dito isso, vejamos a poesia completa:

“A vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.
Os corpos se entendem mas as almas não.
A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Vou-me embora p'ra Pasárgada!
Aqui eu não sou feliz.
Quero esquecer tudo:

– A dor de ser homem...
Este anseio infinito e vão
De possuir o que me possui.

Quero descansar
Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei...
Na vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Quero descansar.
Morrer.
Morrer de corpo e alma.
Completamente.
(Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir.)

Quando a Indesejada das gentes chegar
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa.
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.”
(BANDEIRA, 1966, p. 246-247).

Na primeira estrofe, podemos observar uma visão negativa da vida, destacando a dor de viver, que pode ser remetida ao luto, pois como destaca Freud (1917 [1915]), o luto se caracteriza, principalmente, por ser um estado doloroso. Apesar disso, Bandeira traz, ainda nessa estrofe, elementos eróticos, ao dizer que os corpos se entendem e fazendo referência ao tango argentino, dança notadamente conhecida por seu erotismo. Leader (2011) atenta para o fato de que a perda do luto é, geralmente, seguida de intensos desejos sexuais, na busca de um substituto para o que foi perdido. A presença de desejos sexuais faz ainda mais sentido se pensarmos que o luto implica no investimento libidinal de um novo objeto – lembrando que, para a psicanálise, a libido é sempre sexual. Portanto, nessa primeira estrofe, é possível perceber indícios do estado de luto vivido pelo poeta.

Na segunda estrofe, Manuel Bandeira introduz seu mundo ideal, lugar criado por sua imaginação, a famosa Pasárgada. E, enquanto lugar criado a partir da fantasia, surge, como ele mesmo evidencia nessa estrofe e como já demonstramos em outras poesias, da insatisfação: se aqui, na “vida real”, o poeta não é feliz, ele cria um mundo ideal, onde a realidade é corrigida de modo a lhe satisfazer e, como vimos sobre o funcionamento da fantasia, lhe satisfazer narcisicamente. Como observa Freud (1908 [1907]), “podemos partir da tese de que a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita” (p. 137). Além disso, a exemplo da primeira estrofe, Bandeira reforça o estado doloroso o qual atravessa e quer esquecer. Dessa estrofe, destacamos aqui uma poesia – da qual foram retirados seus versos – que traz

elementos que corroboram com a nossa análise, a poesia Vou-me embora pra Pasárgada:

“Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.”
(BANDEIRA, 1966, p. 127-128).

O poema Vou-me embora pra Pasárgada, como um todo, descreve esse lugar ideal, criado por Manuel Bandeira. Para Freud (1913b), “A arte constitui um meio-caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados da imaginação – uma região em que, por assim dizer, os esforços de onipotência do homem primitivo ainda se acham em pleno vigor” (p. 195). O que

vemos nessa poesia é exatamente isso, a criação de um mundo onde todos os desejos são plenos e realizados, lugar que tem de tudo, onde Manuel Bandeira pode fazer o que quiser e onde ele tem a mulher que quer, assim como o pai primevo descrito por Freud em Totem e Tabu (1913a), que possuía todas as mulheres da horda e é assassinado pelos filhos, na tentativa de alcançá-lo. Para Freud (1913a), após a morte do pai primevo, o totem é instituído enquanto ideal do Eu do grupo, ideal de onipotência que o homem primitivo se esforça para alcançar. De forma semelhante, acreditamos que o poeta cria esse mundo ideal na tentativa de constituir um novo objeto para o lugar de seu ideal do Eu perdido. Em Pasárgada, um novo ideal do Eu é formado, Manuel Bandeira é amigo do rei e desfruta das vantagens dessa amizade.

Na terceira e quarta estrofes da poesia Antologia, o trabalho feito para matar o morto, que, como vimos, constitui uma das etapas do trabalho de luto, se intensifica e, quase que em forma de súplica, Manuel Bandeira reforça que quer descansar, morrer, remetendo, ainda, à vida que podia ter sido e não foi, a vida que “morre” com a tuberculose e a qual Manuel Bandeira precisa matar simbolicamente, para finalmente, acabar com o estado doloroso do luto. O poema A morte absoluta, do qual grande parte dos versos são retirados, evidencia o que estamos falando:

“Morrer.
Morrer de corpo e de alma
Completamente.
[...]
Morrer sem deixar o triste despojo da carne,
[...]
Morrer sem deixar porventura uma alma errante...
[...]
Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra
A lembrança de uma sombra
[...]
Morrer tão completamente
Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: ‘Quem foi?...’
Morrer mais completamente ainda.
– Sem deixar sequer esse nome.”
(BANDEIRA, 1966, p. 163-164).

Nesses trechos, o caráter simbólico da morte que Manuel Bandeira busca é salientado. Uma morte completa, que não deixe nada para trás, uma morte que não conserva nem mesmo o nome, não deixando, assim, qualquer resquício simbólico.

Na última estrofe de uma verdadeira antologia poética criada por Bandeira, o poeta, a partir de versos retirados da poesia *Consoada*, narra um encontro com a Indesejada das gentes, indicando, através da sua naturalidade frente a esse encontro com a morte, que, finalmente, renuncia a própria posição frente ao ideal do Eu perdido, renuncia a vida que ele idealizava e que foi interrompida pela doença. Como ressalta Leader (2011), tal renúncia é fundamental para que o trabalho de luto chegue a uma resolução. Para Arrigucci Jr. (1990), a atitude de Manuel Bandeira percebida nos versos de *Consoada* “implica decerto a relação com a morte, mas, ao mesmo tempo também, a relação com a forma e o estilo do poema, enquanto meio de tratar poeticamente o problema [...] O que se resolve na forma poética é um modo de se lidar com a morte, o que transforma a poesia numa mediação natural para isto.” (p. 261, grifos do autor).

Vemos coincidir o fim da poesia *Antologia* com o fim do trabalho de luto de Manuel Bandeira, iniciado quando ele ainda era adolescente. Na tentativa de, a partir de seu fazer poético, se haver com a angústia decorrente do vazio criado pelo luto, Bandeira acaba por preencher o lugar do arquiteto que ele nunca chegou a ser com a possibilidade de constituição de um novo ideal do Eu através de seu ofício de poeta. Ao constituir um novo objeto para o lugar do perdido, seu Eu ideal que havia sido abalado pôde novamente tomar forma e a ferida narcísica aberta no luto pôde, enfim, ser sanada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos, neste artigo, certa articulação entre um processo sublimatório que culmina na poesia, objeto de nosso estudo, e a constituição de um novo ideal do Eu, própria ao luto. Porém, é importante ressaltar que tais processos são independentes e que nem sempre ocorrem de forma paralela. Freud, no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), ao explicar a formação do ideal do Eu a partir da derrocada do narcisismo, já havia atentado para uma confusão teórica que esses dois processos podem provocar. Como o próprio Freud (1914) explica, enquanto a formação do ideal do Eu diz respeito ao objeto, isto é, à idealização dele, a sublimação se refere à pulsão, em que seu destino é desviado de uma satisfação sexual. No caso de nossa análise, os dois processos ocorrem concomitantemente, já que a constituição de um novo ideal do Eu acaba exigindo o processo de

sublimação, enquanto que tal sublimação, ou melhor, seu produto – a poesia – colabora para a formação de um novo ideal do Eu.

Podemos concluir, portanto, que Manuel Bandeira utiliza-se da poesia como forma de atravessar um doloroso trabalho de luto e reinvestir um novo objeto no lugar do objeto perdido, que ocupava o lugar de ideal do Eu. Isso explica o fato de a morte ser um tema tão frequente na poesia de Bandeira, já que, como afirma Leader (2011), a reordenação simbólica necessária no processo de luto prevê que a morte seja lembrada enquanto tal processo estiver ocorrendo. A presença de tal temática na poesia parece ter uma função, para Manuel Bandeira, análoga à dos rituais de luto presentes na sociedade de um modo geral. Ressaltamos, porém, que não temos a pretensão de abarcar toda a complexidade que é a poesia e o processo criativo de Manuel Bandeira, mas mostrar uma interpretação possível, calcada na teoria psicanalítica e baseada em elementos de sua poesia e vida. Fazendo uso das palavras de Arrigucci Jr. (1990):

“Com certeza, a biografia, marcada pela experiência da doença, não explica a qualidade da obra poética de Bandeira. A tuberculose, com toda a sua ameaça de morte, nem sequer permite entender o surgimento da poesia em sua vida [...] Mas essa experiência tão marcante deu um sentido à poesia dentro do quadro de uma existência humana particular, obrigando o poeta a responder a uma circunstância concreta e incontornável, que deixou traços profundos em sua atitude e em seu próprio modo de conceber o poético, sem falar no temário inevitável e recorrente da morte.” (p. 259).

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., D. Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, M. Estrêla da vida inteira: poesias reunidas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1966.

BOSI, A. História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1975.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1907 [1906]). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. Vol. IX.

_____. (1908 [1907]). Escritores criativos e devaneio. Vol. IX.

_____. (1913a). Totem e tabu. Vol. XIII.

_____. (1913b). O interesse científico da psicanálise. Vol. XIII.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Vol. XIV.

_____. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. Vol. XIV.

_____. (1925 [1924]). Um estudo autobiográfico. Vol. XX.

_____. (1928 [1927]). Dostoievski e o parricídio. Vol. XXI.

LEADER, D. La moda negra: duelo, melancolía y depresión. Madrid: Sextopiso, 2011.

NASIO, J. -D. O conceito de Sublimação. In: NASIO, J. -D. Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

QUINET, A. "Luto e melancolia" revisitado. In: QUINET, A. Psicose e laço social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FROM LITERATURE TO PSYCHOANALYSIS: THE POETIC MOURNING MANUAL BANDEIRA

ABSTRACT

We intend, in this article, a dialogue between psychoanalysis and literature. Therefore, we propose a psychoanalytic analysis of some poetry by Manuel Bandeira, from facts of his biography and elements present in his poetics work, in particular in relation to the theme of death, outstanding in their life and often in his poetry. For analysis, we avail ourselves, mainly, of notions mourning and notions of sublimation, as articulated within the psychoanalytic theory.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Literature. Manuel Bandeira. Mourning. Sublimation.

DE LA LITTÉRATURE A LA PSYCHANALYSE : LE DEUIL POETIQUE DE MANUEL BANDEIRA

RÉSUMÉ

Dans cet article, on prétend établir un dialogue entre la psychanalyse et la littérature. Ainsi, on propose une analyse psychanalytique de quelques poésies de Manuel Bandeira. On part des événements de sa biographie et des éléments présents dans son oeuvre, spécialement dans ce qui concerne à la mort, sujet marquant et fréquent dans sa poésie. Dans l'analyse, on se vaut des notions de deuil et de sublimation, comme articulées dans le domaine de la théorie psychanalytique.

MOTS-CLÉS : psychanalyse; littérature; Manuel Bandeira; deuil; sublimation.

Recebido em: 06-09-2016

Aprovado em: 17-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

A ESCRITA DE CASO CLÍNICO: UM RITORNELO EM TORNO DA FALTA

*Cirlana Rodrigues de Souza*¹

RESUMO

A escrita de caso clínico é testemunho da clínica psicanalítica. Nela devem convergir os elementos da *práxis* da psicanálise: a execução, a pesquisa e o tratamento. Convergência que ocorre por meio da letra bordeando o enigma do caso, aquilo que se manterá como não-realizado, não-sabido na narrativa que se escreve e, assim, nos mostrando como cada sujeito vai enfrentando o que há de real em sua experiência subjetiva. Por isso, na escrita de caso clínico haverá sempre o impossível de se escrever e, nessas condições, escrever um caso clínico é escancarar o buraco da boca de Irma.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Caso clínico. Letra. Criança. Autismo.

¹ Psicóloga e psicanalista, doutora em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Linguagem e Constituição do Sujeito. Atua como coordenadora externa do GELP (Grupo de Estudos em Linguagem e Psicanálise) vinculado ao GELS (Grupo de Estudos em Linguagem e Subjetividade) do Instituto de Letras e Linguísticas, da Universidade Federal de Uberlândia-MG (ILEEL/UFU). Trabalha na Rede de Atenção Psicossocial do Município de Uberlândia, e em consultório particular. Endereço: Rua das Valsas, 682, Parque Guarani, Uberlândia, MG. (34) 9967-2053 | cirlanarodrigues@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Na psicanálise a escrita de um caso é testemunho da clínica. Como ato de linguagem, essa escrita não está separada do caso clínico e nem mesmo, como muitas vezes acontece, é uma escrita ao final da análise em que se apresentaria uma boa resolução, um bom andamento do caso. Para a psicanálise as respostas só têm lugar na medida em que impõem outras questões e, com isso, não se espera que um caso clínico escrito comporte respostas sobre a dor subjetiva, mas que ele permita mostrar como, na análise, foi possível ao sujeito enfrentar o que é há de real, em sua experiência subjetiva.

Essa escrita de caso é parte das operações que integram o percurso analítico, tal como as entrevistas preliminares, a transferência e a interpretação, entre outras. Trata-se de lançar mão dessa escrita como parte estrutural do caso em que a letra viria constatar o enigma na *práxis* psicanalítica, pois como afirma Freud (1912[1976, p.152]), a psicanálise “em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem”.

Muitos são os aspectos que merecem destaque como noções psicanalíticas na construção de um caso clínico como a referida transferência, assim como o estilo de cada analista. Em recorte, interessa, aqui, a própria letra por meio da qual se efetiva a escrita de um caso clínico: qual a função da letra na escrita de um caso clínico? Minha hipótese é a de que essa escrita da letra é a possibilidade de bordear o que se apresenta em falta na clínica psicanalítica, porque essa letra converge com o uso do inconsciente: “Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo de que darei testemunho”, conforme Lacan, (1965[2003, p.200]).

A letra não é esse inconsciente em ato, mas vai de encontro a ele, quiçá, a letra se encontra com esse ato do inconsciente (o uso referido por Lacan) como um retorno justamente ao que lhe causa: a indeterminação inconsciente, o que não se realiza no inconsciente e que é distinto de todas as suas realizações de linguagem, como nas fórmulas da metáfora e da metonímia (Lacan, 1964[2008]). Assim, a letra não seria o verbo escolhido na escrita, nem ainda o significante que demanda significado na cadeia de linguagem, mas seria efeito de um traço enigmático suposto na escrita do caso clínico, enigmático, por sua vez, como o efeito do que não se realiza nesse uso do inconsciente, efeito do real. Desse modo, escrever um caso

clínico, em que se constrói a ficção estrutural de um sujeito, comporta um impossível de descrever e de significar, portanto, comporta um furo na estrutura de linguagem em funcionamento na narrativa que se escreve: há o impossível de escrever.

Para discutir essa hipótese paradoxal de que a escrita de caso clínico tem função de bordear o que não se realiza no inconsciente e fazer letra é constatar um enigma nessa escrita, apresento a escrita de um caso clínico como efeito do encontro com um menino nas vias estruturais de um autismo, caso que comportou um impossível de escrever. Esse encontro pode ser tomado como o umbigo de minha pesquisa de doutorado em Estudos Linguísticos, aos moldes do *mycelium* do sonho de Irma com Irma (Freud, 1900[1996]), por colocar em xeque a escrita de dados para uma pesquisa acadêmica diante da ética do inconsciente em jogo nessa clínica e que impõe que não se encubra os furos, os lapsos, as falhas e a falta em uma narrativa, em uma construção de ficção estrutural de um caso clínico².

Na análise do sonho de Irma, quando faz menção à boca excessivamente aberta desta, lugar da condensação do sonho, e como uma ruptura nas associações [podemos ver aí o real tocando esse simbólico, o não sentido tocando o sentido metafórico], Freud diz em rodapé que "existe pelo menos um ponto em todo sonho ao qual ele é insondável - um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido" (Freud, 1900[1996, p 145]). Foi pela boca de Irma, como se vê, que Freud chegou ao umbigo do sonho, àquilo que escapa da condensação, que vai fazendo furo na cadeia de linguagem. Foi pela boca desse menininho, nas vias estruturais de um autismo, que o insondável se inscreveu no que, de começo, era dado de fala em uma investigação sobre sua fala ecológica: sua língua, em eco, me escancarou o desconhecido.

² SOUZA, C.R. de. (2014). Dos paradoxos da constituição do sujeito e das tentativas de saber-fazer com a língua: a amarração sintomática nas vias de um autismo. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 255 f. <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/4132/1/ParadoxosConstituicaoSujeito.pdf>.

Nesta discussão, lanço mão do fundamento de Jaques Lacan de um inconsciente que comporta um não-realizado, da distinção entre a repetição por *automatôn* e *tyché* e da noção de ritornelo.

A PRÁTICA DA LETRA COMO ESCRITA DE CASO CLÍNICO

Compreendo a “prática da letra” como tentativa de saber-fazer ante os impasses na experiência psicanalítica com essa criança, tentativa essa desvencilhada da interpretação sobre as palavras maciças da criança, durante as sessões de análise.

Escrever sobre uma criança cuja resolução estrutural caminhava para um autismo foi supor a constituição do sujeito do inconsciente que atravessava os significantes indo de encontro ao real, suposição feita antes de ensejá-la no rótulo da dita “deficiência mental” ou de situá-la em algum lugar do dito “espectro do autismo”, o que determinaria, de modo antecipado, sua identidade por meio de uma nomeação diagnóstica, de um signo que teria função apenas de representá-lo no mundo de modo superficial e tamponando o traço fundamental que nele se inscrevia como sujeito. Essa antecipação identificatória, no caso de direções estruturais psicopatológicas, pode ser nociva na medida em que encobre, pelos sintomas evidentes, o singular de cada um, generalizando todas as crianças autistas. Sobre esse menino, escrever sobre seu percurso constitutivo nas vias de um autismo permitiu tornar seu sintoma ecolálico um traço singular de enfrentar as investidas maciças do real, nesse percurso.

Esse real não cessava de não se inscrever nas automutilações, na agitação motora e, sempre de modo maciço, em uma fala repetitiva, dura, ecolálica, em que aquele na condição de se apresentar como outro [ora semelhante, ora como alteridade] não podia nela se enlaçar. Não era uma problemática da semântica e da sintaxe da língua, pois suas palavras verborrosas eram bem articuladas, compreensíveis e ocupavam os lugares gramaticais adequados na sentença. O que insistia, na fala do menino, era uma estrutura sonora (prosódica) que impedia que essa língua estivesse a serviço da comunicação com o outro, que não podia ser invertida e revertida nas trocas dialógicas: “*Ele não se comunica*”, era a queixa que

faziam sobre ele. Inscreveu, dessa queixa inicial, o umbigo desse caso: falando muito, mas sem se comunicar?

Assim sendo, estava em função do quê essa estrutura insistente? Estava em função constitutiva para um sujeito que, ao enfrentar seu impasse subjetivo, subvertia a lógica trivial de que a língua somente tem função de comunicação: aquilo que se apresentava como uma falha [de comunicação], ou seja, como um sintoma do autismo, um déficit em sua habilidade mental de se comunicar, era o singular desse menino, era sua resposta ao real, sua falta constitutiva, sua indeterminação, portanto, sua possibilidade de se constituir em termos subjetivos.

A aposta na infância como uma experiência de linguagem (Agamben, 2008) supõe, também, que esse pequeno ser estivesse inscrito nos primórdios sonorizáveis de uma língua, dos tempos de um “bebê apavorado” que ficava sozinho no berço “fazendo sons estranhos”, descolados de significações, segundo conta a avó materna ao falar dele em nossos primeiros encontros. Ainda, a antecipação imaginária na consistência de sua fala repetitiva, como *automatôn*, tornou possível a emergência de uma estrutura. Por conseguinte, na possibilidade de autismo, é preciso dar um passo além do imaginário e de suas consistências buscando, nestas, a possibilidade de furo. Rapidamente, com crianças autistas, parece que os afetos como desorientadores de nossa imaginária estabilidade emocional, seriam índices desses furos no imaginário maciço. Com esse menininho, foi uma língua ecológica, cujo ritmo e entonação eram pulsionais, marcados pelo passo dos afetos de seu difícil encontro com o outro que fez furo.

Diante de todas as especificidades desse caso clínico, a experiência psicanalítica, fundamentada na transferência, nasceu justamente de minha recusa em encobrir um sujeito suposto pelo radicalismo de uma criança em sua deficiência que, ao seu modo, se recusava a se encontrar com a língua do outro ou, paradoxalmente, se encontrava com a língua do outro a seu modo, pois não era uma criança de toda solitária.

Nessas condições, como escrever o caso clínico, dentro de uma tese de doutorado em Estudos Linguísticos? Como sustentar a ética de um inconsciente que se define justamente pelo que não se realiza na linguagem, mas que a determina e a

coloca em funcionamento? Pela escrita de caso fundamentada na ética do inconsciente descontínuo em que algo é em falta, pela prática de uma letra que impõe que não se tampone o vazio, que não se apague a falha. Minha escrita foi letra bordeando o inaudível ao gravador, aquilo que a máquina que registra o imaginário da fala da criança e da analista não capturou. A letra fez desemaranhar o nó ecolálico em torno de um inaudível, do buraco, do *un trou* do inconsciente:

Em algum lugar [da linguagem], há um buraco e qualquer coisa que oscila no intervalo. Não há causa nisso que manca. Entre a causa e seu efeito, há alguma coisa que manca. [...] Essa dimensão é evocada no registro [do inconsciente] de alguma coisa que não é nem irreal e nem do real, mas de não-realizado. (LACAN, 1964)³

E foi a língua ecolálica do menino em sua estrutura irredutível que foi cerzindo, foi bordeando esse *trou* que causou o inaudível ao gravador, momentos em que não era possível, nas gravações, a escuta das falas da criança e da analista, quando algo de indeterminado ali se inscrevia.

Desse inaudível se precipitou o inesperado, de início não fonetizável, por isso escrita do real como a inscrição da falta na cadeia de fala. Em um descontínuona linguagem, o que era não fonetizável foi tomando a formado chiado de sons consonantais fazendo litoral entre simbólico e real, naquilo que se presentificava no estilo maciço da ecolalia imaginária. Esse percurso da repetição insistente pode assim ser escrito, pelas palavras ditas e repetidas pelo menino: “*Caiu*”. “*Caiu*”. “*Ele caiu*”. “*Cadu caiu*”. “*Eu caí*”, em um ritornelo a sua indeterminação subjetiva de onde, em algum ponto desse percurso, se deu um lampejo de nomeação e de identificação em que ele pode dizer, aos pedaços, espalhado nessa língua ecolálica: “*Eu sou Cadu*”⁴.

³ Retirado de www.starfela.com, *Le séminaire, Livre 11, Les fondements*. Tradução nossa, para enfatizar o buraco [*trou*] no inconsciente, o não-realizado: “Là, en somme, il y a un trou et quelque chose qui vient osciller dans l’intervalle. Il n’y a de cause que de ce qui cloche. Entre la cause et ce qu’elle affecte, il y a toujours la clocherie. [...] Cette dimension est à évoquer dans ce registre qui n’est ni d’irréel ni de dé-réel: de non-réalisé.” O sujeito do inconsciente, aquele que manca, advém no lugar do não-realizado, lugar da indeterminação.

⁴ Cadu, nome de ficção do menino em vias de um autismo e, como todo nome, uma nomeação que vem do outro.

A fala imaginária articulada ao significante como escrita do simbólico fez da língua ecolálica causativa de furo, furo esse de onde se pode supor que o chiado seria o que se tem da *lalangue* desse sujeito em vias de um autismo. Em suas tentativas de saber-fazer com sua língua comportada na fala verborrosa, o menino mostrou que escrever um caso na clínica com a criança é encerrar na letra o paradoxo como o fundamental da infância, em que seus impasses subjetivos são justamente os pontos em seu percurso de constituição onde se dá a ver suas tentativas angustiadas de amarrar-se como sujeito do inconsciente.

Também, essa própria escrita do caso é paradoxal [e ética], no sentido de que é em torno da falta que um caso se estrutura como uma ficção: não tamponando o que faltou na fala gravada, mas fazendo borda e situando na linguagem o lugar do não-realizado. No pequeno Cadu, aquilo que era seu sintoma maciço – a fala ecolálica – ganhou estatuto de elemento constitutivo, o que lhe permitiu ir se desembaraçando de seus impasses no encontro com o semelhante por encerrar um buraco, *un trou* não capturável pelo gravador.

Escrever um caso clínico se sustenta no fato de que é a falta que faz a língua funcionar, o que se depreende pela lógica do inconsciente e se sustenta no fato de que a causa para a psicanálise é causa justamente por ser indeterminada, pois *não há causa nisso que manca*: qualquer coisa pode ser causa desde que tenha sido perdida como efeito da linguagem sobre o ser e é essa coisa perdida que instaura uma condição de falta na experiência de linguagem.

A causa das coisas é sempre uma falta (algo que faz faltar) e a implicação disso é que aquilo que escapa às regularidades esperadas e gravadas da fala da criança não deve ser descartado em nome de um dado linguístico bem recortado. Mas, deve-se trabalhar no *topos* da falta na linguagem e não apenas no que falha, o que deve ser suportado pela apreensão desse dado linguístico. Dizendo de outro modo, o dado linguístico somente pode interessar na escrita de um caso clínico como aquilo que não está dado e como aquilo que é perdido, em um jogo homográfico entre dado e dado [substantivo/verbo]: o que é do sujeito do inconsciente não é dado, não está dado na linguagem, mas é o que está aí perdido, fazendo o buraco, comportando essa condição de que há falta no inconsciente e que é o inefável que faz *isso* que é por ser em falta.

Nesse ponto, o dado linguístico de uma tese ganha estatuto de letra na escrita de um caso clínico, em que algo de generalizável e repetível cede lugar ao

singular e não repetível, como uma subversão do sujeito em constituição escancarando em um texto acadêmico um buraco tal qual o buraco da boca de Irma. Esse estatuto ultrapassa a simplicidade da subjetividade na linguagem manifesta em enunciados de fala por meio de formas pronominais, modalizadores, glosas e *shifters*, pois o que é do sujeito do inconsciente se apresenta em falta na linguagem, pelas indeterminações. Porém, seu efeito se dá na proposição da falha na cadeia de linguagem como o lugar desse sujeito.

ESCREVER UM CASO CLÍNICO

Fazer a escrita de um caso clínico, em uma situação de pesquisa nos Estudos Linguísticos impossivelmente tocados pela psicanálise, foi efeito do particular do caso, no sentido de permitir que na linguagem em jogo nessa experiência de escrita fosse possível o não-realizado. Mais ainda, foi preciso permitir que a palavra ganhasse dimensão de letra para fazer borda ao buraco do inconsciente, àquilo que se apresentou como vazio nas gravações e que a ética psicanalítica impõe que não se encubra, mas que se faça o movimento borromeano: ora o imaginário de fala toca o real do corpo da criança autista, ora esse real faz furo na ecolalia e ora o simbólico faz corte no imaginário da fala.

Nos entremeios dessa tentativa de amarração do que será sempre descompleto, a escrita ganhou estatuto daquilo que cerze, como um quarto nó [borromeano] que foi cerzinho, costurando e bordeando o buraco do inconsciente e ganhando ares de uma amarração em torno e ritornelo ao inaudível ao gravador, ao impossível de narrar, tal como a função da língua ecolálica de Cadu em seu percurso de constituição subjetiva.

Em Souza (2014), esse movimento borromeano foi compreendido como tentativas desse sujeito em constituição de saber-fazer com a língua, como tentativa de amarração sinthomática enfrentando seus impasses subjetivos na direção de um autismo com base nas elaborações de Lacan no Seminário de 1975-76, *O Sinthoma*. Fazer elaborações em torno de tentativas de amarração sinthomática é, antes de tudo, dar estatuto constitutivo àquilo que se apresentava como queixa sintomática (uma fala ecolálica que impedia a comunicação) e não perder de vista que por se tratar de constituição subjetiva não é possível sustentar um sujeito pronto, apenas

uma suposição borromeana, uma suposição de descompletude que precisa ser amarrada.

Sobre o ritornelo, Lacan (1955-56 [2002, p. 44]) sustentase tratar de uma repetição sem diferença, em que “há a forma que a significação toma quando não remete mais a nada. É a fórmula que se repete, que se reitera, que se repisa, com uma insistência estereotipada. É o que podemos chamar em oposição com a palavra, o ritornelo.” Esse ritornelo como insistência só remetia em eco a si mesmo: a fala ecolálica de Cadu só remetia a ele mesmo [a ela mesma] irredutível ao outro e remetia justamente por ser estrutural, ser desse sujeito em constituição em uma ecolalia, em um ritornelo que instaurou um vazio inaudível ao gravador. Com isso, a suposição é que ser irredutível em si mesma mostra que a palavra que se repete à exaustão comporta algo de anterior à própria significação, a um inefável que pré-existe, ao real como “aquilo que não cessa de não se inscrever” [Lacan, 1974/1975, s/p]. Desse modo, esse eterno retorno, que poderia se reduzir aos modos do *automatôn*, ganha estatuto de pulsional, de inesperado, de *tyché*, em um ritornelo comportando furo, comportando um vazio não capturável nas transcrições das falas inscrevendo um enigma indecifrável e não descritível nas formas da língua.

Nessas condições, a escrita de um caso clínico seria da ordem de uma consistência, seria um imaginário textual? Poderia ser um semblante, encobrando um vazio? Ou, poderia ter o estatuto de quarto elemento borromeano, amarrando, fazendo laço de nó em torno e em ritornelo ao inaudível, atando criança e analista?

A escrita de um caso clínico tem o estatuto de quarto elemento borromeano em que escrever um caso clínico é, pela letra, enlaçar o sujeito em constituição e o semelhante, enlaçar o sujeito em constituição e a alteridade, como efeito do traço não fonetizável do resto de *lalangue*, efeito de real.

Esse foi o movimento da narração desse caso clínico que se destacou da escrita da tese: na repetição sem diferença dos primeiros tempos do percurso de constituição do sujeito⁵, na ecolalia maciça, repetição sem distinção, no

⁵ Na clínica psicanalítica com a criança, o percurso analítico é sincrônico a esse percurso de constituição do sujeito.

automatônsem tyché, a repetição pulsional, aquela repetição com distinção⁶ deu à fala imaginária saturada dessas repetições função de ritornelo, colocando em jogo o inefável, o irreduzível a qualquer significação e a qualquer comunicação.

Essa escrita foi parte de minha função de analista dessa criança, que é função de invenção, de criação, da escrita de uma ficção, correspondendo, conforme Vorcaro [2004, p. 23] a: “Todo caráter da criança enquanto processamento do ato criativo do outrem que a inventa, estabelece, funda ou institui [...] criança única, singular”.

Nessa direção, escrever um caso com uma criança na clínica psicanalítica é tentar saber-fazer essa criança única e singular, ao estilo posto por Clarice Lispector, irreduzível a qualquer significação apressada. Em se tratando de criança, é prudente não se apressar, pois ela vai nos surpreender no lugar seguinte de seu caminho na vida, de seu percurso constitutivo como sujeito do inconsciente.

Nesse estilo, eis esse caso clínico escrito pela letra, na tentativa de saber-fazer uma pequena ficção sobre esse menino, sua constituição e seus impasses subjetivos⁷:

Foi assim, diante da minha dúvida, que Cadu se deu ao seu processo constitutivo. E se me fazia muitas perguntas, por vezes ficava sem respostas, pois tinha que ficar sem resposta. Tinha que se dar – por nada. Teria que ser. E por nada. Ele se agarrava em si, e eu? Só me restava esperar [escrever]. No princípio, eu só podia servir-lhe a ele, assim, de silêncio. E, deslumbrada com esse desencontro, escutava chiados de palavras que não eram minhas. Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, algo dele se destacou, e ele estava se transformando em criança [em sujeito?]. Não sem dor. Não sem sua alegria difícil. Não sem seus pedaços. Ele passou devagar a língua pelos lábios finos. (Me ajuda, disse seu corpo em bipartição penosa. Estou ajudando, respondeu minha imobilidade.) A agonia lenta pelo corte de sua divisão, a agonia lenta pelo que acaba de perder. Já há alguns minutos eu me achava diante de uma criança. Fizera-se a metamorfose. (SOUZA, 2014, p. 243).

⁶ Prefiro o termo distinção, que me remete ao que do significante da linguística interessa à constituição do sujeito, este como efeito desta distinção que, de modo paradoxal, inscreve a falta [daquilo] que lhe causa.

⁷ Em referência à menina Ofélia, de Legião Estrangeira, de Clarice Lispector, 1999.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A clínica psicanalítica com a criança supõe uma ética convertida no paradoxo da indeterminação constitutiva da criança, no percurso de seu estabelecimento como sujeito do inconsciente. Esse paradoxo implica lidar com a singularidade em ato, com o inesperado e com as mudanças sincrônicas alcançadas apenas no *a posteriori* da diacronia.

Por sua vez, uma pesquisa que deve gerar uma tese, uma escrita acadêmica, supõe o estabelecimento de respostas generalizáveis e descritíveis para que essas respostas (e o caminho até elas) possam ser repetidas e aplicadas.

Mas, considerando que subjetividade e singularidade, sempre jogadas para fora da ciência, retornam sobre esta de tal modo que não podem ser apagadas, é primordial que uma investigação sobre o sofrimento psíquico de uma criança pautada nos alicerces conceituais e éticos da psicanálise se renda a esses paradoxos e use a escrita para fazer ver o saber possível de ser apreendido dessa investigação. Saber esse que comporta impossibilidades como o indemonstrável, a incerteza, a incompletude, a inconsistência e aquela estabelecida pelo saber da psicanálise, a descompletude do sujeito, apresentada na fórmula não há relação sexual.

Sobre isso, é interessante tomar a questão do sujeito do inconsciente na ciência como uma insistência a princípio estereotipada e imaginária, como um ritornelo até fazer furo nessa ciência que, de modo maciço, ecoa sobre si mesma, pois quando entra na ciência, esse sujeito entra para subverter, para deixar essa ciência literalmente de boca aberta, boquiaberta perante todas essas impossibilidades constitutivas do saber e causando espanto, como causou espanto em Freud a boca escancarada de Irma, em sua Ciência dos Sonhos.

Nesses termos é que a escrita de caso clínico foi tomada como uma letra em função de ritornelo, efeito do traço inscrito pelo não-realizado no inconsciente, como possibilidade de bordear o paradoxo constitutivo que se estabeleceu na clínica com essa criança em vias estruturais de autismo. A forma maciça da estrutura ecológica de sua fala impôs que se escutasse o inaudível nas gravações, pois nessa estrutura o ritornelo (em repetição *automatôn*) fez furo, inscrevendo uma repetição *emtyché*, repetição que comporta o inesperado em que a falta ganha estatuto de causativo de um sujeito do inconsciente.

Desse caso clínico com uma criança em vias de autismo, foi possível constatar que a escrita de caso clínico tem função de amarração borromeana em um imaginário textual tocado por equívocos de linguagem que em função de corte simbólico deixa entrever vazios de sentido, impossibilidades de se escrever, pois o não-realizado é determinante e tem lugar no inconsciente. Nesse emaranhado, a letra entrou como um quarto elemento em que escrever um caso clínico foi enlaçar, em torno do que não se realizava, em torno do que faltou nas gravações e transcrições de fala, a possibilidade de haver um sujeito do inconsciente se constituindo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

FREUD, S. (1900[1996]). A interpretação dos sonhos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de SigmundFreud. Vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1912[1996]). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de SigmundFreud.Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J.O Seminário, Livro 3, As Psicoses (1955/1956[2002]). Trad. de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein (1965[2003]). In: _____. Outros Escritos. Trad.Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p.198-205.

_____. O Seminário, livro 22 R.S.I. (1974/1975). Tradução livre. Cópia não editada.

_____. O Seminário, Livro 23: O Sinthoma (1975-1976[2007]). Trad. de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LISPECTOR, C. A legião estrangeira (1999). Rio de Janeiro: Rocco.

SOUZA, C.R. de. (2014). Dos paradoxos da constituição do sujeito e das tentativas de saber-fazer com a língua: a amarração sinthomática nas vias de um autismo. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. 255 f. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/4132/1/ParadoxosConstituicaoSujeito.pdf>>

VORCARO, A.M.R. A criança na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

CLINICAL CASE REPORT: A RITORNELLO AROUND THE ABSENCE

ABSTRACT

Clinical case report is the testimony of the clinical psychoanalysis. All psychoanalytic praxis elements must converge to it: the execution, the research and the treatment. The convergence that happens through the letter bordering the conundrum of the case, what will remain as unaccomplished, unknown to the narrative that is written, and thus showing us how each subject will face the reality of their subjective experience. Therefore, in a clinical case report there will always be something impossible to be written, and in those conditions, writing a clinical case report is to expose the hole in Irma's mouth.

KEYWORDS: Writing. Clinic case. Letter. Child. Autism.

L'ÉCRITURE DE CAS : UN RITOURNELLE QUI ENTOURE DU MANQUE

RESUME

L'écriture de cas clinique est un témoignage de la clinique psychanalytique. Ils doivent converger la pratique de la psychanalyse : l'exécution, la recherche et le traitement. Convergence qui se produit à travers la lettre bordant l'énigme du cas, ce qui restera comme latent, ne savent dans le récit est écrit, et en nous montrant ainsi comment chaque sujet savoir- faire face à la très réel dans leur expérience subjective. Par conséquent, l'écriture de cas clinique il y toujours impossible d'écrire et, dans ces conditions, écrire un cas est deux pas ouvrir le trou de la bouche d'Irma.

MOTS-CLÉS: L'écriture. Cas Clinique. Lettre. Enfant. L'autisme.

Recebido em: 18-08-2016

Aprovado em: 15-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

A INFLUÊNCIA DE FRANÇOISE DOLTO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS NA ATUALIDADE

Francisco Lamartine Guedes Pinheiro¹ e Letícia Maria Teixeira Matos²

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo compreender os pressupostos teóricos básicos de Françoise Dolto, e suas influências no cenário atual da clínica psicanalítica com crianças. Trata-se de uma pesquisa psicanalítica de cunho teórico de metodologia hermenêutica, orientada pelo ideal exegético que visa a reconstrução do sentido original dos textos aqui trabalhados, e com a bordagem histórico conceitual, que prioriza os aspectos da história do desenvolvimento da psicanálise com crianças focando as contribuições de Françoise Dolto e fazendo contrapontos com outros importantes psicanalistas de crianças, Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott, para destacar as contribuições originais de Dolto. Esse trabalho terminou por ressaltar a importância da Linguagem como ponto de partida para as contribuições de Dolto para as práticas psicanalíticas com criança na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Françoise Dolto. Psicanálise com crianças. Linguagem.

¹ Psicanalista, Professor da Universidade Estadual do Piauí, Coordenador do Corpo Freudiano do Piauí, Especialista, Mestre, Doutor pela UNIFOR. Rua Miguel Arco Verde, 555, B. dos Noivos, Teresina, PI. (86) 8803-1154 | <mailto:lamartinethepiaui2@hotmail.com>.

² Concludente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí, Membro do Corpo Freudiano do Piauí. Rua Canadá, 2070, bloco 05, apartamento 401, B. Cristo Rei, Teresina, PI. (86) 99810-9549 | <mailto:cirlanarodrigues@gmail.com>.

INTRODUÇÃO

Françoise Dolto (1908 - 1988) foi uma pediatra e psicanalista francesa que teve grande impacto sobre a divulgação da psicanálise de crianças a ponto de influenciar a educação de crianças de seu tempo e ficar famosa por seu talento para analisar/ouvir as crianças. Em sua teoria e prática, essa foi a principal marca de Dolto (1971/1988), ouvir a criança em lugar de falar delas ou falar por elas. Segundo Françoise, as crianças são mini- sujeitos, e não 'mini- adultos', que compartilham as vicissitudes e as alegrias da vida, e precisam de teorização própria.

Dolto (1971/1988), propôs o trabalho com os pais, a participação destes na análise de seus filhos e o estabelecimento de vínculos de confiança com os pais para adesão ao tratamento de seus filhos. Propostas essas que, por si só, já a diferenciavam dos demais analistas de criança até então, mas suas teorias e técnicas vão muito além disso. Segundo Kupfer (2006), Dolto foi muito criticada e atacada por psicanalistas de seu tempo por popularizar a psicanálise de crianças, mas isso não a impediu de atender ao pedido de ajuda dos pais da época, pois esses que até hoje a agradecem pela ajuda que lhes deu.

Sendo assim, tendo em vista a relevância da obra de Dolto interesse deste artigo foi ajudar a compreender como as teorias de Dolto contribuíram para melhorar o atendimento clínico com crianças. Assim, foram feitos parâmetros comparativos entre alguns dos principais expoentes dos analistas de crianças, que foram escolhidos pela relevância e pela notoriedade mundial que alcançaram, sendo eles: Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott.

A princípio, esse trabalho apresenta um breve histórico dos antecedentes da psicanálise com crianças até Françoise Dolto e o tópico seguinte é dedicado a explicar o trabalho de Dolto como psicanalista de crianças, bem como fazer algumas elaborações elucidando alguns contrapontos marcantes entre Dolto e os principais expoentes da psicanálise infantil supracitados, destacando as contribuições originais de Dolto, além de mostrar brevemente que as teorias de Dolto se articulam com os ensinamentos de Lacan.

A relevância deste artigo está justamente diferenciar as técnicas de Dolto e dos principais nomes da psicanálise com crianças, bem como em formatar novos

questionamentos sobre a clínica proposta por Dolto e sobre a prática do analista de crianças da atualidade, além de servir como forma de ampliar os conhecimentos teóricos e práticos da psicanálise com crianças.

A metodologia utilizada para produzir este artigo foi a hermenêutica, orientada pelo ideal exegético que visa a reconstrução do sentido original dos textos aqui trabalhados, e com abordagem histórico conceitual, que prioriza os aspectos da história do desenvolvimento da psicanálise com crianças focando as contribuições de Françoise Dolto. Essa metodologia foi escolhida devido ao interesse em esclarecer as principais teorias e técnicas originais de Dolto, diferenciando-a dos principais expoentes da psicanálise com crianças.

Assim, o presente artigo partiu do pressuposto de que, Françoise Dolto foi uma autora de forte relevância na análise com crianças, entretanto, seus pressupostos teóricos e práticos permanecem pouco difundidos no Brasil. O que levou a problemática principal deste trabalho, que é: como as teorias de Françoise Dolto contribuem para a questão da análise de crianças na atualidade?

Esta questão central conduzirá as reflexões, neste artigo, acerca dos efeitos que essa autora gerou no que tange a clínica psicanalítica com crianças, especialmente, do analista no atendimento das mesmas e de que forma isso repercute na atualidade.

BREVE PASSEIO PELA HISTÓRIA DA ANÁLISE DE CRIANÇAS

A princípio, a psicanálise não se preocupou em atender crianças, embora Sigmund Freud sempre tenha demonstrado especial interesse pelo psiquismo infantil em seus escritos. Em sua teoria, Freud apresentou ao mundo uma nova criança, dotada de uma sexualidade perverso-polimorfa³, com pulsões parciais emanando de zonas erógenas que se constituem apoiando-se em funções vitais, ou seja, considera que a sexualidade infantil é pré-genital – oral e anal – e às pulsões

³ Para aprofundar esse e outros conceitos freudianos relacionados a sexualidade infantil, o leitor poderá reportar-se ao texto “Três ensaios sobre a sexualidade” In: *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901 - 1905)*. ESB Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 76-150.

tendem à satisfação auto erótica (Costa, 2007). Ou seja, a criança usa o próprio corpo como objeto de satisfação (por exemplo, sugar o polegar), o que qualifica a sexualidade infantil como auto-suficiente.

Mas foi o caso do pequeno Hans que conferiu a Freud a possibilidade de comprovar os descobrimentos sobre a sexualidade infantil, e é esse caso que marca o início da análise com crianças, mesmo Freud achando que a análise infantil era algo impossível de ser feita. Foi a partir desse caso se estabeleceram três parâmetros essenciais para uma análise com crianças: a demanda, que no caso da análise com crianças, geralmente, é formulada pelos pais ou adulto responsável; a transferência, para a qual para Freud é preciso unir a autoridade paterna e a do analista para analisar e educar a criança; e a interpretação, que possibilitou a cura para a neurose de Hans.

Freud desenvolveu as bases teóricas para a análise com criança, mas ainda levou muito tempo e foi necessária a ajuda de outros teóricos para que ela se desenvolvesse. Por isso, se faz pertinente lembrar um pouco das contribuições de alguns deles - Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott - para então entender como Dolto trouxe uma nova perspectiva para a análise de crianças. Frisando que não é o objetivo deste artigo se aprofundar na explicação das teorias e técnicas desses renomados autores, mas sim apenas pincelar uma visão geral sobre algumas de suas principais contribuições para que possam ser percebidas pelo leitor como distintas das contribuições de Françoise Dolto no tópico seguinte deste artigo, no qual serão pontuados algumas dessas distinções.

Anna Freud (1895 - 1982) começou a atender crianças sob uma perspectiva de reeduca-las, de adaptá-las a realidade, com o objetivo de construir um melhor convívio com os pais e irmãos. Para ela, era impossível estabelecer uma relação puramente analítica com uma criança (Costa, 2007). Ela considerava que, como a demanda da criança é formulada pelos pais, então o pequeno não acha que tem um “problema” para resolver, assim, falta um elemento fundamental para a entrada de um paciente em análise, que é o mal-estar em relação a seu sintoma e, assim, a necessidade de tratamento. Para sanar essa dificuldade, Anna Freud propõe um período de entrevistas preliminares para produzir artificialmente uma demanda de análise.

Segundo Ferrari (2012), Anna Freud trabalhava sempre com a transferência positiva e defendia que uma criança não estabelece uma neurose de transferência durante o processo analítico, uma vez que, não é possível reeditar as relações com os pais dentro da análise quando a primeira infância edípica (0 a 5 anos) ainda não foi esgotada. Além disso, o apoio dos pais à análise através de informes regulares sobre o comportamento da criança no lar e na escola são duplamente importantes, visto que, esses relatos são de certa forma distorcidos por conflitos inconscientes dos pais e se presume que os sintomas das crianças são determinados por esses mesmos conflitos.

Anna Freud não atendia crianças antes do final do Complexo de Édipo, e este acontecia aos 5 anos de idade. Defendia ainda que, ao contrário do tratamento analítico com adultos, ao invés de ajudar a superar o recalque, o analista tem a tarefa de controlar, além de decidir o que deve ser rejeitado, domado ou satisfeito, exercendo, assim, uma ação educativa (Costa, 2007). Ou seja, essa perspectiva pedagógica busca fortalecer o eu, o que resulta no aumento da produção do recalque, bem diferente da visão psicanalítica que se apoia no inconsciente visando uma superação das barreiras do recalque.

Na Inglaterra, Melanie Klein (1882 – 1960), bem diferente de Anna Freud, desenvolveu um trabalho que preconizava o atendimento com crianças dentro do mais puro rigor psicanalítico. Segundo a Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), Klein foi quem fundou a técnica da análise pelo brincar da criança, que era considerado a expressão simbólica da fantasia inconsciente. A partir disso, Klein conclui que a diferença existente entre a análise com crianças e com adultos reside no método e não em seus princípios básicos (Costa, 2007). Ou seja, o corpo teórico que sustenta a prática psicanalítica – transferência, inconsciente e pulsão – é o mesmo que sustenta a análise com crianças e, quanto ao método, o brincar substitui a associação livre.

Segundo Costa (2007), Klein defendeu que o conflito edípiano tem origem muito mais cedo, por volta dos seis meses de idade. Além disso, para ela, o campo de atuação do psicanalista é o das fantasias inconscientes que a criança tem sobre a doença. As interpretações dos comportamentos da criança sempre eram dadas diretamente para elas. Klein empregava uma abordagem interpretativa menos

cautelosa, nomeando as angústias das crianças e trazendo à consciência suas fantasias edípicas.

Para ela a função do analista é abrandar a severidade do Supereu primitivo, que é extremamente cruel, e não de auxiliar o eu da criança a controlar os impulsos provenientes do desejo. Além disso, como consequência de seus pressupostos teóricos, Klein defende que a análise com crianças não necessita das informações dos pais, que são distorcidas por seus próprios conflitos, então a participação deles se resume a uma anamnese antes de iniciar o atendimento com a criança (Nasio, 1995; Costa, 2007).

Outra importante referência na análise com crianças é Donald Winnicott (1896 – 1971). Através dele, foi possível ter uma maior compreensão da constituição subjetiva. Em suas obras, enfatizou a influência do meio ambiente no desenvolvimento psíquico do ser humano e como este traz em si a tendência inata de se desenvolver e unificar, tendência essa que se atualiza nos processos de maturação, que no plano psíquico aplica-se a formação e evolução do eu, do id e do Supereu, assim como de mecanismos de defesa que o Eu elabora num indivíduo sadio. Logo, a saúde psíquica estaria no livre desenrolar desses processos de maturação, no entanto, o ambiente é inicialmente representado pela mãe ou por um de seus substitutos que permite ou barra o livre desenrolar desses processos (Nasio, 1995).

Segundo Zimmerman (2008, p.348), Winnicott concebeu a importância de uma ‘mãe suficientemente boa’, como meio ambiente ‘facilitador, ou complicador’, do desenvolvimento da criança, sendo o pai necessário para ser a encarnação da lei e da ordem que a mãe introduz. Ele propôs uma nova abordagem de atendimento em que o lugar do analista deve ser similar ao de uma mãe quando exerce a função de holding, que corresponde a sustentação psíquica, atento as necessidades do paciente. Ou seja, a transferência é uma réplica do laço materno de uma “mãe suficientemente boa”.

A princípio, ele realizava uma entrevista “única” sem preocupação com o motivo da análise, para descobrir a origem do conflito que levou a busca pelo analista, considerando que a criança sabe, ainda que “inconscientemente”, a origem

ou o motivo do seu conflito. Já quanto a técnica, Winnicott “preferia desenhar com a criança, fazendo-lhe perguntas e sugestões de modo a despertar o seu interesse em falar de coisas que, normalmente, não falaria com outras pessoas” (Costa, 2007, p.57). Ou seja, valoriza o encontro do analista com a criança e tenta manter uma relação espontânea, porém, para que ele considerasse análise eram necessários cinco encontros por semana, além disso, ainda segundo Costa (2007), Winnicott não recomendava análise para todas as crianças que apresentavam sintomas, e considerava que atender os casos mais “simples” seria desresponsabilizar os pais.

Como é possível perceber, Anna Freud, Klein e Winnicott encontraram suas bases em Freud, mas cada um seguiu um caminho diferente para atender crianças, isso porque cada um deles tinha uma visão diferente sobre esses pequenos. Dolto aparece nesse cenário de intensas produções psicanalíticas, contemporânea a esses autores, e apresenta uma nova perspectiva para a análise de crianças, como será possível ver no tópico seguinte.

ANÁLISE DE CRIANÇAS A PARTIR DE FRANÇOISE DOLTO

Segundo o site da Federação Brasileira de Psicanálise, Françoise Murette nasceu em Paris, em 1908, era a quarta filha de sete irmãos. Sua família era parisiense, cristã, da alta burguesia. Aos 12 anos sua irmã mais velha faleceu aos 18 anos de idade e, em seguida, sua mãe entrou em depressão. Françoise estudou medicina, depois analisou-se com René Laforgue e foi quando se interessou pela psicanálise. Ela casou-se com Boris Dolto, com quem teve dois filhos, Yvan-Christom e Dolto e Catherine Dolto. Françoise morreu em 25 de agosto de 1988, em consequência de uma afecção pulmonar.

Françoise Dolto começou a estudar medicina, em 1932. Tornou-se pediatra e sua prática tinha como marca uma capacidade de “ler o corpo” das crianças, e a psicanálise veio, a princípio, como instrumento para ajudá-la a fazer melhor essa leitura em seu trabalho como pediatra (Kupfer, 2006). Ou seja, para Dolto, a doença não se reduzia ao funcionamento puro e simples do corpo, podia ter outras causas, e a psicanálise a ajudou a ler, a interpretar, essas causas subjetivas do infante.

Em uma entrevista⁴ para Elisabeth Roudinesco (1944/2009), Dolto conta que queria ser pediatra e que foi analista de crianças principalmente no hospital, pois atendeu muito pouco no consultório. No hospital, era pediatra e substituía os residentes o máximo de tempo possível, inclusive em plantões noturnos, pois lhe interessava muito. Dolto (Roudinesco, 1944/2009), afirma que escutava as crianças como escutava os adultos, isto é, em ritmo regular e com supervisão. Isso mostra o interesse genuíno de Dolto em escutar e ajudar essas crianças.

Dolto era amiga e colaboradora de Lacan, e uma das pioneiras na análise com crianças. “Sua abordagem psicanalítica centrou-se na escuta do inconsciente e nos traumas genealógicos” (Costa, 2007, p.70). Ou seja, o interesse era em mostrar que o sintoma da criança é visto como sendo também um sintoma da estrutura familiar, e isso foi refletido ao longo de toda a sua obra.

Um conceito original e noção central da teoria de Dolto é a imagem inconsciente do corpo. Segundo Nasio (1995), Dolto passou mais de vinte e cinco anos teorizando sobre esse tema até publicar o livro *A imagem inconsciente do corpo*, em 1984. Nessa obra, Dolto (1984/ 2001) explica que se trata de um resíduo, por assim dizer, da relação do sujeito com o outro e que o corpo e sua imagem inconsciente não existem sem linguagem. Esse conceito está ligado ao sujeito e a sua história. Segundo a autora, todo sujeito tem uma imagem inconsciente do corpo, fundada em vivências de imagens extremamente arcaicas e precoces de corpo, que teriam início já no ventre da mãe, antes do nascimento do bebê, mas quando este já possui um corpo. A imagem inconsciente do corpo se localiza em um tempo lógico anterior ao narcisismo primário.

Na teoria de Dolto, desde o início, o infans é dotado de atividade representativa, essa função apoia-se nas trocas que ocorrem no corpo e é anterior

⁴ No referido texto não consta quando ou onde tal evento ocorreu, mas entende-se, pelas falas de Dolto na entrevista, que esta se deu após o ano de 1971. Há textos dessa obra de Roudinesco que datam desde 1944, então a referida entrevista ocorreu em data posterior aos primeiros escritos coletados para essa obra.

ao estágio do espelho⁵ de Lacan. As experiências relacionais e corporais, palavras, afetos, enfim, tudo, deixam imagens somato-psíquicas através das quais se constituem as primeiras imagens inconscientes do corpo (Costa, 2007). A fala funciona como um organizador que promove o encontro entre o esquema corporal (pré-consciente e consciente) com a imagem corporal (inconsciente). É quando o infans reconhece a sua imagem no espelho que ocorre o recalçamento das imagens inconscientes do corpo em prol da corporeidade visível.

Segundo Boukobza (2006), para Françoise Dolto há sujeito desde a origem, desde a concepção. Trata-se justamente do sujeito no sentido psicanalítico da palavra, ou seja, um sujeito do inconsciente, sujeito do desejo, que se manifesta por desejos e não por necessidades. Entretanto, o pequeno humano sozinho não tem os meios de sua subjetivação, então, a imagem inconsciente do corpo, é formada nessa relação original entre o pequeno humano e o Outro, com o corpo do outro. Ou seja, a imagem inconsciente do corpo se elabora a partir de uma intimidade de um sentir, proveniente das próprias sensações internas do corpo, oferecido a simbolização.

Segundo Dolto (1984/ 2001), a imagem do corpo se constrói nesse entre-dois, nesse substrato relacional, da mãe e do filho, e entre a linguagem e o corpo. A imagem do corpo não é aquilo que se vê, não tem a ver com a imagem escópica do estágio do espelho, refere-se a um substrato relacional ao outro, refere-se ao sentimento de si.

Segundo Boukobka (2006), esse sentimento interior de si, o sentir da corporeidade, poderia permanecer inarticulado, como no caso das crianças autistas, se elaborando sem palavras. Então a fala da mãe sobre aquilo que o filho sente toma uma troca emocional, o que nos remete a formulação de Lacan: o desejo do sujeito é o desejo de reconhecimento. E Dolto enfatiza em várias de suas obras o

⁵ O Estádio do Espelho não se refere necessariamente à experiência concreta da criança frente ao espelho, mas ao período entre seis e dezoito meses, aproximadamente, que é caracterizado como a identificação, no sentido pleno da psicanálise, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem representação da unidade corporal pela criança e sua identificação com a imagem do outro. Leia mais no texto de Lacan, J. (1966). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

lugar importante que a linguagem tem para constituir o sujeito, para ela tudo é linguagem.

Assim, Dolto (1984/ 2001) defende que o feto tem vida e desejo próprios, mas é a relação com o outro que o humaniza. É através do olfato, da visão, da audição e do tato que o bebê organiza suas trocas significantes com o cuidador, então desde o princípio é uma construção simbólica. É por isso também que, segundo Costa (2007), para Dolto não existia idade mínima para começar uma análise. No caso de crianças muito pequenas e bebês, ela atendia a mãe falando sobre a história do bebê na presença dele e dirigia a palavra a ele, o reconhecendo como sujeito, ligando os seus sintomas a linguagem da mãe.

Ao longo de toda a obra de Dolto é possível fazer articulações com as teorias lacanianas. Eles eram amigos e se correspondiam com frequência, por isso, apesar de haver diferenças entre suas teorias, mas muitos conceitos de Dolto conversam, por assim dizer, com Lacan. O conceito de imagem inconsciente do corpo, por exemplo, tem articulações com o conceito de imagem corporal formulado por Lacan (1966/1995), apesar de que este seria posterior àquele.

Um interesse em comum entre Dolto e Lacan seria a relação com a linguagem. Lacan (1966/1998) propôs em suas obras dar uma dimensão diferente a relação do homem com a linguagem, que é vivida no cotidiano com a função de comunicar um pensamento escondido e, no entanto, ela tem igualmente uma função que pode ser qualificada como transcendental. É através da linguagem que nasce o sujeito humano e o mundo dos objetos, ela ajuda o homem a se construir como tal frente a um mundo que também resultado do arranjo de impressões sensíveis nas categorias do sentido.

Ou seja, Lacan sai do sujeito (indivíduo) para abarcar uma rede de relações sociais. A noção do sujeito soma-se ao conceito de Outro, podendo esse ser entendido como uma combinação dos sistemas simbólicos e socioculturais. Visão essa que aparece também nas teorias de Dolto como noção central, de como o sujeito se constrói a partir da linguagem e de como o mundo que o cerca também é linguagem. O que nos remete a Freud, que como se sabe, dizia que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Então, influenciada por Lacan (1966/ 1998), que dizia que o inconsciente é formado a partir do significante estruturador da sua linguagem: os nomes dos pais e por Freud que falava que o inconsciente é semelhante a uma linguagem, é possível perceber um respeito às práticas psicanalíticas por parte de Dolto, ao forjar uma teoria e uma técnica clínica de criança.

Mas dando continuidade ao assunto principal desse artigo, as teorias de Françoise Dolto retoma por sua conta a noção freudiana de estágios⁶, mas as transforma, introduzindo estágios bem mais precoces do que aqueles apresentados por Freud: o estágio neonatal, olfativo-respiratório ou mesmo fetal. “Assim, as anorexias graves dos recém-nascidos podem ser entendidas como uma maneira de regredir a uma imagem do corpo fetal, que vai invalidar a atitude de mamar” (Boukobza, 2006, p. 83). Ela considerava que sintomas, como esse da anorexia, traduziam uma angústia que acarretava sintomas neuróticos regressivos mesmo nas mais tenras idades e que tinham relação a um corpo mãe-bebê adoecido.

Para Dolto também é muito importante ouvir a criança, invés de falar dela ou por ela. Muitas situações de interpretação constituem-se muitas vezes em incentivar que a criança fale, calando-se inclusive para deixar que o pequeno se expresse (Bernardino; Soler, 2012). Durante o atendimento, se a criança lhe fizesse uma pergunta ela devolvia a mesma pergunta às avessas para a criança responder o que pensava sobre aquilo que estava perguntando, ao invés de responder diretamente ao pequeno, então a intervenção muitas vezes limitava-se a alguns encorajantes monossilábicos. E a escuta era acompanhada do olhar, do observar, sem deixar escapar nenhum gesto, expressão, mímica, lapso, enfim, nenhum mínimo detalhe.

Segundo Nasio (1995), Dolto tinha um modo muito peculiar de fazer a escuta e a interpretação. No caso, a escuta passa por quatro momentos: o primeiro é observar os sinais do gestual do paciente, expressões do rosto, atividade lúdica,

⁶ Para Freud as etapas do desenvolvimento psicosssexual são: fase oral (0-1 ano aproximadamente), fase anal (2-4 anos aproximadamente), fase fálica (4-6 anos aproximadamente), fase de latência (6-11 anos aproximadamente) e fase genital (a partir de 11 anos), leia mais em “Três ensaios sobre a sexualidade” In: *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901 - 1905)*.

desenhos, suas palavras, etc; o segundo era isolar-se mentalmente e perceber uma outra criança diferente da que estava a sua frente, a criança inconsciente, que sofria e não sabia expressar-se a nível consciente; o terceiro era, sempre mantendo contato com a fala do paciente, identificar-se em silêncio com a criança inconsciente, mas sem sentimentos de compaixão (identificar-se com a dor do outro sem sentir pena); e o quarto era quando havia a irrupção da interpretação, quando é consumado o ato analítico, hora em que ela pontua, em que dizia as frases ou palavras que teriam saído da boca da criança inconsciente.

Quanto a interpretação, para Dolto (1971/ 1988), não se trata de falar ou dizer o que está acontecendo de maneira racional. No uso da psicanálise ela interpreta com o sentido de fazer construções em análise, ou seja, colocar no discurso via comunicação inconsciente, a palavra que faltava e que proporcionaria o deslizar das cadeias significantes para a criança. Interpretar é essencialmente desvelar o inconsciente, realizando um efeito de surpresa e de questionamento. Questionar algo que está na linguagem; aumentando, destravando a mesma.

Dolto pontua em seu livro *Psicanálise e pediatria* (1971/ 1988), quando explica o seu método de atendimento, que a linguagem empregada no diálogo com a criança deve ser simbólica afetiva, mesmo que pareça que o analista está “brincando” de ser criança junto ao seu paciente. Uma vez que, utilizar uma linguagem “lógica” fere a inteligência da criança, que, não se deve esquecer, ainda não é lógica. Além disso, o objetivo do analista é falar com o inconsciente, que jamais é lógico em pessoa alguma, então o melhor caminho é através da linguagem da criança, então Dolto a deixava livre para brincar, para falar, para elaborar e reelaborar.

Segundo Costa (2007), Dolto não considerava possível combinar o trabalho analítico com a educação/ pedagogia. Para Dolto, uma técnica como a de Anna Freud não possibilita que a criança simbolize, reelabore, o inconsciente, pois não permite liberdade ao pequeno para que isso aconteça. Então, não cabem essas técnicas ortopédicas, que engessam o sujeito. A função do analista, para Dolto, não é controlar os impulsos provenientes dos desejos inconscientes da criança, mas ajudar a deslocar a cadeia de significantes para justamente ajudá-la a reconhecer esse desejo e dar sentido ao mesmo.

Outra noção importante teorizada por Dolto é a de falar a verdade a criança. Mesmo que seja doloroso para a criança ou para o adulto, pois a mentira está em desequilíbrio com o pressentimento e com o inconsciente do sujeito. Então, de acordo com uma linguagem compreensível para a criança, deve-se contar a verdade. Inclusive, o trabalho do analista é, sobretudo, verbalizar para o paciente a verdade de seus desejos inconsciente. Observar a criança e colocar em palavras suas angústias, o que ela faz e o que sente (Costa, 2007). Dolto chama a atenção para o sofrimento da criança ligado ao “não dito” e a falta da verdade, pois as crianças são muito sensíveis ao ambiente.

Quanto ao atendimento psicanalítico de Dolto (1971/ 1988) inicia com as entrevistas preliminares com os pais na presença da criança, comentando as palavras dos pais dando a entender que há uma má compreensão de sua parte. A orientação é que a criança faça um desenho ou outro trabalho em uma mesa, enquanto se falar com os adultos, e prestar atenção nas reações da criança.

Não há, por parte de Dolto (1971/ 1988), nenhuma hesitação em fazer pontuações, levantar questionamentos, para os pais desde as entrevistas preliminares. Essas pontuações, como foi referido anteriormente, podem ser melhores entendidos como construções em análise do que como discursos educativos para os pais. Dolto (1971/ 1988) considera que toda interpretação analítica é precisa por ser uma questão que implica os pais e favorecem o deslocamento dos sintomas destes e da criança. As pontuações aos pais favorecem a clínica infantil porque vão tendo a função de esclarecer e fazer os pais pensarem sobre suas implicações no sintoma da criança, deslizando a cadeia de significações sintomáticas que antes estavam congeladas.

E para finalizar a entrevista inicial, é dito aos pais que antes de qualquer informação mais ampla, não será aceita a proposta de doença, que anula toda a responsabilidade da criança, nem de maldade, que responsabiliza totalmente a criança (Dolto, 1971/ 1988). Esse era um ponto que Dolto considerava importante para o atendimento, evidenciando que o sintoma é da família e a responsabilidade é ‘dividida’, digamos assim, então isso ajuda a implicar os pais no tratamento.

A proposta de Dolto era inserir a criança na estrutura desejante da família, uma vez que, assim que a criança nasce, ela já está inserida na estrutura do desejo, mas do desejo do Outro (Costa, 2007). Mais um motivo pelo qual a família precisa ser implicada, para ajudara nesse processo. Além disso, vale destacar que Dolto atendia crianças de qualquer idade, mesmo considerando que o complexo de Édipo se dá aos cinco anos. E, considerava que este deveria produzir-se com os próprios pais e não com o analista que, no caso, apenas pode ajudar a criança a atravessar essa fase.

Winnicott (Costa, 2007), não recomendava análise para todas as crianças que apresentavam sintomas, e atender os casos mais “simples” seria desresponsabilizar os pais. Já Dolto, pelo contrário, se interessava por todos os casos, especialmente por aqueles que ninguém mais se interessava, pois, o sintoma da criança pede atendimento e o atendimento sugerido pela analista não desresponsabiliza os pais, mas os implica, ajudando-os a ajudar os filhos.

Dolto (1971/ 1988) explica que a clínica precoce não é tão diferente da clínica com crianças, a diferença está no setting terapêutico. No caso da clínica precoce, o atendimento acontece com a presença do pai ou da mãe e da criança pequena ou bebê, e se dá através da fala/ linguagem dos pais, então por consequência o contrato terapêutico é feito de acordo com esse enquadre. Enquanto que na clínica com crianças, Dolto atendia os pais na presença da criança nas entrevistas iniciais e depois atendia apenas a criança, mas sempre convidando os pais com certa frequência para trazer questionamento pertinentes que poderiam influenciar a dinâmica familiar, por consequência influenciando no sintoma.

Na clínica com criança, é realizada uma entrevista inicial só com a mesma, caso nem ela nem a mãe se oponham ao pedido, caso contrário explica-se que é compreensível a desconfiança e é feito um pedido de rigoroso silêncio da mãe durante a entrevista inicial com a criança. Nunca tendo ocorrido com Dolto, de na segunda sessão a mãe ou a criança terem qualquer dificuldade em separarem-se. Além disso, ela também explica que é preciso munir os pais de conselhos precisos que provarão progresso, mesmo que ligeiro, no comportamento da criança, caso sejam executados de acordo. Assim, o analista é obrigado a uma ação terapêutica desde o primeiro dia, antes mesmo de saber exatamente os pormenores do caso,

mas fazendo uso do bom senso, assim eles terão mais confiança (Dolto, 1971/1988).

Dolto (1984/2001) quis transmitir que na análise da criança é da linguagem que se trata, e esta é pré-formada a partir do Édipo do pai e da mãe. Então a criança vai ser o efeito da junção dessas duas linguagens, o que significa que, para interferir no seu sintoma, é preciso interferir no sintoma dos pais. Então, transferencialmente, Dolto vai tentar trazer essa linguagem sintomática para que essa criança possa pensar sobre ela e, ao falar sobre essa linguagem, se recoloque, ela mesma, numa cadeia de reelaborações linguísticas e se reposicione subjetivamente. Para que isso ocorra, é necessário mexer com esses pais e implicá-los, só assim a análise pode funcionar.

Não é suficiente para Dolto, como Winnicott propunha, fazer uma única entrevista com os pais sem preocupação com a demanda de análise. As falas dos pais sobre a criança, sobre a queixa, são fundamentais para a análise e para a própria criança, mesmo que sejam falas distorcidas pelos conflitos dos próprios pais, como sugeria Klein e A. Freud, porque para Dolto a origem do sintoma da criança é justamente a estrutura familiar.

Anna Freud, Klein e Winnicott, davam pouca ou nenhuma atenção aos pais, quando esses pais são o Grande Outro das crianças. São eles os primeiros referenciais de mundo, de sociedade, para a criança. Winnicott inclusive falou da mãe como ambiente facilitador ou complicador do desenvolvimento infantil. Entretanto, na análise em si, esses analistas se voltavam apenas para a criança deixando os pais “de fora”, digamos assim.

Para Dolto, como já foi dito acima, a construção da criança como sujeito é através das falas desses pais, de como eles viveram e resolveram (ou não) os complexos de Édipo deles. Repetindo, o sintoma da criança é o sintoma da família. Então, é preciso dar lugar aos pais no processo terapêutico.

Quanto a técnica, Dolto trabalhava com a criança com o método do brincar, do desenho e da conversa. O objetivo era “fazer com que a criança verbalize seus afetos, expresse os conflitos e tensões” (Bernardino; Soler, 2012, p.211). A criança era incentivada a falar. Não convém interpretar o desenho, ele serve para orientar as

conversas e, caso a criança questione sobre o porquê de tanta curiosidade sobre o desenho, deve-se fazê-la falar sobre o que pensa do assunto.

Quanto ao brinquedo, Dolto não os oferece a criança, preferia partir de matérias-primas que a própria criança pudesse projetar, como com desenho ou modelagem. Segundo ela mesma explicou para Roudinesco (1944), a criança é uma improvisadora, podendo ela mesma fabricar o que precisa, não precisando do brinquedo, que Dolto já considerava um instrumento por demais projetivo e que dificultava a simbolização.

Dolto (1971/ 1988), preferiu usar em seus atendimentos apenas a fala, o desenho e a modelagem, e pedia que as crianças falassem dessas produções, e assim, toda interpretação se configurava em uma pergunta e não numa afirmação. Dolto enfatizava a receptividade e capacidade de escuta do analista. O trabalho do analista deve permitir que a criança reconheça o seu desejo.

Françoise ressaltou a posição de não realizar interpretações diretas das produções realizadas com recursos ofertados, tentando produzir na criança discursos variados sobre suas dificuldades e conflitos (Dolto, 1971/ 1988). O foco não era comunicar algo ao paciente sobre a fala dele, mas permitir instaurar uma escuta analítica fina, sensível, que permita que a criança fale de determinado assunto.

Segundo Bernardino e Soler (2012), durante todo o processo, os pais devem ser presentes e aderir ao tratamento, Dolto fazia questão de que a família estivesse envolvida no processo. E a cura de fato, e o fim da terapia, ocorria quando, além do desaparecimento duradouro dos sintomas, a criança consegue reagir às dificuldades reais da vida sem angústia, com respostas adaptadas.

Dolto (1971/ 1988) afirmava que o analista não devia formular qualquer juízo de valor, não deve colocar-se nem do ponto de vista moral, nem cultural. Como o objetivo é observar os elementos (pulsões e contrapulsões) que são as bases das reações aparentemente normais ou anormais de um paciente, há causas numerosas de erros, visto que, como se trata das reações de um ser vivo frente a fenômenos, o que influencia outro ser vivo, sendo um deles o paciente e o outro o analista. Então qualquer juízo de valor do analista tem mais a ver com questões dele próprio. Dolto quis falar nesse ponto sobre a importância do tripé da psicanálise proposto por

Freud: teoria, supervisão e análise pessoal para formação também do analista de criança. Há de se fazer estes analistas se indagarem sobre o desejo sintomático de querer ser analista de criança.

Segundo Dolto (1971/ 1988), o analista é ele próprio uma síntese adaptada a sociedade e a maneira pessoal como lida com isso influi sobre a sua objetividade e, por consequência, influi no manejo de atendimento. Então, para evitar esse inconveniente (como ela mesma se refere), a única maneira “é não praticar a psicanálise enquanto não tivermos sido nós próprios psicanalisados, o mais profundo e o mais longamente possível” (Dolto, 1971/ 1988, p. 150). Essa é, segundo ela, uma questão que não pode ser desprezada, como o próprio Freud enfatizou inúmeras vezes.

Na análise com crianças da Dolto (1971/ 1988), a necessidade é de que a criança resinifique a si mesma e não um espaço para o terapeuta brincar com achismos, sem ter um embasamento teórico sólido e uma análise pessoal que sustente a sua prática. Não adianta brincar com criança sem um mínimo de intervenção, de técnica que possibilite o imaginário da criança ser simbolizado, sem a sensibilidade de fazer a criança ab-reagir, reelaborar, e em outras palavras, viver a passagem do sintoma ao simbólico.

Uma crítica a Klein poderia ser o foco que esta dava ao imaginário, que, sem o devido manejo, não permite a simbolização de uma cadeia de significações da criança, deixando o inconsciente em aberto, sem conseguir dá um fechamento. O que pode ocorrer com frequência, se levado em conta que as interpretações feitas por Klein eram difíceis e nem sempre seguiam uma cadeia de significação.

Pode-se chegar à conclusão de que, a teoria de Klein não é simples, e se o analista não consegue dar conta da teoria de Klein, a ludoterapia se torna “iludo” para a criança e “terapia” para o terapeuta. Essa frase quer dizer que não tem importância o brincar pelo brincar, fazendo a análise ser uma ilusão para a criança, ao mesmo tempo que o terapeuta vai utilizar as sessões para reelaborar as próprias questões, ao invés de fazer a crianças se reelaborar.

Assim, além das teorias e técnicas utilizadas em consultório, Dolto contribuiu também de outras formas. Em 1969, ela teve um programa na rádio no qual ela se

intitulava Dr. X para responder perguntas de crianças. Esse programa gerou muito escândalo, especialmente na comunidade médica, devido aos médicos que queriam riscar o nome dela da Ordem dos Médicos alegando que era vergonhoso ela dar consultas pela rádio e que isso estaria acabando com o trabalho dos médicos. Mas não havia como identificá-la. Depois, ela ainda foi convidada para um programa educativo visando os adultos, os pais, mas explicou que psicanalistas não são educadores. Mesmo assim aceitou ajudá-los e sugeriu que o público enviasse cartas ao invés de telefonar, assim, muitos já iriam refletir, ao escrever, e às vezes encontravam respostas sozinhos (Roudinesco, 1944/ 2009).

Em 1979, Dolto fundou a Maison Verte, centro destinado a crianças com menos de três anos, acompanhadas dos pais, onde se tentava prevenir, pela palavra, eventuais problemas de relacionamento. Nesse espaço a criança é que era nomeada e os adultos, para a equipe, são pais/mães/guardiões desse ou daquele. O trabalho lá era o de falar com os bebês sobre o que os pais falam dos filhos à medida que esses iam falando, mesmo que fossem coisas dolorosas ditas pela mãe – como abandono do genitor ou decepção a respeito da criança ou de uma enfermidade ao nascer, coisas que provocam angústias terríveis nos pais – porque se tudo é dito muito cedo para a criança, ela suporta, ventila do ponto de vista psicossomático (Roudinesco, 1944/ 2009).

Como o bebê sozinho não tem meios para a sua subjetivação, então a fala do outro vai ajudar nesse processo. O bebê se constrói na relação entre-dois com a mãe e, como a psicanálise explica, a comunicação acontece de inconsciente para inconsciente, então, se a mãe está com alguma angústia, triste, em sofrimento, o bebê é sensível a esse não dito. Sendo assim, a fala – a elaboração em palavras sobre aquilo que o bebê sente – toma uma troca emocional, ajudando-o a suportar, a não adoecer. Além disso, as crianças precisam de outras crianças da mesma idade. Então a Maison acabou sendo um sucesso e pelo que se sabe, o projeto espalhou-se por diversos países (Roudinesco, 1944/ 2009). Comprovando as teorias de Dolto sobre a importância da linguagem para a saúde psíquica do bebê e da criança, e a importância de atendê-las desde a mais tenra idade.

Segundo Zimerman (2008), ainda há controvérsias no meio psicanalítico quanto a poder, ou não, considerar o tratamento emocional das crianças como uma

“verdadeira psicanálise”, considerando que Freud sempre se posicionou de maneira contrária a admitir que a psicanálise fosse um método aplicável a crianças. Mesmo assim, há o consenso entre os psicanalistas em geral de que a análise com crianças exige um treinamento prévio com adultos ou pelo menos simultâneo.

Assim, segundo Zimmerman (2008), essa posição de Freud contrária a considerar a psicanálise aplicável a crianças, possivelmente funcionou como forte inibidor para alguns analistas de futuras gerações. Entretanto, pelo que se pode perceber, ao mesmo tempo podemos lembrar que, Freud forneceu as bases teóricas para a compreensão do psiquismo infantil e também que ele preferiu não opinar sobre a guerra entre as analistas de crianças da época, Anna Freud e Melanie Klein, mesmo uma delas sendo sua filha. O que mostrava que o assunto passara então para outro plano e ele o deixara para outros analistas resolverem, afinal ele não tentou impedir os avanços quanto o atendimento de crianças, apenas não o levou a frente ele mesmo.

Lopes (2012), no seu artigo sobre a importância do tratamento psicoterapêutico infantil sob a ótica da psicanálise, mostra que, a análise com crianças é uma prática que continua a provocar interesse dos profissionais e pesquisadores da área, visto que, ainda há muitas questões a serem respondidas e uma multiplicidade de técnicas e referenciais teóricos ao dispor dos profissionais que enveredam por essa área. Por isso, se faz necessária uma formação sólida e continuada, que exige disciplina pessoal do terapeuta e uma postura coerente com a escolha do manejo técnico feita. E o recurso lúdico aparece como um facilitador para o diálogo terapêutico, ajudando a refletir a fala da criança e os sentimentos implícitos nela.

Um dos problemas que a psicanálise com crianças encontra é resgatar a fala da própria criança, que em geral encontra-se misturada às concepções que pais, professores e especialistas fazem sobre ela (MRECH, 2001). A solução deste problema, é o que Dolto propõe em sua teoria: escutar a criança e dar voz a ela, como ser desejante, que precisa desse suporte para estruturar seu psiquismo de forma saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise nasce, trazendo ideias que questionariam a visão de homem e de mundo que a sociedade tinha até então. A teoria freudiana sobre sexualidade infantil chocou a sociedade da época e continua a causar alvoroço por aqueles que não o compreendem. Mas foi a partir dele, de suas teorias e técnicas, que vários outros teóricos tentaram trabalhar um olhar diferenciado sobre a infância através da análise com crianças.

Anna Freud partiu de um método educativo para atender crianças sob uma perspectiva mais pedagógica para ajudar a criança à melhor se adaptar à realidade. Já Melanie Klein, utilizando o rigor puramente psicanalítico, criou o método do brincar, mostrando que o brincar, o lúdico, é a linguagem da criança. Donald Winnicott trouxe à tona a importância do ambiente no desenvolvimento psíquico do ser humano e, nessa perspectiva trabalha uma série de conceitos em torno da “mãe suficientemente boa”.

Mas até então, nenhum tinha se proposto a ouvir a criança, mais do que escutá-la simplesmente ou falar por/ com ela. Dolto trouxe essa proposta; ela era contra o método educativo e o uso de brinquedos. Propôs que o analista deixasse a criança livre para produzir o que desejasse, o que precisasse, através de desenhos, da modelagem ou da fala, sem tentar controlar ou reprimir os impulsos provenientes dos desejos inconscientes da criança.

Diferente de Klein, Dolto não interpretava diretamente ou falava usando a lógica racional, ela utilizava uma linguagem afetiva, pois a criança ainda não é lógica, e encorajava com poucas palavras que a criança falasse ao invés de interpretar diretamente e, através dessa fala a criança ia construindo significados, simbolizando e reelaborando.

Diferente de A. Freud, Klein e Winnicott, Dolto incluía os pais durante todo o tratamento, os escutando e trazendo para eles questionamentos que podiam provocar mudanças na dinâmica familiar e fazer deslizar a cadeia de significações do sintoma da família e, por consequência, da criança. Questionamentos esses queriam dando esclarecimentos ao mesmo tempo que os faziam pensar, eram provenientes das construções em análise.

Dolto trouxe a linguagem para o centro das discussões, deu voz à criança quando trouxe a importância da escuta, fazendo, através de uma comunicação de inconsciente para inconsciente (que ela buscou melhor realizar via técnicas que criou), os sentimentos da criança serem reelaborados e ab-reagidos. Além de colocá-las em um rumo que permitisse o deslizar das cadeias significantes, elaborando e descristalizando sintomas, criando uma técnica que, diferente das técnicas que já existiam – que falavam da criança ou pela criança - ajudava a criança a falar, a encontrar um lugar como ser desejante dentro da estrutura familiar.

Dolto instiga um olhar sobre a criança desde o princípio. Um analista que escolha trabalhar sob as teorias e técnicas desenvolvidas por ela deve ser sensível em todos os sentidos para percebê-la como um todo. Não tentar afirmar, interpretar, mas dar lugar a fala da criança e ser uma escuta sensível da mesma. Deixar que a criança produza livremente e conversar com ela com uma linguagem simbólica e afetiva, ajudando que ela fale de conteúdos que não conseguiria falar em nenhum outro lugar. O analista parece que pretende, em seu sintoma de analista de crianças, é estar preparado para ajudar os pais a contribuírem para o processo de cura da criança. Sempre lembrando a importância de manter o tripé sugerido por Freud: estudo da teoria, supervisão dos casos atendidos e análise pessoal.

As últimas palavras de Dolto antes de morrer foram um pedido de que nunca parassem de lutar pela causa das crianças. Esse pedido reflete bem a forma como Dolto viveu, pesquisou e trabalhou. Ela se interessava por todos casos de crianças, especialmente aqueles que ninguém mais queria atender e essas palavras deixam para as futuras gerações de analistas o incentivo de continuar estudando, de continuar buscando ampliar os conhecimentos sobre a análise de crianças.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO, L. M. F.; SOLER, V. T. da. A prática psicanalítica de Françoise Dolto a partir de seus casos clínicos. Tese (mestrado). Estilos clin. [online]. vol.17, n.2, 2012. p. 206-227. ISSN 1415-7128. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282012000200003&script=sci_arttext> Acesso em: 20 set. 2015.
- BOUKOBZA, C. “A construção do sujeito segundo Françoise Dolto”. In: BERNADIRNO, L. M. F. [Org] O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em construção. São Paulo: Escuta, 2006. p.81 – 86.
- COSTA, T. Psicanálise com Crianças. Coleção passo-a-passo. v. 75. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- DOLTO, F. (1984). A Imagem inconsciente do Corpo. Tradução Noemi Moritz kon. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. (1971). Psicanálise e pediatria Tradução. Álvaro Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1988. Disponível em: <<file:///C:/Users/L%C3%ADvia/Downloads/DOLTO%252c%20psicanalise%20e%20pediatria.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2016.
- FEBRAPSI. Françoise Dolto. Federação Brasileira de Psicanálise. febrapsi.org.br. Biografias. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482006000200013&script=sci_arttext> Acesso em: 14 nov. 2015.
- FERRARI, A. G. Sintoma da criança, atualização do processo constitutivo parental? Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2015.
- KUPFER, M. C. M. Françoise Dolto: uma médica de educação. Rev. Mal-EstarSubj. v.6 n.2 Fortaleza set. 2006. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482006000200013&script=sci_arttext > Acesso em: 20 set. 2015.
- LACAN, J. (1966). Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LOPES, R. B. Uma Revisão Sobre a Psicanálise Infantil. Psicologado. Psicanálise. Abr de 2012. Disponível em:<<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/uma-revisao-sobre-a-psicanalise-infantil>> Acesso em: 26 jun. 2016
- MRECH, L. M. Além do sentido e do significado: A concepção psicanalítica da criança e do brincar. Educação On-Line. 2001. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=153%3Aalem-do-sentido-e-do-significado-a-concepcao-psicanalitica-da-crianca-e-do-brincar&catid=9%3Apsicanalise&Itemid=20 > Acesso em: 26 jun. 2016
- NASIO, J. D. Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ROUDINESCO, E. (1944). Conversa com Françoise Dolto. In: Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas. / Textos reunidos, apresentação e revisão Marco Antônio Coutinho Jorge; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ZIMERMAN, D. E. Cap. 33: Psicanálise com Crianças. In: ZIMERMAN, D. E. Manual de técnica psicanalítica: uma revisão. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 347- 356.

THE INFLUENCE OF FRANÇOISE DOLTO IN THE PSYCHOANALYTIC TREATMENT WITH CHILDREN NOWADAYS

ABSTRACT:

This article aims to understand the basic theoretical principles of Françoise Dolto, and its influences in the current scenario of psychoanalytic clinic with with kids. This is a psychoanalytic research theoretical nature of hermeneutic methodology, guided by exegetical ideal aimed at reconstruction original meaning of the texts here worked, and conceptual history approach, which prioritizes the aspects of the history of the development of psychoanalysis with children focusing on the contributions of Françoise Dolto and making counterpoints with other important psychoanalysts of children, Anna Freud, Melanie Klein and Donald Winnicott, to highlight the unique contributions of Dolto. This work ended by emphasizing the importance of language as a starting point for the contributions of Dolto for psychoanalytical practice with children today.

KEYWORDS: Françoise Dolto. Psychoanalysis with children. Language.

L'INFLUENCE DE FRANÇOISE DOLTO DANS LA CLINIQUE PSYCHANALYTIQUE AVEC LES ENFANTS D'AUJOURD'HUI

RÉSUMÉ

La présentatrice a pour objectif comprendre les hypothèses théoriques de base de Françoise Dolto et ses influences possibles sur le scénario actuel de la clinique psychanalyste qu'avec les enfants. Ceci est une recherche psychanalytique de valeur théorique et méthodologie herméneutique, guidée par exégétique idéal que visant à la reconstruction de la signification original Ede texte sic travaillé, et avec approche historique et conceptuelle, qui priorise les aspects de l'histoire du développement de la psychanalyse avec l'enfants mettant l'accent sur les contributions de Françoise Dolto et faisant contrepoints avec d'autres importants psychanalystes de l'enfants, Anna Freud, Mélanie Klein e Donald Winnicott, permettre évidence les contributions originaux de Dolto. Centra valetait terminé en soulignant l'importance du langage commun point de départ pour les contributions de Dolto pour les pratiques psychanalytique Save cl 'enfanta aujourd'hui.

MOTS-CLÉS : Françoise Dolto. Psychanalyse avec les enfants. Langage.

Recebido em: 08-08-2016

Aprovado em:13-10-20

© 2016 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

A CRIANÇA E O LUTO: A VIVÊNCIA DA MORTE NA INFÂNCIA

Ilana Cortes¹ e Nilda Martins Sirelli²

RESUMO

O presente artigo aborda os possíveis efeitos da morte para uma criança. O luto é exatamente essa produção árdua de retorno aos traços que ligam o sujeito a um determinado objeto, até que ele possa incorporá-los, podendo se ver livre para investir em novos objetos. Contudo, que o luto não é uma reação automática diante da perda de um objeto, ele pode não acontecer, e inclusive ser dificultado por estratégias como o silenciamento diante da morte, como omitir o fato para a criança. Um luto não vivido não é sem efeitos, podendo produzir ainda mais sofrimento, e diversos sintomas, como depressões, fobias, e falta de investimento em si e na vida.

Palavras-chave: Criança. Morte. Luto. Criação.

¹ Aluna do Curso de Psicologia da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (FSMA – Macaé).

² Psicanalista, Doutora em Memória Social pela UNIRIO, Professora de Psicologia da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (FSMA– Macaé).

INTRODUÇÃO

Freud esclarece que o humano nasce no desamparo radical, sendo a espécie que está mais despreparada para a vida, despreparo neurológico, motor e simbólico. O desamparo é tal, que se não for tomado por um semelhante que o acolha e cuide, o bebê humano está fadado a morte. Tal fato é fecundo de consequências, pois é por seu semelhante que o humano apreende a conhecer-se.

Com Freud vemos que a mãe³ é o primeiro objeto de amor de toda criança, pois é por meio de seus cuidados que o corpo do bebê é erotizado, e começa a ser experimentado como possível fonte de prazer e de laço com o Outro. Ao mesmo tempo, por ela o bebê recebe uma série de estimulações, inclusive simbólicas, emergindo possibilidades de nomeação e reconhecimento. O pai⁴, como apontado por Freud, é aquele que tem por função barrar a relação do bebê com sua mãe, evidenciando que o desejo materno não se restringe apenas a criança, mas está para além dela. Função importantíssima, pois, como nota Lacan, é assim que o circuito não se fecha sobre a criança, e ela é lançada a um movimento de busca e reconhecimentos fora desse laço.

O pai se torna um objeto de identificação, pois a criança busca nele aquilo que supostamente lhe falta, mas que a mãe deseja. Os traços do pai tornar-se vias de ancoramento para a subjetividade infantil.

É imprescindível salientar que Freud (1914/2010) explica o fenômeno da identificação pela incorporação canibalística. Em tribos canibais não se come qualquer semelhante, mas apenas aqueles que têm atributos aos quais eu gostaria de ter em mim, ou seja, eu me alimento do outro para que sua força, sua coragem, etc. agora façam parte do que sou, sendo integrado em mim. Assim, a identificação em Freud não é uma simples imitação, ao me identificar com um outro eu tomo seus

3 A mãe é aquele que se ocupa em acolher essa criança na vida, lhe direcionado um olhar, cuidado, e lhe investindo desejo, não se tratando necessariamente da genitora.

4 Tal como demarcamos com relação a mãe, é importante destacar que o pai, como uma função, se trata daquele que interdita a relação da mãe com a criança, por ser para a mãe um objeto de desejo fora da criança.

traços para mim, os incorporo, e agora sou aquilo que acolhi do outro (como no caso do nome próprio).

Tais premissas ganham tanta importância, pois daqui começamos a apreender a função dos pais no universo infantil, para daí pensarmos: quais os possíveis efeitos da morte desses genitores para a criança? E mais, como poderia ser vivenciado o luto na infância?

A MORTE

"Morrer é duro. Sempre senti que a única recompensa dos mortos é não morrer nunca mais."
Friedrich Nietzsche

De certa forma, todos nós temos medo da morte, de forma que temer a própria morte, a morte de pessoas próximas, ou ainda os próprios mortos são possibilidades que afetam e interferem na vida das pessoas, ainda mais a vida de uma criança que perde seus entes queridos.

Apesar do seu caráter natural e biológico que a mostra como inevitável, a morte possui, ainda, um caráter simbólico que varia nas diferentes culturas e no decorrer da história, sendo para o homem ocidental moderno um sinônimo de fracasso, impotência, e, como tal, deve ser escondido a qualquer custo, pois retrata a 'falha' apesar de todo conhecimento tecnológico adquirido a favor da vida na área da saúde (COMBINATO e QUEIROZ, 2006; GIBRAN e PERES, 2013).

Assim, tornou-se um tabu, um assunto proibido, que é permeado por inúmeras fantasias e expectativas na aparente possibilidade de anular seus efeitos. "A morte, destino inexorável de todo ser, é dificilmente absorvida pela civilização ocidental, que diante do golpe narcísico mais contundente descobre caminhos tortuosos na doce ilusão de um drible possível" (MENDLOWICZ, 2000, p. 94).

Freud (2010[1915]), no texto *Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte*, texto que, aliás, convém enfatizar, possui um vívido caráter contemporâneo, oferece uma importante baliza para pensarmos a morte a partir da perspectiva psicanalítica. O autor pontua um não saber radical sobre a morte, muito mais potente que qualquer negação da cultura, já que desvela sua inexistência no inconsciente:

"Para quem nos ouvisse, naturalmente nos dispúnhamos a sustentar que a morte é o desfecho necessário de toda vida, que cada um de nós deve à natureza uma morte e tem de estar preparado para saldar a dívida, em suma, que a morte é natural, incontestável e inevitável. Mas na realidade nós agíamos como se as coisas fossem diferentes. Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida. Procurávamos reduzi-la ao silêncio [...] pois a própria morte é também inconcebível, e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores. De modo que na escola psicanalítica pudemos arriscar a afirmação de que no fundo ninguém acredita na própria morte; ou, o que vem a significar o mesmo, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade" (p.230).

A irrepresentabilidade da morte é a questão, de forma que, embora em contato com a experiência da morte de outros, jamais seremos capazes de tecer representações da nossa própria morte, já que a morte é a ausência de toda e qualquer representação, e, logo, nela não há atividade psíquica. Assim, se não há registro da morte no inconsciente, a imortalidade torneia a fantasia que criamos em torno desse não saber fundamental. A experiência da nossa própria morte é algo que nos foge, a novidade e a surpresa que nos esperam em algum momento, de alguma forma, em algum lugar, o irrepresentável daquilo que nunca vivemos de fato, apesar das várias tentativas de representação oferecidas por crenças, religiões, arte e ciências, que, porque não, podem também ser vistas como fruto desse mesmo irrepresentável, como tentativas de construir saberes sobre ele (HARTMANN, 2005).

Cassorla (1992) aponta que estar diante da morte, e não poder controlá-la, tende a uma ferida narcísica, no sentido de não sermos senhores dos nossos destinos e ignorarmos o conhecimento do que acontece após a morte. É, como já mencionado, o terror diante do não-saber.

Dessa forma, podemos ainda recorrer a Freud em seu texto *O Estranho* (1976[1919]), onde ele nos fala que "o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar" (p. 277). Nesse exato contexto podemos incluir a morte como o "estranho velho conhecido", o fato inevitável com o qual não queremos contato, sendo, portanto, estranho àquilo que não sabemos como abordar. Complementa, ainda, que "não é motivo para surpresa o fato de que o primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação" (FREUD, 1976[1919], p. 302). Isso pode nos levar por uma discussão que encare o silêncio que muitos optam por manter quando nos referimos a esse assunto, como uma resistência ao

que há de mais familiar, porém estranho. Assim, supomos que a morte de entes queridos pode suscitar em nós todas essas questões até então lá mantidas, trazendo-as à tona.

Ainda se referindo as estratégias de silenciamento diante da morte, por diversas vezes o silêncio é a resposta dada a uma criança diante da morte de um dos pais. Em diversos casos simplesmente se omite o fato dizendo que o ente querido está “dormindo”, “viajou”, “foi para o céu”, sem de fato apontar para a criança que ela não verá mais a pessoa amada, e sem evidenciar que é algo que causa sofrimento a todos, o que permitiria que a criança pudesse ao menos viver seu sofrimento partilhando com os demais.

Cabe notar que o caráter estranho e a opção do silêncio perante esse tema é uma opção encontrada nos adultos, pois as crianças falam sobre a morte com naturalidade e despreocupadamente, como Freud ainda salienta no texto de 1915: "Querida mamãe, quando você morrer, vou fazer isso ou aquilo" (p. 230). As crianças não possuem pudores ao ameaçar amigos de morte, ou falar sobre a morte daqueles que mais amam. Não existe qualquer contradição ou temor nessa postura.

Então, como seria essa experiência da morte dos pais para esses pequenos sujeitos? Para a criança, a morte dos genitores pode ser de grande impacto, pois além do desamparo sentido pela perda do referencial direto de cuidado, há também um corte na ilusão narcísica de onipotência nesse momento específico em que ela é também fonte de segurança (FRANCO e MAZORRA, 2007). Em outras palavras, é uma profunda ameaça à sua sobrevivência, pois se perde, além do genitor que morreu, a situação familiar anterior, e a ilusão de ser protegido e cuidado, não estando exposto aos riscos da vida.

Em muitos casos ainda, a família precisa se reestruturar diante da perda, o cotidiano é alterado, e o genitor sobrevivente também está enlutado, ninguém permanece o mesmo.

Freud aponta que um luto só pode ser despertado se o objeto perdido encerra em si uma série de traços de memória, sendo ponto de ancoragem para a constituição subjetiva de um sujeito. Nesse sentido, concluímos que a perda do casal parental, ou de um deles, é capaz de despertar um processo de luto.

O LUTO

Em *Luto e Melancolia* (1917[1915]/2010), Freud nos situa quanto ao Luto, apresentando seu caráter 'saudável' na medida em que possibilita ao sujeito encontrar um caminho frente à perda sofrida. "Via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc" (p. 171), assim o luto não acontece somente diante da perda de uma pessoa, mas de qualquer objeto de grande investimento para o sujeito.

Embora, como salienta Freud, o sujeito adote uma postura que foge a sua conduta normal, esse estado não deve ser visto como patológico. Um doloroso abatimento cai sobre o sujeito, onde podemos observar o desinteresse pelo mundo externo, incapacidade de escolher um novo objeto de amor, afastamento de toda atividade não relacionada ao objeto perdido. No entanto, o que vemos é uma exclusiva dedicação do Eu ao luto, não restando nenhuma energia para outros interesses. Assim, é importante que um sujeito possa viver a perda do objeto, e que não seja forçado a passar por ela negando sua existência.

O Eu não declara o objeto imediatamente perdido, mas é forçado pela realidade a admitir que o objeto amado não existe mais, o sujeito deve retirar toda libido das conexões com esse objeto, mas em contraponto, "observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal" (FREUD, 1917[1915]/2010, p. 173). Quanto maior a importância que o objeto perdido tem para o sujeito, mais conexões estarão nele engendradas, e maior será a libido que nele estará investida. Dessa forma, cumprir a solicitação da vida de retirada desse investimento requer tempo e energia, e é um trabalho que é feito aos poucos, pois, nas palavras de Freud, "cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido" (FREUD, 1917[1915]/2010).

Nota-se, então, que o que se perde vai além do objeto em si. Há uma perda radical do que antes estava posto para esse sujeito, e a partir de então ele se encontra sem nenhuma garantia, em processo de subjetivação que pode ativar os mais diversos mecanismos de defesas (SIRELLI, 2014). Grande parte de si mesmo,

das inscrições psíquicas do sujeito, bem como desejos e expectativas são sentidas como perdas junto com o objeto.

A representação inconsciente do objeto é constituída por inúmeros traços, impressões singulares, dos quais a libido investida precisa ser retirada, logo, esse processo não pode ser instantâneo, mas sim demorado e gradual. Um objeto de grande importância para o Eu, como já mencionado, é reforçado por muitos nexos. Ao fim desse processo, o Eu estará novamente apto a reinvestir em outro objeto. Durante o luto o Eu é levado "a renunciar o objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo" (FREUD, 1917[1915]/2010, p. 192). Há, portanto, uma celebração da vida ao final do luto.

Durante o processo de luto, o sujeito deve encarar a perda, acontecimento que não ocorre sem dor. Deve deixar o objeto ir embora, optar por não permanecer nos escombros do que se foi (SIRELLI, 2014). Em outras palavras, não há luto sem dor, é um processo necessário no qual devemos permitir que o sujeito, a seu tempo, seja capaz de desligar-se do objeto perdido e relançar-se em busca de um novo objeto. Por um período, o mundo deixa de ser interessante na medida em que ele não lembra o morto, e qualquer atividade que não esteja ligada a sua memória perde o sentido. O que ocorre, é uma dedicação exclusiva do eu ao luto.

No interessante jogo de palavras usado por Castelo Branco (2009), "o luto toma, então, o sentido do verbo lutar em português [...]: eu luto! *Luto* contra o vazio que tenta me abarcar, *luto* contra o não-sentido devastador da perda e só isso me torna capaz de reagir". Em um primeiro momento, a ligação objetual com o objeto eleito é estabelecida, sendo seguida pela perda desse objeto que varre todos esses laços de amor, esvaziando-os. Finalmente, em um terceiro momento, estabelece-se o trabalho de luto, uma busca por ressignificar o vazio do laço amoroso e o não-sentido da finitude, o real exposto pela falta do objeto, para, posteriormente, ser capaz de ligar-se a um novo objeto.

Nessa lógica, Freud aponta uma diferença fundamental entre luto e melancolia, que exceto por esse aspecto, apresentam características muito semelhantes: além de todo desinteresse no mundo externo e incapacidade de escolher um novo objeto de amor, há na melancolia uma enorme diminuição da autoestima, onde o próprio

Eu, e não apenas o mundo sem o objeto, se torna pobre e vazio. O prêmio por continuar vivo não se observa no melancólico, que se culpa e se agride nessa identificação vivida com o objeto perdido.

Segundo Freud (1927[1915]/2011), apenas um objeto de grande significado se prestará a provocar um luto. Um objeto só adquire tamanha importância para o sujeito quando está repleto de investimento libidinal, ligado a inúmeros traços de memória, como vimos. Por conseguinte, essa perda movimenta todo um encadeamento psíquico e diversos investimentos, exigindo do sujeito uma completa reordenação da memória (SIRELLI, 2014).

Para observarmos esse reordenamento, cabe retomarmos brevemente a questão da temporalidade. O inconsciente não segue a linearidade temporal conhecida por nós, onde início, meio e fim imperam na realização dos atos e tentativa consciente de organização de lembranças. A intensidade dos afetos contidos em determinada representação não se altera com a passagem do tempo em si, ao mesmo tempo em que tal representação não muda, esvaece ou diminui com o passar dos anos. O que pode ocorrer, no entanto, são ressignificações de determinadas representações a partir de experiências posteriormente vividas, mas o simples transcorrer do tempo cronológico não possui nenhuma consequência no inconsciente, apenas na ordenação consciente feita deste (SIRELLI, 2014).

Assim, com a perda de alguém que amamos, ou seja, com o desaparecimento desse objeto repleto de investimento, segue-se um grande trabalho de reordenamento de memória e ressignificação das experiências ligadas a este que não mais existe. Planos, projetos, rotinas, tudo precisa ser ressignificado, reorganizado, reordenado. Todas essas memórias plenas de afeto tomam toda a energia do eu, completamente absorvido por esse trabalho, até que então esteja pronto para desligar-se do objeto e disponibilizar-se para nossas possibilidades.

Como vimos anteriormente, nossa cultura opta pelo silenciamento diante da morte, pelo abafamento e supressão das fortes emoções que acompanham a perda de uma pessoa amada, como se o tempo fosse apagar tudo que ocorreu. Porém, observamos que isso vai de encontro às descobertas de Freud. Precisamos lembrar para esquecer, super investir para, então, reordenar e ressignificar nossa memória,

e encontrar para o objeto perdido uma posição condizente com a realidade da sua ausência.

Conforme salienta Sirelli (2014), "no luto toda ambivalência de nossa relação com o objeto pode aparecer, inclusive marcada pelo ódio do objeto que se foi, pelo fracasso daquele investimento, que deixa o sujeito à deriva". Nos deparamos com o desamparo que nos é constituinte, e o luto pode ser uma saída encontrada diante deste. Possível, porém não única e inevitável. É uma saída que implica o sujeito ao deparar-se com a dor e a infinidade de conexões com o morto. Saída que implica lembrança, não esquecimento. As "técnicas de esquecimento" exaltadas pela sociedade e seu tabu no que se refere à morte, ao contrário, impedem um trabalho de luto adequado, recalcando o que provoca a dor (a lembrança do que foi perdido). Esse recalcado, no entanto, não deixaria de produzir consequências, saindo do seu lugar de não dito para assumir seu poder através da repetição (MEZAN, 1989).

Ainda nas palavras de Sirelli (2014),

Como consequência, o luto pode acolher em si o que está por excelência perdido, se refazer a partir dos traços do objeto perdido, que permanecem vivos em mim, e ao desposá-los, sou convocado a uma reconstrução, a me reinventar pela incorporação, pela assimilação de seus traços. Os traços mnêmicos do objeto permanecem vivos em mim, independente da presença real do objeto. A lógica do luto é como a proposta por Nietzsche em que digestão vigora sob a ruminação, o que implica em deixar fazer parte de mim, me reposicionando diante não só da vida, mas de mim mesmo (p. 118).

Em suma, o processo de luto vai de encontro a esquecer. Ele está diretamente ligado à apropriação da dor, da ausência, como uma via para ressignificação e possibilidade de seguir em frente, apesar da falta. O sujeito se torna outro a partir dessa experiência, através dessa perda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto e o processo pelo qual a libido investida no objeto perdido, poderá ser redirecionada para o próprio eu. O eu se mostra empobrecido diante da perda de um objeto, e só pode voltar a ser investido se o sujeito se apropria dos traços do objeto, e os incorpora ao eu. Assim, o sujeito não se desfaz do objeto, mas o torna parte de si, alterando-se, modificando-se com o processo.

Muitas vezes a criança é impedida de viver o luto, pelos mais diversos motivos: não são comunicadas sobre a morte de seu ente querido, inventando histórias, ou simplesmente silenciando, ou são impelidas a continuar a vida como se nada tivesse acontecido. Tais mecanismos que forçam uma indiferença impossível de acontecer podem ter consequências catastróficas.

A melancolia evidencia que o luto não é uma reação automática diante da perda de um objeto de grande investimento, o luto pode não acontecer, e o caminho que leva o sujeito a se tornar livre para investir em novos objetos pode não se dar. Nesse sentido, a morte do casal parental pode engendrar os mais diversos sintomas: depressão, fobias, e dificuldades de investir nos outros e na própria vida.

Nesse sentido, pretendemos dar continuidade a nossa pesquisa, estudando a ocorrência de sintomas depressivos em crianças impossibilitadas de vivenciar o luto.

REFÊNCIAS

BRANCO, F.C. Tristes Tópicos: um estudo sobre a melancolia em Freud. Dissertação de Mestrado (Inédito), UERJ. RJ, 2009.

CASSORLA, R. M. S. Reflexões sobre a Psicanálise e a Morte. *In* KOVÁCS, M.J.. Morte e Desenvolvimento Humano. SP: Casa do Psicólogo, 1992. p. 90 a 110.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 209-216, 2006.

FRANCO, M. H. P; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia - Campinas*, 24(4), 503-511, 2007.

FREUD, S. O Estranho, 1919. *In* Obras psicológicas de Sigmund Freud. L. A. Hanns (Coord.), vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1976.

FREUD, S. Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte, 1915. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. Luto e melancolia, 1917 [1915]. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. O inconsciente, 1917 [1915]. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. Notas Sobre o Bloco Mágico, 1925. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2016.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo, 1914. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2010.

GIBRAN, R. C. R.; PERES, R. S.. Luto: questões do manejo técnico na clínica psicanalítica. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, 2013, v. 14, n. 2.

HARTMANN, F. Violência e Discurso. *In* ROSA JR, N. C. D. F. Violências e Contemporaneidade. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005, p. 45-52.

KOVÁCS, M. J. Morte e Desenvolvimento Humano. SP: Casa do Psicólogo, 1992.

MENDLOWICZ, E. O luto e seus destinos. *Revista Ágora*, 2000, v. III, n°2, p. 87-96.

MEZAN, R. Esquecer? Não, in-quecer?. *In*: Fernandes, H. (Org.) O tempo do desejo: psicanálise e sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SIRELLI, N. M. O trabalho de luto e a potencia do esquecimento. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro/UNIRIO (inédito). 2014.

THE CHILD AND MOURNING: THE EXPERIENCE OF DEATH IN CHILDHOOD

ABSTRACT

In our research we studied the effects of the death for a child. Grief is exactly this arduous production return to traits that bind to a given object, until it can incorporate them into I can be free to invest in new objects. We conclude that grief is not an automatic reaction to the loss of an object, it can not happen, and even be hampered by strategies such as silencing the face of death, such as omitting the fact for the child. A mourning not lived is not without effects, and may produce more suffering, and various symptoms such as depression, phobias, and lack of investment in themselves and in life.

KEYWORDS: Child. Death. Mourning. Creation.

LES ENFANTS ET LA DOULEUR : L'EXPERIENCE DE LA MORT DANS L'ENFANCE

RESUME

Dans notre recherche, nous avons étudié les effets de la mort pour un enfant. Le deuil est exactement ce retour de la production ardue à des traits qui se lient à un objet donné, jusqu'à ce qu'il puisse les intégrer dans je peux être libre d'investir dans de nouveaux objets. Nous concluons que la douleur n'est pas une réaction automatique à la perte d'un objet, il ne peut pas se produire, et même être entravé par des stratégies telles que faire taire face à la mort, comme en omettant le fait pour l'enfant. Un deuil non vécu est pas sans effets, et peut produire plus de souffrance, et divers symptômes tels que la dépression, les phobies, et le manque d'investissement en eux-mêmes et dans la vie.

MOTS-CLÉS : Enfant. Mort. Deuil. Création.

Recebido em: 02-08-2016

Aprovado em: 21-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

SATURNO E NUN: O DESAMPARO E O SER EM DEPRESSÃO

Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães¹

RESUMO:

O presente trabalho propõe situar o desamparo como núcleo constituinte na depressão, por meio da revisão bibliográfica utilizando o método dedutivo, para melhor compreensão o tema. Para isso, foi retomada a referência do astro e figura mitológica grega de Saturno e da mitologia egípcia, Nun, como representantes do Caos. Posteriormente, foi feito o levantamento do desamparo nas contribuições de Freud (1996) e dos psicanalistas contemporâneos Deloya (2000; 2002), Fédida (2009), entre outros. A partir disso, foi realizada a investigação psicanalítica, acerca do desamparo no sujeito com depressão, a sua psicodinâmica, os conflitos internos envolvidos e as particularidades desse universo vivenciado por estes sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão. Desamparo. Psicanálise. Mitologia. Caos.

¹ Psicóloga, licenciada em Letras, especialista em Saúde Pública. Atualmente é aluna no curso de Mestrado na Universidade Federal de Uberlândia, matriculada no curso de Psicologia, com ênfase em Psicanálise e Cultura. Rua Izaura Augusta Pereira, 314, Santa Mônica, Uberlândia, MG. (34) 9224-5215 | anarosa.psi@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetivo por meio da revisão bibliográfica-dedutiva, averiguar as possíveis correlações entre o estado do ser deprimido e suas afinidades com o desamparo primário do ser humano. Para tanto, há a necessidade do retorno à mitologia clássica, a fim de observar alguns de seus personagens, no que se refere às perdas originárias, ao Caos e ao estado depressivo e de desamparo. Posteriormente, com o arcabouço teórico psicanalítico pretende-se fazer a articulação entre a psicodinâmica da depressão e o desamparo inicial, oriundo do humano.

A depressão convida o indivíduo ao movimento negativo e lento: recolher-se, paralisar-se, deter-se, observar-se fora de si, ou seja, um movimento que tende à supressão do agir. Talvez, seja por isso, que as grandes imagens usadas para se referir a ela retratem seres pequenos e passivos diante de algo maior que toma, envolve e é o verdadeiro agente da emoção: a noite que cai, a velhice que chega, o frio da separação, a certeza da perda.

SOBRE A DEPRESSÃO E O DESAMPARO

A vida não ter sentido é uma expressão queixosa que sugere a ideia de que existe, em algum lugar, um sentido a ser buscado, uma completude da qual se está excluído. Edler (2008) indica que na psicanálise o desejo se constitui em torno de uma falta fundadora, em uma incessante procura a um malogro parcial, já que não é possível, em termos humanos, uma completa realização. Da Antiguidade até o Romantismo, o melancólico é constituído como sendo um indivíduo que perdeu seu lugar junto ao Outro. Nas contribuições de Kehl (2009), percebe-se o que o melancólico é aquele a quem é consumido em ruminções, arrependimentos, dúvidas e investigações, estas, variantes do sintoma social e representavam preciosos elementos de compreensão das condições de inclusão dos sujeitos no laço social ao longo da história.

As experiências cruéis como o nascimento, a fome, a solidão, o desmame – a experiência dos primeiros lutos, todos carregam para sempre, seja uma experiência elaborada ou temida. De acordo com Guariante (2004), as primeiras separações, possivelmente traumáticas agem como uma ferida aberta, nunca cicatrizada e suas

consequências traumáticas são representadas pelo sofrimento, pelo padecimento e repetições nas vivências do indivíduo. A perda, com isso, ultrapassa o nomeado e o conhecido, por estar arraigado nas profundezas inconscientes e nas relações internas, vistas e projetadas nas relações externas. A depressão melancólica, que repousa na perda de um ideal fracassado, de um objeto não realizado, de um bem material não conseguido, na transitoriedade do tempo perdido ou de um simples desejo que não encontrou satisfação, pode estar silenciosamente desaguando em outro lugar mais turbulento e desconhecido.

O desamparo presente na depressão esboça uma região ou território psíquico que requer, necessita de uma cobertura pelo objeto. Este estado enfermo, desperta falhas efetivas, estabelecidas nas vias de trocas primárias com o objeto. A depressão é o cerne da condição humana, do desamparo de origem, sendo ela, essencialmente defensiva. Para Deloya (2000), o estado de desamparo resulta das necessidades vitais e exigências pulsionais e, de outro lado, do universo humano, sobretudo do intrusivo mundo pulsional da mãe. Além de disfarces, a defesa depressiva reflete qualidades específicas de vivências, traumáticas que remontam a falhas junto ao objeto, mas é, também, uma expansão defensiva, como uma caverna, a qual protege o indivíduo de forma maciça com que se apresenta o conjunto dos estímulos sensoriais para o recém-nascido.

O aparelho psíquico em sua totalidade, do mesmo modo que na depressão, são regidos por um princípio defensivo, o qual, segundo Deloya (2002), o espaço psíquico na depressão está sob ameaça, uma vez que, o afeto jamais se desvincula da representação psíquica. A tentativa, na depressão, de repelir o universo sensorial desafeta, em um e só movimento, o mundo interno e externo e seus objetos. O nascimento que acarreta este efeito depressivo, também como medida defensiva, busca no objeto a restauração do gozo de fusão de origem.

Freud (1996) relacionou, a partir de Abraham, o afeto depressivo a uma situação traumática, ou seja, um sinal, uma marca que transpassa o tempo e o espaço. Contudo, o estado de *hiflosgkeit* desamparo ou desvalimento infantil trata-se do trauma do nascimento da representação de si, investida afetivamente, onde houve a perda-falta que visa restaurar o objeto original.

Quando, por exemplo, uma criança é deixada sozinha no escuro, seria de esperar que a mesma, recebesse de bom grado o restabelecimento da situação intrauterina, porém, é precisamente em tais ocasiões que a criança reage com ansiedade. De fato, decorre da lembrança da criança da interrupção que o evento do nascimento causou em sua felicidade intra-uterina, torna-se impossível se vangloriar com tal retorno imaginário. Uma criança na escuridão, sozinha, ou quando se encontra com uma pessoa desconhecida, ao invés de uma com a qual ela está habituada- como a mãe dela. Esses exemplos podem ser sintetizados a uma única condição – a de sentir falta de alguém que é amado e de quem se sente saudade (FREUD, 1996).

O imaginário do desamparo suscita com clareza, do desinvestimento, acarretado pela separação do corpo da mãe, diz respeito não somente à exposição dos contornos do Eu incipiente, mas ao *“espaço vazio que ela deixou em mim”* e apela *“retorne!”* (DELOYA, 2002, p. 31). O apelo implícito do desamparo ascende sobre o narcisismo primário e seus emblemas, o qual o trauma de origem é o que o estanca. É por meio do narcisismo, e conforme a lógica própria à temporalidade psíquica, que a depressão aparece. Se for remetida ao trauma de origem, nele revelará uma depressão originária, que tem como sucessor a depressão-sinal que, à semelhança da angústia-sinal, constitui um alerta, um estado defensivo frente a uma ruína iminente.

A perda do objeto de origem recai sobre o Eu-ideal, o que conduz, na depressão aguda, a oscilação entre a impotência e a onipotência. Tal absorção, que visa proteger o Eu de uma implosão iminente, constitui o contexto de todas as formas de retraimento, de impotência e de limitação do pensamento e do afeto nas depressões agudas e crônicas. Para Deloya (2002), a carência de um conteúdo na depressão, característica da patologia do Eu, encontra na transferência seu elo representativo com o desejo almejado ao ambiente de origem. Sendo assim, a depressão e o afeto depressivo estão inserido em uma condição originária, isto é, houve uma plenitude, uma suficiência outrora, mas, que foi perdida.

Nas concepções astrológicas da Antiguidade, a respeito da supremacia de *Saturno* na influência do estado melancólico dos indivíduos, percebe-se, contudo, que *Saturno*, na mitologia grega e romana foi representativo do Caos. Bulfinch

(2006) destaca que *Júpiter ou Jove (Zeus)*, embora chamado de pai dos deuses e dos homens, teve um princípio, sendo filho de *Saturno (Crono)* e *Réia (Ops)*, que pertenciam à raça dos titãs, filhos da Terra e do Céu, que surgiram do Caos. Antes que a terra, o mar e o céu tivessem sido criados, todas as coisas tinham um único aspecto, ao qual se denomina Caos – uma massa confusa e informe, nada além de peso morto, na qual, entretanto, repousava, as sementes das coisas. Contudo, as descrições a *Saturno* não são muito coerentes. Para alguns, o seu reino foi considerado a idade áurea da inocência e da pureza; mas, para outros, é descrito como monstro que devorava seus próprios filhos.

Sendo assim, para a mitologia grega e romana, o início do mundo foi composto a partir e devido ao Caos; metaforicamente, o trauma do nascimento representa uma condição intra-uterina que traz consigo o acolhimento, a alimentação, o refúgio e o conforto propiciado pela mãe e sua placenta - a completude. No entanto, do encontro dos gametas até a fecundação, da formação de todos os tecidos, dos órgãos e formação do todo do bebê, há o a multiplicação, o crescimento, os processos de meiose e de diferenciação, assim, o bebê passa, inicialmente e necessariamente, por um processo de Caos, como o Universo, que necessariamente, deverá sofrer uma mutação, a fim de Ser.

Como na mitologia grega e romana, na mitologia egípcia, de acordo Seganfredo; Franchini (2012), no mundo apenas existia *Nun*, o grande oceano primitivo que, posteriormente seria chamado pelos sábios de “sagrado Nilo”. Ao seu redor, reinam o silêncio, as trevas e o caos infinito, não havendo ainda olho humano que possa perceber a ausência das formas, dos volumes e das cores, já que vida alguma existe ali. O informe deus *Nun* permanece imerso desde sempre em seu sono primitivo, não passando ele – e o próprio universo, já que *Nun*, o grande espelho liquefeito de águas imparciais, escuras e silentes, a refletirem o nada inexpressivo que habita o mundo.

E então inesperadamente, o grande mistério acontece: *Nun* começa subitamente a mover-se despertando, enfim, de seu longo sono primordial, da mesma forma que o crescimento e maturação dos bebês. Aos poucos a força vital de *Nun* começa a operar, e das profundezas do mar revolto surge lentamente uma pequena ilha envolta pelo impenetrável manto da escuridão. Para Seganfredo;

Franchini (2012), o universo conhece seu primeiro momento de espantosa beleza ao contemplar a escuridão transformadora do Nada e do Caos.

Nesse sentido, o modelo imaginativo da placenta como perfeito e total, quando o bebê já foi formado, onde o Caos e o Nada já se afastaram, a princípio, o ventre materno, no cenário do deprimido, para Deloya (2002) torna-se uma companhia de retorno e de falta inseparável. No estado depressivo é notável os sentimentos e sentidos de perda, parcial ou quase completa, uma vez todos os sentidos sensíveis, inclusive o sexto, podem ser assim, afetados, prejudicados. A depressão é um “afeto” que priva o sujeito do sentir, dos sentidos dos afetos. O desamparo e o apelo, que lhe é correlato, portanto, colocam em evidência, de um lado, a frustração de alcançar uma plenitude e, de outro, a decorrente demanda de fusão ou sua restituição mítica.

Nos estudos de Fédida (2009), a depressão é uma doença humana do tempo que afeta a representação e a ação, as potencialidades da linguagem, assim como a comunicação com os outros. É considerada uma psicopatologia do tempo nos estados deprimidos refere-se, portanto, tanto ao corpo da ação quanto à comunicação intersubjetiva. A primeira impressão que o deprimido transmite tende a mascarar justamente o agito, a excitação aflitiva e a força desmedida contra as quais ele precisa se defender, erguendo a depressão. O fenômeno da lentificação, ou mesmo a paralisia, expressam uma defesa, um resguardo ante um excesso que, mediante a falha espetacular, deixou de servir de fonte, de valor metabólico, na construção de uma imagem integrada de si que possibilitasse ao sujeito se apropriar de seus movimentos, de suas vivências (DELOYA, 2002).

A atenção, na depressão é atrelada a uma vivência cuja modalidade é de estar diante de uma configuração que se coloca fora do eu e da qual foi excluído. Na dor do reconhecimento da própria tristeza é possível a este corpo restaurar a vivência da qual se viu obrigado, em certo momento, a se retirar ou da qual jamais se inteirou. O regime do princípio prazer/desprazer baixa para sua modalidade mais primitiva que visa evitar a dor e o desprazer. O afastamento e mesmo a evacuação dos estímulos sensoriais e pulsionais expressam um retrocesso do aparelho psíquico para seu modo mais primitivo de funcionamento: o da fuga.

Fédida (2009) levanta a ideia de que a depressão é um afeto, cuja característica seria a alteração do tempo, a perda da comunicação intersubjetiva e, correlativamente, o empobrecimento da subjetividade. É verdade que, em geral, a tristeza acompanha o estado deprimido, mas, em certo sentido, ela já representa uma volta ao movimento, uma reanimação da vida. O estado deprimido poderia ser visto, assim como angústia, como um estado de afeto arcaico no qual o corpo desempenha um função determinante de vivência. Se existe uma doença do vivente humano, ele seria, por definição, a depressão, então se pode considerar como vital esse afeto de aniquilamento do psíquico. Falar de depressão vital retoma à ideia, antes de tudo aristotélica, de que a depressão é uma doença da forma – o psíquico sendo aquilo que dá forma ao vivente.

A “pele”, sensível aos estímulos sensórios e ao impacto de suas figurações estéticas, leva, nas depressões agudas (de cunho dissociativo ou psicótico) a uma efetiva “corrida às cavernas”, a um retraimento físico, a um comportamento confundido e interpretado, frequentemente, como decorrente de um temor claustrofóbico. A depressão observada é, nesses casos, um verdadeiro sinal de esperança (DELOYA, 2002).

No mundo primevo instaura-se, segundo a nova ótica de Meltzer, um jogo em que a operação da identificação projetiva e de seu complemento, a identificação introjetiva, colocam o sujeito em relação ao corpo materno – e “no” corpo materno – transpondo-o para estados de mente, de vivência e de ação, orientadas pelas modalidades funcionais das zonas psicosexuais dentro das quais, o sujeito se torna prisioneiro. O indivíduo encontrando-se desde sempre mergulhado na fantasia (DELOYA, 2002). Sob tais retornos e possíveis sensações de intimidade, Fédida (2009), relata que o estado deprimido é, em suma, comum é familiar, devido ser considerado um estado do desumano. Seria a própria aparência humana que se apaga, o simples gosto ou rosto, tonalidade da voz nas palavras, simples impressão de um sentimento ou lembrança. A depressão toma o aspecto violento do aniquilamento do vivente humano.

Segundo os estudos de Edler (2008), as depressões, em suas matrizes e contornos, sobretudo as de inspiração neurótica, sofreram uma mudança significativa tanto na forma de manifestação quanto no sentido qualitativo. É notório

o desejo de incorporar o objeto, sendo compatível com a fase oral do desenvolvimento, o que remonta a origem de constituição do psiquismo. Com o narcisismo, visto como forma de investimento libidinal no próprio eu, e o eu, por sua vez, sendo primordial na relação com o Outro, torna-se palusível a ideia de que o narcisismo e a identificação narcísica sejam noções tão próximas que podem mesmo ser considerados modos idênticos de funcionamento libidinal.

A experiência comum do estado deprimido pertence a quase física sensação de aniquilamento, um vez que, essa sensação quase nem chega a ser um afeto que se experimenta e parece muito distante da percepção de um sofrimento vivido pelo sujeito. A aniquilação representa mais uma imobilização, um impedimento de se sentir os menores movimentos da vida interna e externa, à abolição de qualquer devaneio ou desejo. O pensamento, a ação e a linguagem parecem ter sido dominadas por uma violência do vazio e do Nada. A vida está vazia, não há gosto ou interesses, e predomina a incapacidade de se fazer o que quer que seja. Essa queixa é triste, mas de uma vivência sentimental quase desapegada, sem afeto. Não é um lamento que manifeste ou anime uma interioridade: é uma voz que constata um processo de desaparecimento.

A vigilância do estado depressivo seriam, para Fédida (2009) uma espécie de absorção na “morte de si” contida numa atividade auto-erótica do chupar do bebê – um cenário mudo onde o deprimido tenta se “alimentar no chupar”. Deloya (2002) destaque, com isso, que o quanto maior o recuo depressivo, maior é o desalojamento do universo afetivo humano, sendo que, a intolerância à dor depressiva, ou a angústia que abriga, os impele para uma oscilação constante entre os estados depressivos e refúgios festivos, de caráter e traços perversos de diferentes tipos.

Entretanto, para Roland Kuhn, “depressão vital” designa, uma unidade fenomenal do humano na experiência da existência (ser-no-mundo e ser-com). A expressão “depressão vital” conota ao mesmo tempo uma dimensão do psíquico, naquilo que ele tem de vital e articula-se são que é depressivo em um sujeito que não mais dispõe de sua capacidade de ressonância (FÉDIDA, 2009). Sendo assim, Guariente (2004), diz que o Instinto de Vida expressa-se através dos atos e pensamentos otimistas, bondosos, criadores e unificadores. Busca-se o movimento

e um estado novo das coisas. Promove integração, proteção, amor e bem-estar. Representado por “Eros”, está a serviço da vida, ao desenvolver-se com as experiências emocionais amorosas vividas e aprendidas. O Instinto de Morte, contudo, pode ser expresso pelo pessimismo e pela descrença, assim como pelo ódio, inveja, destruição, desintegração e desunião. Busca a conservação e um estado antigo das coisas.

O deprimido da “depressão melancólica” está clivado e distante de uma percepção mais integrada da realidade interna e externa, que é a face mais psicótica da depressão, na qual o envolvido não consegue conviver satisfatoriamente consigo e nem com os outros. O deprimido da “posição depressiva”, da teoria kleiniana, fica assim devido à aproximação de uma percepção mais integrada de si e da realidade externa. A posição depressiva é a face mais elaborada da depressão melancólica. E por esse caminho que o indivíduo sairá satisfatoriamente da própria depressão melancólica – deprimindo-se.

A perda que não pôde ser descarregada e elaborada de seus aspectos afetivos e emocionais mais sofridos, um a vez experimentados, fica repetindo ou aderindo a outras perdas, na função não apenas de produzir ou reproduzir mais dor e sofrimento, mas principalmente na busca de uma solução melhor que a anteriormente possível. Por isso, que muitas pessoas que já passaram por perdas difíceis em sua vida caem em depressão em outro tempo, por outras perdas, não necessariamente traumáticas como em outras já vividas. O conflito interno está na origem do distúrbio depressivo, pois, para Guariente (2004), a tensão é inconsciente para o envolvimento e pode ser despertado por vários fatores externos (perdas, separação, desemprego) e internos (desilusão, decepção e frustração). Na depressão destaca-se, ainda, o conflito entre instinto de vida e instinto de morte, e entre o ego e superego.

As metáforas produzidas para se imaginar a depressão inevitavelmente remetem ao frio, ao silêncio gelado, ao desaparecimento aparente de qualquer vida, a uma mistura intermediária entre Caos e Nada. E embora, frequentemente, como esclarece Fédida (2009) careçam de metáforas na queixa depressiva, devido a uma espécie de exaustão da linguagem, não é raro escutar os pacientes deprimidos descreverem uma solidão absoluta e total, de onde teriam desaparecido emoções,

desejos e sentimentos, como se a vida tivesse estagnado. Essa espécie de desumanização à qual o estado deprimido conduz é aterrorizante. E como se uma paisagem glacial pudesse servir para descrever uma terra privada de seres vivos. Os “destinos geológicos da terra” oferecem a verdadeira medida do devir psíquico da humanidade e, portanto, de sua civilização. Entre esses destinos, o da glaciação é o mais poderoso: o extremo despojamento que ele impôs à primitividade do homem, a sua luxuriância sexual de “animal-homem-primitivo”, que traduziu-se pela produção de formas conservadoras de vida.

A dificuldade de introjetar o afeto e o conhecimento, por exemplo, cria no indivíduo uma instabilidade psíquica-emocional capaz de colocar em derrocada o satisfatório funcionamento psíquico e orgânico. Os “objetos internos bons”, com referência a Klein, agem como protetores do ego diante dos agentes internos e externos. A falta ou deficiência dos “bons objetos” revoga os indivíduos a frágeis, sensíveis e ameaçados pelas contingências mais desfavoráveis da vida psíquica, social e orgânica (GUARIENTE, 2004).

A dificuldade em colocar-se como uma pessoa independente e diferente de si, com direitos e deveres, com defeitos e qualidade, acaba favorecendo o deprimido, na construção de uma relação emocional que se edifica no uni-indivisível, ou seja, “o parto que não se efetivou na esfera emocional porque o cordão umbilical emocional, não foi cortado” (GUARIENTE, 2004, p. 165). As consequências psicopatológicas tendem a ser inúmeras, principalmente, em razão da dificuldade de discriminação perceptiva de si e do outro. A dificuldade de ver-se separado e diferente do Outro, induz a ilusão de fusão vivida ou mal vivida, lá na relação primitiva coma mãe.

A vivência de uma experiência de afetos e pensamentos depressivos foi, é, e sempre será um grande desafio ao aparelho psíquico de qualquer indivíduo. A instância psíquica responsável por conter e elaborar as experiências depressivas foi denominado por Freud de ego; Bion denominou aparelho para pensar os pensamentos.

Assim sendo, de acordo com Deloya (2000), a depressão eclode, segundo a psicanálise moderna, na sensibilidade depressiva no estágio ou momento constitutivo da configuração do objeto, ocorrendo conjunta e concomitantemente à

do eu do sujeito, com a consciência de ser separado da mãe ou com a perda progressiva dela, na esteira do nascimento do sujeito – do eu-, e o conseqüente re-investimento de si. Momento fundamental que figura na posição depressiva de Melanie Klein, no estágio de espelho de Lacan, no estado de preocupação de Winnicott e na fase de separação/individuação de Mahler. Situa-se, portanto, em torno da configuração do objeto total de ter destruído a mãe que se teme progressivamente perdida.

O sentimento de ter perdido o objeto ou aspectos dele, e a resignação diante dessa perda, à medida que a criança não é capaz de restaurar o objeto dentro dela mesmo, marca o nascimento do afeto depressivo, assim como o da instalação da sensibilidade depressiva. A superação ou a vulnerabilidade a este estado dependerão, em primeiro lugar, do objeto e da sua disponibilidade para com a criança desde os primeiros momentos da vida e, conseqüentemente, do trabalho de luto. O afeto depressivo situa-se, então, nesse ponto central de transição, constitutivo do psiquismo, onde a abdicação narcísica, da onipotência e da fusão, se faz necessária.

Na figuração mítica, a depressão não seria a reação ativa (como na angústia), mas a conseqüência, o depois – a prostração decorrente do trauma. O desamparo é, portanto, o estado protótipo da depressão; a angústia é o ruído – proveniente da pulsão – e que, mais tarde, motivará o recalçamento. A angústia surge aqui enquanto reação ao desamparo propiciado por este corte de origem. Entretanto, a depressão se relaciona com o lado inverso, negativo: a passividade e o próprio desamparo – a prisão no momento traumático.

A depressão refere-se, portanto, não a uma perda do objeto, enquanto totalidade perceptivelmente configurada, mas, sobretudo a perda de um espaço referencial de gozo. A vivência comum a todos os estados depressivos, em que o indivíduo tende a um espaço de gozo do qual se sente cindido, coloca em vista sua semelhança com o estado de desamparo do ser do início em que a ascendência das necessidades pulsionais, decorrentes do nascimento, e a violência do mundo sensorial – somada àquela oriunda do objeto, de sua paixão ou intrusão pulsional – articulam-se à perda mítica de um espaço de gozo, de quietude fusional com o corpo da mãe (DELOYA, 2000).

A polarização, os paradoxos entre plenitude e o limite de existência, articulam-se ao que define o desamparo – que coloca em mancha um trabalho, uma dialética narcísica da construção psíquica. Esta se inicia no temer pelo próprio território, por mais difusa que seja a noção sobre ele. E, de acordo com tal ameaça, clama-se, de um lado, por um continente (contornos) e, de outro, por um conteúdo. São paradoxos, que também retomam o conceito de crescimento, maturidade, diferenciação, nos primeiros momentos do embrião, seria o pavor de voltar ao estado anterior à formação do bebê, o terror do Caos, da indiferenciação, do torna-se Nada.

O temer depressivo, portanto, abriga o duplo sentido de ameaça e defesa, pela preservação de um território, quanto aos seus contornos e conteúdos, constituindo a forma mais básica e mais genérica de depressão associada ao estado originário de desamparo. Alerta continuamente acordado frente à ameaça de desmoronamento que foi magistralmente descrito por Winnicott em relação a algumas patologias gravemente depressivas. Uma forma branda deste alerta, porém bastante difundida, encontra-se na tensão depressiva – acompanhada de inquietação, desconforto físico e insônia – ao qual sucumbem alguns sujeitos, com traços marcadamente obsessivos, em situações específicas em que a ausência física de acompanhantes permanentes (como a esposa ou a mãe) durante um tempo relativamente curto (um período do dia, feriado ou final de semana) coloca em confronto sua autonomia de prosseguir com suas atividades produtivas ou de gozar de seu tempo de lazer (DELOYA, 2000).

Ao invés da fuga e da passagem ao ato, assiste-se uma integração, como se a costumeira estagnação depressiva abre-se, por meio da vivência catastrófica, para a assimilação e a expansão do universo psíquico. Guariente (2004) assinala que, se a capacidade de tolerar a frustração for suficiente, ocorrerá à transformação do pensamento, e, o desenvolve de um “aparelho para pensá-lo”, como formulou Bion. Tolerando a frustração de uma realização negativa, ou seja, a raiva de um desengano, a decepção de uma expectativa, a dor de uma perda, a frustração de um “não-seio”, o indivíduo será direcionado ao pensar. A experiência frustrante contida o convidará a pensar nos inúmeros pensamentos decorrentes de tal desatino e, com isso, fazer com que a mente desenvolva o “aparelho para pensar”: processo

psíquico que aumentará a probabilidade de a própria frustração ser mais tolerada e os pensamentos mais compreendidos.

O “aparelho para pensar os pensamentos”, proposto por Bion seria o responsável por transformar frustração em pensamento, desespero em esperança, dúvidas em fé, discórdia em união, ofensa em perdão, erro em verdade, tristeza em alegria, trevas em luz, ódio em amor, o Caos em Ordem. Quando a mente não consegue fazer essas transformações, o aparelho para pensar atrofia e o atormentado não consegue desenvolver sua capacidade mental de tolerar a dor e frustração e, conseqüentemente, modificar a dor e os prejuízos, a elaborar suas frustrações primeiras - caminho que tende a resultar em terríveis conseqüências, semelhantemente ao que ocorre com as “leis” de nossos antepassados, pelas quais imperava a desforra igual à defronta: dente por dente; olho por olho, frustração por violência, decepção por vingança, perdas por danos (GUARIENTE, 2004).

O fracasso em tolerar a frustração de uma realização contribui para o desenvolvimento do aparelho para projetar e re-introjetar agressividade bruta. Esse aparelho mental projetivo hipertrofiado acaba servindo exclusivamente à função de evacuar pensamentos e “proto-pensamentos” ruins e destrutivos. O intuito da reação evacuatória é livrar-se do mal-estar causado pelo conflito interno, pois é utilitário também, para tentar aniquilar o alvo frustrante pela agressão e pelo controle onipotente do mesmo.

Para superar uma experiência frustrante é necessário que o “aparelho para pensar pensamentos” esteja disponível, ou seja, que o indivíduo consiga ter recursos mentais da demanda imposta à sua capacidade de momento. Os pensamentos confusos que encontram um pensador podem ser transformados ou renovados em pensamentos mais claros, conceitos mais eficientes e atitudes salutaras, ou seja, o guerreiro enfrentará mais uma batalha. Outro caminho o de tentar ignorar a dor da frustração e buscar na fuga das angústias um alívio temporário. Não se pode esquecer ou ignorar que a fuga é um caminho muitas vezes tortuoso e longínquo para se aproximar da resolução do problema existente. As respostas defensivas, conscientes e inconscientes, que buscam reprimir, racionalizar, negar, ignorar e suprimir o conflito gerador de dor e desprazer são as mais vistas diante de uma situação de frustração, decepção e ilusão.

Assim como, *Saturno* e *Nun*, que vieram ao mundo a partir do Caos, os bebês, em seu início de formação biológica e fisiológica eram também, o Caos, que foi, paulatino e constantemente, transformados. A transformação, entretanto, depois da retirada do ambiente intra-uterino dependerá dos recursos psíquicos, do mundo interno e externo do sujeito, isto é, não haverá leis do acaso ou da Natureza para que, ele se transforme, se emancipe, tenha conhecimento de si e autonomia. Será uma tarefa árdua, solitária e única - o medo de estar próximo do Caos e como tentar conseguir se afastar para permanecer em uma Ordem, mesmo que transitória.

REFERÊNCIAS

BULFINCH, T. (2006). O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de deuses e heróis. São Paulo: Martin Claret

DELOYA, D. (2000). Depressão. São Paulo: Casa do Psicólogo.

DELOYA, D. (2002). Depressão, estação psique: refúgio, espera, encontro. São Paulo; Escuta: Fapesp.

EDLER, S. (2008). Luto e melancolia: à sombra do espetáculo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FÉDIDA, P. (2009). Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia. Trad. Martha Grambini. São Paulo: Escuta.

FREUD, S. (1996). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp. 81-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).

GUARIENTE, J. C. A. (2004). Perdas e Danos: Psicodinâmica da Depressão. Ribeirão Preto: O Autor.

KEHL, M. R. (2009). O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo, Boitempo.

SEGANFREDO, C. & FRANCHINI, A. (2012). S. As Melhores Histórias da Mitologia Egípcia. Porto Alegre, RS: L &PM.

SATURN AND NUN: THE HELPLESSNESS AND BE IN DEPRESSION

ABSTRACT

This work proposes to place the helplessness as a constituent core in the depression, through literature review using the deductive method, to better understand the subject. For this, he resumed the reference star and Greek mythological figure of Saturn and Egyptian mythology, Nun, as representatives of Chaos. Subsequently, the lifting of helplessness was made on the contributions of Freud (1996) and contemporary psychoanalysts Deloya (2000; 2002), Fédida (2009), among others. From this, the psychoanalytic investigation was carried out, about the helplessness in the subject with depression, its psychodynamic, internal conflicts involved and the particularities of this universe experienced by these individuals.

KEYWORDS: Depression. Helplessness. Psychoanalysis. Mythology. Chaos.

SATURN ET NUN : L'IMPUISSANCE ET D'ÊTRE EN DÉPRESSION

RÉSUMÉ

Ce travail se propose de placer l'impuissance comme un noyau constituant dans la dépression, par le biais de la littérature en utilisant révision de la méthode déductive, pour mieux comprendre le sujet. Pour cela, il a repris l'étoile de référence et figure mythologique grecque de Saturne et la mythologie égyptienne, Nun, en tant que représentants du Chaos. Par la suite, la levée de l'impuissance a été faite sur les contributions de Freud (1996) et psychanalystes contemporains Deloya (2000; 2002), Fédida (2009), entre autres. De là, l'enquête psychanalytique a été réalisée, à propos de l'impuissance dans le sujet à la dépression, ses psychodynamique, les conflits internes impliqués et les particularités de cet univers vécue par ces personnes.

MOTS-CLÉS : Dépression. Impuissance. La psychanalyse. Mythologie. Chaos.

Recebido em: 23-08-2016

Aprovado em: 10-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

UMA LEITURA SOBRE O ATO SUICIDA NA CONTEMPORANEIDADE

Bernardo Sollar Godói¹ e Renata Viana Gomide²

RESUMO

Objetivou-se com este estudo a exploração do ato suicida em articulação com o contexto sociocultural contemporâneo. Neste sentido, investigou-se as relações do suicídio com elementos particulares da sociedade atual, como o tabu da morte; a noção de maior vulnerabilidade a traumas, devido a uma possível redução da capacidade simbólica – consequência de uma pós-modernidade que assume o declínio das referências tradicionais; e as implicações derivadas da disseminação do discurso capitalista. Discutiu-se, em seguida, as formas de atuação frente o suicídio (*acting out* e passagem ao ato). Ao final, foram apontadas algumas considerações clínicas relativas ao sujeito suicida.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio na contemporaneidade. Morte. Trauma. Psicanálise.

¹ Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (FACISA-UNIVIÇOSA). Avenida Custódio Silva, 632, apartamento 104, Centro, Ponte Nova, MG. (31) 8409-5859 | bernardosollar@hotmail.com.

² Psicóloga, professora de Psicologia/FACISA-UNIVIÇOSA, Mestre em Teoria Psicanalítica/UFRJ. Rua José Camilo Fialho, 64, apartamento 203, Silvestre, Viçosa, MG. (31) 9419-0686 | rvgomide@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Por mais natural que se apresente o fenômeno da morte, acreditar, profundamente, que ela um dia baterá à porta é algo impossível de se conceber. Freud (1915/1996b) já alertava para a incapacidade humana de apreender a ideia de que um dia morrerá, visto que “no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade” (p. 299).

Há uma ambivalência no trato para com a morte. Ao mesmo tempo que o próprio fim é inconcebível, a morte do outro é um desejo primitivo presente de forma substancial no inconsciente. Essa constatação é possível de ocorrer se atentarmos para a atitude do homem primevo frente a morte. O homem primitivo não acreditava na própria morte, mas executava seus inimigos sem qualquer escrúpulo. Era justificável a eliminação do outro odiado, simplesmente, por sentir ódio. Tanto que a proibição, posteriormente imposta, “Não te matarás” denuncia um prazer satisfeito em uma história da humanidade de assassínios em série. A questão é que o homem primevo continua a viver em nós por intermédio do inconsciente. Portanto, nossa posição diante a morte tende a ser de negação (FREUD, 1915/1996b).

Em *O estranho*, Freud (1919/1996c) retoma a impossibilidade de o inconsciente representar a morte e afirma que o arcaico foi muito bem conservado por nossa biologia. Isso porque as forças emotivas originais e a incerteza do conhecimento científico perduram nos tempos hodiernos. A frase “Todos os homens são mortais”, por exemplo, não é passível de ser apreendida em sua totalidade, pois sempre nos escapa a ideia de nossa própria mortalidade.

Isso se evidencia na função da religião e grandes morais antigas: consolar e preparar o homem para a morte. A religião ao deparar-se com o real da morte a nega e, como efeito, o retorno do recaiado sofre uma formação reativa: a promessa de vida eterna no *post mortem*.

Em Schopenhauer (2013) encontra-se algo parecido com que Freud afirma sobre a não representação do próprio fim. O filósofo alemão alega que “ao contrário do homem, *‘que carrega consigo a morte em conceitos abstratos’*, o animal só fica conhecendo a morte quando morre” (p. XVIII, *grifo nosso*). O homem “carrega consigo a morte em conceitos abstratos”, em outras palavras, apenas consegue

representa-la parcialmente, fantasiando-a conscientemente. O inconsciente não representa a morte, por que não *sabe* que morrerá, já que isso implica uma negativa de si próprio; ao contrário da consciência, que lida diretamente com a realidade. É devido ao atributo de cognoscente do homem que a questão de ser mortal se torna um problema.

A partir dessa concepção, o suicídio se torna um entrave e a questão se levanta: o que impulsionaria um sujeito a findar a própria vida? Pode-se dizer, logo de início, que entraria em campo o jogo pulsional, as circunstâncias na história de vida do indivíduo e o contexto sociocultural. Contudo, é da ordem do impossível explorar todos estes elementos em um único trabalho. Apenas um destes foi escolhido para ser explorado: o contexto sociocultural contemporâneo. Antes, entretanto, de adentrar-se nessa seara, verificar-se-á os dados disponibilizados pela Organização Mundial de Saúde acerca do suicídio.

As estatísticas indicam um número demasiado alto de pessoas que se matam todo ano no mundo. De acordo com a OMS, o suicídio é a segunda maior causa de morte entre indivíduos de 15 a 29 anos. Mais de 800.000 pessoas suicidam todo ano (no ano de 2012, estimou-se uma ocorrência de 804.000 suicídios), além de existirem mais mortes por suicídio (57%) do que por guerra e homicídio juntos. Embora as mulheres tentem o autoextermínio com maior frequência que os homens (COUTINHO, 2010), a predominância de suicídio é maior em homens – em uma relação de 15 para homens e 8 para mulheres a cada 100.000 pessoas (11.4 para 100.000 pessoas) (WHO, 2014). Em 2012, o suicídio atingiu a marca de 15º maior causa de morte no mundo, com uma ocorrência de 1,4% por todas as mortes (WHO, 2014).

Ante a esses números, qual seria o contexto sociocultural que o suicídio está inserido nos dias de hoje? E, ainda, se não é crível a ideia da própria morte, seria possível dizer que o suicídio é uma morte voluntária?

Como constatado por Brunhari e Darriba (2010), as abordagens preventivas do suicídio, proposta pela OMS (SUPRE – *Suicide Prevention*), consideram-no como um ato não racional e não voluntário. O que implica dizer que quem tenta se matar, na realidade, não vê a morte como objetivo. Essa linha de raciocínio encontra apoio

na psicanálise quando Freud demonstra a não-representatividade da morte no inconsciente. “As pessoas não sabem como é a morte”, segundo a OMS (BRUNHARI; DARRIBA, 2010, p. 65). “Embora a pessoa saiba da consequência do seu ato (a própria morte), não sabe o que é a morte” (BRUNHARI; DARRIBA, 2010). Portanto, aquele que atenta contra a vida deseja acabar com o sofrimento do qual padece e não consegue representar.

Ao investigar o fenômeno do suicídio, deve-se considera-lo a partir de um crivo de 3 fatores impulsionadores do ato: o *fator precipitante* (externo), que se caracteriza pelas questões situacionais do sujeito; o *fator interno*, que diz respeito à história de vida e a transtornos mentais associados; e o *fator sociocultural* em que o ato é empenhado (RIGO, 2013). Os dois primeiros fatores são impossíveis de serem explanados sem a ajuda de um caso sobre o qual se apoiar. Tais fatores não serão discutidos no presente trabalho de forma direta.

Entretanto, a OMS (2014), em uma cartilha denominada *Preventing suicide: a global imperative*, elencou Fatores de Risco para a ocorrência do suicídio. Separaram-nos em três categorias³: os *Fatores de risco relativos ao sistema de saúde e à sociedade* incluem as barreiras para o acesso à saúde, acesso aos meios pelos quais o sujeito pode consumir o suicídio, divulgação social e midiática inapropriada em relação ao suicídio e o estigma contra o auxílio a pessoas com comportamentos suicidas; os *Fatores de risco relativos à coletividade e ao relacionamento* abarcam o desastre, guerra e conflito, estresse devido ao estado de aculturação ou sentimento de não pertencimento ao local onde vive (como ocorre com indígenas nos EUA), discriminação, trauma ou abuso, senso de isolamento e baixo suporte social, conflitos ou discórdia no relacionamento ou perda; os *Fatores de risco individuais* abrangem a ocorrência de tentativas suicida anteriores, transtornos mentais, uso abusivo de álcool e outras substâncias, desemprego ou falência financeira, desesperança, história de suicídio na família e fatores genéticos e biológicos.

³ Tradução livre do documento.

Com esses fatores de risco em vista é possível notar o leque de elementos implicantes no fenômeno do ato suicida. Se, por exemplo, adentrássemos em campos epistemológicos diversos, a problemática do suicídio toma proporções impossíveis de serem exploradas em um único.

David Émile Durkheim (1897/2000), o mais lembrado pela investigação acerca da questão da morte voluntária, ao pensá-la como fato social, coloca-aentrelaçada ao *temperamento* de cada sociedade, visto que cada uma possui uma cota de suicídios que lhe é própria: “cada sociedade tem seu temperamento, que ela não pode mudar de um dia para o outro, e como *essa tendência ao suicídio tem origem na constituição moral dos grupos*, é inevitável que ela seja diferente de um grupo para outro” (p. 393, *grifo nosso*). É por essa noção que se localiza o conceito de *corrente suicidógena*. O autor demonstra, em sua pesquisa, como a composição social influi no contato do homem com a própria morte.⁴

Em outro âmbito, localiza-se Albert Camus com o ensaio *O mito de Sísifo* (1941/1989). Não foi à guisa de um vento sem rumo que Camus pronunciou ser o suicídio a única questão filosófica verdadeiramente séria. A questão do suicídio implica em julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida. Por mais que se localize os fatores de risco, torna-se difícil precisar o instante no qual o indivíduo decidiu pela morte, em que constatou a caráter fugidio de um sentido para continuar vivendo. Todos os homens são, segundo o filósofo francês, já pensaram em seu suicídio. Isso aproxima a relação entre a índole absurda que é o existir fora do palco, isto é, sem um sentido, e a tendência ao nada. Estaria o suicídio, com efeito, no caminho para a resolução desse absurdo. Entretanto, poucas linhas à frente, Camus contrapõe-se a isso, ao dizer que não necessariamente um não-sentido à vida

⁴ Não entraremos no mérito de realizar uma interlocução entre a psicanálise e Durkheim a respeito do suicídio. Outros autores já o fizeram. Consultar, por exemplo, Silva e Couto (2009), Coutinho (2010) e Silva (2012)

abriria espaço para o suicídio, tendo em vista que muitos cometeram suicídio convencidos sobre o sentido de sua existência⁵.

Voltando à psicanálise, a leitura de mundo a partir da qual pautar-se-á este trabalho, a questão do suicídio se encontra imersa em um momento histórico-cultural particular. A exploração deste enfoque abriga sua importância no tocante da busca de clareza da dimensão macro sobre a qual nascem sujeitos potencialmente suicidas.

Em tempos pós-modernos⁶, o regimento da sociedade, no tocante da lógica de mercado, está voltado para o imperativo do gozo, do qual usufruem as almas mortais. Difundida pelo discurso do capitalismo, tal regência fornece subsídios para alimentar uma condição de vulnerabilidade sobre a presença do real da morte e de situações traumáticas exclusivas do momento contemporâneo. A investigação, desse modo, parte da seguinte pergunta: em que contexto o ato suicida se encontra imerso atualmente e quais considerações clínicas podem ser levantadas a partir desse quadro? Lançar luz sobre essa indagação é o escopo do presente trabalho.

O SUICÍDIO NA CONTEMPORANEIDADE

Etimologicamente, a palavra suicídio não dá conta das formas diversas que esse fenômeno envolve (intencional ou não, por quais meios e motivações que é conduzido). Essa “pobreza terminológica” (NETTO, 2013, p. 7) da palavra suicídio está implícita em sua origem; já que *sui*, do latim clássico, do qual a palavra supostamente se deriva, significa suíno. Tal pobreza terminológica não ocorria

⁵ O que põe em xeque a ideia de um esvaziamento de sentido da vida proposta por alguns teóricos, a saber Cassorla (2010), Faria (2007), Macedo e Werlang (2007), entre outros. São entraves dignos de um maior aprofundamento.

⁶ Birman (2006) fornece uma rica discussão (a qual não atentar-se-á neste estudo) sobre a problemática demarcatória da modernidade e da pós-modernidade (ou termos semelhantes que se referem a esta época). Optou-se aqui por usar o termo pós-modernidade com a seguinte justificativa, a citar o autor: “uma diferença crucial se impõe aqui entre as subjetividades moderna e pós-moderna, pela qual a primeira teria maiores possibilidades de simbolização do que a segunda, delineando então diferentes economias do mal-estar” (p. 219), às quais estão pautadas na “precariedade das regulações simbólicas” (p. 219).

noutros tempos, em que o suicídio não tinha uma conotação negativa, visto que a pós-modernidade trouxe consigo a transformação da morte em tabu (NETTO, 2013).

No momento histórico atual, os discursos da ciência e do capitalismo impõem uma lógica de gozo e satisfação ao sujeito. Tal desdobramento exige uma releitura do suicídio na pós-modernidade. O tabu da morte na contemporaneidade (NETTO, 2013), o declínio da função paterna (HEINEMANN; CHATELARD, 2012) ou, para usar os termos de Birman, a falha na figura do pai, que implica em uma disposição maior ao desamparo e, conseqüentemente, ao trauma (AZEVEDO; TEIXEIRA, 2011; BIRMAN, 2006), e a noção de a linguagem ser capaz de abarcar todo o mundo com sentido (ALENCAR; CALDAS, 2010), alinhados ao discurso capitalista de satisfação do gozo imediata, são fatores socioculturais que permeiam a configuração do fenômeno.

Na contemporaneidade, a morte se torna um assunto cuja abordagem gera incômodo⁷ na maioria das pessoas. Em uma época em que o avanço científico promove a manutenção infundável da vida e do processo de morrer⁸, falar sobre suicídio e, ainda, sobre o sujeito que o comete gera um choque no pensamento vigente (NETTO, 2013; RIGO, 2013). A consequência disso é o empobrecimento da palavra *suicídio*. É nesse meandro que ocorre a desqualificação e a estigmatização do ato suicida e da pessoa que o engendra (NETTO, 2013).

Outra consequência promovida pelo avanço da ciência diz respeito ao que se tem chamado como declínio da função paterna. Na esteira do discurso do capitalismo, o sujeito se depara com o imperativo do gozo imediato, sem mediação; o importante é consumir a todo custo (HEINEMANN; CHATELARD, 2012). Isso retrata a modificação na constituição do Nome-do-Pai no momento atual, e seu declínio⁹. O que implica uma alteração no processo de subjetivação do sujeito, que se encontra distante de uma relação triangular. O declínio da função paterna se

⁷ O sentimento de inquietação/estranhamento é elaborado por Freud (1919/1996c).

⁸ Para um aprofundamento sobre o assunto da manutenção do processo de morte, recomendo Siqueira-Batista & Schramm (2004; 2008; 2009) e Diniz (2006).

⁹ Essa tese não é aceita por todos os autores. Ver, por exemplo, o recente ensaio sobre o Declínio da Função Paterna, Nome-do-Pai e “novos sintomas” de Luztoza, Cardoso, Calazans (2014).

instala nos tempos pós-modernos. Isso quer dizer que o interdito, a autoridade e os ideais não mais predominam na constituição do sujeito. Ao contrário, a prevalência é a do império do supereu que sentencia “Goza!”, anunciada por Jacques Lacan (HEINEMANN; CHATELARD, 2012). A tendência é de que as exigências de satisfação imediata, proposta pelo mundo globalizado, sejam atendidas. Neste sentido, “há um predomínio do real do gozo sobre o ideal” (MILLER *apud* HEINEMANN; CHATELARD, 2012, p. 655).

Lacan apresenta, na obra “Os complexos familiares” (1938/1985), a ideia, não suficientemente explorada, sobre o “declínio social da imago do pai” (p. 60). Declínio este prenunciado por Nietzsche sobre a morte de Deus na modernidade, no tocante da relação que a figura do pai estabelece com a figura do sagrado (BIRMAN, 2006). Localiza-se nas palavras de Lacan (1938/1985) a que se deve esta queda:

Declínio condicionado pelo retorno de efeitos extremos do progresso social no indivíduo, declínio que se marca sobretudo, em nossos dias, nas coletividades que mais sofreram esses efeitos: concentração econômica, catástrofes políticas. (...) Declínio mais intimamente ligado à dialética da família conjugal, já que se opera pelo crescimento relativo, muito sensível, por exemplo, na vida americana, das exigências matrimoniais. Qualquer que seja seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez seja a essa crise que se deve relacionar o aparecimento da própria psicanálise (p. 60).

O efeito provocado por esse declínio está na ascensão das neuroses “nossa experiência nos leva a designar sua determinação principal [a da neurose contemporânea] na personalidade do pai, sempre carente de alguma forma, ausente, humilhada, dividida ou postiça. É essa carência que, de acordo com nossa concepção do Édipo, vem não só exaurir o impulso instintivo como também prejudicar a dialética das sublimações” (LACAN, 1938/1985, p. 61).

Lacan fala de um declínio da imago do pai que já era inerente ao cotidiano desde o advento da psicanálise e que, ainda, é considerado fator propulsor para seu surgimento (BIRMAN, 2006).

O desmoronamento dos veículos sociais de formação da identidade antecipatória, dos tempos antigos, dá espaço à ascensão do *desamparo*, no bojo de uma construção do eu, por si só, apenas, mediante escolhas individuais. A dimensão traumática encontra respaldo nesta circunstância, com a postura masoquista de servidão voluntária como esquiva do desamparo (BIRMAN, 2006). Desta maneira, o

fundamento que antes apoiava o sujeito sobre um solo qualquer se despedaça: “a ausência da figura do pai como referência fundamental condensaria a quebra dos pressupostos da sociedade tradicional produzida pela modernidade” (BIRMAN, 2006, p. 27).

Assim, os destinos do desejo tomam outros contornos. A verticalização do desejo em ideais culturais, regido por leis e simbologias se desmorona, prevalecendo um relativismo e individualismo acentuados, sem qualquer intenção utópica de uma sociedade melhor (CAMPOS, 2013).

Uma consequência da união dos discursos do capitalismo e da ciência é a reação do sujeito em oposição a esta regência, que se caracteriza pela formação de sintomas próprios do mundo atual, como a depressão, toxicomania e os transtornos alimentares. Estas são formas de o sujeito resistir aos imperativos da cultura atual (HEINEMANN; CHATELARD, 2012); os chamados “novos sintomas”, juntamente com o transtorno do pânico e a hiperatividade (LUZTOZA; CARDOSO; CALAZANS, 2014)

Com a promessa de satisfação plena, a dor, a falha e a tristeza não têm vez no cenário pós-moderno. Exige-se o sucesso. Logo, o fracasso apresenta um impacto muito maior nas pessoas que não se percebem capazes de atingir a demanda desse Outro. Como no caso dos mais jovens, embarcados no discurso capitalista, o suicídio pode ser uma forma de lidar com a impossibilidade de alcançar um ideal de eu (RIGO, 2013).

A relação dessa situação com o quadro depressivo é evidente. Na depressão o sujeito estaria em uma condição de perda do objeto idealizado, e acaba por se sentir abandonado, decepcionado. O sujeito constata sua falta e se sente afogado em uma angústia descomunal – o afeto que nunca engana e se encontra fora da dúvida (LACAN (1962-1963/2005), em razão de ser experimentado no real do corpo. Quando o sujeito não tem condição de lidar com tal angústia, um caminho possível para se livrar dela, e comumente relatado pelos pacientes, é o suicídio (RIGO, 2013).

Observamos, assim, que a ciência e as novas tecnologias produziram muitos avanços, através dos quais se multiplicaram os objetos que funcionam como *gadgets* na nossa cultura. *Vivemos em um mundo que nos empurra a uma satisfação de consumo sem limites imposta pelo discurso capitalista. Na época atual, que é a época do Outro que não existe, falamos que há uma primazia do gozo, do mais-de-gozar, sobre a função do Nome-do-Pai*, e essa é a neurose contemporânea da atualidade. O declínio da função paterna é refletido nas relações entre os sujeitos inseridos na nossa cultura, levando aos mais diversos efeitos sociais (HEINEMANN; CHATELARD, 2012, p. 659, *grifo nosso*).

Os sujeitos contemporâneos, orientados pela lógica do gozo, perdem o interesse pelo significado do sintoma, pois lhes são oferecidas medidas de alívio rápido de seus sintomas. Deste modo, a capacidade de simbolização é reduzida. “A cultura contemporânea não é mais orientada pela alteridade do pai ou pela intervenção simbólica” (HEINEMANN; CHATELARD, 2012, p. 658). A capacidade simbólica fornecida com o interdito se despenca na contemporaneidade. É possível, agora, porém, tomar consciência de que tal forma servia para o homem lidar com o real. Neste sentido, é possível prescindir do pai, se, para isso, servir-se dele (HEINEMANN; CHATELARD, 2012).

Existem, pois, algumas implicações possíveis para o sujeito contemporâneo: incorporar o imperativo do gozo, reagir patologicamente a esses discursos ou, por si só, “fabricar sua montagem subjetiva nesse novo contexto. Dito de outro modo, como cada um vai inventar o seu Outro?” (HEINEMANN; CHATELARD, 2012, p. 660). Em um universo no qual ocorreu a queda dos meios sociais construtores de uma identidade antecipatória, formar-se a si próprio se torna o novo desafio do sujeito pós-moderno, tendo o desamparo como pano de fundo dos movimentos dos indivíduos (BIRMAN, 2006).

A falta de ordem na mediação entre a pulsão e a realidade resulta em um aparato simbólico mais precário. Com efeito, a vulnerabilidade aos traumas se torna mais frequente (AZEVEDO; TEIXEIRA, 2011). Esse “déficit ou vulnerabilidade na capacidade de organização psíquica tem bases neuropsicológicas que alteram as possibilidades de adaptação e enfrentamento da realidade, frente às relações e às demandas da vida. Esse paciente encontra-se aprisionado em uma organização psíquica precária” (TAVARES, 2013, p. 56).

No momento histórico atual há um abalo na disposição para simbolização, como constatado no declínio da função paterna. Devido a isso, os excessos

traumatizantes possuem maior abertura para o impacto. A condição para o trauma é a presença de um excesso impossibilitado de ser articulado por representação, por causa do abalo na figura do pai, que possibilitaria tal aviamento. Instala-se, dessa forma, outra configuração da subjetividade, tendo o trauma como ocorrência constantemente presente no mundo contemporâneo (BIRMAN, 2006).

O recurso encontrado pelo sujeito, para lidar com esse excesso, é o corpo, visto que lhe falta capacidade de simbolização. O que se encontra recorrentemente nos casos de toxicomania e suicídio¹⁰ é o gozo pela via direta do corpo, “pura descarga pulsional sem simbolização” (AZEVEDO; TEIXEIRA, 2011, p. 635). Deparar-se com a falta estrutural se torna, portanto, insuportável.

Assim, nos dias de hoje o contato com o trauma é intensificado, devido, justamente, a essa precária disposição para simbolizar. O efeito disso é a expressão do excesso e da intensidade. O mal-estar da atualidade é a disposição à experiência traumática, tendo isso a ocorrer quando a antecipação desta (por meio da angústia-sinal) não ocorrem. Há uma fragilidade na antecipação do futuro. E a forma de lidar com o trauma acaba por ser no registro do corpo (BIRMAN, 2006).

Ao mesmo tempo em que ocorrem o tabu da morte, a impossibilidade de tristeza, falta e dor, o declínio da função paterna e a maior exposição a traumas, o sujeito contemporâneo é bombardeado por informações de diversos veículos de comunicação. Isso, segundo Alencar e Caldas (2010), evoca um paradoxo, pois proporcionam aos sujeitos a ideia de que tudo pode ser dito e de que tudo é dito, atribuindo, assim, uma ilusão sobre a capacidade totalizante da linguagem. Sabe-se pela psicanálise, contudo, que a linguagem não é capaz de abarcar todo o mundo com sentido.

Dentro daquilo que não é possível significar, encontra-se o real do sexo e da morte. Falta capacidade à linguagem para tanto. O real da morte, dessa forma, ao lado do real do sexo, são as que mais demandam um fantasma para mediar a

¹⁰ Mais à frente notar-se-á que, neste caso, se trata do tipo de suicídio por passagem ao ato

relação do sujeito com a realidade, visto que deparar com o real tanto de um quanto de outro pode ser traumático (ALENCAR; CALDAS, 2010).

Neste sentido, algo de incomum acontece com as informações de cunho polêmico, violento, etc., bombardeadas pelos meios de comunicação produzidos na pós-modernidade: há um excesso de repetição dessas matérias. Esse excesso denuncia a dificuldade de representar o real, de significá-lo. E o fato de as notícias nada acrescentarem nessa repetição incessante, aponta para uma necessidade compulsiva de repetir apenas visando apreender o inapreensível (ALENCAR; CALDAS, 2010).

Sem embargo, como o ato suicida se articula nesse contexto?

Primeiramente, tem-se o ato suicida que se impõe por uma necessidade de clamar alguma demanda ao Outro, o *acting out*. Nesse caso, o sujeito vê no suicídio uma possibilidade de dizer (em forma de ato) sua demanda ao Outro, que pode ser de atenção, de amor, de reconhecimento. “O sujeito cria a cena, se insere nela e desse lugar faz um apelo ao Outro” (RIGO, 2013, p. 34).

No *acting out*, o sujeito, na tentativa de suicidar-se, não quer que esse ato seja realizado; tanto que, segundo Rigo (2013), a cena é tramada para que ele possa ser salvo em tempo de não morrer. A autora fornece um exemplo de um homem que se decepciona com a companheira ao descobrir uma traição. Decide, com isso, matar-se ingerindo uma quantidade elevada de medicamento, em um local onde é provável o aparecimento de algum conhecido. Além disso, deixa a embalagem do produto ao seu lado, a tornar facilitado o conhecimento sobre o produto ingerido e o panorama da situação.

No universo leigo, isso é julgado, de maneira reducionista e pejorativa, de “querer chamar a atenção”. Tal condenação invalida o sofrimento do sujeito e o rotula substancialmente. O sujeito *clama* atenção. Logo, o ato suicida tem um duplo sentido: ao mesmo tempo que clama a atenção do Outro, o repreende por falhar no “dever” de lhe dar atenção. Isso justifica o sentimento desagradável das pessoas sobre esse tipo de ato, pois essa atuação, esse pedido de atenção, gera culpa e o “dever”, indignação (RIGO, 2013). O *acting out* é uma mostração que, velada, clama por uma interpretação (LACAN, 1962-1963/2005). Nesse sentido, no momento

quando esse clamor por interpretação é recebido pelos familiares, a angústia passa a permear mais intensamente a relação com o sujeito suicida.

O fato da pessoa escolher o ato suicida, como aporte para engendrar clamor ao Outro, denuncia a forma trágica e intensa de lidar com situações de sofrimento e desamparo; além de se aperceber impossibilitado de expressar verbalmente. Com esta, o sujeito vê a insuficiência da capacidade de transmitir sua demanda.

Ao contrário da encenação tramada pelo sujeito no *acting out*, na passagem ao ato o sujeito “despenca fora da cena” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 129). O sujeito não quer ser salvo, ele decidiu pelo suicídio, sem mediação, sem representação, sem qualquer intuito de transmitir uma mensagem. É o momento de maior embaraço do sujeito (LACAN, 1962-1963/2005). Ele se vê identificado com o nada, com o vazio (como no estado de melancolia) “e não se reconhece como um sujeito historiado, por isso ele sai de cena, por meio de um ato radical” (RIGO, 2013, p. 34). Geralmente, é associado com medidas mais extremas para levar a cabo o encontro com a morte, como enforcamento ou arma de fogo (RIGO, 2013).

Azevedo e Teixeira (2011) afirmam que esse tipo de ato coaduna com o discurso capitalista no bojo de uma lógica do imediatismo exigido pelos processos inconscientes: “o recurso da passagem ao ato, característico da estruturação simbólica precária desse sujeito contemporâneo, ainda encontra suporte na sociedade pós-moderna em busca por uma satisfação que passa ‘por baixo’ do gozo fálico” (p. 634-635).

Rigo (2013) se contrapõe e alega que o sujeito suicida vai totalmente de encontro à lógica capitalista de não-fracasso, não-sofrimento e não-tristeza; desafiando as funções de tais discursos. Ademais, o sujeito levanta, implicitamente, injúrias às leis cristãs, de que Deus concedeu a vida ao homem e só aquele possui a permissão para findá-la (RIGO, 2013). Não foi sem razão que a OMS identificou a crença religiosa como um fator de proteção para o suicídio (WHO, 2014).

Em outro ponto, o suicida subverte a ordem médica (RIGO, 2013). O valor incorporado pelos médicos de que a vida deve ser mantida e salva a todo custo é atacada no momento em que chega um indivíduo no pronto-socorro que tendeu a se matar. “É como se, com seu ato, ele competisse com o saber e, conseqüentemente,

com o poder médico, tornando-se, por esta razão, uma *personanon grata*, muitas vezes indesejado e ‘maltratado’ pela equipe médica” (RIGO, 2013, p. 35). O mesmo ocorre com o discurso da ciência no tocante da evolução dos métodos de prolongamento do processo de morte e manutenção da vida. Por isso a atenção referente ao estigma contra o auxílio de pessoas com comportamentos suicidas como um Fator de Risco (WHO, 2014).

A passagem ao ato do sujeito suicida evidencia uma falta de aparato simbólico para representar o acúmulo de angústia. Em virtude disso, passa ao ato na tentativa de eliminar o sofrimento do qual busca escapar. O declínio da função paterna oferece uma vulnerabilidade maior ao trauma (como demonstrado anteriormente) e, por conseguinte, uma transposição da eliminação da angústia pela via do ato no corpo – ainda mais quando o ato está associado a experiências adversas precoces e ao longo da vida, tendo em vista que eventos traumáticos subsistem nos casos de tentativa de suicídio e de suicídio (TAVARES, 2013). O ato acaba sendo a única defesa pela qual os indivíduos contemporâneos resistem aos excessos que lhe são invadidos (AZEVEDO; TEIXEIRA, 2011).

As autoras concluem que na toxicomania ter-se-ia uma passagem ao ato devido ao gozo no corpo, sem passar pela via da representação, enquanto que no suicídio “trata-se de um ato extremo frente ao excesso traumatizante e ao sofrimento decorrente da impossibilidade de lidar com este” (AZEVEDO; TEIXEIRA, 2011, p. 642).

Poder-se-ia relacionar, em ambos, a presença marcante da angústia originária, na qual a pulsão se encontra em seu estado mais puro, demandando uma descarga imediata, a destruir qualquer associação entre as representações. Esse é o instante mais traumático para o psiquismo, visto que está desamparado ante o inominável da pulsão. Há, dessa forma, uma desintegração de si nesse estado (CAMPOS, 2013).

Com tais formulações não se pretende afirmar que a contemporaneidade proporciona uma propensão maior ao ato suicida, mas sim afinar a noção de que o olhar para este tipo de ato deve ser diferenciado no contexto atual, além de poder ter isso a favor dos profissionais na prática clínica com esses sujeitos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS

Diante do cenário sociocultural apresentado, em que está imerso o ato suicida, sabendo da pouca possibilidade de redução do sofrimento e do próprio autoextermínio por meio da aplicação do modelo médico tradicional (TAVARES, 2013), o que é possível fazer diante do sujeito com potencial risco de se matar?

A OMS conseguiu identificar três fatores de proteção relativos ao fenômeno, são eles: relacionamentos pessoais fortes – relacionamentos saudáveis com amigos e família aumentam o suporte social, emocional e financeiro; crenças espirituais ou religiosas – esse fator é relevante quando provoca no indivíduo um senso de proteção no sistema de crenças e benefícios físicos e mentais, visto que existem religiões que encorajam o aparecimento de fatores de risco; e práticas de estilo de vida de estratégias positivas e de bem-estar – isso preveniria o sujeito do estado de vulnerabilidade inerente ao comportamento suicida. Um senso de identidade e autoestima protege o sujeito de inclinar-se para o campo do suicídio (WHO, 2014).

Diante da concepção de Brunhari e Darriba (2010), na qual o ato suicida não é racional ou mesmo voluntário, o sujeito suicida não quer morrer – pois não possui conhecimento acerca da própria morte – mas sim se livrar da angústia de viver situações de sofrimento descomunal.

A *vulnerabilidade* do sujeito potencialmente suicida é um estado relatado por vários autores (BRUNHARI; DARRIBA, 2010; FARIA, 2007; WHO, 2014). Tal estado é possível associar com a falta de baliza da energia pulsional pela cadeia significativa em um mundo contemporâneo fundado no declínio da função paterna.

Uma das medidas para se engendrar uma prevenção efetiva ao suicídio, segundo a OMS, seria a redução dos meios pelos quais a pessoa comete o suicídio, ou seja, retirada dos agentes capazes de provocar o suicídio (BRUNHARI; DARRIBA, 2010), como pesticidas, produtos tóxicos etc.

Na clínica winnicottiana, Faria (2007) propõe que os pacientes com risco de suicídios, além de apresentarem uma extrema vulnerabilidade, se encontram regredidos a um estágio de máxima dependência. A partir disso, o clínico deve construir uma relação terapêutica a partir do *acolhimento* e da *disponibilidade*. O

analista deve se abster na função interpretativa. É a partir dele que a esperança surgirá, “implícita no ato de *estar junto e de assim permanecer, mesmo quando tudo parecer ter perdido o sentido*” (p. 27, grifo nosso).

Coutinho (2010) afirma que manter um vínculo forte com o paciente é um fator preventivo do ato suicida, “na medida em que ele [o vínculo] oferece ao sujeito o suporte afetivo necessário para elaborar a falta” (p. 68). Tal perspectiva encontra suporte nos fatores de proteção descritos pela OMS, mostrados anteriormente (WHO, 2014).

O Conselho Federal de Psicologia publicou, a partir de um debate *online* sobre o assunto, no final de 2013, uma cartilha denominada *Suicídio e os desafios para a Psicologia*. Os idealizadores possuem o intuito de que esse material seja referência para psicólogos que trabalham no campo do suicídio.

O sujeito, regido pelo imperativo do gozo, chega à clínica, geralmente, empurrado, sem demanda, sem desejo. No lugar deste, vê-se um sujeito mergulhado em um prazer mortífero com o sofrimento. O analista, portanto, deve se orientar ciente de que há um gozo no trato com a morte e o sujeito, na verdade, não quer se encontrar com ela (RIGO, 2013). Isso caracteriza a pulsão de morte em seu estado mais puro: não há desejo de morrer, pois, com a regência da pulsão de morte, não há desejo (CAMPOS, 2013).

A função do analista passa a ser, segundo Rigo (2013), *fazer com que o sujeito fale no lugar de atuar* – o que se faz mister, principalmente, em tempos pós-modernos. Freud (1914/1996a) já alertava para o risco da repressão do conteúdo ideativo. Sua consequência: atuar e retornar, infindavelmente, a tal atuação, instituindo, assim, uma compulsão à repetição. Cabendo ao analista interpretar e auxiliar o paciente a elaborar o ato.

Neste sentido, Rigo (2013) descreve o que pode fazer o profissional. Primeiramente, ter *atenção* tanto ao tratamento quanto o desenrolar da vida do sujeito; manter a *neutralidade* diante do que escuta e *interesse* pela singularidade do sujeito. Além de *motivação* para dar curso ao trabalho clínico com esse tipo de paciente.

Junto a isso, a autora propõe um trabalho com a equipe e os familiares do sujeito. A queda do preconceito é um fator importante para trabalhar com estas pessoas. Informar e orientar sobre as interpretações reducionistas do fenômeno e estar atento às diversas emoções desagradáveis advindas do ato suicida por parte dessas pessoas é um desafio para profissional *psí*. Cabe a este, enfim, instrumentalizar a família e a equipe médica. É um trabalho que exige de ambas as partes envolvidas *parceria, informação e coragem*.

É um desafio trabalhar com um indivíduo com ideação suicida, pois exige a *presença* do profissional e pode despertar, neste, sentimentos contra transferências difíceis de serem manejados. O profissional deve ter o cuidado de não atuar seus sentimentos. O sentimento de impotência e o ressentimento, por exemplo, podem despertar no clínico a vontade de abandonar o paciente e evitá-lo; ser duro com este, maltratá-lo e/ou pensar no ato suicida como uma forma de manipulação pode ser fruto do sentimento de raiva, irritabilidade; até mesmo o desejo de ajudar corre o risco de ser transformado em “bons conselhos”. Com efeito, é responsabilidade do profissional tornar-se cômico de sua experiência para não causar ações prejudiciais à experiência do paciente (TAVARES, 2013). Daí a importância da neutralidade ressaltada por Rigo (2013).

A desqualificação da comunicação suicida ou do desejo de morte do paciente (“é manipulação”; “é só para chamar atenção”), a desqualificação de seu sofrimento (“ele não tem motivo para estar assim”), a desqualificação de suas dificuldades e vulnerabilidades (“se quisesse mesmo, ele já tinha resolvido isso”), são outras formas sutis de aversão e ressentimento. *Na verdade, representam uma desqualificação do mundo subjetivo do paciente* (TAVARES, 2013, p. 55, *grifo nosso*).

A saída proposta por Tavares (2013), para ajudar os pacientes potencialmente suicidas, acometidos por uma organização psíquica vulnerável/precária, seria por meio de “uma escuta estável, confiável e capaz de compreender o seu funcionamento em profundidade para que uma nova reorganização da subjetividade possa se constituir na relação” (p. 56). De acordo com o autor, a escuta forneceria ao paciente a possibilidade de começar a se entender e elaborar seu sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se em outros tempos o que balizava a pulsão era a lei, o interdito, os ideais culturais, a promover um sentido para a pulsão de morte, nos tempos hodiernos a

configuração social, marcada pelo declínio da função paterna, proporciona a explosão da pulsão em seu estado mais puro, por meio da violência, da expressão do narcisismo e das formas de atuar com precária mediação simbólica, como no caso da toxicomania e do suicídio (AZEVEDO & TEIXEIRA, 2011; CAMPOS, 2013; HEINEMANN & CHATELARD, 2012). O ato passou a substituir a palavra nos tempos atuais (LUZTOZA; CARDOSO; CALANZAS, 2014).

O suicídio se encontra, portanto, imerso em um contexto contemporâneo em que a presença dos discursos capitalistas e da ciência, do tabu da morte, do declínio da função paterna e, por consequência, a maior disposição aos excessos traumáticos, e da ilusão da capacidade totalizante da linguagem geram um imperativo ao sujeito de gozar a qualquer custo, sem amparo de sentido para a descarga. Os atos veem à tona no momento em que falta a palavra. Os *actingout(s)* surgem para clamar ao Outro uma demanda prometida que ficara para trás; as passagens ao ato irrompem com a simbolização, no bojo de uma sociedade em que o sentido de representação não tem valor. O vazio se instaura.

Resta ao profissional *psi* fornecer aos sujeitos potencialmente suicidas aquilo que perderam (ou pouco tiveram) para expressar a angústia abissal que os avassala: a oportunidade de trazer à fala o sofrimento desmedido.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, P. P.; CALDAS, H. O menino que morreu na internet: alcances e limites da linguagem para o sujeito contemporâneo. *Revista Estudos Lacanianos*. Belo Horizonte. 3(04), 2010.

AZEVEDO, M. K.; TEIXEIRA, G. O. M. Toxicomania e suicídio sob uma visão psicanalítica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 634-644, 2011.

CAMUS, Albert. (1941). *O mito de sísifo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CAMPOS, E. B. V. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*. v. 12, n. 1, 2013, p. 13-24.

CASSORLA, R. M. S. A leste de éden: loucura, feitiço e suicídio. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 44, n. 2, p. 147-157, 2010.

BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A. Não te matarás: suicídio, prevenção e psicanálise. *Estudos de Psicanálise*. Aracaju, n. 34, p. 63-70, dez. 2010.

COUTINHO, A. H. S. A. Suicídio e laço social. *Reverso*. Belo Horizonte, v 32, n. 59, p. 6

DINIZ, D. Quando a morte é um ato de cuidado: obstinação terapêutica em crianças. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, 2006, p. 1741-1748.

DURKHEIM, David Émile. (1987). *O suicídio, estudo de Sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FARIA, F. M. A questão do suicídio na teoria de D. W. Winnicott. *Winnicott E-Prints*. v. 2, n. 1, série 2, 2007, p. 23-27.

FREUD, Sigmund. (1914). Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 12.

_____. (1915). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 14.

_____. (1919). O estranho. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 17.

HEINEMANN, G. B. B.; CHATELARD, D. S. Concepção atual de família: do Declínio da Função Paterna aos novos sintomas. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. XII, n. 3-4, 2012, p. 639-662.

LACAN, Jacques. (1938). Os Complexos Familiares na formação dos indivíduos: ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Campo Freudiano no Brasil, 1985.

_____. (1962-1963). O seminário livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

MACEDO, M. M. K.; WERLANG, B. S. G. Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. X, n. 1, p. 89-106, jan./jun. 2007.

NETTO, N. B. Parte 1 – Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica: Capítulo I. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Suicídio: e os desafios para a psicologia. Brasília: CFP, 2013.

LUZTOZA, R. Z.; CARDOSO, M. J. D.; CALAZANS, R. “Novos sintomas” e o declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. XVII, n. 2, 2014, p. 201-213.

RIGO, S. C. Parte 1 – Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica: Capítulo III. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Suicídio: e os desafios para a psicologia. Brasília: CFP, 2013.

SILVA, L. M. A. Pensar a tessitura social do suicídio: Durkheim, Freud e Lacan em interlocução. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.

SILVA, L. M. A.; COUTO, L. F. A questão do suicídio: algumas possibilidades de discussão em Durkheim e na Psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. v. 61, n. 3, 2009.

SIQUEIRA-BATISTA, R.; SCHRAMM, F. R. Eutanásia: pelas veredas da morte e da autonomia. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2004, p. 31-41.

_____. Conversações sobre a “boa morte”: o debate bioética acerca da eutanásia. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2005, p. 111-119.

_____. A eutanásia e os paradoxos da autonomia. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2008, p. 95-102.

SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a morte: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas. Organização de Ernst Ziegler. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. (Coleção Obras Completas de Schopenhauer)

TAVARES, M. S. A. Parte 2 – Suicídio luto dos sobreviventes: Capítulo IV. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Suicídio: e os desafios para a psicologia. Brasília: CFP, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Preventing suicide: a global imperative. 2014. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/. Acesso em: 17 abril 2015.

A READ ABOUT THE SUICIDAL ACT IN THE CONTEMPORANEITY

ABSTRACT

The goal of this research was the exploration of the suicidal act in articulation with the current social and cultural context. In that sense, some investigations were held towards the relation of the suicide with the particular elements of current society, such as taboo of the death; the notion of major vulnerability to traumas, due to a possible reduction of the symbolic capacity – consequence of a post-modernity that takes on the decay of traditional references; and the implications derived from the dissemination of the capitalist speech. Following, it was discussed the forms of acting before suicide (acting out and passage to the act). At the end, some clinical considerations were pointed out:

KEYWORDS: Suicide in the contemporaneity. Death. Trauma. Psychoanalysis.

UNE LECTURE SUR L'ACTE SUICIDAIRE DANS LA CONTEMPORANEITE

RESUME

L'objectif de cette tuées TI' exploration de l'acte suicidaire en relation avec le contexte socioculturel contemporain. Pour cela, des recherches on tètère aisées concernant les relations du suicide avec des éléments particuliers de la société actuelle, comme le tabou de la mort ; la notion de plus grande vulnérabilité aux traumatismes, dus à une possible réduction des capacités symbolique – conséquence d'une postmodernité qui assume le déclin des références traditionnelles ; et les implications dérivées de la dissémination du discours capitaliste. Les formes d'action face au suicide (acting out et passage à l'acte) ont, par la suite, été discutées. Enfin, certaines considérations cliniques relatives au sujet suicidaire ont été identifiées.

MOTS-CLÉS : Suicide dans la contemporanéité. Mort. Trauma. Psychanalyse.

Recebido em: 22-08-2016

Aprovado em: 02-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

ANOREXIA: O IMPASSE SUBJETIVO PARA LIDAR COM CORPO E A FEMINILIDADE

Sabrina de Oliveira Nésio¹ e Juliana Motta²

RESUMO

Este artigo visa discutir, pelo viés da psicanálise, a anorexia como uma das manifestações clínicas do sofrimento psíquico crescente na atualidade que submete o sujeito ao imperativo do gozo por tentar alcançar um ideal impossível. Nessa lógica surge o sofrimento produzindo os sintomas no corpo. Desde modo será necessário entender a noção de corpo segundo a psicanálise articulada ao conceito de feminilidade para posteriormente compreender a relação do sujeito feminino com o corpo e os sintomas de anorexia na contemporaneidade. Pressupondo que a anorexia pode ser uma das formas encontradas pelo sujeito para lidar com o mal-estar estrutural ou a tentativa da construção da máscara feminina. Busca, ainda, situar tal sintomatologia ao longo da história da civilização conforme as diferentes formas de expressão próprias de cada época.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Feminilidade. Anorexia.

¹ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e estudante da Pós-Graduação em Saúde Mental- Política, clínica e práxis do Instituto de Educação Continuada – PUC Minas. Rua Cláudio Manoel, 1185, 14º andar, Funcionários, Belo Horizonte, MG. (31) 3319-4444 | sabrinanesio@yahoo.com.br.

² Psicanalista, Membro Aderente da Escola Brasileira de Psicanálise — sessão — MG. Mestre em Psicologia/FAFICH-UFMG; Gerente Técnico -Assistencial do Instituto Raul Soares-FHEMIG. Professora das Especializações do IEC-PUCMG: Clínica Psicanalítica na Atualidade: Contribuições de Freud e Lacan; Saúde Mental — Política clínica e práxis. Rua Cláudio Manoel, 1185. 14º andar, Funcionários, Belo Horizonte, MG. (31) 3319-4444 | julianameirellesmotta@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este texto visa discutir a anorexia como forma de adoecimento psíquico do sujeito feminino na contemporaneidade pressupondo que esta pode ser uma das soluções encontradas pelo sujeito para lidar com o conflito concernente ao corpo bem como na construção da máscara feminina.

Para tanto, ao longo da argumentação terá preferência a noção de corpo segundo psicanálise articulada ao conceito de feminilidade para posteriormente compreender a relação do sujeito feminino com o corpo e os sintomas de anorexia na contemporaneidade.

A NOÇÃO DE CORPO

Há muitos anos o corpo tem a atenção de vários campos do saber como, por exemplo, medicina, antropologia, arte, psicologia, psicanálise entre outros. Aparece como objeto de estudo conforme os princípios de cada abordagem demonstrando que os conceitos que concernem ao corpo são bastante variáveis.

A psicanálise prioriza o discurso do sujeito e demonstra que é exatamente através de uma linguagem sobre o corpo que este se faz presente. Freud, em 1895, nos Estudos sobre a histeria, avança em relação a existência do inconsciente a partir da fala sobre o corpo. É aí que Freud estabelece uma cisão entre o corpo regulado pelos estatutos da medicina e o corpo do discurso freudiano. Essa nova leitura sobre o corpo põe em cena um corpo que faz analogia ao sintoma.

Nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, em 1905, Freud insere uma nova concepção de corpo ao estruturar que o corpo biológico, o corpo da pura necessidade recairá na noção de corpo erógeno. Ou, como a leitura que Lacan faz de Freud, corpo inserido na linguagem. Sendo este último, o corpo constituído da psicanálise; corpo que tem representação psíquica, marcado pelo desejo inconsciente. Demonstrando assim, que o sintoma seria para o sujeito maneiras de realização deste desejo.

Desta forma, o corpo sexual da psicanálise se contrapõe ao organismo físico tratado pela biologia e evidencia o lugar que a sexualidade ocupa na construção desse corpo. Lanzzarini e Viana (2006) ao citarem Bastos, em “O corpo em

psicanálise', dizem que o corpo sexual é o corpo infantil seduzido e apossado pela pulsão. Colocam ainda que a pulsão seria o lugar de encontro entre corpo e psiquismo. Opondo, portanto, corpo e organismo pois, segundo as autoras o corpo pulsional não se identificaria com o conceito biológico. E é como corpo pulsional que o corpo pode ser auto-erótico e narcísico. Enquanto o corpo pulsional remete a uma dispersão da pulsão, o corpo narcísico se refere a uma unidade do corpo realizada pela presença significativa do outro.

É a partir da erotização que o corpo começa a ser constituído. A imagem corporal se ordena quando ocorre a constituição de um corpo totalizado, ou seja, quando as zonas erógenas deixam de ter um registro dispersivo para ser unificado.

De acordo com a leitura que Lazzarini e Viana fazem de Lacan, seria através do outro que a unidade corpórea seria prefigurada e antecipada resultando assim, na construção do eu e do corpo unificado. Nesse caso, para o sujeito, a experiência de ter e ser eu implica para ele habitar um corpo unificado que se inscreve no espaço e no mundo. Esse momento de constituição do ser humano, onde acontece a apreensão e o domínio da unidade corporal imaginária por identificação com a imagem do outro, pode ser entendida a partir da teoria do estágio do espelho de Lacan.

Ao falar do estágio do espelho e o imaginário, Garcia-Roza diz que aí há um primeiro esboço do ego, mas que não é nessa fase que ocorre a constituição do sujeito. O que essa fase assinala é um tipo de relação imaginária, dual, da criança com seu semelhante através da qual ela constitui uma demarcação da totalidade do seu corpo.

A criança percebe na imagem do semelhante ou na sua própria imagem especular uma forma que antecipa uma unidade corporal que lhe falta e identifica-se com essa imagem. No entanto, "essa fase é ainda dominada pelo imaginário e o que aí se produz é apenas um ego especular. O sujeito será produzido somente quando da passagem do imaginário ao simbólico, isto é, através da linguagem." (Garcia-roza, 2004, p.212)

E como diz André (1998), a imagem, em suma, veste o corpo real cuja desordem é solidária da prematuração. Seguindo esse pensamento, o corpo para

psicanálise não é uma experiência primária do sujeito, pois, este só tem acesso a este corpo mediante funções simbólicas.

Assim, o corpo para a psicanálise é aquele corpo enquanto objeto para o psiquismo, é o corpo da representação inconsciente, investido numa relação de significação, construído em seus fantasmas e em sua história. Opondo-se, portanto, ao corpo individualizado, despedaçado que a linguagem dá ao ser falante antes do desenvolvimento de uma imagem ordenada. O que implica articular que para fazer um corpo é preciso um organismo e uma imagem. O que como diz Soler (1989), faz existir o sentimento de pertinência e unidade devida a consistência da forma.

E desde essa prótese do imaginário, que de um organismo fragmentado faz um corpo unificado, concebe-se que essa imagem oferta-se ao amor e toma seu valor libidinal – narcisismo, dizia Freud. (SOLER, 1989, p.4).

Soler (1989) afirma, ainda, ao citar Lacan que as fragmentações das representações do corpo não cabem somente ao organismo prematuro, mas, também ao efeito da própria linguagem. Sendo a partir dos mecanismos dos significantes que se constrói um corpo. Ideia corroborada por Quinet (1988), em *O corpo e seus fenômenos*, quando aponta que o corpo é aquilo que pode trazer a marca apropriada para colocá-lo numa cadeia significativa, ou seja, um discurso.

Beneti (200) apresenta o conceito de corpo a partir de dois campos do saber: na psicanálise e na medicina. Quanto a primeira interessa o corpo libidinal, erotizado, sexualizado, corpo atravessado pela palavra. Para a medicina tem-se o corpo desoregeneizado, dessexualizado, biológico, cadaverizado. Esse mesmo autor afirma que para fazer um corpo é necessário um organismo, uma imagem e a linguagem. E a partir disso discorre sobre o corpo nos três registros (R,S,I) inseridos no campo da psicanálise:

I – imaginário: uma imagem toda, uma, inteira, sem furos ou defeitos.

S – simbólico: significantes. Estrutura de linguagem.

R – real: o impossível. Enquanto inscrito numa arquitetura significativa (S) ou formal (I).

Para compreender a relação do sujeito feminino com o corpo, a partir da psicanálise, é imprescindível que esteja claro a noção de que o corpo não se dá a priori e sim é construído pela articulação do real, simbólico e imaginário.

Para psicanálise, no registro do imaginário o que está em cena é a dimensão da imagem una, toda, inteira, narcísica, que aponta para dimensão da harmonia, do encontro, do bem-estar. Corpo estético e da beleza corporal que ganha cada vez mais espaço na mídia e no imaginário das pessoas. Uma imagem que tenta cobrir o real, mas que sempre fura. A castração mostra que tem um furo, uma falha por onde aparece a harmonia e desarmonia do sujeito.

No simbólico, constitui-se o corpo das zonas erógenas atravessadas pelo significante, delimitadas pelos mesmos, que articulados à pulsão falam do corpo erógeno, erotizado, sexualizado. Um corpo “esbelto”, “magro”, “gordo”...

No real é o corpo do gozo sexual, que aponta para a impossibilidade do bem-estar, da harmonia do encontro. Corpo do desencontro, do mal-estar, marcado por um menos, atravessado pela castração que destrói o ideal narcísico.

Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me e
é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta...
(Carlos Drummond de Andrade, 1984, p.13)

Na literatura, é possível observar com Drummond, em seu poema “ As contradições do corpo”, o que a teoria psicanalítica aponta: que a constituição do sujeito se dá a partir do olhar do outro. Neste contexto perpassa a organização da completude ilusória do sujeito feminino que buscará tamponar a falta com objetos de gozo, oferecidos pela ciência, julgados capazes de proporcionar plena satisfação e que responda ao ideal de completude. Retrata-se desse modo os valores de uma sociedade escópica em que é preciso seguir os ideais de beleza e jovialidade aprovados pelo outro.

De acordo com André (1998), há um cuidado particular da mulher com sua imagem corporal que esta pode chegar a adquirir o valor de falo. O corpo feminino, nesse caso, apresenta-se, também, como símbolo fálico como sendo uma das

saídas da mulher para se ter acesso à feminilidade. Por tanto, faz-se necessário entender o conceito de feminilidade na psicanálise.

FEMINILIDADE

O enigma da feminilidade se apresenta ao sujeito a partir da falta de um significante no campo do Outro. É essa ausência de um significante, que estrutura o “não ser” da mulher ou, como aforismo lacaniano: “a mulher não-existe”.

Enquanto no homem é o atributo fálico que o define, na mulher, ocorre o oposto. O falo não as define positivamente, isto é, diz o que não são, mas não diz o que são. Percebe-se, assim, que o falo é uma questão central para ambos: homem e mulher. Como diz Spínola (2001), a dialética fálica é a única capaz de introduzir o sujeito masculino e feminino nos ideais típicos de cada sexo, que sustentam a realização genital da pulsão. A distinção entre homem e mulher, portanto, não se reduz à diferença anatômica.

Não há representação no inconsciente da dualidade de órgãos pênis/vagina que a diferença anatômica apresenta. Esta é uma questão problemática para o sujeito, que terá que construir sua identidade sexual, já que ela não é dada pela anatomia. Não há representação psíquica da diferença anatômica pela representação de seus órgãos, mas há representação psíquica de um operador desta diferença: o falo. O falo não é o órgão. “Não é do pênis que se trata, mas do falo, ou seja, de um significante que, como todo significante, tem lugar no discurso do Outro, sempre trans-individual” (Soler, 2005, p.27).

Para explicitar melhor essa divisão, entre homem e mulher, é necessário precisar o conceito psicanalítico de sexualidade. Afinal, como assinala Spínola, o sexual se insere na estrutura edípica segundo uma outra ordem que não é a anatômica, e sim, segundo leis inconscientes. A sexualidade, para psicanálise, é consequência da organização fálica ou da castração.

Freud busca responder a questão feminina, “O que é uma mulher?”, analisando o complexo de castração na menina e no menino. Sob ameaça da castração, o Édipo evolui naturalmente no menino, é abandonado, reprimido e, na maioria dos casos inteiramente destruído. Com a dissolução do Complexo de Édipo instala-se,

como seu herdeiro, um severo superego. O mesmo não acontece com a menina. O complexo de castração na menina é bem diferente. Na menina não há o temor à castração. Ela reconhece este fato que é o que influencia o Complexo de Édipo na menina ao invés de destruí-lo.

Entretanto, no Complexo de Édipo feminino, a castração terá importância para que a menina atinja a situação edípica positiva. Mas, anteriormente ao “complexo positivo”, há uma fase pré-edípica ou “complexo negativo”, fase de ligação exclusiva à mãe, de grande importância nas mulheres. De acordo com Freud (1933), essa fase, pré-edípica, sobre a qual se apóia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como modelo, é decisivo para o futuro de uma mulher. “Durante essa fase ocorre os preparativos para aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. É também nessa identificação que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem.” (Freud, 1933) Segundo, André (1998), é essa Pré-história de Édipo feminino que tenderá a ressurgir, mais tarde, ao longo da história da filha, já que o pai é sentido por ela como impotente para lhe transmitir uma identidade feminina.

Já na situação edípica, ao invés de ter a mãe como objeto de amor, a menina elege seu pai como objeto amoroso. Ao se deparar com a falta, descobrir-se castrada é impulsionada a entrar no Édipo positivo. A menina culpa a mãe por não receber o objeto desejado, testemunha a castração da mãe e, é levada a eleger um outro objeto suposto capaz de lhe dar o falo: o pai. Isso indica, segundo Freud (1933), que para as meninas a situação edípica é o resultado de uma evolução longa e difícil. Afinal, uma menina tem de mudar de zona erógena – do clitóris para vagina – e de objeto – da mãe para o pai – enquanto que o menino mantém ambos.

Desse modo, Freud (1933) atribui às mulheres um complexo de castração. Assim, como nos meninos, as meninas iniciam o Complexo de Castração ao verem os genitais do outro sexo. Percebem a diferença, sentem-se injustiçadas e tornam-se vítimas da “inveja do pênis”. Admitem, portanto, sua importância. Essa inveja deixará marcas “indelévels” em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter e, a mulher poderá por um longo tempo desejar possuir algo semelhante, algo para tamponar a falta fálica.

A menina entra na situação edipiana como se esta fora um refúgio. Ante “a ausência do temor da castração, falta o motivo que leva o menino a superar o Complexo de Édipo. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto.” (Freud, 1933) Nessas condições, a formação do superego sofre um prejuízo e a identificação feminina segue um percurso bem mais complexo.

Assim, a lei fálica não se impõe da mesma maneira no destino feminino. A mulher é não-toda assujeitada à função da metáfora paterna e sua sexualidade caracteriza-se mais por uma divisão que por temor à castração. A sexualidade feminina se organiza e se desenvolve em torno de uma falta. O feminino, será então, apreendido a partir do simbólico, da primazia do falo, símbolo de algo que falta.

Freud em sua conferência sobre Feminilidade (1933) e Sexualidade feminina (1931) fala do enigma da feminilidade e da constituição do feminino no complexo de castração que se resolve no complexo de Édipo. Mostra, portanto, a distinção da constituição do sujeito feminino em relação ao masculino. A sexualidade feminina organiza-se em torno da falta de objeto que concerne ao falo. Portanto, a primazia do falo norteia as relações libidinais no interior do Édipo a partir da dialética do ter ou não ter, em que a diferença anatômica que constitui a masculinidade ou feminilidade como o é para ciência.

Sobre o enigma da feminilidade, Serge André, em “O que quer uma mulher?” (1998), diz que as mulheres são elas mesmas este enigma. “A feminilidade é um objeto de pensamento inapreensível, e por outro lado, para as próprias mulheres, faz parte do registro do ser inefável que não tem necessidade alguma de ser pensado para ser.” (André. 1998.p.190) Coloca que a feminilidade aparece em Freud como um enigma, pois não é um dado a priori, ao menos a nível do inconsciente e de suas representações. Esse mesmo autor fala que a mulher deve ser praticamente fabricada através de um longo trabalho psíquico. Afinal, a menina se considera castrada, privada do falo e, é necessário a passagem pelo Édipo para que essa privação seja subjetivada no plano da diferença anatômica e ganhe expressão psíquica. Isso evidencia, como descrito anteriormente, que a essência da feminilidade escapa à anatomia. E, como articula Soler (2005), definição é clara e simples:

A feminilidade da mulher deriva de seu “ser castrada”: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. Primeiro é o pai, ele próprio herdeiro de uma transferência do amor primordialmente dirigido à mãe, e depois o cônjuge. Em resumo: ao se descobrir privada do pênis, a menina torna-se mulher quando espera o falo – ou seja, o pênis simbolizado – daquele que o tem. (SOLER, 2005, p.26)

Segundo Freud (1933), o tornar-se mulher passa pela divisão do sujeito feminino em aceitar ou rebelar a castração. E dessa atitude dividida, da descoberta de que é castrada seguem-se três linhas de desenvolvimento possíveis: neurose, complexo de masculinidade e saída pela feminilidade. Há, portanto, algumas consequências psíquicas para a mulher em relação à inveja do pênis.

Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetual da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar. A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também, a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, de modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual. (FREUD, 1933)

E, mais que a tentativa de receber o falo do pai, como assinala André (1998), a mulher busca um signo que a funde numa feminilidade enfim reconhecida. No entanto, depara-se com a impotência do pai para dar o apoio que contava para assentar sua identidade feminina. “A insígnia paterna só indica o falo, só sugere identificação fálica” (André, 1998, p.112). Segundo esse mesmo autor, como não há no Outro um significante do sexo feminino como tal, não há na imagem corporal algo que possa revestir e erotizar completamente o real do corpo, numa mulher a não ser que se faça “toda fálica” abordando a sexualidade à maneira de um homem, na ostentação fálica. No plano da imagem a mulher aparece sempre como algo essencialmente vacilante e frágil. Por isso a atenção dada à imagem, a expectativa constante de serem reasseguradas de sua feminilidade por meio dessa imagem.

Assim, à falta de ter o falo, a mulher cuida particularmente de sua imagem corporal de tal sorte que esta chega a adquirir o valor de falo: à falta de ter um signo identificatório do pênis, ela tem um corpo feminino. Em consequência, o corpo feminino, apoiando-se sobre o real da carne, adquire ao mesmo tempo um valor principalmente simbólico: em seu limite, como símbolo fálico, ele vale ainda mais que um pênis.”ANDRÉ, 1998, p.115)

Quinet (1995) ao citar Lacan diz que na contraposição de ter ou não ter o falo, a mulher justamente por não ter o falo se torna o falo. “ Ela se transforma naquilo

que ela não tem. A ausência de falo é o que condiciona justamente a mulher a ser um objeto fálico.” (QUINET, 1995, p.13) Nesse sentido, André ao citar Lacan escreve que é para ser o falo, quer dizer, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade, principalmente todos os seus atributos na mascarada. “ A mascarada feminina tem o estatuto de uma máscara destinada a fazer ex-sistir como mistério – ou melhor, como mistério roubado à lógica do signo como insignificável – um ser feminino hipotético.” (ANDRÉ, 1998, p.115)

A partir daí pode-se depreender que em primeiro lugar, a mulher, apesar de castrada, reveste-se do falo, torna-se o falo para ser desejada, porque sabe que este representa o desejo almejado pelo Outro; em segundo lugar, é justamente o fato de ser castrada, mas, ao mesmo tempo, conseguir disfarçar esta condição, que define a sua essência. Assim, a mulher tem como única saída a mascarada feminina para atuar como causa do desejo porém, nessa alienação no falo ela deixa de lado a essência do feminino. Desse modo, a mascarada feminina é um recurso inevitável e essencial para constituir um laço com o Outro, como um modo de se fazer ser para o Outro.

A ANOREXIA COMO SENDO UMA DAS ESTRATÉGIAS FEMININAS PARA LIDAR COM O CORPO

Nesse sentido, pode-se pensar que a anorexia, na contemporaneidade, pode ser uma das estratégias femininas para lidar com o corpo bem como ajudá-la na construção da máscara feminina. Ainda que seja uma tentativa fadada ao fracasso visto que faz definir o corpo do sujeito, fazendo-o colocar-se novamente sob os cuidados e sujeição do gozo do Outro. Na anorexia há um gozo do corpo que entra numa lógica mortífera e segregadora do laço com o Outro.

En la clínica Del vacío, la importancia de la máscara no está em relacion com el juego histórico de las identificaciones. Si la clínica de la falta – como demuestra em concreto la posición histórica del sujeto – es una clínica que elige la máscara como modalidad subjetiva para hacer existir el deseo del Otro, la clínica del comproba como la máscara está más bien encaminada a hacer que el sujeto exista em su ser. (Recalcati)

A anorexia é um ideal impossível de ser alcançado a não ser pela via do adoecer. Adoecimento que reflete um estilo de vida marcado culturalmente. Sabe-se

que comportamentos alimentares excêntricos sempre existiram na história da civilização porém, modificando conforme os objetivos, significados próprios da época e subjetividade de cada um.

Segundo Cordás, a primeira descrição médica da anorexia nervosa foi feita por Gerald Russell em 1979, e um terceiro grupo heterogêneo de quadros assemelhados, mas que não apresentavam sintomas completos nem para o diagnóstico de Anorexia Nervosa nem para Bulimia Nervosa, foram classificados como Transtornos Alimentares Atípicos nos anos 1980. Em 1986 foi descrito um caso sugestivo de anorexia ocorrido no ano 895. O autor descreve ainda que no século XIII, cresce o número de casos descritos de mulheres que se auto-impunham jejum como uma forma de se aproximar espiritualmente de Deus; eram as chamadas “santas anoréxicas”. Um dos casos mais conhecidos é o de Santa Catarina de Siena. No ano de 1354 a mesma contava com 7 anos quando iniciou os sintomas de restrição alimentar, preces e prática de autoflagelamento devido seu voto de consagrar sua vida a Deus. Seu pendor para mortificação a partir da inanição acentuou-se a tal ponto que causou sua morte por desnutrição aos 32 anos.

Em 1980 o DSM-III – Manual de diagnóstico e estatística dos transtornos mentais - introduziu a bulimia como um novo transtorno alimentar. Porém, apenas no DSM-III-R a anorexia nervosa foi estabelecida no campo psiquiátrico como uma síndrome entre os transtornos alimentares conforme proposto por Russel. De acordo com esse manual, atualmente DSM-V, os transtornos alimentares são caracterizados por uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação que resulta no consumo ou na absorção alterada de alimentos e compromete significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial. São descritos critérios diagnósticos para pica, transtorno de ruminação, transtorno alimentar restritivo/evitativo, anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno de compulsão alimentar. Cada um possui traços específicos para se fazer as características diagnósticas e o diagnóstico diferencial.

Os sintomas alimentares não são novos mas, é importante ressaltar que cresce o número dessa psicopatologia, como muitos preferem denominar. Atualmente, observa-se que os quadros de anorexia nervosa denunciam que o sujeito busca decifrar o que se é através da imagem. Existe hoje uma supervalorização do culto ao

corpo que permeia a vida do sujeito submetendo-o ao imperativo do gozo: os padrões estéticos impostos pela mídia e pelo mercado da moda; o conceito de saúde e bem-estar através do consumo de produtos *lights*; de expressões “Seja belo”, “Seja feliz”. À princípio, esses ideais deveriam nortear as decisões do sujeito, porém há um agravante quando o sujeito transforma tais expressões em imperativos. E mesmo sendo em contexto onde prevalecem o imperativo da sociedade de consumo pela perfeição corporal, em algum ponto sempre aparece a insatisfação feminina para denunciar a falta. Nessa lógica universalizante do que é ideal, surge o sofrimento, angústia e muitas vezes produz sintomas no corpo.

Tal contexto tem como característica o apagamento da diferença para ficar igual a um modelo determinado culturalmente. Assim, o sujeito feminino, narcisicamente, busca encontrar valores e atributos que preencham os vazios de sua imaginária completude voltando a libido para satisfação narcísica que pode ser percebida através da excessiva preocupação com sua imagem corporal. A libido é então deslocada para um ideal do eu que neste caso se apresenta sob a forma da beleza padronizada pela cultura.

O Ideal de eu funciona no registro simbólico, se dá na relação com o outro. É por isso que o sujeito narcisista tem prazer ao obter o reconhecimento e a admiração de um outro significativo apesar dessa necessidade advir de um objeto ideal internalizado. Entretanto, nas anorexias, há algo da regulação simbólica do Ideal do eu que não opera e o sujeito usa a imagem na tentativa de tamponar a “falta a ser”.

No caso da anorexia esse ideal a ser alcançado é o ideal do corpo magro mesmo quando uma realidade mortífera se apresenta pois, a imagem que a anoréxica vê no espelho é sempre distorcida, discrepante em relação ao real de seu corpo: por mais magra que esteja ela sempre verá um excesso que precisa ser eliminado. E, o sofrimento aparece justamente porque a anoréxica se identifica com o corpo acarretando no apagamento do sujeito impossibilitando o corpo de dar sentido ao mal-estar que o acomete bem como fazer com que seus atributos femininos passem pela lógica da castração. Ela se recusa a encarnar a alteridade do sexo para um homem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. Drumond de. *Corpo*. Rio de Janeiro: 4ª ed. Record, 1984.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 295p.
- APA (2014). *DSM 5. Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais, 5ª Edição*. Lisboa: Climepsi Editores. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/248320024/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf#scribd>>. Acesso em: 31 out. 2015.
- BENETI, Antônio. *O corpo da psicanálise e na medicina*. Almanaque. Nº 5, novembro 2000.
- CORDÁS, Táki Athanássios. *Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico*. *Rev. psiquiatr. clín.* vol.31 no.4 São Paulo: 2004. Disponível em: Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) On-line version ISSN 1806-938X. www.scielo.br . Acesso em: 31/10/2015.
- FREUD, S. Conferência XXXIII – Feminilidade (1933). In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. CR ROM
- FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. CR ROM
- FREUD, S. A teoria da libido e do narcisismo. In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 14. CR ROM
- FREUD, S. Os caminhos da formação do sintoma. In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.14. CR ROM
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. CR ROM
- GARCIA-ROZA. Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, 236 p.
- LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. *O corpo em psicanálise*. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*. V.22.n.2. Brasília, maio/ago.2006.
- QUINET, Antônio. *O corpo e seus fenômenos*. Conferência pronunciada em Belo Horizonte em 25/03/1988.
- QUINET, Antônio. *As formas de amor na partilha dos sexos*. In.: *A mulher na psicanálise e na arte/ Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise. – Seção Rio; organização geral: Stella Jimenez e Glória Sadala. – Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1995. 206 p.*
- RECALCATI, Massimo. *A questão preliminar na época do Outro que não existe*. *Latusa digital*. N.7.ano 1. junho 2004. Disponível em:<www.latusa.com.br>.

RECALCATI, Massimo. Clínica del vacío. Anorexias, dependências, psicosis. Editorial Síntesis

SABEDORIA DOS SANTOS. Santa Catarina de Sena – Doutora da Igreja – Padroeira da Europa. Disponível em: <<https://biografiadossantos.wordpress.com/category/santa-catarina-de-sena/>> Acesso em: 17 out. 2016.

SPÍNOLA, Suzana Barroso. A teoria do falo no retorno a Freud. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Belo Horizonte, 2001.

SOLER, Colete. O que Lacan dizia das mulheres. Trad. Vera Ribeiro; consultoria, Marco Antônio Coutinho Jorge; - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ANOREXIA: THE SUBJECT IMPASSE TO DEAL WITH THE BODY AND FEMININITY

ABSTRACT

This article aims to discuss the perspective of psychoanalysis , anorexia as one of the clinical manifestations of the increasing psychological distress today submitting the subject to the imperative of enjoyment by trying to reach an impossible ideal . This logic arises suffering producing symptoms in the body. In this way you must understand the notion of body according to articulate psychoanalysis the concept of femininity to further understand the female subject relationship with the body and the symptoms of anorexia nowadays. Assuming that one of the anorexia forms can be found by the subject to handle structural malaise or attempt construction of female mask. Search also place such symptoms throughout the history of civilization as the different ways of expressing themselves each time.

KEYWORDS: Body. Femininity. Anorexia.

ANOREXIE: L'IMPASSE SUBJECTIVE DE TRAITER AVEC LE CORPS ET LA FEMINITE

RÉSUMÉ

Cet article vise à discuter du point de vue de la psychanalyse, de l'anorexie comme l'une des manifestations cliniques de la détresse psychologique croissante aujourd'hui soumettant le sujet à l'impératif de jouissance en essayant d'atteindre un idéal impossible. Cette logique se pose la souffrance symptômes produisant dans le corps. De cette façon, vous devez comprendre la notion de corps selon la psychanalyse à articuler le concept de la féminité pour mieux comprendre la relation de sujet féminin avec le corps et les symptômes de l'anorexie de nos jours. En supposant que l'une des formes de l'anorexie peut être trouvé par le sujet pour traiter un malaise structurel ou tenter construction de masque féminin. Recherche placé également des symptômes tout au long de l'histoire de la civilisation que les différents moyens d'expression à chaque fois.

MOTS-CLÉS: Corpo. Féminité. Anorexie.

Anorexia: O Impasse Subjetivo para Lidar com Corpo e a Feminilidade

Recebido em: 18-08-2016

Aprovado em: 15-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

DA INIMPUTABILIDADE PENAL E DA RESPONSABILIDADE DO SUJEITO NO DISCURSO DA PSICANÁLISE

Greta Fernandes Moreira¹ e Betty B. Fuks²

RESUMO

O presente artigo visa analisar a questão da inimputabilidade penal, conceito jurídico referente à culpabilidade e conseqüente incapacidade do louco-criminoso em responder pelo ato infracional cometido, pela ótica da psicanálise, tomando por base as formulações lacanianas a respeito da constituição do sujeito a partir do campo da linguagem e de sua responsabilidade subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Inimputabilidade Penal. Responsabilidade. Sujeito.

¹ Mestranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida no Rio de Janeiro. Possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Maranhão e especialização em Direito Constitucional pela Universidade Anhanguera — Uniderp. Participante da Formação Clínica do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro. gretafernandes@hotmail.com.

² Psicanalista; Professora dos Programas de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, RJ, Brasil); Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq. betty.fuks@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Iniciaremos com algumas das perguntas que suscitaram a presente pesquisa: o que significa dizer que um sujeito não é responsável por um crime que cometeu? Que implicações tem concebê-lo como não responsável pelo crime? Por que Lacan afirma que desresponsabilizar leva à ideia de desumanização de um sujeito? E quem é esse sujeito que pode ou não ser responsabilizado?

É fato que o problema da responsabilidade sempre ocupou um lugar de destaque na criminologia. Com efeito, tomando-se por base o conceito de responsabilidade penal, pode-se determinar se um indivíduo foi capaz de atuar com discernimento, ou seja, com capacidade mental suficiente para apreciar o valor moral de um fato. E esse será o fundamento não só do problema da imputabilidade, como também das consequências penais derivadas dos atos de um delinquente criminoso. De forma que, a noção de responsabilidade, tal como é articulada no Código Penal, somente permite duas alternativas: o julgamento do criminoso, hipótese na qual este irá responder pelos seus atos perante um tribunal, observadas todas as garantias constitucionais do princípio do contraditório e do devido processo legal, ou o “lugar nenhum” da absolvição imprópria, onde o delinquente não tem voz, representando apenas um laudo diagnóstico que aponta algum dos não poucos transtornos descritos no DSM.

Nessa perspectiva, se alguém é considerado responsável por haver cometido um crime, pode ser castigado; do contrário, deve receber um tratamento. A criminologia atua de modo tal que, ao seguir o diagnóstico de enfermidade mental, produz uma suspensão do estado de direito de um sujeito. Mas quem é esse “sujeito” do Direito?

Não podemos negar que, no campo jurídico, o termo “sujeito” ganhou enorme destaque por razões internas ao próprio Direito e à Filosofia do Direito. O “sujeito de direito” é, então, aquele que exerce uma função em razão do texto do Direito, sendo, de alguma maneira, o próprio produto do texto jurídico. Dessa forma, esse sujeito de direito pode desempenhar, pelo menos, três papéis: o sujeito proprietário, o sujeito autor de algum fato jurídico e o sujeito responsável.

O primeiro, o sujeito proprietário, é a figura que domina todo o Direito das Coisas e se define pela capacidade de possuir. O sujeito não é invocado senão a título de uma possessão particular: um bem é referido a um sujeito segundo o seu direito de propriedade, o qual se define pelo gozo do objeto, sempre particular e limitado. Já o sujeito autor de algum fato jurídico é um sujeito que tem a reputação de ter a possibilidade jurídica de cumprí-los. Fala-se de “capacidade” no Direito Privado ou de “competência” no Direito Público, sendo a condição para que os atos jurídicos sejam considerados válidos. Por fim, o sujeito responsável é o produto de um laço estabelecido entre atos cometidos e um sujeito. Desse modo, sujeito será aquele a quem é possível imputar-se a responsabilidade de algum ato realizado. De toda forma, seja qual for a dimensão a que faça referência, o sujeito de direito não se define por propriedades que lhe seriam intrínsecas, resultando, ao contrário, de uma interpretação que obedece a imposições formais precisas.

Portanto, no Direito não há um sujeito cuja essência se manifeste segundo determinadas circunstâncias, porém, sob certas condições, há um sujeito de direito definido pelas ações jurídicas. O sujeito de direito é, assim, uma ficção, uma *factio legis*, que ilustra o fato de que podem ser declarados sujeitos de direito, por exemplo, o Estado, o Fisco, bem como todas as pessoas físicas. Logo, se o sujeito de direito sempre está sujeitado à ordem discursiva, ele somente aparece sob determinadas circunstâncias, quando ocupa, de alguma maneira, o lugar vazio que lhe foi destinado pela lei.

Assim sendo, restando claro que o sujeito de direito não passa de uma função jurídica abstrata e limitada, podemos encarar a responsabilidade como outra ficção, relacionada à imputação de um ato cometido a um indivíduo, que, nesse momento, se converte em sujeito para o Direito – o sujeito responsável – ou seja, sujeitado ao imperativo de responder por aquilo que fez.

O SUJEITO DA PSICANÁLISE

Diferentemente do sujeito de direito, a Psicanálise nos ensina que há um ato do sujeito que é irreduzível a qualquer instituição. Para dar conta dele, é preciso colocar-se à escuta de sua palavra, não o precedendo com a interpretação de seu texto, seja genealógico, jurídico, ou qualquer outro.

Com efeito, a invenção freudiana permitiu fazer valer um novo conceito de sujeito, resultado de um ato fundador, qual seja, o de se colocar à escuta sem pressupor um saber à enunciação, sendo esta a única forma que permite, verdadeiramente, situar retrospectivamente um sujeito. Assim, o sujeito que interessa à psicanálise é aquele que se deduz de uma divisão da palavra, ou seja, descobre-se o sujeito *a posteriori*, na retrospectiva de suas manifestações. Não é onde ele é esperado, onde é anunciado, onde se afirma, nem mesmo onde o Outro o supõe, que se localiza o sujeito. É exatamente onde não se espera, no lugar onde esse mesmo que fala não sabia quem era, é aí que surge o sujeito da psicanálise. O sujeito, dessa forma, é uma categoria que se impõe à experiência, na exigência de elaboração teórica que esta faz ao psicanalista.

A noção de sujeito na Psicanálise remete-se ao trabalho de Jacques Lacan, não havendo uma formulação expressa na obra de Freud, embora aquele tenha cunhado o termo exatamente a partir das contribuições freudianas, ancorando-se, especialmente, em suas experiências clínicas.

Em verdade, Freud, acolhendo as noções presentes na filosofia de seu tempo – de um *eu*, de um *si-mesmo*, de um *selbst* – elaboradas pela dialética de Herbart, Wundt e, sobretudo, Brentano, submeteu tais referências, de um modo que lhe era característico, a um debate crítico e ao crivo da verificação clínica. O resultado, por sua vez, representou uma subversão. Significou uma redefinição do que é a experiência humana. Isso, por sua vez, deu origem a um novo saber. Um saber sobre o sentido, o alcance, a meta e a razão do ato. Do ato enquanto humano.

Com efeito, se retomamos os escritos de Freud, ali encontraremos o que podemos entender como o sujeito do inconsciente, aquele que emerge nos tropeços da fala, nos furos do discurso, isto é, nos lapsos da língua, atos falhos, chistes e até mesmo no sintoma. São exatamente os casos clínicos que apontam para este lugar. Por tudo isso, na obra de Freud a noção de sujeito é uma referência permanente e sempre presente. Constante, porém, implícita.

Foi Lacan quem, no contexto de seu projeto de retorno a Freud, assumiu a tarefa de extrair essa referência e expô-la à luz do dia. Com isso, colocou-a em primeiro plano, como uma das noções centrais da teoria e da doutrina psicanalítica.

O sujeito tornou-se o referente lógico da questão freudiana, podendo-se mesmo “dizer que toda a obra de Lacan é um debate em torno da noção de sujeito” (CABAS, 2009, p. 14).

Um debate que envolve um trabalho de crítica permanente e, ao mesmo tempo, um esforço de formalização. Um empenho guiado pelo propósito de determinar o alcance dessa função, não apenas no plano do conceito mas, acima de tudo, na dimensão propriamente clínica do discurso analítico.

O sujeito sobre o qual se ocupa a Psicanálise é, antes de tudo, o sujeito pensado a partir da concepção do inconsciente e é exatamente este ponto que marca a principal diferença entre as elaborações da Psicologia e as da Psicanálise. Isso porque a primeira se apoia nas elaborações da consciência e, portanto, do eu, tomando como base uma concepção anterior, de origem filosófica, onde o sujeito é identificado como sujeito da consciência, representado, sobretudo, pelo cogito cartesiano ‘Penso, logo sou’, elaboração muito mais atrelada àquele que tem consciência de seus atos, consciência de si.

A psicanálise, por sua vez, refere-se a uma constituição que leva em consideração o inconsciente, ou como Lacan propõe, especialmente no texto “Subversão do sujeito e Dialética do desejo” (1960) um sujeito para-além da consciência, a partir do reconhecimento da estrutura da linguagem no inconsciente.

Nas palavras de Elia (2010, p. 36),

O sujeito se constitui, não “nasce” e não se “desenvolve”. Ele é a prova positiva e concreta de que é não apenas possível como absolutamente exigível e necessário que se conceba o vetor em torno do qual se organiza o campo de atuação da psicanálise como tendo um modo de produção que não é nem inato nem aprendido. Assim, recusam-se, em um só golpe, as duas tendências que, insistente e sistematicamente, compõem o campo da psicologia em suas diversas formas de conceber a chamada personalidade como híbrido produto, em proporções variáveis delas.

Já no que diz respeito ao momento de sua constituição, devemos primeiramente levar em consideração o campo do qual ele é o efeito: o campo da linguagem. Para a psicanálise, sobretudo a partir da reelaboração que Lacan empreendeu dos textos freudianos, o sujeito só pode ser concebido a partir do campo da linguagem.

Embora Freud, como já dito, não se refira explicitamente a isso, todas as suas elaborações teóricas sobre o inconsciente — campo primordial da experiência psicanalítica do sujeito — o estruturam como um sistema de representações (*Vorstellungen*), de traços de memória (*Erinnerzeichen*), de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), que se organizam nos mecanismos de condensação e deslocamento. Desde a sua Carta 52 a Fliess (FREUD, 1896/1976, p.275), o aparelho psíquico freudiano é representado como um sistema de transcrição e retranscrições, um esquema de arquivamento que será aprofundado na “A interpretação dos Sonhos” (FREUD, 1900/2014), o psiquismo como um sistema atemporal, revisado em “Uma nota sobre o bloco mágico” (FREUD, 1925[1924]/1976), e mantido rigorosamente até o final da sua obra.

Como nos ensina Elia (2010, p. 37),

não seria possível sustentar o funcionamento do sistema inconsciente, tal como Freud o propõe, com referenciais não-simbólicos de estatuto biológico — neurológicos, por exemplo — e tampouco com referenciais não-materiais de estatuto “psicológico”, que, quando tomados em sua suposta autonomia, acabam por reduzir-se a seu suporte metafísico: “o pensamento”, “a alma”, “a razão”, entre outros. O inconsciente freudiano exige, portanto, um suporte metodológico que o situe, no plano conceitual, em relação a dois estatutos: ele deve ser material (a psicanálise é um saber materialista) e, ao mesmo tempo, simbólico (a psicanálise não é uma biopsicologia).

Por tal razão, supondo que o campo da linguagem seria o único a reunir as condições metodológicas materiais e simbólicas requeridas pela psicanálise, Lacan recorre às lições do linguista Ferdinand de Saussure, utilizando-se da categoria de *significante*, que, segundo este, seria a imagem material acústica à qual se associa um conceito (ideia), como *significado*, na constituição do signo linguístico.

Lacan (1957), todavia, acredita que sustentar essa ideia – de que o significante atende à função de representar o significado – é uma ilusão, pois de acordo com o psicanalista, as coisas não podem fazer mais que demonstrar que nenhuma significação pode se sustentar a não ser pela remissão a outra significação. Não existe uma significação em si, fechada e recíproca, pois “não há língua existente à qual se coloque a questão de sua insuficiência para abranger o campo do significado, posto que atender a todas as necessidades é um efeito de sua existência como língua” (*ibid.*, p. 501).

Logo, a partir dessa sua construção, pode-se dizer que Lacan está afirmando que o significante é material, mas não uma substância, de modo que uma combinação entre significantes arranja o que, em Psicanálise, se conhece por cadeia significante.

No campo freudiano, apesar das palavras, a consciência é um traço tão caduco, para basear o inconsciente em sua negação (...) O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma (LACAN, 1960, p.813).

Tendo em mente tais condições estruturais, podemos passar a pensar o processo de constituição do sujeito, recorrendo, conforme sugere Elia (2010, p. 38) “à situação concreta através da qual o ser humano chega ao mundo e se insere na ordem humana que o espera, que não apenas precede sua chegada como também terá criado as condições de possibilidade de sua inserção nesta ordem”.

Nesse sentido, a teoria psicanalítica do sujeito e de sua constituição articula-se, interna e necessariamente, com as categorias sociológicas da sociedade e da família, considerando a dimensão social como essencial à constituição do sujeito do inconsciente.

Para a psicanálise, portanto, o sujeito só se constitui como tal se estiver inserido nessa ordem social, seja a partir da família ou de algum dos seus substitutos sociais e jurídicos, a exemplo das instituições sociais destinadas ao acolhimento de crianças sem família, orfanatos, etc. De outro modo, ele não só não se tornará humano, como tampouco se manterá vivo. Sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana não sobrevive.

A essa condição inerente ao ser humano, Freud deu o nome de desamparo fundamental (*Hilflosigkeit*), que exige, obrigatoriamente, a intervenção de um adulto próximo (*Nebenmensch*) que perpetre uma ação específica necessária à sobrevivência do bebê desamparado. Também nesse sentido, Lacan propõe a categoria de Outro, com o intuito de designar não apenas o *Nebenmensch* de quem nos fala Freud, mas também a própria ordem que este adulto encarna para o serzinho recém-aparecido na cena de um mundo já humano, social e cultural.

Importante, aqui, realizar uma diferenciação entre a categoria de Outro e a ordem social e cultural. Como claramente discorre Elia (2010, p. 40),

essa ordem (social) é eivada de valores, ideologias, princípios, significações, enfim, elementos que a constituem como tal, no plano antropológico. O Outro é o esqueleto material e simbólico dessa ordem, sua estrutura significante, o que nos permite portanto dizer que a ordem do Outro, que a mãe encarna para o bebê, é uma ordem significante e não significativa. O que a mãe transmite é, primordialmente, uma estrutura significante e inconsciente para ela própria (ela não sabe o que transmite, para além do que ela pretende deliberadamente transmitir), e não poderia ser simplesmente o conjunto de valores culturais (entendendo-se sob este termo toda a complexidade de elementos significativos ordenados na família e na sociedade à qual pertencem mãe e bebê).

Logo, o lugar do Outro deve ser entendido como o *locus* do simbólico, e portanto, como o *locus* dos significantes, inclusive dos significantes recalcados que retornam ou não para o sujeito. De forma que, o discurso do Outro – que, segundo Lacan, é exatamente o que define o inconsciente – só chega ao sujeito fragmentado, em pedaços, caracterizado pela falha. E isso acontece exatamente porque esse discurso é atravessado pela relação imaginária, que termina por mascarar a relação simbólica.

Por essa razão, o que chega ao bebê através do Outro materno não é um conjunto de significados a serem por ele meramente incorporados como estímulos ou fatores sociais de determinação do sujeito com os quais interagiria, a partir de sua carga genética, em um processo de aprendizagem de sua subjetividade.

Ao contrário, o que chega a ele é um conjunto de marcas materiais (imagens sonoras, unidade material da fala humana) e simbólicas (articulação em cadeia significante que produz uma ordem capaz de engendrar o significado, que não se encontra constituído desde o começo, antes da articulação significante) introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta, que se chama de sujeito.

Outro ponto importante a ser destacado é a temporalidade do inconsciente. Isso em virtude do seu tempo próprio ser *a posteriori* (*Nachträglich*, no dizer de Freud). Vislumbramos isso ao perceber que o sujeito, em sua experiência, tem um primeiro encontro com o Outro materno, que ocorre em determinado ponto da sua estrutura temporal. Porém, somente depois, em um segundo momento, é que esse

encontro poderá ganhar, para o sujeito, alguma significação que lhe permita fazer o reconhecimento de algum nível de sua constituição.

Tal estrutura temporal — *a posteriori* — expressa, justamente, essa prevalência lógica e sincrônica do significante sobre o significado no inconsciente. De fato, em dado momento, o sujeito encontra-se com o significante — ou, como alerta Elia (2010, p. 42), é por este encontrado, “já que nesse momento o sujeito ainda é inconstituído, é um sujeito *constituente* ou *a devir*”.

Consequentemente, o significado dado ao encontro com o Outro dependerá do significante, sendo dele subsidiário, exigindo, por tal razão, o trabalho de significação que é feito pelo sujeito. O significante pode, então, ser entendido como aquilo que convoca o sujeito, exigindo o trabalho para sua constituição.

Essa temporalidade do inconsciente pode ser exemplificada com o tempo verbal existente na língua francesa: o *futuro anterior*. Ou seja, diz-se, hoje, que, em um tempo futuro ao momento presente em que se diz, algo será passado. Cria-se, dessa maneira, um passado para o futuro, mas que só será passado quando o momento futuro chegar.

Por conseguinte, é somente a partir do encontro do bebê com o Outro materno que os desígnios – prévios – com que este Outro marca o bebê, projetar-se-ão no passado, como pré-história daquele sujeito em constituição.

Esse encontro, todavia, será sempre faltoso, podendo-se dizer que a falta é, em verdade, fundante do sujeito. E isso se dá em virtude do fato de que, no plano da demanda, o sujeito se dirige ao Outro, demanda sua presença, seu amor, e ao mesmo tempo, é movido por uma força incoercível em direção a um objeto que, por sua vez, é sem-rostro, é perdido como tal, é faltoso, ou seja, jamais foi conhecido pelo sujeito.

Não é possível entender a demanda, que é sempre de amor, sem articular a esse entendimento o objeto faltoso que a habita, o objeto descaracterizado pela passagem do significante. Este objeto criado por Lacan, foi nomeado de objeto *a*, o objeto causa do desejo, aquele que, por incidir como faltoso na experiência, causa o desejo do sujeito.

Porém, no caso do desejo, causa e alvo, jamais coincidem. Isso porque, embora a demanda faça crer que ela é formulada para ser satisfeita, na medida em que ela articula, pela linguagem, as necessidades do sujeito, ela promove o desprendimento dos objetos que, só suposta e aparentemente, seriam por ela demandados. A demanda, assim, é, desde sempre, habitada pelo desejo, pela falta, que a atinge com a marca da impossibilidade de satisfação.

Todavia, o que a psicanálise introduz, com sua concepção de inconsciente, é que o que não é articulável pode, no entanto, já ser articulado, ou seja, aquilo que é impossível a um sujeito articular com palavras, continua a ser estruturado, ou articulado, ao nível do inconsciente. Consequentemente, é justamente por já ser articulado no nível da estrutura inconsciente que o desejo não é articulável pelo sujeito. E essa é a verdadeira dimensão trágica da experiência do sujeito, essa impossibilidade e sua correlata inexorável sujeição ao que se articula sem o seu arbítrio, decisão ou vontade, sem a sua consciência, mas certamente com sua escolha ativa, no ato mesmo em que se faz sujeito do inconsciente.

O desejo, assim como o sujeito, encontra-se articulado aos três registros: real no plano de sua causa, simbólico em sua articulação e imaginário em suas vias de realização, na medida em que ele se realiza sempre na direção dos objetos delimitados que constituem a realidade do sujeito, e que são regidos pela trama de sua fantasia.

Cabe, por fim, destacar a diferenciação desenvolvida por Lacan a respeito dos lugares ocupados pelo sujeito do enunciado e da enunciação. Ele define o sujeito do enunciado como um *shifter*, aquilo que designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento (LACAN, 1960, p.814). O sujeito do enunciado é, também, aquilo que se pode definir como *eu*, que emerge de uma ideia de imagem unificada, de uma dimensão que se coloca a partir do equívoco provocado pela imagem no espelho, pelo mal-entendido.

A esse processo, Lacan designa de Estágio de Espelho,

um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1949, p. 100).

Dessa maneira, o “eu” é construído a partir destas imagens e é representado pelo sujeito do enunciado, sendo, portanto, o lugar de onde o sujeito se relaciona com os outros, seus semelhantes, mas que está referenciado pelo simbólico e, portanto, à Outra cena, que diz respeito ao lugar do discurso do Outro, do inconsciente. O sujeito do enunciado designa o sujeito da enunciação, mas não o significa. O sujeito do enunciado é o que está posto na concepção de sujeito no cogito cartesiano. A existência desse sujeito cartesiano é efêmera, ele somente é quando diz para si que pensa. Em verdade, o pensamento para Descartes, que faz da dúvida seu método, é um processo consciente.

Todavia, na concepção lacaniana de sujeito não é possível ser e pensar, “*penso onde não sou, logo sou onde não penso*. O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou juguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não posso pensar” (LACAN, 1957, p.521). Com efeito, Lacan sempre apresentou uma irreduzível divisão na subjetividade como sendo a verdade mais decisiva da descoberta de Freud: “como analistas, sabemos que há sempre uma *Spaltung*, isto é, há sempre duas linhas nas quais ele (o sujeito) se constitui. É disso, aliás, que nasceram todos os problemas estruturais que nos são próprios”. (LACAN, 1957-1958, p. 406). Na teoria lacaniana, portanto, o sujeito é barrado, em virtude da divisão que se opera a partir de seu encontro com a linguagem, que o coloca na condição de efeito e de produção significativa.

De fato, é assim que se constitui o sujeito da psicanálise, da enunciação ou do inconsciente. Este sujeito não é pensamento, ele não é construído, não nasce e não se desenvolve. Ao contrário, o sujeito da psicanálise é constituído, como vimos, a partir do campo da linguagem, do simbólico. Ele não sobrevive sem o aparato do campo social e é somente a partir do desejo do Outro que se dá o seu desejo: “é como Outro que ele deseja” (LACAN, 1960/1998, p.829), de forma que a pergunta que retorna para o sujeito, indicando o caminho para seu desejo, foi formulada por Lacan como o *Che vuoi?*, “o que você quer?”.

A Psicanálise revela-se, assim, como único campo do saber e da experiência humana que leva em consideração um ponto real que nenhum outro saber existente é capaz de explicar. E isso porque ela subverte o lugar e o modo como qualquer saber pode ser produzido, estabelecendo, a partir da suposição de um sujeito do inconsciente, que todo saber verdadeiro sobre o sujeito só pode ser produzido nas condições do dispositivo psicanalítico, quer dizer, a partir da relação do sujeito com o ato da fala.

A RESPONSABILIDADE DO SUJEITO NA PSICANÁLISE

Desde seus primeiros trabalhos, especialmente em *“Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia”*, de 1950, Lacan tem destacado e antecipado que vivemos em um tempo em que a noção de responsabilidade hesita cada vez mais, o que atribuiu ao advento de uma pretensão de objetivação do crime. Relata que, pelo fato de estarmos inseridos em uma sociedade regida por ideais cada vez mais utilitários, mais comprometidos em um movimento acelerado de produção, acaba-se, de todos os modos, desejando desconhecer a significação expiatória do castigo.

Aduz que assistimos a uma época na qual se deixou de utilizar o castigo em seu alcance exemplar e passou-se a absorvê-lo sob um fim correccional, castigo que leva uma significação de repressão e que, cada vez mais, se torna mais insuportável.

Ainda nesse célebre trabalho, Lacan sustentava que a psicanálise podia colaborar com a pretendida objetivação do crime e elucidação das hesitações da noção de responsabilidade, uma vez que ela propõe uma discriminação do psiquismo em diferentes instâncias. Todavia, destaca que os aportes teóricos da psicanálise não visam a objetivação do crime no sentido de uma eliminação ou redução da participação do sujeito.

Ao contrário, para Lacan, o sujeito é sempre responsável por seus atos, afirmando em *“A ciência e a verdade”* (1966, p. 873), que, “por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis”. Todavia, isso não significa que ele seja culpável em relação à sanção que invoca. E vai além. Defende que o psicanalista não só é apto a mostrar a realidade do criminoso, como também é alguém que

poderia proporcionar uma espécie de parecer pericial sobre a realidade do crime. Acreditava, assim, que, para o analista, as anomalias de estrutura que descobre na palavra e na conduta do criminoso, se constituíam em ritos no caminho até o descobrimento de uma verdade inconsciente, não baseada na realidade dos atos.

Dessa maneira, considerava que a psicanálise poderia ajudar a esclarecer a noção de responsabilidade, posto que ela “resolve um dilema da teoria criminológica: ao irrealizar o crime, ela não desumaniza o criminoso” (1950, p. 137). Caberia, assim, perguntar, no contexto analítico, como o analista reconhece a responsabilidade de um sujeito, uma vez que já sabemos que isso, no âmbito da psicanálise, não equivaleria ao reconhecimento do eu.

É verdade que o assentimento subjetivo tende a se localizar no “eu reconheço”, mas a responsabilidade psicanalítica não é, de maneira nenhuma, egoica, dizendo respeito tão somente ao sujeito, que, como vimos, não se trata de um sujeito constituído, mas sim de um sujeito que carrega um progresso dialético, pertencente ao âmbito da experiência analítica, o “sujeito barrado”, que evidencia a divisão subjetiva, um sujeito que somente emerge à consciência por meio das formações do inconsciente.

Portanto, da perspectiva de Lacan, para que o castigo possa obter sua significação é imprescindível um assentimento subjetivo. Por isso, afirma que “a responsabilidade, isto é, o castigo, é uma característica essencial da ideia do homem que prevalece em uma dada sociedade” (LACAN, 1950, p. 139).

De modo que, se o sujeito não reconhece a sua falta, não pode dar uma significação à sanção que lhe é aplicada pelo delito que cometeu, e, assim sendo, o castigo não é capaz de modificar seu ato criminoso. Por outro lado, ser declarado responsável por um ato permite a um sujeito conservar sua humanidade, na medida em que tenta produzir sua implicação em tal ato, podendo, então, tomar uma posição diante dele.

Posto isto, resta dizer que a psicanálise é um saber conjectural, cujo interesse se centra no sujeito e em sua relação com seus objetos, razão pela qual podemos afirmar que a responsabilidade na psicanálise reside na resposta do sujeito do inconsciente. Consequentemente, temos que a disciplina fundada por Freud se

interessa pela significação subjetiva do crime, sem por isso reduzir o sujeito ao estado de um enfermo mental que não pode ser julgado. Diferentemente, ela tem a intenção de conseguir que se responsabilize o louco homicida, por meio de tratamentos diversos, permitindo que ele entenda a gravidade do seu ato, podendo, a partir de então, por ele se implicar.

REFERÊNCIAS

- BITENCOURT, Cezar Roberto. Tratado de Direito Penal – Parte Geral. São Paulo: Ed. Saraiva, 2006.
- CABAS, Antonio Godino. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- CHAUMON, Franck. La ley, el sujeto y el goce: Lacan y el campo jurídico. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
- ELIA, Luciano. O conceito de sujeito. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.
- FERREIRA-LEMONS, PP. “Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social”. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. Psicologia social e personalidade [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 89-108. ISBN: 978-85-7982- 057-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 13.07.2016.
- FREUD, Sigmund. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, volume XIV.
- _____. (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- IBRAHIM, Elza. Manicômio Judiciário: da memória interrompida ao silêncio da loucura. Curitiba: Appris, 2014.
- LACAN, Jacques. (1949). “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1950). “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia”. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1957). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. O seminário, livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1957-1958] 1999.
- _____. (1960). “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano”. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1966). “A ciência e a verdade”. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

THE NON-IMPUTABILITY AND SUBJECTIVE RESPONSIBILITY IN THE VIEW OF PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

This article aims to analyze the issue of non-imputability, a legal concept that refers to the culpability and the consequent inability of the psychotic criminal for assuming the commitment of the illegal act practiced, from the perspective of psychoanalysis, based on lacanian formulations regarding the constitution of the subject from the field of language and his subjective responsibility.

KEYWORDS: Non-imputability. Responsibility. Subject.

LA NON-IMPUTABILITE ET LA RESPONSABILITE DES SUJETS SUR LA VISION DE LA PSYCHANALYSE

RÉSUMÉ

Cet article vise à examiner la question de la non-imputabilité, un concept juridique que concerne a la culpabilité et conséquente incapacité du criminel psychotique d'assumer la responsabilité pour l'acte criminel commit, du point de vue de la psychanalyse, basée sur les formulations de Lacan concernant la constitution du sujet du langage et de sa responsabilité subjective.

MOTS-CLÉS : Non-imputabilité. Responsabilité. Sujet.

Da Inimputabilidade Penal e da Responsabilidade do Sujeito no Discurso da Psicanálise

Recebido em: 08-09-2016

Aprovado em: 05-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

O ENIGMA PULSIONAL NA ESCOLHA DO OBJETIVO DE SIDONIE CSILLAG, A JOVEM HOMOSSEXUAL

Carina Freitas Passos¹ e Anamaria Silva Neves²

RESUMO

Este artigo discute sobre o caminho que a pulsão percorre na escolha do objeto de Sidonie Csillag, caso apresentado por Freud no texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. Fez-se imprescindível delimitar os conceitos de pulsão e objeto, problematizar sobre a escolha de objeto e das variáveis às quais está submetida e analisar o caso clínico em articulação com novos elementos trazidos pela biografia de Sidonie. Elementos como narcisismo, identificação, posição frente ao Outro e frente à castração são importantes para a distinção da escolha que definirá o sujeito como homem ou mulher pela posição que vier a ocupar.

PALAVRAS-CHAVE: Enigma Pulsional. Escolha de Objeto. Jovem Homossexual. Psicanálise.

¹ Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Rivalino Pereira, 656, Martins, Uberlândia, MG. (34) 99677-4383 | carinapassos2013@gmail.com.

² Professora doutora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Avenida Pará, 1720, Instituto de Psicologia, IPUFU, campus Umuarama, bloco 2C, sala 34, Umuarama, Uberlândia, MG. (34) 99801-4385 | anamaria@umuarama.ufu.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo parte da inquietação sobre um dos conceitos mais fundamentais em psicanálise: pulsão. E, mais ainda, como é possível pensar o enigma pulsional na escolha de objeto. Entende-se com Lacan que a pulsão não é a base da psicanálise e sim, está no seu topo, e, portanto, é irremediavelmente necessário compreender o estatuto da pulsão como central na teoria psicanalítica. Como apontado por Lacan, este conceito se encontra no Seminário 11, como um dos quatro conceitos fundamentais em psicanálise, juntamente com os conceitos de inconsciente, repetição e transferência. (LACAN, 1964/2008).

Tanto quanto os enigmas da pulsão, tem-se a obscuridade do universo feminino como um fato. Mesmo após os eminentes avanços da psicanálise, não é raro, nos dias atuais ainda ouvir-se a célebre pergunta já tão discutida entre psicanalistas: O que quer uma mulher? Tal questionamento ainda pode ser reforçado por algo que pode ser colocado além: O que é uma mulher? Ao pensarmos que as mulheres são número considerável nos consultórios de psicanalistas, a pertinência desse tema está posta, em busca de contribuir para esta clínica de grande complexidade dado o enigma acerca do feminino.

Não raro, nos deparamos com um considerável número de mulheres que, mesmo considerando-se heterossexual, já tiveram, tem ou consideram a possibilidade de ter uma relação homossexual. Há ainda, mulheres que após conseguirem sair de um conturbado relacionamento heterossexual, estabelecem uma parceria amorosa homossexual. O caso proposto para a discussão deste artigo traz a história de vida de uma mulher que ficou conhecida como o caso de homossexualidade feminina analisado por Freud, mas que teve várias parcerias amorosas, pós-análise, que oscilaram entre homens e mulheres.

O que se coloca como discussão neste artigo é pensar qual caminho a pulsão percorre para escolher seu objeto de amor, partindo do pressuposto que a busca pelo objeto ocorre por uma (im)pulsão, ou seja, por um impulso que conduz o sujeito ao encontro do parceiro amoroso, não tendo a priori algo que o defina como uma escolha feita a partir do gênero masculino ou feminino.

Investigar qual é o caminho percorrido pela pulsão na escolha de objeto que não distingue entre homem e mulher traz como condição *sine qua non* delimitar os conceitos de pulsão e objeto, problematizar acerca da escolha de objeto e das variáveis às quais está submetida e analisar o caso clínico em articulação com o que já foi construído do caso e os novos elementos trazidos pela biografia.

A história de Sidonie Csillag, analisada por Freud e citada no texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” de 1920, pode ser dividida em quatro momentos. O primeiro momento, que se refere à história familiar, relatamos sua relação com a família. No segundo momento, damos ênfase ao caso de Sidonie com Leonie, a dama, com a qual se envolveu e que resultou, posteriormente, em sua tentativa de suicídio, levando-a a ser analisada por Freud. No terceiro momento, trazemos o caso em Freud e algumas construções psicanalíticas que emergiram a partir do caso citado. Posteriormente, destacamos as parcerias amorosas que Sidonie teve durante sua vida, e algumas construções feitas pela própria Sidonie ao final de sua vida, nas entrevistas dadas às biógrafas, pouco antes de sua morte em 1999, dados estes primordiais para o estudo e a construção do caso clínico proposto.

PULSÃO E OBJETO

O caso da Jovem Homossexual remete pensar sobre o caminho que percorre a pulsão em sua escolha de objeto. Para percorrer esse caminho e compreendê-lo - visto que a biografia apresenta elementos de uma escolha de objeto variável, ora apontando para mulheres, ora para homens - vamos nos deter, neste momento aos conceitos de pulsão e objeto.

Pulsão é um conceito que, ainda hoje, causa alguns contratempos. Ponderando acerca da pulsão como um “conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915/2006, p.127), fica posta a relação inseparável entre corpo e mente, entre somático e psíquico. Portanto, a pulsão é um representante psíquico que se apóia no corpo em busca de realização, em busca de satisfação.

Visto que a pulsão não alcança sua satisfação, torna-se constante a busca que, entretanto, nunca será realizada, pois o objeto é desde sempre perdido.

Uma pulsão [...] jamais atua como uma força que imprime um impacto momentâneo, mas sempre como um impacto constante. Além disso, visto que ela incide não a partir de fora, mas de dentro do organismo, não há como fugir dela. O melhor termo para caracterizar um estímulo pulsional seria 'necessidade'. O que elimina a necessidade é a satisfação. (FREUD, 1915/2006, p.124)

Entretanto, a pulsão não se satisfaz a partir de uma necessidade. A necessidade pode ser satisfeita (fome-seio), mas a pulsão não. Na necessidade, a satisfação se dá no nível biológico. Na pulsão, a satisfação teria que alcançar o nível psíquico. Logo, a pulsão não cessa; é, a princípio, estimulada a partir de uma necessidade, mas depois se torna independente dela, errante.

A pulsão é uma constante, não cessa nunca. De acordo com Lacan (1964/2008, p.164), a satisfação é paradoxal, e se apresenta na categoria do impossível. A pulsão busca a satisfação, mas nunca se satisfaz, pois o objeto que a satisfaria é variável, não existe no mundo. O objeto da pulsão é variável, uma vez que sempre busca a satisfação que julga necessitar, mas nunca vai ser encontrado. O sujeito nunca vai encontrar o objeto que cesse sua pulsão, pois esse objeto é o objeto desde sempre perdido, o objeto que Lacan introduz como objeto *a*.

Freud faz alusão a quatro termos que referenciam o conceito de pulsão: pressão (*Drang*), alvo (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*) (FREUD, 1915/2006, p.127-128). A pressão (*Drang*) é o fator motor que designa a quantidade de força investida. Essa característica contempla todas as pulsões, dando a elas uma essência ativa. O alvo (*Ziel*) de uma pulsão será sempre atingir a satisfação. Embora os caminhos percorridos em busca do alcance da satisfação possam ser variáveis, a finalidade permanecerá sempre a de que a pulsão seja satisfeita. A "coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade" (Idem, p.128) é o objeto (*Objekt*). O objeto da pulsão é variável e, por não estar ligado a ela, é destinado à busca pela obtenção da satisfação. A fonte (*Quelle*) da pulsão ocorre a partir de um órgão do corpo que faz uma inscrição psíquica, um estímulo que faz uma inscrição mental. Freud ressalta, quanto à fonte, uma determinação a partir do corpo, todavia, somente a finalidade é conhecida na vida mental (Ibidem, p.129).

Importante pensar que alvo e objeto da pulsão não são a mesma coisa. “*Ziel* não é *Objekt*.” (Garcia-Roza, 2004, p.69). O alvo é invariável, enquanto que o objeto pode ser o mais variável, visto que não é nenhum.

Embora Freud, em sua primeira dualidade das pulsões proponha a divisão das pulsões primordiais em dois tipos, pulsões do ego, ou de autopreservação e pulsões sexuais, assinala que na origem das neuroses “se encontra um conflito entre as exigências da sexualidade e as do ego.” (FREUD, 1915/2006, p.130). Essa fundamentação não se sustenta por vários motivos, fazendo Freud retomar a teoria das pulsões em uma nova dualidade que se constituirá na divisão entre pulsões de vida e pulsões de morte. Nesse momento, Freud sustenta que pertencentes às pulsões de vida estariam as pulsões sexuais e de autoconservação e que as pulsões de morte seriam as pulsões que estão para além do princípio do prazer. Deter-nos-emos em falar da pulsão sexual, para aprofundarmos na questão central deste trabalho.

Para Freud, a importância da sexualidade na psique humana sempre foi ponto fundamental. Segundo Garcia-Roza (2008, p.96), nos ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’, Freud (1905) assinala a perda da inocência infantil, sendo que o “tema desses ensaios é o “perverso polimorfo” com sua sexualidade fragmentada em pulsões parciais vagando entre objetos e objetivos perversos” (GARCIA-ROZA, 2008, p.96).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p.629), inicialmente, a pulsão sexual não existe como tal, assumindo um conjunto de pulsões parciais que vão posteriormente se separar de seu objeto de apoio e se tornarem autônomas. Os lábios da criança, ao sugarem o leite, satisfazem um instinto, fome, mas que deixa sua marca no psiquismo. O sugar torna a boca uma zona erógena, levando a criança a chupar o bico, os dedos das mãos, os brinquedos, ou outros objetos ao seu alcance, buscando assim outra satisfação, mas não a fome, da qual já foi saciada, uma satisfação que ela alucina ter vivido como plena.

A libido³, enquanto energia das pulsões sexuais, busca encontrar o objeto desde sempre perdido, visto que a experiência para a criança de ter havido um objeto que a satisfizes plenamente é alucinado, não existindo, portanto, esse objeto como tal. Entretanto, conforme Garcia-Roza (2008),

[...] a libido não traz, nela própria, qualquer indicação quanto à natureza do objeto que deve investir. A única referência permanece a fornecida pela experiência primária de satisfação. O movimento da libido é o de repetir a experiência de satisfação, e, como esta foi inicialmente obtida pelo seio materno, a direção desse movimento é a do encontro desse objeto, ou melhor, a de um reencontro. (GARCIA-ROZA, 2008, p.38)

Destarte, a libido tem, inicialmente, como alvo, o próprio eu, para depois transformar-se e assumir uma direção externa ao corpo. Segundo Garcia-Roza (2008, p.43), a libido divide-se, então, em libido de eu ou narcísica e libido de objeto, sendo que ambas dizem respeito à pulsão sexual que inicialmente tem como objeto o próprio eu e posteriormente um objeto externo ao eu. Freud denomina de narcisismo primário, a fase em que o eu é o objeto da libido e, posteriormente, narcisismo secundário, fase em que o eu passa a investir sua libido em objetos externos, porém retornando ao eu.

O desenvolvimento da pulsão sexual acontece no contato da criança com seu primeiro objeto, o seio materno, que será o componente oral da pulsão sexual. Esse contato com o objeto (que satisfaz a necessidade da criança) que é, simultaneamente, o componente erótico obtido pelo ato de sugar, vai abandonar o objeto externo, seio, substituindo uma área do próprio corpo.

Sugar o seio materno é o ponto de partida de toda a vida sexual, o protótipo inigualável de toda satisfação sexual ulterior, ao qual a fantasia retorna muitíssimas vezes, em épocas de necessidade. Esse sugar importa em fazer o seio materno o primeiro objeto da pulsão sexual. (FREUD, 1917/2006, p.319)

Por estar localizado na mãe o primeiro objeto que satisfaz a criança, posteriormente, a criança vai tomar a mãe como primeiro objeto amoroso. Tal fenômeno transcorre nos meninos e nas meninas. Esse fato é importante para se

³ Freud (1905/2006, p.128) faz uma analogia de que a libido seria, para a pulsão sexual, o equivalente ao que a fome é para a pulsão de nutrição.

pensar nas escolhas amorosas da jovem homossexual, visto que primordialmente a mãe foi o objeto de amor.

Entretanto, em relação à pulsão sexual, segundo Garcia-Roza (2008, p.31), não há nada que seja indicativo do objeto, visto que ele é variável. Ainda de acordo com esse autor, a pulsão sexual pode tomar qualquer objeto como seu, sendo até mesmo nenhum. Tal fato remete à não existência do objeto da pulsão, visto que esse objeto é o objeto que busca reencontrar, mas que foi desde sempre perdido.

Neste ponto, cabe salientar: se a pulsão não tem um objeto pré-estabelecido, é pertinente pensar que será pelo fato de o objeto ser variável que Sidonie, a jovem homossexual de Freud, vai variar entre homens e mulheres em busca de seu objeto perdido?

Lembrando o que Freud diz sobre a independência do objeto em relação à pulsão, e sobre o fato de que qualquer objeto pode ser levado a exercer para ela a função de um outro, Lacan sublinhou que o objeto da pulsão não pode ser assimilado a nenhum objeto concreto. Para apreender a essência do funcionamento pulsional, é preciso conceber o objeto como sendo da ordem de um oco, de um vazio, designado de maneira abstrata e não representável: o objeto (pequeno) *a*. (ROUDINESCO; PLON, 1998. p. 632)

Em contrapartida à formulação freudiana sobre as pulsões, Lacan “destaca o fato de não haver uma base comum entre instinto e pulsão” (BROUSSE, 1997, p.128). Com isso, Lacan introduz em sua releitura freudiana de que a pulsão se relaciona não mais a uma fonte biológica, mas sim entre o Outro e a sexualidade. Lacan em seus Escritos (1960/1998, p.863) traz a noção do seio materno, enquanto objeto *a*, não se tratando, entretanto, do seio realmente da mãe, do seio biológico, mas da pré-castração figurada a partir do desmame. Logo, não é o seio enquanto objeto biológico que o sujeito tem como alvo de sua pulsão, mas o seio enquanto objeto perdido. Para Lacan (1964/2008, p.166),

O objeto da pulsão, como é preciso concebê-lo, para que se possa dizer que, na pulsão, qualquer que ela seja, ele é indiferente? Para a pulsão oral, por exemplo, é evidente que não se trata de modo algum de alimento, nem de lembrança do alimento, nem de eco de alimento, nem de cuidado da mãe, mas de algo que se chama o seio e que parece que vai sozinho porque está na mesma série. Se Freud nos faz esta observação de que o objeto na pulsão não tem nenhuma importância, é provavelmente porque o seio deve ser revisado por inteiro quanto à sua função de objeto (LACAN, 1964/2008, p. 166).

As fezes também configuram desde Freud esse objeto, que é também um objeto perdido por natureza. Isso não diz respeito à ligação do objeto da pulsão anal ao excremento. “Há outras funções excrementais e há outros elementos a participarem delas além da margem do ânus que, no entanto, é especificamente o que, igualmente para nós, se define como a fonte e a partida de certa pulsão” (LACAN, 1964/2008, p.166).

Sobremaneira, Lacan introduz dois novos objetos da pulsão além do seio e das fezes, propostos por Freud. A voz e o olhar tomam um estatuto de objeto causa de desejo, de objetos alvo das pulsões ou como Lacan propõe, objetos pequeno *a*. De acordo com Fuentes (2003, p.64), a pulsão sexual vai sempre contornar os objetos *a* que surgem como substituição de uma pequena parte do Outro sexuado que não é possível ser alcançado. E é pela impossibilidade de se alcançar o Outro sexuado que Lacan caracteriza o objeto *a* como dessexualizado.

Para Lacan (1960/1998, p.863), toda pulsão é pulsão sexual e, representa a sexualidade no inconsciente. Dada a variedade de objetos *a*, toda pulsão é pulsão parcial, pois o objeto é variável.

É um revolver esses objetos para neles resgatar, para restaurar em si sua perda original, que se empenha a atividade que nele denominamos de pulsão (*Trieb*) (LACAN, 1960/1998, p. 863).

Conforme apontado anteriormente, a pulsão busca alcançar o objeto desde sempre perdido; portanto, de acordo com Brousse (1997, p.126), é a pulsão que define o objeto. Se a pulsão surge da demanda do Outro, é essa demanda que vai definir o objeto.

Se a criança chora e a mãe lhe diz “mame”, nesse momento a mãe, enquanto Outro da criança, está inserindo-a no mundo da linguagem. Pedindo a ela que “mame”, e a criança “mama”, a criança está atendendo à demanda do Outro (Mãe), visto que poderia ser que, ao invés de estar com fome a criança estivesse com dor de barriga, frio, sede. Nesse momento, há fusão entre os diversos papéis do objeto, “entre o objeto de desejo, o objeto causa de desejo e o objeto que o sujeito pensa que o Outro demanda de si” (BROUSSE, 1997, p.126).

Ao mesmo tempo em que Sidonie Csillag quer ser objeto de desejo da mãe, ela atende à demanda da mãe, abrindo mão de todos os homens para ela. A mãe, que já tem ao pai, e aos irmãos que ela tanto ama, diz com o olhar a Sidonie “Tire suas mãos daí, este já é meu”, quando a jovem demonstra interesse a algum homem. Por querer ser desejada pela mãe, ela abre mão de todos os homens, atendendo assim, à demanda do Outro Materno.

Assim sendo, podemos pensar a partir da definição que Lacan, no Seminário 11, de que a pulsão é “resultado da operação significativa sobre a necessidade” (BROUSSE, 1997, p.123), tendo como produto um resto, que podemos traduzir como o objeto *a*. O resultado da operação significativa, portanto, remete à demanda do Outro.

O objeto *a*, enquanto objeto falta, é que vai garantir a constância da pulsão. “Nenhum objeto é o objeto *a* e todos os objetos se apresentam como pretendentes do seu lugar” (GARCIA-ROZA, 2004, p.68). Não importa que não exista um objeto que substitua o objeto *a*, visto que não há um objeto absoluto, e o objeto *a* não pretende ocupar esse lugar, o que importa é que exista a falta que cause o sujeito, por ser essa falta-a-ser o que movimenta o sujeito na rede de significantes. O movimento da pulsão ocorre contornando o objeto *a*, possibilitando a pulsão de retornar à fonte e continuar o movimento. É, portanto, o objeto *a* enquanto falta que faz com que a pulsão seja sempre constante.

[...] Dizer que a pulsão “contorna” o objeto, não significa que ela o faça efetivamente, mas que a inexistência do objeto absoluto faz com que uma distância seja permanentemente marcada entre o objeto faltoso e o objeto para a qual ela se dirige. É essa distância – índice de falta – que faz com que ela retorne em direção à fonte e recomece seu movimento em direção ao objeto. Não podendo se satisfazer senão parcialmente, já que nenhum objeto lhe é plenamente adequado, permanece sempre uma insatisfação que impede à pulsão esgotar-se no objeto (GARCIA-ROZA, 2004, p.68).

Desse modo, podemos pensar no caso de Sidonie como uma representação da pulsão que vai sempre buscar incessantemente pelo objeto perdido, demonstrando como a pulsão é errante e plástica. Sidonie, durante toda sua vida, até sua velhice, não esgota de contornar o objeto em busca de algo perdido, tendo uma vida afetiva bastante intensa.

Freud (1905) compõe a teoria da sexualidade com a noção de bissexualidade a que todos os seres humanos estão destinados. De acordo com Coutinho Jorge (2008, p.35), essa noção versa sobre a “oposição entre a heterossexualidade e a homossexualidade, presente em cada sujeito em sua **escolha de objeto**” (JORGE, 2008, p.35). Toda criança faz uma transição de sua primeira escolha de objeto, a mãe, para a escolha posterior, entretanto, de formas distintas entre menino e menina.

ESCOLHA DE OBJETO

Devemos lembrar-nos de que também a sexualidade normal depende de uma restrição na escolha de objeto.
Sigmund Freud (1920/2006, p.162)

Em psicanálise, o termo “escolha” não deve ser empregado literalmente como o ato de optar por algo, conscientemente. De acordo com Laplanche e Pontalis, o termo “escolha” não deve ser tomado “num sentido intelectualista (escolha entre diversos possíveis igualmente presentes).” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p.154). A escolha é feita a partir de uma marca inconsciente, irreversível, em que o sujeito elege seu tipo de objeto de amor.

Em Freud está em relevo a complexidade que se coloca frente à escolha de objeto:

A escolha de objeto da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual. A não confluência dessas duas correntes tem como consequência, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos ideais da vida sexual – a conjugação de todos os desejos num único objeto.⁴ (FREUD, 1905/2006, p.189)

⁴ Sobre essas duas correntes citadas por Freud ver mais em FREUD, Sigmund, Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) (1912). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 11, p.181-195.

A biografia citada, como caso clínico a ser investigado, apresenta uma oscilação de objeto que ora é uma mulher, ora homem, o que pode significar como não tendo ocorrido, conforme citado anteriormente, “a conjugação de todos os desejos num único objeto” (FREUD, 1905/2006, p.189). O caso fica exemplificado em Freud como um caso de homossexualidade feminina, mormente, por fazer menção somente ao caso que a jovem teve com a “Dama”. É importante ressaltar os fatores influenciadores na escolha de objeto, considerado pela psicanálise como objeto de amor.

Para percorrer o caminho de construção do caso em sua escolha de objeto, introduzimos o tema a partir de alguns textos freudianos em diálogo com outros autores.

No artigo intitulado ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’, de 1905, Freud destaca que a escolha de objeto ocorre em dois tempos: a primeira antes do período de latência (por volta dos dois a cinco anos), e a segunda, na puberdade. A segunda fase “determina a configuração definitiva da vida sexual.” (FREUD, 1905/2006, p.189); contudo, a escolha de objeto se dará ou pelo prolongamento da escolha infantil ou por uma renovação que ocorrerá na puberdade.

Em nota acrescentada em 1915 aos ‘Três ensaios’, Freud destaca a influência dos pais na escolha de objeto.

Entre as influências acidentais exercidas sobre a escolha do objeto, vimos ser digna de nota a frustração (a intimidação sexual precoce), e observamos também que a presença de ambos os pais desempenha um papel importante. A falta de um pai forte na infância não raro favorece a inversão. (FREUD, 1915 (1905)/2006, p.138)

Tal citação é pertinente, frente ao caso de Sidonie C., visto que havia em sua vida uma presença claudicante do pai e uma mãe que a repreendia frente à menor demonstração de interesse apresentada pela jovem a algum homem. “Uma vez ou outra, nas férias de verão, tinha acontecido de cruzar com homens, que arriscou observar com uma pontinha maior de interesse, mas recebeu imediatamente um cortante e ameaçador olhar da mãe, que sinalizava: ‘Tire suas mãos daí, este já é meu.’ (RIEDER & VOIGT, 2008, p.150).

Freud destaca que no caso das pulsões sexuais, o objeto pode ser muito variado, o que não ocorreria com outros tipos de pulsão. Diz:

[...] é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, muito mais energeticamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos. (FREUD, 1905/2006, p.140)

Sidonie, em suas escolhas de objeto, nos remete a sustenta essa passagem freudiana, tanto com a oscilação entre homens e mulheres quanto um rebaixamento dos objetos como, a “Dama”, com sua reputação duvidosa, e Fritz, mulherengo convicto.

Podemos pensar ainda, lendo em Freud os ‘Três ensaios’, na possibilidade da escolha de objeto ocorrer por um traço, por um objeto fetichista. Rieder e Voigt (2008) destacam na biografia de Sidonie várias passagens com alusão a dois objetos de fixação da libido, o olhar e a mão.

Em 1905, Freud destaca que há “casos em que o objeto sexual normal é substituído por outro que guarda certa relação com ele, mas que é totalmente impróprio para servir ao alvo sexual normal.” (FREUD, 1905/2006, p.145). Ressalta ainda que, nesses casos, para que o alvo sexual seja alcançado, a condição fetichista tem que estar presente no objeto sexual. A biografia de Sidonie enfatiza que, em todas suas parcerias amorosas “um simples toque de mão” e “um olhar a tinham podido excitar muito mais que as regiões do corpo em que todos costumam concentrar seu desejo!” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.415). Tais elementos fazem pensar que a escolha de Sidonie pode ter se elegido por um objeto fetichista (mão ou olhar) a partir de sua relação com a mãe.

O que está em questão nas escolhas de Sidonie não levam à satisfação da pulsão sexual considerada como “normal”, ou seja, o coito. Havia na jovem um terror em relação à “‘coisa’ ameaçadora entre as pernas dos homens”, ao “local úmido nas mulheres”, que a causava angústia e repugnância que “lhe provocava uma língua dentro da sua boca!” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.415). O contato tátil e o olhar não seriam reconhecidos como alcance ao alvo sexual normal (coito), o que sustenta pensar a mão e o olhar enquanto objetos fetichistas.

Certo dia, numa dessas viagens de trem – deve ter cochilado -, sente uma mão sobre seu joelho. Não sabe dizer o que a teria despertado: se o vento entrando pela janela ou a mão desconhecida que, como um raio, a fez estremecer. O que experimenta é puro prazer, como havia muito não sentia com tanta facilidade. Conserva os olhos firmemente fechados e se ajeita, como se continuasse a dormir. Por quanto tempo pode prolongar esse momento? Não quer de modo algum ver a quem pertence essa mão, não quer mais nenhum movimento dela, quer apenas que ela permaneça estendida sobre sua coxa e que essa sensação de bem-estar nunca, jamais termine. (RIEDER & VOIGT, 2008, p.316).

A escolha do objeto poderá ocorrer, portanto, como sustentado anteriormente, por um traço, ou seja, poderá ser uma escolha fetichista. De acordo com Freud,

Na escolha do fetiche manifesta-se [...] a influência persistente de uma impressão sexual recebida, na maioria das vezes, na primeira infância, o que se pode comparar com a proverbial persistência do primeiro amor. (FREUD, 1905/2006, p.146)

Esse aspecto nos remete ao caso no momento em que houve a marca desse traço estabelecida em Sidonie.

Desde muito jovem, Sidonie ficava sempre cortejando a mãe, dando-lhe flores e chocolates, buscando receber seu amor e carinho como o que era dispensado aos irmãos e que ela não recebia. Não recebia nem um simples afago. Entretanto, Sidonie não conseguia deixar de achar a mãe maravilhosa e, algumas vezes, quando a mãe deitava-se no canapé após o almoço, a jovem corria para ela e, precipitadamente, pegava sua mão e beijava-a. Este era o único contato que Sidonie tinha com a mãe que, mesmo diante de suas demonstrações de afeição, jamais apertou “nos braços a filha carente e ansiosa” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.62). Da mesma forma, Sidonie repetia com Leonie a única forma de toque possível: sentava-se a seus pés, fitando-a e beijando sua mão. Só gostava de olhar Leonie quando o “quadro estava perfeito”: a dama deitada no canapé.

Tais aspectos levam a pensar acerca da fixação da libido no objeto mão, o que poderia justificar como um objeto de fetiche, no qual a escolha é orientada, não sendo, portanto, um objeto homem ou mulher, e sim, uma marca, um traço da mão-mãe que estaria sendo revivido por Sidonie. A sequência que ocorreu por toda a vida de Sidonie, pode ser sustentada a partir da biografia em que Sidonie dizia: “Foram aquelas belas mulheres com suas mãos inesquecíveis e o andar incompatível que imprimiram em sua vida essa marca singular.” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.415). Isso evidencia que ela parecia reviver com as mulheres a primeira

experiência amorosa obtida com a mãe, e não que as mulheres tenham imprimido, realmente, essa marca, mas sim, que ela reconhecia nas mulheres a marca que lhe era importante.

No artigo 'Sobre o Narcisismo: Uma introdução' (1914/2006, p.94), Freud cita que “os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção”, sendo, portanto, a mãe ou cuidadora substituta, independentemente de ser menino ou menina. Análogo a esse tipo de escolha, que acontecerá com base na ligação da libido a um objeto externo ao corpo, que Freud chamou de escolha de objeto analítica, o autor ressalta um segundo tipo de escolha em que a libido estaria ligada ao próprio sujeito, chamando-a de escolha de objeto narcísica. Neste tipo de escolha, o eu tomaria como modelo não sua mãe ou cuidadora primeira, ou seu pai, mas o seu próprio eu.

Freud aponta, contudo, que não haveria como separar um grupo de sujeitos que escolheria por um ou outro tipo de escolha (narcísica ou analítica), presumindo que “ambos os tipos de escolha de objeto estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro.” (FREUD, 1914/2006, p. 95).

Neste ponto, podemos pensar que está presente em Sidonie a escolha de objeto do tipo analítica, por ela ligar sua libido a um objeto externo a ela, que podemos ainda pensar como modelo sua mãe; como por exemplo, Leonie e Fritz, que não dispensam a ela nenhuma atenção nem carinho.

Não encontramos na biografia elementos que auxiliem na compreensão da repulsa sexual de Sidonie; entretanto, concordamos com André no que tange ao valor traumático dos encontros que provocam a repulsa por “estar ligado ao fato de que fazem surgir para o sujeito um *real dessexualizado* sobre o qual ele não pode dizer literalmente nada [...]” (ANDRÉ, 1998, p.97). Esse elemento é caracterizado por Sidonie na biografia, sobre o relato do médico que a atendeu depois de sua terceira tentativa de suicídio. “A senhora é uma verdadeira assexual”, disse o médico a ela. De acordo com Sidonie, este médico compreendeu como ela se estruturava e o que se passava com ela, no que as autoras ressaltam que Sidonie diz “não pode senão concordar” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.415).

Freud destaca que considera histérica “sem hesitação, qualquer pessoa em quem uma oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderantemente ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos”. (FREUD, 1905[1901]/2006, p. 37). Entretanto, não poderíamos supor se tratar de um caso de perversão quanto à escolha de objeto feticista?

O caso de Sidonie C. coloca um impasse da estruturação deste sujeito. Nesta perspectiva, não se faz necessário pensar a questão estrutural, e sim, no enigma pulsional na escolha de objeto que pode ser destacado em diferentes estruturas. De acordo com Zenoni (2000, p.40), as diferentes estruturas em psicanálise estão relacionadas aos diferentes estágios pulsionais, sendo que “A posição que nós tomamos, com Lacan e com Freud, é considerar que todas as pulsões estão em jogo em todas as estruturas clínicas e o que diferencia as estruturas clínicas são as modalidades das pulsões.” (ZENONI, 2000, p.40).

Contudo, o caso nos remete a uma falha na operação de recalque, ou seja, na inscrição fálica, melhor dizendo, na castração. De acordo com André (1998), “é pela via do recalque que se opera a sexualização do corpo e sua separação do organismo.” (ANDRÉ, 1998, p.99). Um corpo é mais que um organismo, é um organismo após ter sido sexualizado, ter-se inserido na linguagem.

Dupim (2010) explana sobre as formas de se definir um homem ou uma mulher, que se processará somente a partir da fórmula da sexuação, proposta por Lacan, deliberando que não ocorre pelo biológico, e sim pela inscrição simbólica dos sexos. Ressalta, portanto, que “não há uma condição única, universal, para a escolha de objeto” (DUPIM, 2010), e que a escolha não se processará pelo fator biológico, mas pela inscrição no simbólico, tornando cada sujeito homem ou mulher.

Ainda cabe destacar a questão da identificação enquanto atravessadora tanto do processo de sexuação quanto da escolha de objeto.

De acordo com Brodsky (2003), falar de escolha de objeto a partir da identificação é complexo, visto que “o sujeito não se identifica sempre com a mesma coisa.” (BRODSKY, 2003, p.34). Essa autora fundamenta ainda que, para Lacan, a identificação não dá conta do todo da sexuação, pois esta última depende não

somente do significante fálico, mas da posição do sujeito em relação a esse significante, seja de aceitação ou rechaço (BRODSKY, 2003, p.34). Como ressaltado anteriormente, a sexuação de Sidonie apresenta alguns impasses em relação à sua posição em relação ao significante fálico. Podemos pensar em Sidonie enquanto sujeito que aponta a falta no campo do Outro: “Fiquei assim por causa da minha mãe” (RIEDER & VOIGT, 2008) quando relata sobre os impasses de sua sexualidade. Aponta que Wjera nunca a havia amado e só brincado com ela, quando Wjera vai embora e pede que Sidonie não a procure mais, por causa de uma não decisão por assumir um compromisso e uma relação estável por parte de Sidonie. Aponta ainda, Freud, como sendo um “imbecil”, e como o tratamento com ele havia sido inútil.

Encontramos em Ceccarelli (2004, p.249) o estabelecimento de uma relação entre o perverso sexual, o sexual perverso⁵ e suas relações com a pulsão, conceitos que auxiliam a pensar nas escolhas de Sidonie. Segundo Ceccarelli (2004),

O objetivo destas pulsões múltiplas e anárquicas é o que há de mais intercambiável, parcial e instável: o que conta é a obtenção de prazer. Pouco importa que ele seja adulto ou criança, humano ou animal, vivo ou inanimado: tudo é bom dependendo do lugar e das circunstâncias. Dito de outra forma: enquanto nas perversões sexuais observa-se uma organização em torno de uma pulsão parcial fixada a uma forma monótona e repetitiva de satisfação, no sexual perverso, ao contrário, tudo é bom desde que a pulsão seja satisfeita: o sexual perverso prescinde a qualquer fixação libidinal. (CECCARELLI, 2004, p.249)

Para Sidonie, não havia diferença entre seus objetos, fossem eles homens ou mulheres e para conseguir alcançar o objeto de seu desejo, não media esforços. Com isso, a insistência da pulsão em obter satisfação a qualquer custo e sua relação com o sexual perverso. O que Sidonie queria era gozar a qualquer custo fazendo alusão ao caminho de suas escolhas que perpassam fundamentalmente por sua mãe. A mãe de Sidonie era uma mulher que flertava com muitos homens. De acordo com Rieder e Voigt (2008, p. 63), Emma Csillag “Flerta e é tão leviana que a filha quase morre de embaraço e repugnância. Os cavalheiros rondam a mãe como

⁵ Para Ceccarelli (2004) o sexual perverso, na teoria freudiana, equivale ao que podemos chamar de manifestações ditas perversas da sexualidade, não de uma perversão estruturante, mas de manifestações que podem ser encontradas em todos os seres falantes, independente de sua estrutura.

traças.” (RIEDER & VOIGT, 2008, p.63). A mãe tinha, ainda, todas as mulheres como rivais, até mesmo a filha, o que pode ter levado Sidonie, a não se ligar a nenhum objeto e ainda, a abrir mão dos homens em nome da mãe.

Contudo, além das marcas impressas pela mãe, podemos pensar no relacionamento de Sidonie com Leonie como uma relação que também imprime marcas em sua não ligação a nenhum objeto. Assim como Leonie, que se relacionava com homens e mulheres, mas tinha uma predileção pelas mulheres, Sidonie se relaciona com ambos os sexos, mantendo também essa prevalência pelas mulheres. Cabe destacar, portanto, a posição que Sidonie assume na teoria da sexualização.

De acordo com Vicente (2003),

A lógica da sexualização encontrou seu desenvolvimento, primeiro, com a teoria do falo, avançando numa teorização do objeto a, passando pela apresentação da teoria dos gozos, culminando com a sexualidade feminina e com a logicização da função paterna. (VICENTE, 2003, p.70)

A escolha sexual está para além do falo. A posição feminina que ocorre pela repartição sexual a confere em não-toda fálica, não estando a mulher, portanto, toda submetida à lógica fálica. Com isso, podemos pensar na lógica a que Sidonie está na posição sexual. Entendemos que ela se posiciona do lado feminino da sexualização, visto que ela busca é um gozo para além do falo, sem limites.

A escolha de Sidonie pode ser a escolha de muitos sujeitos. Por vezes, uma mulher pode estar posicionada do lado masculino e não ser homossexual. Um homem pode estar na lógica feminina e não ser homossexual. Gontijo (2004) destaca que “dizer que a homossexual toma como referência a conduta masculina é um passo aquém da teoria do inconsciente, pois isto seria o mesmo que dizer que o pênis é sinônimo de falo” (p.308).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, não nos detivemos em estabelecer uma questão diagnóstica, visto que, pensando a partir do enigma pulsional na escolha de objeto, podemos concluir que Sidonie não foi toda inscrita na lógica fálica, o que a coloca no campo do feminino, ou seja, no campo do não-toda fálica. Entretanto, há uma falha na

inscrição fálica, do recalque, que não regula seu gozo, não estabelecendo uma escolha.

A análise do caso apresenta a questão dos impasses colocados pela sexualidade. A bissexualidade original proposta por Freud, e que adquiriu estatuto de universalidade, tem um além, com a teoria da sexuação de Lacan, o que nos impulsionou a buscar pelos caminhos possíveis da pulsão na escolha do objeto.

Com a ampla gama elementos oriundos da biografia de Sidonie Csillag, podemos pensar que, por Freud não ter tido acesso a tais dados, a hipótese de que a jovem teria feito sua escolha pela homossexualidade devido à frustração por seu pai ter dado um filho à mãe e não a ela, não se sustenta por si só. Não podemos desconsiderar a relação de Sidonie com sua mãe, como fator relevante em sua escolha de objeto. A particularidade da escolha de objeto passa pelo enigma pulsional de forma singular a cada sujeito. E é por sustentarmos esse pressuposto com a psicanálise que cabe ressaltar que a escolha de objeto nem sempre está vinculada a uma questão de gênero, e sim pensada a partir da singularidade do caso a caso.

Permanece a inquietação: para entendermos melhor o caso de Sidonie devemos recorrer à questão do gozo além do falo, ou melhor, a um gozo não regido pelo falo? Possivelmente, articular o caso com o gozo feminino torna-se pertinente para futuras investigações. Ou pelo menos, torna-se importante aproximar o caso das teorias de sexuação em Lacan, o gozo fálico e o não-fálico.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Serge. A Histórica e a Feminilidade: A Repulsa. In. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.86-102.
- BRODSKY, Graciela. A escolha do sexo. **Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos.** Belo Horizonte, nº2, agosto 2003. p. 30-35.
- BROUSSE, Marie-Hélène. A pulsão I. In. FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs).**Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.115-124.
- BROUSSE, Marie-Hélène. A pulsão II. In. FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs).**Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.125-133
- CECCARELLI, Paulo. A perversão do outro lado do divã. In. PORTUGAL, Ana Maria [et al.] (org.). **Destinos da Sexualidade.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.243-257.
- DUPIM, G. V. S. **Um tipo particular de escolha de objeto nas mulheres.** In: IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2010, Curitiba. Anais do IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2010.
- ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica & pesquisa. In. ALBERTI, Sonia e ELIA, Luciano (orgs.). **Clínica e Pesquisa em Psicanálise.** Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 19-35.
- FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria. (1905[1901]). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII, p.13-116.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII, p.117-231.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. (1914). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV, p.75-108.
- FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. (1915). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV, p.115-144.
- FREUD, Sigmund. Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos. (1917). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XVI, p.309-324.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. (1920). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XVIII, p.11-75.

FREUD, Sigmund. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. (1920). In. FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XVIII, p.155-183.

FUENTES, Maria Josefina Sota. Sexo, desejo e devastação. **Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos**. Belo Horizonte, nº2, agosto 2003. p.62-67

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Narcisismo. In. GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. 7.Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p.18-96.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O objeto absoluto falta. In. GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **O mal radical em Freud**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. p.64-73.

GONTIJO, Thaís. Quando uma mulher ama outra. In. PORTUGAL, Ana Maria (Org.). **Destinos da Sexualidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 303-308.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. Pulsão e falta: o real. In. JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**.5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 17-64.

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente (1960). In. LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.p.

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente. (1960) In. LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.p. 843-864.

LACAN, Jacques. Desmontagem da pulsão (1964). In. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.p.159-170.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. **Vocabulário de Psicanálise**. 4ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIEDER, Inês e VOIGT, Diana. **Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.628-633.

VICENTE, Sônia."Não há relação sexual senão ali onde há sintoma". **Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos**. Belo Horizonte, nº2, agosto 2003. p.68-73.

ZENONI, Alfredo. A Clínica da Psicose: O Trabalho feito por muitos. **Abrecampos – Psicanálise e Instituição – A Segunda Clínica de Lacan**. Ano I – nº 0 – Junho/2000.

THE INSTINCTUAL PUZZLE IN SIDONIE CSILLAG'S OBJECT OF CHOICE, A YOUNG HOMOSEXUAL

ABSTRACT

This article discusses the impulsions in Sidonie Csillag's choice of object, object presented by Freud's text "The psychogenesis of a case of homosexuality in a woman". It was essential in this paper delineate the concepts of impulsions and object, problematize about the choice of object and the variables to which it is submitted and analyze the clinical case in conjunction with the new elements brought by Sidonie's biography. Elements such as narcissism, identification, position towards the Other and towards castration are important to distinguish the choice that will define the subject as a man or woman according to the position it occupies.

KEYWORDS: Instinctual Puzzle. Choice of Object. Young Homossexual. Psychoanalysis.

L'ÉNIGMA PULSIONNELLE EN CHOIX DE L'OBJET DE SIDONIE CSILLAG, UN HOMOSEXUAEL JEUNE

RÉSUMÉ

Cet article traite de la façon dont l'entraînement se déplace dans le choix de l'objet Sidonie Csillag, si elle est présentée par Freud dans le texte « La psychogenèse d'un cas d'homosexualité chez une femme. " Il était essentiel de définir les concepts de lecteur et de l'objet, de discuter sur le choix d'objet et les variables qui sont soumis et analysent le cas clinique en association avec de nouveaux éléments apportés par la biographie de Sidonie. Des éléments tels que le narcissisme, l'identification, la position face à l'Autre et de la castration sont importants pour distinguer le choix qui va définir le sujet comme un homme ou une femme pour le poste à occuper.

MOTS-CLÉS : Énigma Pulsionnelle. Choix de L'Objet. Jeune Homosexuel. La Psychanalyse.

Recebido em: 20-07-2016

Aprovado em: 11-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁDIO DO ESPELHO E OS ESQUEMAS ÓPTICOS DE LACAN

Márcio José da Silva¹

RESUMO

Neste trabalho tomamos como ponto de partida a questão do narcisismo visando analisar o modo como Jacques Lacan utiliza-se de alguns esquemas ópticos para formular sua teoria do Estádio do Espelho. Lançando sobre esses esquemas um olhar de professor de Física, descrevemos como ocorre a formação das imagens em situações físicas diferentes daquela que foi explorada por Lacan. A partir da teoria lacaniana, apresentamos considerações que apontam para algumas interpretações possíveis destas situações e indicamos questões a serem respondidas posteriormente.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisismo. Estádio do Espelho. Esquemas Ópticos de Lacan.

¹ Licenciado em Física e mestre em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorando em Ciências da Linguagem na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Professor de Física desde 1998 e atualmente lotado como Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na Escola de Aprendizes Marinheiros de Santa Catarina. Servidão Luiz Pinheiro de Lima, 187, Saco dos Limões, Florianópolis, SC. (48) 3365-7396 e (48) 9989-7575 | marcioect@bol.com.br.

INTRODUÇÃO

A questão da identificação sempre ocupou lugar de destaque no campo da Psicanálise, desde os primeiros textos de Freud. Quando a criança toma consciência de si mesma e passa a reconhecer seu corpo como uma unidade para poder dizer 'eu'? Podemos encontrar uma resposta para esta questão na teoria psicanalítica proposta por Sigmund Freud. Visto pela teoria freudiana, temos dois 'eus': um eu consciente, no sentido de *ego* em latim ou de *moi* em francês e um eu inconsciente, *je* em francês. Para Freud, a saga do 'eu' começa com o período do autoerotismo, período do desenvolvimento humano no qual o bebê constitui o próprio corpo como objeto de amor. Nesta fase ele ama seus pezinhos, suas mãos, mas ainda não consegue perceber a separação que existe entre ele e a mãe. Sem ter ainda suas pulsões devidamente organizadas, o bebê toma o corpo da mãe como extensão do seu, o bico do seio é como extensão de sua própria boca, os dois são ilusoriamente um só.

Segundo Freud (1914/1996), diferentemente das pulsões de autoerotismo, o ego não está presente desde o princípio, pelo menos não de modo independente do Isso. No estágio de autoerotismo há uma indistinção entre id e ego. O ego passa a se desenvolver e diferenciar-se do Isso a partir da relação do bebê com o que está fora dele, com outra pessoa, a mãe por exemplo. Para Freud, é pela adição de "uma nova ação psíquica" que o bebê entra na fase seguinte de seu desenvolvimento, um período que ele denomina como 'Narcisismo'. O narcisismo é considerado por este autor como um estágio de desenvolvimento da libido, situado entre o autoerotismo e o amor objetal. No narcisismo o bebê também é centrado em si mesmo e ama a si próprio, mas neste estágio já consegue reconhecer sua imagem separada da imagem da mãe, fato que, segundo Freud, é prova de que nesta fase o ego passa a se manifestar independente do id, e é isto que a distingue da fase da anterior, do autoerotismo. Entretanto, esta 'nova ação psíquica' que, segundo Freud, por um processo de identificação primária, proporciona o desenvolvimento do ego e a libertação da fase de autoerotismo, nunca foi devidamente explicada por ele.

O ESTÁDIO DO ESPELHO

Esta questão acerca do narcisismo, deixada em aberto por Freud, encontra resposta na teoria do 'Estádio do Espelho' proposta por Jacques Lacan. Lacan desenvolve essa teoria a partir das pesquisas do psicólogo Henri Wallon acerca da 'Prova do espelho', experiência pela qual a criança colocada diante de um espelho, primeiramente entra em estado de júbilo com sua imagem e, posteriormente, passa a distinguir seu próprio corpo da imagem refletida no espelho. Segundo autores como Bleichmar & Bleichmar (1992) e Netto (2011), a teoria do estágio do espelho tem suas bases filosóficas fundadas nas reflexões de Hegel acerca da *Fenomenologia do Espírito*, especialmente a *Dialética do Senhor e o do Escravo*. Estes autores destacam que, para Hegel, a identidade se constitui por meio de numa relação dialética de interdependência entre os sujeitos e a intersubjetividade se estrutura a partir da demanda do reconhecimento: és meu escravo e, por isso, reconheço-me como teu senhor. Não há senhor sem escravo e vice-versa. A identidade não se constitui positivamente e sim na relação, na alternância com o outro. Eu sou o que outro não é e, portanto, minha existência e meu desejo se estruturam pelo desejo e pela falta do outro.

A teoria do 'estádio do espelho' estrutura-se a partir da experiência de identificação da criança com a imagem de seu próprio corpo refletido no espelho. É esta identificação primordial que irá promover a estruturação do 'Eu' na medida em que o bebê percebe, nesta imagem, o seu corpo como uma unidade inteira, pondo fim a uma vivência psíquica singular que Lacan define como 'fantasma do corpo esfacelado'. Trata-se de uma conquista que é da ordem do registro Imaginário, pois ele identifica-se a partir de uma imagem, algo com o qual ele se reconhece, mas que não é ele efetivamente. Nesta experiência revela-se a alienação ao imaginário, uma relação dialética entre o corpo real e sua imagem. Esta imagem se conjuga como um 'eu especular' e assume o lugar do outro.

Apesar de localizar temporalmente o estágio do espelho entre o sexto e décimo oitavo mês de vida, Lacan (1945/1986) adverte que não se trata apenas de um momento do desenvolvimento, uma vez que "tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto Urbild do eu" (Lacan, 1945/1986, p. 91). Trata-se de uma apreensão imaginária da unidade

corporal que se antecipa à própria maturação fisiológica e motora e, sendo assim, “a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real” (Lacan, 1945/1986, p. 96). Para Lacan, o estágio do espelho permite especificar o momento original no qual, a criança estabelece diferenciação entre o seu corpo e o mundo exterior;

É a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda sua vida de fantasia. (...) E é aí que a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu. (Lacan, 1945/1986, p. 96).

Lacan (1949/1998) propõe que o estágio do espelho deve ser entendido como “uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando esse assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.” (Lacan, 1949/1998, p. 97). Para Lacan:

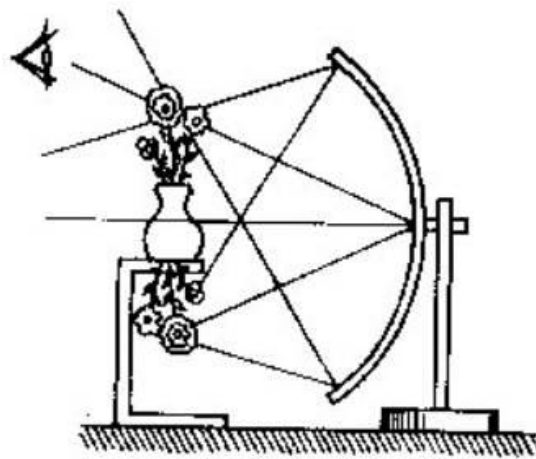
o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (...) o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...) a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas. (Lacan, 1949/1998, pp. 100-101).

OS ESQUEMAS ÓPTICOS

É fazendo referência à tradição freudiana e, de certa forma, reverenciando o mestre Freud e seus ‘esquemas’, que Lacan modestamente apresenta seu primeiro “modelinho, sucedâneo do estágio do espelho” (Lacan, 1954/1986, p. 90). Trata-se de um modelo baseado em princípios da óptica geométrica, mais especificamente naqueles que dão conta da formação de imagens a partir da reflexão da luz em superfícies especulares. Segundo Darmon (1994), Lacan utiliza-se deste modelo, aparentemente simples, tanto para apresentar resposta às questões deixadas em aberto por Freud, como também para apontar algumas limitações dos esquemas freudianos e, além disso, para tentar escapar não só dos ‘deslizamentos simplificadores ou biologizantes’ (Darmon, 1994, p. 90) frequentes em tais modelos, como também daquele aspecto achatadamente euclidiano presente nos mesmos, o

que, particularmente, entendemos como simplificações topológicas que seccionam e limitam o espaço tridimensional, bem como as noções de posição e deslocamento dos elementos dispostos neste espaço [recortado] para constituir a estrutura e mobilizar o funcionamento desses modelos.

O primeiro esquema óptico, tomado como 'forma generalizada do estádio do espelho', é proposto por Lacan (1954/1986) a partir da famosa 'experiência do buquê invertido', atribuída originalmente ao físico Henri Bouasse² e seus estudos sobre óptica geométrica.



(Lacan, 1954/1986, p. 94)

Neste esquema vemos a representação planificada de um experimento óptico no qual, diante de um espelho esférico côncavo que está preso pelo seu vértice a uma base fixa, coloca-se um buquê de flores de cabeça para baixo dentro de uma caixa oca cuja única abertura está voltada para o espelho e sobre ela coloca-se um vaso vazio. Em condições ideais, desprezando-se a espessura da caixa, a linha horizontal que representa o eixo de simetria do espelho deveria tangenciar o fundo do vaso e, conforme descreve Lacan (1954/1986), a base do buquê colocado de cabeça para baixo em seu interior deveria coincidir exatamente com o centro de curvatura do espelho. Além disso, apesar de Lacan não ter dado ênfase a este detalhe, é importante notar que o buquê trata-se de uma fonte de luz secundária e, portanto, não emite luz própria.

² Bouasse, Henri. L'Optique et photométrie dites géométriques. Paris: Delagrave, 1947.

Estando satisfeitas estas condições expostas acima, a descrição do fenômeno é a seguinte: um feixe de luz proveniente de alguma fonte luminosa fora da caixa incide sobre o buquê [objeto real] nela contido e reflete difusamente de modo que parte desta luz reorienta-se em direção à superfície côncava do espelho e, sendo refletida por ele, conjuga acima do buquê, no lugar onde está o vaso, uma imagem real deste buquê, do mesmo tamanho e invertida em relação a ele. Neste caso, o que se apresenta para o observador, indicado na figura pela representação de um olho humano, é a imagem real e invertida [orientada de cabeça para cima] daquele objeto real que, para ele é inacessível. Entretanto, como bem lembra Lacan, por se tratar de uma imagem real, a visualização da mesma só pode ser feita diretamente se o observador estiver posicionado estrategicamente na região do espaço delimitada pelo cone de luz que se forma para além do ponto em que se conjuga a imagem a partir do cruzamento dos raios luminosos refletidos pelo espelho. Devidamente posicionado, o observador poderá captar/perceber o vaso real como continente real de um conteúdo que não é o próprio buquê [real] situado dentro da caixa e inacessível a ele, mas é sua respectiva imagem de natureza real e topologicamente simétrica e invertida (desvirada) em relação ao mesmo. Como bem lembra Lacan, a imagem é mais nítida e maior será a ilusão do observador na medida em que este afasta-se da imagem, desde que mantenha-se dentro do referido cone de luz divergente que se forma a partir dela.

Este experimento é conveniente para Lacan e o ‘agrada’³, possivelmente porque, de fato, configura-se num modelo teórico que pode expressar de modo bastante razoável sua teoria do estágio do espelho, uma vez que, assim como na experiência vivida pela criança diante do espelho plano, aqui também constata-se um fenômeno no qual, apesar de a acomodação psíquica se dar no âmbito do registro Imaginário, conforme ressalta Lacan, este esquema “nos permite ilustrar de uma forma particularmente simples o que resulta da intricação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica” (Lacan, 1954/1986, p. 95). Mas, além da relação entre Real e Imaginário, este modesto experimento serve de modelo para explicitar, mesmo que ainda de modo bastante simplista, a importância

³ “Esse pequeno experimento me agradou.” (Lacan, 1954/1986, p. 95).

do Simbólico, pois, se a visualização direta da imagem real só é possível a partir de um certo campo do espaço real, isso implica dizer que o sujeito precisa tomar determinada 'posição' neste espaço real para acessar plenamente o imaginário e, como bem lembra-nos Lacan, sua posição refere-se ao seu lugar no mundo simbólico. Temos aí demonstrado aquele que é o principal fundamento da teoria lacaniana: a intrincação entre Imaginário, Real e Simbólico. Lacan (1954/1986) afirma que:

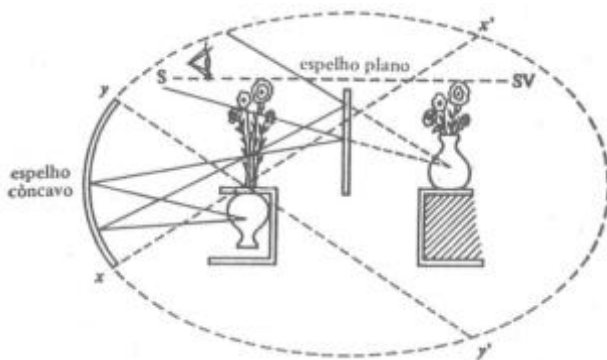
na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito (...) é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra. É desse lugar que depende o fato de que tenha direito ou defesa de se chamar Pedro. Segundo um caso ou outro, ele está no campo do cone ou não está. (Lacan, 1954/1986, p. 97).

Segundo Lacan (1954/1986), uma vez que “o domínio próprio do eu primitivo, *Ur-Ich* ou *Lust-Ich*, se constitui pela clivagem, pela distinção com o mundo exterior – o que está incluído dentro distingue-se do que é rejeitado pelos processos de exclusão, *Aufstossung*, e de projeção.” (Lacan 1954/1986, pp. 95-96), a relação vaso-buquê pode servir de metáfora para abordar as noções de continente e conteúdo, que são de fundamental importância ao se tratar a questão do estado primitivo da formação do eu, em suma, o 'dentro' e o 'fora', como já dissemos antes: o que é e o que não é do eu.

Lacan (1954/1986), propõe que se inverta a posição do vaso e do buquê no esquema, de modo que temos o buquê real contido não no próprio vaso real [dentro da caixa], mas num vaso imaginário que se conjuga como real a partir do espelho. Para sermos mais precisos, podemos dizer que este vaso imaginário é uma imagem real de um objeto real posto dentro da caixa e figura-se como um continente que é conjugado no espaço real a partir de uma dupla reflexão da luz. Parte da luz adivinda de um lugar alhures – sendo sempre não mais que um feixe de luz, ou seja, uma pequena parte da totalidade intangível – , reflete difusamente no vaso real dentro da caixa, segue em direção ao espelho e, ao ser re-refletida por ele, conjuga a referida imagem real em uma posição simétrica à do vaso que está no interior da caixa, inacessível ao observador externo. Assim, estando o sujeito devidamente posicionado no mundo simbólico, poderá captar parte desta luz re-refletida e constatar/perceber diante dele “um mundo em que o imaginário pode incluir o real e,

ao mesmo tempo, formá-lo, em que o real também pode incluir e, ao mesmo tempo situar o imaginário” (Lacan 1954/1986, p.97).

Ainda no Seminário I, ao abordar a questão dos dois narcisismos (primário e secundário) e a diferenciação entre Ideal do Eu e Eu-ideal, Lacan (1954/1986) propõe modificações naquele primeiro esquema pensado a partir do experimento de Bouasse, chegando a outro modelo mais elaborado, no qual a posição do vaso e do buquê diante do espelho côncavo já está invertida e acrescenta-se ao esquema um espelho plano colocado diante do buquê, com sua superfície refletora voltada para ele e orientado num plano paralelo àquele que contém o mesmo, portanto, perpendicular ao plano horizontal que contém o eixo de simetria do espelho côncavo.



(Lacan, 1954/1986, p. 163).

Como vemos na figura, o arranjo [caixa-vaso-buquê] fica posicionado entre os dois espelhos e o olho, ou seja, o sujeito que observa, indicado na figura também pela letra S, está posicionado não mais na região do cone de luz divergente que se forma a partir do cruzamento dos raios refletidos pelo espelho côncavo, pois devido ao desvio produzido em tais raios pelo espelho plano, o sujeito S desloca-se no espaço para (re)posicionar-se, colocando-se agora na região em que se propagam os raios re-refletidos a partir do espelho plano, ou seja, entre o buquê e a borda superior do espelho côncavo.

Desta posição o sujeito vê, à direita do espelho plano, uma imagem virtual do buquê real, uma imagem virtual da imagem real do vaso, sua própria imagem e, dependendo do tamanho e da posição do espelho plano, também a imagem virtual da caixa, ambas situadas respectivamente numa posição que é simétrica/equidistante em relação espelho plano e com orientação espacial não

invertida (de cabeça para cima), porém reversa⁴. Mas, como bem lembra Lacan (1954/1986), “a visão de uma imagem no espelho plano é exatamente equivalente, para o sujeito, ao que seria a imagem do objeto real para um espectador que estivesse para além desse espelho, no lugar mesmo em que o sujeito vê sua imagem” (Lacan, 1954/1986, p. 164). Por isso, Lacan postula que “podemos, pois, substituir o sujeito por um sujeito virtual, SV, situado no interior do cone que delimita a possibilidade de ilusão – é o campo $x'y'$.” (Lacan, 1954/1986, p. 164).

Em consonância com Vanier (2005), concluímos que o primeiro esquema, considerando a inversão proposta por Lacan, ou seja, colocando-se o vaso real de cabeça para baixo dentro da caixa e o buquê sobre ela, além de indicar a necessidade de o sujeito posicionar-se dentro de uma localização previamente determinada por uma exterioridade constitutiva e independentemente dele [não subjetiva] – da ordem do registro Simbólico – para que ocorra, no âmbito do Imaginário, a ilusão própria do estádio do espelho, pode também figurar um tempo anterior ao estádio do espelho, antes de sua relação com o Simbólico, ou seja, um tempo ‘especular’ que marca o já-estar-aí da imagem especular, representando para o sujeito, conforme já mencionamos anteriormente, aquela dicotomia entre continente e conteúdo, ou seja, entre interno e externo, algo de natureza fenomenológica que remete ao que é e o que não é próprio do eu, de modo que, o vaso real figura o envólucro do corpo, situado num lugar inacessível ao sujeito capaz de perceber apenas uma imagem real e invertida que aparece projetada para fora de si, ou seja, como algo desmembrável daquilo que é próprio do eu, enquanto as flores que compõem o buquê figuram os objetos do Eu. Podemos dizer que estes elementos estabelecem entre si uma relação que se aproxima do narcisismo primário e, por conseguinte, com tudo aquilo que não somos, mas nos identificamos e queremos ser, com o que Lacan define como Eu-ideal [Ideal-Ich].

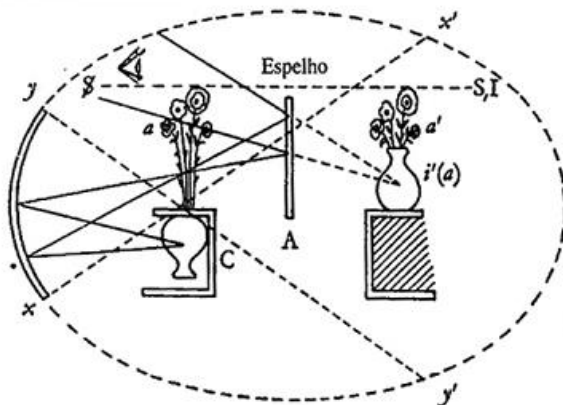
No segundo esquema, com a colocação do espelho plano, temos o sujeito deslocado para uma posição simétrica em relação àquela do primeiro esquema e,

⁴ A imagem conjuga-se de modo que, se comparada com o que se vê quando observemos diretamente o objeto, há uma inversão entre esquerda e direita.

por meio de sua própria imagem virtual conjugada atrás deste espelho, ele pode captar a imagem virtual no qual o envólucro de corpo (vaso) e os objetos do Eu (buquê) aparecem juntos, de forma completa, integrada, o que pode representar a própria ilusão da completude do eu para o sujeito. A imagem real do vaso [ausente na figura] é conjugada na frente do espelho plano, se estabelece pela falta/ausência e só pode ser capturada por meio de sua imagem especular virtual que conjuga-se atrás do espelho plano, ou seja, por uma alienação ao pequeno outro, caracterizando a captura narcísica do Eu-ideal. A ilusão de completude que surge a partir da relação/alienação do sujeito com o outro [alteridade] projetado em sua própria imagem corresponde ao narcisismo secundário.

A partir de sua inclusão no Simbólico, o Eu passa a constituir-se também por um Ideal do Eu [Ich-Ideal], parcela de tudo aquilo que está já-lá, posto no mundo, e lhe é imposto como Lei, determinando-o a partir de padrões definidos socialmente e transmitido por seus antepassados, um Outro (com letra maiúscula) que configura-se como uma exterioridade constitutiva, representado(a) no esquema pelo próprio espelho plano e que, na experiência concreta refere-se ao agente externo que exerce a função materna, ou ainda o discurso do Outro, situado na estrutura da linguagem, que produz também um segundo tipo de alienação na qual o sujeito é um produto da estrutura que o transcende e, assim como o seu semelhante, o outro (com letra minúscula), ambos são, segundo Lacan, “um significante para outros significantes”. Dupla alienação.

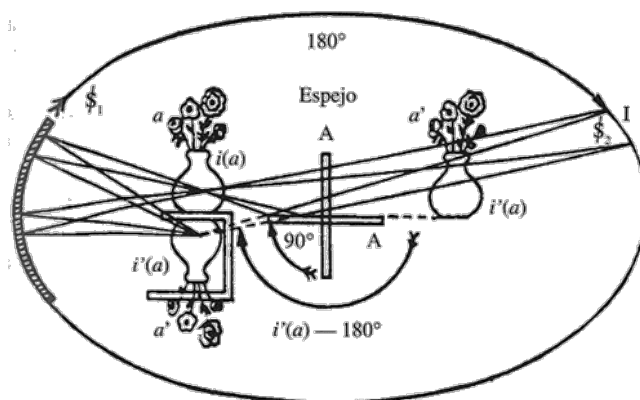
No texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, publicado em 1961, vemos uma nova versão deste esquema:



(Lacan, 1961/1998, p. 681).

Conforme ilustra a figura, as principais mudanças em relação à versão de 1954 são as seguintes: o olho do sujeito real está posicionado exatamente no mesmo lugar, mas agora indicado não mais por S que o designava como algo 'inteiro' e sim por $\$$, que indica um sujeito dividido, constituído pela falta. Além disso, junto à sua imagem virtual conjugada atrás do espelho plano, agora designada apenas por S e não mais por SV, vemos um I, que indica a posição no espaço virtual do Outro em que se constitui o Ideal do Eu. A relação do sujeito dividido $\$$ com o Ideal do Eu é indicada pela linha $\$-----S,I$. Apesar de este detalhe não estar representado no esquema, é importante lembrar que $\$$ só pode ver sua imagem virtual conjugada pelo espelho plano se a linha $-----$ passar abaixo da extremidade superior do mesmo, cortando-a. Isto significa dizer que o espelho [Outro] é o meio pelo qual o sujeito estabelece relação com sua própria imagem, mas é também o que o separa dela.

No seminário 10: a angústia, Lacan (1962/2005, p. 48) apresenta a representação de seu 'Esquema completo'. Neste esquema vemos que, na medida em que o espelho plano [Outro] é rotacionado de até 90° em relação à sua posição inicial, o sujeito é arrastado de $\$1$ até $\$2$, uma nova posição em I [que agora está colocado para além dos limites do Outro], topologicamente equiparada àquela que ocupava no esquema de Bouasse. Agora, desta posição o sujeito pode ver diretamente tanto o buquê [a], quanto a ilusão do vaso invertido e, ao mesmo tempo, a imagem virtual $i'(a)$ conjugada a partir do espelho rotacionado.



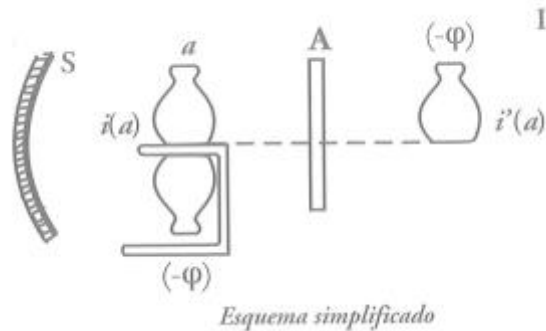
Esquema completo

(Lacan 1962/2005, p. 48).

Juntamente com este esquema completo, Lacan (1962/2005, p. 49) apresenta ainda um 'Esquema simplificado' a partir do qual afirma que o investimento da

imagem especular é um tempo limitado fundamental da relação imaginária, mas que “nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto.”

(Lacan, 1962/2005, p. 49).



(Lacan 1962/2005, p. 49).

Esse resto é caracterizado pelo falo, indicado no esquema simplificado por $(-\phi)$, sob a forma de uma falta. Segundo Bleichmar&Bleichmar (1992), o falo é uma referência à castração, não no sentido biológico do aparelho genital masculino, mas em relação à função do Pai [figura paterna] enquanto mediador da relação entre a Mãe [figura materna] e a criança. Para eles, “essa função paterna se interpõe na relação diática, imaginária, especular, que é verificada entre o bebê e a mãe. É isto a castração.” (Bleichmar&Bleichmar, 1992, p. 153). O pai é um terceiro que, na sua função de mediador, deve transmitir a Lei, pois é ele o portador do nome. É o pai que, nesta posição está simbolizado como aquele Outro que possui o falo, a Lei que será transferida à criança. Conforme nos diz Lacan (1962/2005):

em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí sob a forma de uma falta. Em toda a medida em que se realiza aqui, em $i(a)$, o que chamei de imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é, libidinizado, o falo aparece a menos, como uma lacuna. Apesar de o falo ser, sem dúvida uma reserva operatória, não só ele não é representado no nível do imaginário, como é também cercado e, para dizer a palavra exata, cortado da imagem especular. (Lacan, 1962/2005, p. 49).

O corpo enquanto objeto, não se inscreve como imagem, mas como um furo, uma falha/falta e aparece marcado(a) por este $(-\phi)$, tanto no campo do sujeito, quanto no campo do Outro, constituindo-se como algo que não se projeta na imagem especular. O lugar do Ideal do Eu, marcado pela inscrição I, aparece também num lugar para além dos limites do espelho, uma vez que o Ideal do Eu é algo intangível também para o próprio Outro que o proclama, este I fica portanto

num alhures e configura-se como algo da ordem do Real, nunca plenamente acessível nem para o registro Imaginário, nem para o Simbólico, algo sempre incompleto, sempre em falta. Temos aí, Lacan trabalhando o conceito denominado por ele de objeto a. Segundo Darmon (1994), é essa falha/falta que é cercada por um corte ao nível da imagem especular, precisamente face ao objeto a. Este objeto a configura-se exatamente como essa falta, algo em constante presença-ausência com o qual nos relacionamos, algo que sempre pode ser outro, sempre incompleto e que, portanto, nunca teremos em sua totalidade, mas seguimos insistindo na fantasia de poder alcançá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, podemos dizer que a modelização matemática e a construção de esquemas para representar e equacionar conceitos teóricos, além de estabelecerem de forma clara e objetiva a constituição e o funcionamento daquilo acerca do qual estamos teorizando, deve fornecer subsídios que premitam prever, descrever e explicar diferentes situações, inclusive aquelas que não se pode observar diretamente. Apesar de os diversos esquemas topológicos e matemáticos cunhados por Lacan ao longo de sua extensa obra apontarem para a noção de estrutura, configurando-se como elementos não subjetivos na constituição da teoria lacaniana, desde o primeiro esquema óptico elaborado a partir do experimento de Henri Bouasse, mesmo antes de considerar a possibilidade de inversão de posição entre vaso e buquê, Lacan parece estar preocupado em deixar claro que sua teoria, apesar de utilizar-se de um modelo-esquema tipicamente objetivo, deve caminhar por uma região cuja demarcação entre o que é de natureza subjetiva, com origem marcada no próprio do sujeito e o que é de natureza objetiva e independente deste, parece não estar bem definida.

Quando Lacan (1954/1986) contrapõe-se à uma suposta 'objetividade científica' dizendo primeiro que "Toda ciência repousa sobre o fato de que se reduz o sujeito a um olho, e é por isso que ela está projetada diante de vocês, isto é objetivada" (Lacan, 1954/1986, p. 97), para em seguida postular que "Na vida, as coisas são iteiramente diferentes, porque não somos um olho. (...) na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito (...) é essencialmente

caracterizada pelo seu lugar no simbólico.” (Lacan, 1954/1986, p. 97), parece, pelo menos nesse primeiro momento, tentar afastar-se desta ‘objetividade’. Contudo, sabemos que a tomada de posição deste sujeito no simbólico é algo sob o qual o mesmo não tem pleno domínio, portanto, trata-se de uma subjetividade parcial, que considera o papel do sujeito, mas não o coloca no centro da questão. Além disso, entendemos que, considerar a questão da identificação e da constituição do Eu e do sujeito a partir de uma relação dialógica com seu semelhante e postular sua alienação não só em relação a este pequeno outro como também em relação a um Outro que atua como uma exterioridade constitutiva e funciona, até certo ponto, de modo independente do sujeito, também é uma linha de pensamento que conduz a teoria de Lacan para esta região de fronteira tênue entre objetividade e subjetividade científicas.

Notamos que, ao fugir desta objetividade científica e da ideia de uma ciência ‘projetada’ igualmente para todos, ou seja, para qualquer observador [olho], independentemente de sua posição no mundo simbólico, Lacan (1954/1986) silencia diversas possibilidades de funcionamento dos esquemas ópticos que propõe. Ele parece desprezar o fato de que uma imagem real ao ser projetada num anteparo pode ser vista objetivamente por múltiplos observadores que estejam em diferentes posições do espaço, mesmo que não se coloquem dentro daquele cone de luz em que se pode observar diretamente a imagem real.

Lacan (1954/1986) considera acertadamente que a inversão da posição do arranjo vaso-flor conserva o funcionamento do esquema óptico (Lacan, 1954/1986, p. 96). Entretanto, convém destacar que, como todo modelo-esquema é elaborado para ‘funcionar’ sob condições ideais, talvez seria importante dizer que, no experimento de Bouasse, a superfície do vaso real colocado na parte de cima da caixa, devidamente alinhado com o centro de curvatura do espelho côncavo, conforme propõe Lacan (1954/1986), pode servir de anteparo para a projeção da imagem real do buquê colocado de cabeça para baixo dentro da caixa. Como o buquê é formado não só pelas flores, mas também pelo seus respectivos ramos que lhes servem de base e dão sustentação tanto às próprias flores quanto às folhas, sendo geralmente cortados e montados/estruturados de modo que seu comprimento seja maior que a altura do vaso (continente), ficando sempre parte deste conteúdo

para fora do vaso, sobretudo as flores, é preciso considerar que, se forem satisfeitas as condições ideais, o esquema óptico de Bouasse em sua versão original prevê também uma integração parcial entre continente e conteúdo, de modo que, servindo como tela de projeção colocada no entorno do centro de curvatura do espelho e considerando tanto a materialidade não transparente do vaso quanto sua estrutura tridimensional, o que se observa de algum lugar situado entre o vaso e o espelho, estando o observador fora daquele cone de luz em que se pode ver a imagem inteira do buquê, é a projeção no hemisfério voltado para o espelho, de uma parte deste buquê, ficando invisível toda parte que ultrapassar a altura do vaso, vê-se a imagem real, levemente desfocada de parte dos ramos, vê-se um buquê fragmentado, ‘esfacelado’, ou seja, apenas um pedaço de cada uma daquelas muitas unidades que o constituem, um conteúdo que se coloca parcialmente disponível à percepção e que mantém uma parte de si dissimulada numa presença-ausência.

Apesar de conseguir descrever e explicar perfeitamente tudo aquilo sobre o qual pretende teorizar com seus modelos-esquemas, Lacan silencia o potencial dos mesmos, quando limita-se a explicar seu funcionamento considerando apenas uma única posição possível para o arranjo vaso-buquê, em frente do espelho côncavo. Podemos dizer que a ‘posição’ daquilo que o vaso e o buquê representam é sempre a mesma em relação àquilo que representam os respectivos espelhos? Certamente não. Outro ponto importante é que, ao dizer que o arranjo deve ser colocado “de preferência no plano do centro da esfera” (Lacan, 1954/1986, p. 94), apesar de implicitamente estar dizendo que esta não é a única posição possível, Lacan faz parecer que o comportamento óptico deste dispositivo é tal que as imagens conjugadas por ele são sempre reais, invertidas e do mesmo tamanho que o objeto, sendo esta apenas a posição no qual se obtém melhor nitidez, por exemplo. Entretanto, acreditamos que ser importante considerar que não se trata de ‘preferência’, mas de uma condição necessária, pois a imagem conjuga-se deste modo descrito por ele apenas quando posiciona-se o objeto real no plano do centro de curvatura do espelho, mas se a posição e/ou a natureza (real ou virtual) deste objeto não for esta, teremos a imagem conjugada de outro modo e em outro lugar que não este descrito por Lacan. Vejamos outras possibilidades.

Primeiramente, se um objeto real é colocado em uma posição mais afastada do espelho, para além do centro de curvatura, sua imagem conjuga-se real, menor e invertida em relação ao objeto, num plano entre o centro de curvatura e o foco do espelho côncavo, sendo que, quanto mais o objeto afasta-se do espelho a partir do centro de curvatura em direção a um alhures no infinito, mais sua imagem real e invertida aproxima-se do foco e menor ela fica. O foco situa-se no ponto médio entre o centro de curvatura e o vértice do espelho. Se o objeto real é colocado entre o centro de curvatura e o foco, sua imagem conjuga-se para além do centro de curvatura e será real, maior e invertida. Quanto mais o objeto real aproxima-se do foco a partir do centro de curvatura, mais a sua imagem real e invertida afasta-se do espelho em direção àquele alhures intangível no infinito e maior ela fica. Se o objeto real for colocado num ponto entre o foco e o vértice do espelho, sua imagem será direita, maior que ele e irá conjugar-se atrás do espelho, sendo portanto virtual. Quanto mais o objeto real aproxima-se do foco a partir do vértice do espelho, mais sua imagem virtual afasta-se do espelho no espaço virtual atrás dele em direção ao infinito [alhures] e maior ela fica.

Existem ainda outras possibilidades. Se o objeto real for colocado exatamente no plano focal do espelho, os raios de luz que incidem no espelho a partir dele serão refletidos paralelos uns aos outros e, neste caso, diz-se que a imagem é Imprópria, conjuga-se no infinito, naquele alhures intangível que, a meu ver, seria algo da dimensão do Real. Mas esta imagem pode ser vista objetivamente por múltiplos sujeitos-observadores colocados em inúmeras e distintas 'posições' do espaço real, mediante um anteparo de projeção colocado neste espaço. Poderíamos dizer que, sem o anteparo, esta imagem fica projetada neste alhures Real e que é daí que advém toda luz que faz o esquema óptico funcionar, sendo ela sempre parte de uma totalidade intangível. Simetricamente, de acordo com o Princípio da reversibilidade dos raios luminosos [e a experiência comprova isso], se apontarmos o espelho na direção do infinito [alhures], para uma grande fonte de luz tão distante que seus raios luminosos incidam no espelho côncavo paralelos uns aos outros, eles convergirão todos para algum ponto real no plano focal do espelho, concentrando num ponto real deste plano uma grande quantidade de luz. Se os raios luminosos incidentes forem paralelos ao eixo de simetria do espelho este ponto de

convergência coincidirá com o foco principal do espelho, situado sobre o eixo de simetria, exatamente no ponto médio entre o centro de curvatura e o vértice.

Como podemos perceber, para cada posição possível deste arranjo diante do espelho côncavo, temos diferentes condições de formação da imagem conjugada por meio dele e, conseqüentemente, também daquela que será conjugada pelo espelho plano a partir desta primeira e isso independe da posição do sujeito-observador. Queremos dizer que, metaforicamente, se os espelhos representam algo exterior ao sujeito agindo na sua constituição, é preciso considerar sempre que, independentemente de sua 'posição' no mundo/espço iluminado, mesmo que ele não possa acessar/captar alguma dessas imagens, seja por não estar devidamente posicionado, seja por falta de um anteparo de projeção ou por qualquer outra causa, os 'aparelhos reflexivos' não deixam de atuar e, portanto, essas imagens estarão devidamente conjugadas/objetivadas em algum lugar do espaço real ou virtual, constituindo-se como um já-estar-ai, desde que o elemento externo primordial não falte: a Luz.

Ela é este agente externo que pode ser advinda tanto de uma fonte próxima e detectável, quanto de um alhures intangível no qual a fonte, segundo o ponto de vista deste observador puntual próximo ao campo do espelho, parece estar dispersa, sem limites/parâmetros que possam lhe dar uma forma e uma posição bem definidas. É possível considerar esta luz, pouco tratada por Lacan na explicação de seus esquemas ópticos, como sendo uma metáfora da Linguagem? Por enquanto, minha resposta a esta questão é que, talvez sim. Mas quais seriam os desdobramentos desta consideração? Vamos seguir investigando.

Queremos finalizar dizendo que a motivação para escrever este breve ensaio foi o fato de que, ao lançarmos um olhar de professor de Física sobre os esquemas ópticos de Lacan, pareceu-nos estranho o autor ter explorado apenas esta única posição do arranjo vaso-flor diante do espelho côncavo mesmo depois de ter expandido seu modelo com a colocação do espelho plano no esquema. Obviamente, não temos a pretensão de corrigir Lacan, mas de adotar sua obra como alicerce para promover um gesto de leitura acerca dessas outras possibilidades de posicionamento do arranjo vaso-buquê e, a partir das diversas considerações aqui apresentadas, tentar elaborar significados/sentidos possíveis dentro da teoria

lacaniana, pois acreditamos que uma investigação mais detalhada dessas possibilidades poderia condizir à aproximações entre estes esquemas ópticos e os diversos esquemas topológicos e matemáticos elaborados por Lacan, diferentes daquelas que já tenham sido feitas considerando apenas esta única posição no centro de curvatura do espelho. Se não, tal investigação poderia, pelo menos, elucidar porque o mestre Lacan silenciou tais possibilidades.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, Norberto M. & BLEICHMAR, Célia L. A Psicanálise depois de Freud: teoria e clínica. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1992.

DARMON, Marc. Ensaio sobre a Topologia Lacaniana. Tradução de Eliana A. N. do Valle. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1994.

DOR, Joël. Introdução à Leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Tradução de Carlos Eduardo Reis. Alegre-RS: Artes Médicas. 2ª edição, 1992.

FREUD, Sigmund (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques (1945). O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor, 1986.

_____ (1949). O Estádio do Espelho como formador da função do eu – tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor. (pp. 96-103), 1998.

_____ (1961). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor. (pp. 647-691), 1998.

_____ (1962). O Seminário, livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor, 2005.

NETTO, Geraldino A. F. Doze Lições sobre Freud & Lacan. Campinas-SP: Pontes editores. 2ª edição, 2011.

VANIER, Alain. Lacan. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Coleção Figuras do Saber. Vol. 13. São Paulo-SP: Estação Liberdade, 2005.

CONSIDERATIONS ABOUT THE MIRROR STADIUM AND THE LACAN OPTICAL SCHEMES

ABSTRACT

In this research paper, the aim is to analyze the approach Jacques Lacan gives on some optical schema in order to formulate his Mirror Stage from a narcissistic perspective. From a Physics Teacher's point of view, we describe an image formation in physical situations that are different than the one that was explored by Lacan. Based on the Lacanian theory, we present considerations that indicate some possible interpretations of those situations. Also, we raise questions to be answered in a future studied.

KEYWORDS: Narcissism. Mirror Stage. Lacan's Optical Schema.

CONSIDERATIONS SUR LE MIROIR STADIUM ET REGIMES DE LACAN OPTIQUE

RÉSUMÉ

Dans ce travail nous prenons comme point de départ la question du narcissisme en vue d'analyser la façon dont Jacques Lacan utilise certains schémas optiques pour formuler sa théorie du Stade du Miroir. Posant sur ces schémas un regard de professeur de physique, nous décrivons comment se produit la formation des images en situations physiques différentes de celle qui fut exploitée par Lacan. A partir de la théorie lacanienne, nous présentons des considérations qui tendent vers quelques interprétations possibles de ces situations et indiquons des questions auxquelles nous répondons ultérieurement.

MOTS-CLÉS : Narcissisme. Stade du Miroir. Schémas Optiques de Lacan.

Recebido em: 01-08-2016

Aprovado em: 16-09-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

ESTRUTURA BÁSICA DA CLÍNICA: DA MEDICINA MODERNA À PSICANÁLISE

Maurício de Novais Reis¹

RESUMO

A clínica médica, desde seu nascimento, vem sofrendo modificações constantes em seu estatuto ontológico, *vide* regra constituído essencialmente pelo modelo biomédico fundamentado na medicina científica. Não somente em razão dos avanços tecnológicos que impulsionam a clínica para uma posição de segundo plano, na contemporaneidade, mas especialmente devido às subversões semânticas de seu significado originário. Desta forma, engendrando uma investigação arqueológica acerca da clínica médica e, por extensão, psiquiátrica, este artigo possibilita uma reflexão acerca das similitudes e distorções existentes entre a clínica médica e psicanalítica, constituindo, para além de uma arqueologia, uma cartografia dos saberes acerca da prática clínica psicanalítica que se constitui como modelo clínico próprio da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica. Biomedicina. Psicanálise. Transferência. Medicina.

1

INTRODUÇÃO

Neste período pós-moderno no qual estamos forçosamente inseridos, tornou-se corriqueiro os indivíduos utilizarem palavras oriundas do vocabulário médico e científico nas fraseologias cotidianas, tendo em vista a facilidade com que as informações são transmitidas em decorrência dos avanços alcançados pelas comunicações com o advento dos aparatos tecnológicos e, especialmente, da expansão cultural provocada pela globalização. Assim, duas intervenções, explicativas, fazem-se necessárias no tocante à continuidade deste artigo. A primeira refere-se à pretensão do autor com esta escrita, o qual não pode, invariavelmente, ser a de esgotar a presente temática, mas simplesmente suscitar as dúvidas que tornarão este estudo viável, propiciando como finalidade provocar uma investigação rigorosa da temática supracitada. A segunda intervenção que deve ser realizada é referente à explicitação das origens etimológicas da palavra clínica a fim de que compreendamos as modificações ocorridas na linguagem no decurso dos tempos.

A palavra “clínica” deriva-se etimologicamente do vocábulo grego *kliné*, cujo significado corresponde a “procedimento de observação direta e minuciosa” (BARBIER, 1985, p. 45). Consoante com este significado, *klinike tekhné* surge para designar “prática à beira do leito”, ou seja, técnica de acompanhar um indivíduo à beira do leito. Pode-se conjecturar que *klinikos* guarda íntima relação com o que compreendemos como leito ou cama, uma vez que o tecido conceitual permite essa relevante análise na busca pela compreensão do significado.

Nesta perspectiva, urge compreendermos ainda os desdobramentos acerca da clínica, bem como suas implicações subjacentes no tratamento das afecções anatomofisiológicas e psicopatológicas. Neste sentido, particularmente, explicitados os sentidos etimológicos da palavra, passaremos obrigatoriamente às questões referentes à sua aplicabilidade prática no vocabulário sustentado na contemporaneidade.

¹ Maurício de Novais Reis. Psicanalista e pedagogo, especialista em Teoria Psicanalítica pela FACEL. Professor de Filosofia da rede estadual de educação da Bahia. mauricio74321@hotmail.com. (73)9 9928-0460

ESTRUTURA BÁSICA DA CLÍNICA MÉDICA

Clínica, portanto, refere-se à prática médica relacionada a acompanhar o paciente à beira do leito, à medida que o mesmo encontra-se acometido por doenças. Assim, o médico, fundamentado na sintomatologia, acompanha a evolução dos sintomas expressos pelo corpo do paciente. A partir da manifestação dos sintomas, o médico “enquadra” ou “encaixa” os sintomas no interior de uma estrutura casuística. Toda clínica começa, sobretudo, através de uma *semiologia*, isto é, a interpretação dos signos [elementos formadores da base de todas as ciências modernas], porque procura identificar os sinais que possuem valor clínico para a compreensão da patologia. Por isso Lacan referiu-se ao “sintoma com sua tradução como valor de verdade” (LACAN [1971/1972], 2001, p. 30).

A identificação dos sintomas enquanto signos pertencentes à determinada patologia resulta no que denominamos *diagnóstico*. No percurso entre a manifestação dos sintomas e a definição do diagnóstico pelo médico, acontece impreterivelmente o processo de observação, cujo *olhar* encontra espaço privilegiado no traçado de um prognóstico sobre a doença.

Para além da semiologia que busca identificar os signos de valor clínico da doença, formatando assim tanto o diagnóstico como o prognóstico do processo evolutivo dos sintomas, que são uma espécie de máscara com que as doenças aparecem, necessita-se evocar também outro elemento pertencente à clínica, cuja denominação refere-se especificamente a uma teoria da causa das patologias, que é a *etiologia*. Enquanto a sintomatologia refere-se à teoria da manifestação dos sintomas no corpo do paciente, a etiologia introduz uma investigação, fundamentada na sintomatologia, referente às causas das afecções. Como exemplo, podemos citar o estado de alteração da temperatura natural do corpo humano, provocando o aquecimento do corpo em descompasso com a sensação térmica do indivíduo. A esse aumento da temperatura corporal habituamo-nos a nomear de febre. A febre, neste sentido, embora configure um estado patológico do organismo, não pode ser identificada como etiologia, mas somente como sintoma de uma etiologia outra, a saber, infecção. Portanto, sendo a febre apenas um sintoma da infecção, os

médicos não raramente seguindo uma espécie de cartilha casuística, deduzem existir um processo infeccioso no corpo do paciente, provocado pela ação de bactérias ou vírus. No caso de confirmação de ação bacteriana através de exames clínico-laboratoriais, normalmente prescrevem-se antibióticos.

Adentramos, desta feita, à força do exemplo supracitado, no campo da *terapêutica*. Entende-se por terapêutica o conjunto de ações empreendidas pelo médico com o objetivo de promover a cura do paciente. A terapêutica envolve os procedimentos engendrados pelo clínico com o objetivo de combater a etiologia dos sintomas. Para tanto, tomaremos novamente o exemplo anterior a fim de explicar as condições terapêuticas. Em caso de uma criança em estado febril, por exemplo, é praxe os clínicos prescreverem um antibiótico associado a um medicamento para controlar a temperatura corporal, uma vez que o acometimento sintomático possibilita no indivíduo o risco de convulsões. Não fosse o risco de a temperatura corporal comprometer ainda mais a integridade do paciente infantil, o medicamento para combater a febre tornar-se-ia inteiramente desnecessário, uma vez que, eliminando a bactéria (que é a causa da doença) a febre conseqüentemente desapareceria.

A terapêutica define o campo de ação no interior da clínica médica moderna. Deve-se esclarecer que falamos de clínica médica moderna consoante os escritos foucaultianos relativos à temática abordada especialmente no livro *O Nascimento da Clínica*, o qual enquadra a clínica médica numa configuração nosográfica descritiva, fenomenológica, posição que impossibilita a elaboração de uma nosologia sem que se recorra a fenômenos específicos de manifestação e evolução dos sintomas. Isto significa simplificadaamente que, para a clínica médica moderna, o corpo que não manifesta fenômenos de anomalia ou crises, representados pelos sintomas, signos e sinais que constituem o campo da semiologia médica, expressos no corpo, não possui etiologia; portanto, *grosso modo*, a doença inexistente como quadro fenomenológico observável pela clínica médica num corpo que não expressa sinais patológicos.

Nesta perspectiva, recorreremos a Lucas Nápoli dos Santos, que preconiza:

A chamada medicina científica, no entanto, vai se constituir sob a égide do mecanicismo. E se o corpo humano é uma máquina, logo as doenças serão todos os fenômenos que podem vir a danificar esse aparelho. A medicina, portanto, será a disciplina cujo objeto será justamente isso que pode prejudicar ou inviabilizar o funcionamento da máquina. [...] A ideia de que para cada doença existe uma lesão corporal correspondente será um dos traços mais marcantes da biomedicina (SANTOS, 2013, p. 52, 53).

Destarte, a clínica empreende um desvio conceitual e metodológico de seu caráter primitivo, sustentado na prática hipocrática. Hipócrates sustentava a existência, nos homens, de quatro tipos de humores, os quais deviam coexistir numa relação de equilíbrio. O desequilíbrio dos humores geraria, além de doenças corporais, significativas modificações na personalidade do indivíduo². A medicina hipocrática postulava a ideia de que o corpo busca seus próprios meios de cura.

Todavia, no decorrer dos séculos, de Hipócrates a Galeno, e, posteriormente, até a modernidade, com a adoção do modelo biomédico cientificizado, a medicina paulatinamente foi perdendo sua sensibilidade clínica. Desviou seu olhar, iatrogenicamente, do indivíduo que sofre para a doença que o acomete. Assim, o olhar clínico passou a focar a doença como objeto de cuidado em lugar do indivíduo acometido por ela. Houve, portanto, além de um desvio ontológico, ético e teórico-metodológico. Santos (2013, op. cit. 59), por sua vez, leciona:

Na realidade, o que o médico tem diante de si são os fenômenos, manifestações, queixas, ou seja, eventos que são *anteriores* ao diagnóstico. Não são *manifestações* da doença, mas sim fenômenos que ensejam uma conceituação como a doença X,Y ou Z (*Op. cit.* p. 59).

A crítica do modelo biomédico fica por conta do esvaziamento da clínica segundo sua conceitografia original. A clínica médica moderna, nascida “nos últimos anos do século XVIII” (FOUCAULT, 1977, p. 10), fundamentada paradigmaticamente no modelo biomédico cientificista e mecanicista, renuncia definitivamente à clínica na medida mesma em que passa a “buscar a *doença no doente* e não a *tratar o doente* (SANTOS, *op.cit.*, 59)”. Soma-se a presente crítica à atualização dos saberes clínicos psiquiátricos fortemente entrincheirados, ainda hoje, no modelo biomédico reducionista, cujo horizonte de ação privilegia uma terapêutica puramente

² Os quatro humores defendidos por Hipócrates como sendo responsáveis, em última instância, pela saúde do indivíduo são: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra.

farmacológica em detrimento de uma terapêutica com enfoque integrador. A psiquiatria moderna, recorrendo à tradição biomédica, objetiva, na maioria das vezes, produzir uma terapêutica unicamente medicamentosa, que desconsidera inteiramente os avanços produzidos no campo das psicoterapias³.

DA MEDICINA À PSICANÁLISE

Agora que conhecemos os elementos estruturantes básicos da clínica médica, a saber, semiologia, diagnóstica, etiologia e terapêutica, tornou-se estritamente necessário que discutamos os diferentes modelos clínicos sustentados, por um lado, através da prática médica e, por outro lado, pela experiência psicanalítica. Nesta empreitada que agora começa é imprescindível que busquemos também as origens da clínica psicanalítica, estabelecendo uma investigação arqueológica acerca das metodologias e procedimentos básicos que constituem a chamada clínica psicanalítica.

Empreenderemos uma investigação arqueológica no sentido etimológico da palavra. Arqueologia enquanto prática de investigação das origens e princípios que atribuem à psicanálise seu estatuto de autêntica clínica da pós-modernidade. Não obstante, seria extremamente limitado empreender uma investigação arqueológica sem se construir uma cartografia do estatuto situacional da psicanálise enquanto prática clínica.

Nesta perspectiva, entendemos indubitavelmente indispensável um levantamento do histórico da psicanálise como método terapêutico. A psicanálise é um método psicoterapêutico fundado por Sigmund Freud, médico neurologista e

³ Apesar de compor o campo das psicoterapias, a psicanálise difere essencialmente das psicoterapias em decorrência de seu estatuto ético. Desta maneira, a psicanálise rejeita terminantemente a ideia de reforço da personalidade, bem como da identificação do sujeito, uma espécie de reforma daquilo que o indivíduo é, na sua essência, seus traços próprios de personalidade e identidade. As psicoterapias, geralmente, engendram um discurso da evolução do ser através da identificação com um determinado discurso moral estruturado em torno de uma concepção homogeneizadora de sujeito. A psicanálise, por seu turno, sustenta, opostamente às psicoterapias, o discurso da individualidade, que insere o indivíduo na subjetividade, incentivando-o a sustentar o lugar do seu desejo à medida que o desejo surge camuflado pelos sintomas na relação transferencial. Ademais, a psicanálise sustenta a existência do inconsciente, da sexualidade e da transferência, pontos fundamentais da teoria freudiana que são rejeitados pela maioria dos modelos psicoterapêuticos (ROUDINESCO, 1998, p. 625).

psiquiatra austríaco, que objetiva não somente o desenvolvimento de uma teoria acerca do funcionamento psíquico normal e patológico através de um método de investigação dos processos mentais, mas principalmente uma terapêutica que tenha como finalidade a obtenção da cura de psicopatologias de ordem neurótica e psicótica mediante esse método de investigação amparado pela relação transferencial (ABBAGNANO, 2007, p. 807).

Desta maneira, podemos afirmar que a clínica psicanalítica é herdeira da clínica médica, tendo em vista que Freud era médico. Contudo, podemos ademais afirmar que a clínica psicanalítica é uma variação da clínica médica, devido às diferenças encontradas no exame das duas estruturas clínicas. Calligaris sustenta, neste sentido, que a “clínica psicanalítica não é uma clínica descritiva, nem fenomenológica, mas é uma clínica estrutural, na medida em que o diagnóstico se estabelece na transferência” (CALLIGARIS, 1989, p. 9). Já a clínica médica, e por extensão a psiquiátrica, estabelece-se numa clínica descritiva e fenomenológica, isto é, fundamentada na descrição dos fenômenos ocorridos no corpo do paciente.

Quanto a essa diferenciação, constata-se a manutenção dos elementos da clínica, porém, instalando-os em posições peculiares a cada prática clínica. Se na clínica médica o diagnóstico é construído sobre a observação da manifestação dos sintomas no corpo do paciente, segundo uma cartilha semiológica casuística, estatisticamente organizada em que fomenta um padrão de interpretação baseado na quantidade de casos de configuração análoga, na clínica psicanalítica o diagnóstico é construído a partir do discurso do paciente; discurso no qual o paciente expõe seus conflitos intrapsíquicos e solicita, assim, uma interpretação do analista⁴. Neste quesito, embora muitos insistam equivocadamente inexistir

⁴ O vocábulo “casuística” refere-se, no interior da semiologia médica, à semelhança encontrada entre os variados “casos” clínicos sobre as quais se constitui o diagnóstico no modelo biomédico. Portanto, a partir dos sintomas manifestados no corpo do paciente o médico pode construir uma hipótese de diagnóstico com base na quantidade de casos semelhantes conhecidos. Neste respeito, torna-se indispensável enfatizar uma diferença fundamental entre a semiologia médica e a semiologia psicanalítica, uma vez que na psicanálise a semelhança dos “casos”, ou dos sintomas, não configura uma determinada etiologia. Para a psicanálise, os sintomas, embora apresentem manifestações de semelhança entre si, não retira do indivíduo, no interior da clínica psicanalítica, a originalidade de sua subjetividade. Pode, inclusive, acontecer de pacientes que apresentam sintomas análogos não

diagnóstico na clínica psicanalítica, este é construído na peculiaridade de cada caso. O conjunto de sintomas observados pelo analista não pode ser assentado como estatística nos manuais clínicos com vistas a constituir-se uma cartilha metodológica, uma vez que a psicanálise tem como escopo realizar uma clínica do sujeito que fala⁵. A semiologia psicanalítica, por sua vez, estrutura-se sobre os significantes constituídos pelo ‘inconsciente do paciente estruturado como linguagem’ (LACAN, [1964]1985, p. 25).

Enquanto a clínica médica desvia seu o *olhar* do sujeito para a doença, negligenciando, frequentemente, o lugar do discurso do paciente na elaboração da cura, a clínica psicanalítica, por seu turno, indaga do sujeito acerca de sua história, posicionando-o no lugar do discurso. Serge Leclaire (1989, p. 20) leciona acerca da posição do psicanalista frente à demanda discursiva do sujeito, num estado de “atenção equiflutuante”, acolhe o dito do analisando⁶ expresso iminentemente através da semântica cadeia significante “sem a preocupação de saber se vai reter alguma coisa”. Na prática clínica psicanalítica, o indivíduo é sujeito ativo do tratamento, porque a experiência clínica passa, impreterivelmente, pelo discurso do paciente. Discurso este que possibilita uma elaboração sobre a própria história do sujeito.

A prática clínica médica sustenta-se no procedimento da terapêutica baseada na prescrição medicamentosa, ancorada na eficiência farmacológica das substâncias curativas. Segundo a interpretação do médico acerca da semiologia, isto é, os sinais ou fenômenos apresentados pelo corpo do paciente é que a

apresentarem etiologias análogas. Por isso não se fala em “casuística” na experiência clínica psicanalítica, embora se relate casos clínicos.

⁵ Embora nos meios psicanalíticos seja comum a circulação de relatos clínicos, estes não possuem estatuto de cartilha casuística de semiologia psicanalítica. Os casos clínicos relatados pelos psicanalistas, incluindo aqueles relatados por Freud, revestem-se de importância teórico-metodológica na perspectiva de socializar os saberes adquiridos através da experiência clínica e não porque configuram uma espécie de “receita” de como os psicanalistas devem agir caso encontrem situações análogas às relatadas.

⁶ Lacan utiliza o termo “analisando” no lugar de “paciente”, usualmente utilizado por Freud. Na sua concepção, a palavra “paciente possui uma conotação passiva”. Assim, para Lacan, o vocábulo “analisando” insere radicalmente o sujeito no campo da ação. Não é o analista quem faz a análise, mas o sujeito à medida que encadeia os significantes fundamentais de sua história (PFEIL, 2015, p. 183).

terapêutica será ministrada. A etiologia médica é reconhecida através desses sinais manifestados através da sintomatologia. Reconhecida a etiologia, ou seja, as causas do adoecimento do corpo do paciente, o médico (e por extensão o médico psiquiatra) prescreve a medicação apropriada segundo a “leitura” semiológica dos sintomas apresentados pelo corpo do paciente⁷.

Todavia, um questionamento torna-se essencial: ainda existe uma clínica médica na pós-modernidade? Questionamento interessante, este, em tempos em que não existe mais a figura do clínico que “se assenta à beira do leito do doente” para acompanhar a evolução dos sintomas. Tempos são estes em que o discurso do paciente torna-se cada vez mais desnecessário em virtude das descobertas empreendidas no campo científico. Os médicos não mais interrogam os pacientes acerca dos sintomas; os médicos “solicitam exames laboratoriais, clínicos”, emudecendo definitivamente os pacientes. O paciente pós-moderno sequer precisa falar sobre os seus sintomas, porque os aparelhos tecnológicos conseguem detectar, mensurar e rastrear cada sinapse empreendida pelos seus neurônios. A fala do paciente tornou-se desnecessária em razão das transformações no modelo clínico. Por isso o questionamento torna-se essencial. Existe clínica sem que alguém esteja à beira do leito acompanhando a evolução dos sintomas? Existe clínica quando ninguém interpreta os sinais do corpo, expressos pela sintomatologia e entendidos com base na semiologia médica? Existe clínica onde o diagnóstico é elaborado pela frieza de uma maquinaria eletrônica?

Não existe a menor sombra de dúvida de que essa maquinaria eletrônica desempenha uma importante tarefa na contemporaneidade, postas as condições de vida na sociedade pós-moderna. Outrossim, não existe qualquer questionamento acerca do papel que a farmacopeia exerce no tratamento de doenças somáticas. Dado que “*Phármakon* designa na mesma palavra o remédio e o mal” (LAURENT,

⁷ “O melhor aliado do médico é o medicamento, o do analista, o sintoma. [...] o sintoma diz algo que não é dito de nenhuma outra forma.” (*op. cit.* 2015, p. 55). Nesta perspectiva, o sintoma opera como instrumento de transferência, constituindo uma mensagem acerca do sofrimento do analisando. Mas não somente isto. O sintoma autoriza o acesso ao inconsciente, posto que a própria transferência, instalada no interior do tratamento psicanalítico, configura-se, ela mesma, como resposta sintomática do desejo do sujeito.

2004, p. 34), tais questionamentos acerca da clínica e da terapêutica adquirem um valor superior, se não na reflexão do que configura clínica, pelo menos no sentido de exercitar a racionalidade ontológica. Portanto não se questiona aqui a eficácia da farmacopeia sobre o corpo biofisiológico, aplicada segundo a posologia especificada conforme estudos farmacológicos sobre os efeitos das substâncias aplicadas a fenômenos patológicos. Pelo contrário, os questionamentos que surgem dizem respeito antes à aplicabilidade da farmacopeia e da clínica médica na ordem do simbólico. O questionamento que nos assalta apresenta-se exatamente no ponto em que a clínica médica (incluindo a psiquiátrica) diverge da psicanalítica na relação clínico-paciente. A relação estabelecida entre o clínico e o paciente constitui-se condição essencial para o sucesso da terapêutica. Todavia, a relação médico-paciente apresenta o entrave no lugar do discurso, enquanto que a relação analista-paciente proporciona a entrada do paciente no campo da linguagem, campo no qual esse constrói o seu discurso e elabora o seus conflitos intrapsíquicos, protagonizando um discurso próprio e rejeitando o “discurso do mestre”; rejeição esta representada pelo silêncio do analista (LACAN, 1998, p. 245). A clínica psicanalítica propicia ao paciente as condições necessárias para reconciliar-se com sua história.

A medicina, tomando o caráter científico que ostenta hodiernamente, passou a renunciar à clínica arremessando-a no almoxarifado das recordações hipocráticas. Por isso, o psicanalista Christian Dunker argumenta que a psicanálise opera o ofício de guardião da clínica, cuja função é lembrar à medicina que ainda existe clínica, e, principalmente, como se exerce a clínica na contemporaneidade (DUNKER, 2012).

A psicanálise, para Lacan, constitui uma subversão da clínica. Conservando os elementos básicos da clínica, conforme descritos anteriormente, a psicanálise os transforma completamente ao passo que o fundamento da clínica psicanalítica é a linguagem, uma vez que é no *setting* analítico que o psicanalista desenvolve sua clínica, baseada na escuta da linguagem do paciente à medida que este adquire estatuto de sujeito do seu desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de clínica abordado no presente artigo, desde o seu nascimento à pós-modernidade, representada especialmente neste período pela prática psicanalítica da escuta, constitui-se resultado de uma arqueologia dos saberes médicos e psicanalíticos sustentados eminentemente na experiência relacional entre aquele que pratica a clínica e o paciente. Nesta relação entre clínico-paciente, a medicina sustenta a relevância do olhar do clínico sobre as afecções apresentadas sintomaticamente pelo organismo do paciente. Seguindo a lógica da prática clínica médica, o corpo acometido pela doença manifesta sinais que devem passar, impreterivelmente, pelo crivo da interpretação clínica, o qual se convencionou denominar de semiologia médica.

Uma vez interpretados os sinais advindos do corpo enfermo, que se manifestam através de alterações paradigmáticas designadas de “crises” ou “fenômenos” que caracterizam a medicina moderna como uma ciência das classes patológicas, portanto, classificatória das patologias existentes, torna-se indispensável estabelecer, à guisa desta conclusão, as similaridades e especificidades de cada clínica, posto que em determinado ponto da história suas similaridades tornam-se diametralmente divergentes.

À medida que a clínica médica desvia seu olhar do corpo do paciente, constituinte de “espaço” privilegiado da doença, direcionando-o às afecções como seu objeto de investigação essencial prioritariamente ancorado no modelo biomédico contemporâneo, anatomoclínico, pela natureza da estrutura investigativa, o presente artigo aponta peremptoriamente as dessemelhanças estruturais da prática analítica. A clínica psicanalítica, diferentemente, não se constitui uma clínica do olhar, mas uma clínica da escuta.

Na posição de clínica da escuta, a psicanálise sustenta a mesma estrutura elementar da clínica médica, a saber, semiologia, diagnóstica, etiologia e terapêutica; todavia, embora herdeira da clínica médica (e psiquiátrica), a psicanálise opera um distanciamento epistêmico-metodológico daquela, uma vez que se configura no lugar da escuta, espaço que privilegia o discurso do sujeito articulado mediante seu desejo. A escuta, portanto, no âmbito da clínica

psicanalítica, privilegia o paciente. Os elementos fundamentais da clínica operam enquanto matrizes estruturantes do tratamento, porém sem interferir na expressão do sujeito diante da construção semântica da sua existência.

Portanto, considerando os pontos de divergências e convergências apresentados pelas duas formatações clínicas, percebe-se o descolamento evidente, porque, embora a estrutura clínica psicanalítica conserve os mesmos elementos, estes se apresentam numa perspectiva indubitavelmente diferente. No campo epistemológico, a clínica psicanalítica opera a partir da escuta e não do olhar, provocando uma diferenciação de pressuposto, uma vez que os signos manifestam-se na fala do paciente, não no seu corpo. No campo metodológico, a clínica analítica opera uma posição de valorização da história do sujeito, bem como seus desejos e fantasias, versões acerca de sua existência; reconciliação com sua própria história. Nesta perspectiva, antes de constituir-se uma crítica ao modelo biomédico e, especialmente, à clínica psiquiátrica, este artigo buscou constituir um espaço de reflexão acerca das formatações clínicas contemporâneas abordando a estrutura das mesmas e apontando, no interior da estrutura, as evidentes divergências.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBIER, René. *Pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Estrutura do Tratamento Psicanalítico*. Conferência do Fórum do Campo Lacaniano de Natal – FCL, 26 e 27 de outubro de 2012.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

LACAN, Jacques [1964]. *O Seminário, livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, Jacques [1971-1972]. *O Saber do Psicanalista*. Publicação Interna da Associação Freudiana Internacional. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2001.

LAURENT, Éric. Como engolir a pílula? In: *Ornicar? 1: De Jacques Lacan a Lewis Carrol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LECLAIRE, Serge. *Psicanalisar*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

PFEIL, Cláudio. *Diário de um Analisando em Paris*. 3. ed. São Paulo: Zagodoni, 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, Lucas Nápoli dos. *A Doença como Manifestação da Vida: Georg Groddeck e um novo modelo de cuidado em saúde*. Curitiba: Prismas, 2013.

BASIC STRUCTURE OF THE CLINIC: IN MODERN MEDICINE TO PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

Since its birth, the medical clinic, undergoing constant changes in its ontological status, which was essentially basically the biomedical model in scientific medicine . This is not only explained by technological advances that puts the clinic in the background, but also and especially by reversing its original definition. So, having generated an archaeological investigation around the medical clinic and psychiatric extension, this work provides a reflection on the similarities and existing distortions between psychoanalytic clinical component from archeology, mapping of knowledge about the practice of the clinic s is constituted as own model in the contemporary era.

KEYWORDS: Clinic. Biomedicine. Psychoanalysis. Transfer. Medicine.

LA STRUCTURE DE LA CLINIQUE : DANS LA MEDICINE MODERNE AU LA PSYCHANALYSE

RÉSUMÉ

Depuis de sa naissance, la clinique médicale, subit de manière constante des modifications de son statut ontologique, qui fut essentiellement constitué du modèle biomédical fondamentalement au niveau de la médecine scientifique. Ceci n'est pas seulement expliqué par les avancées technologiques qui fait passer la clinique au second plan, mais également et surtout par l'inversion de sa définition originelle. Ainsi, ayant engendré une investigation archéologique autour de la clinique médicale et par extension psychiatrique, cet écrit permet une réflexion autour des similitudes et distorsions existantes entre la clinique psychanalytique constituant depuis une archéologie, une cartographie des savoirs autour de la pratique de la clinique qui s'est constitué comme modèle propre à l'ère contemporaine.

MOTS-CLÉS : Clinique. Biomédecine. Psychanalyse. Transfert. Médecine.

Recebido em: 09-09-2016

Aprovado em: 07-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR NA PARANOIA: UMA LEITURA A PARTIR DE FREUD E LACAN

*Antonio Garcia Neto*¹

RESUMO

A presente discussão tem como eixo central os desdobramentos do amor na estrutura da psicose, na tipologia da paranóia. Para sustentar esta discussão foram utilizadas as formulações de Freud e de Lacan. O percurso partiu da formação do sujeito do inconsciente, atravessando transversalmente o conceito nomeado por Freud de *Verwerfung*, e por Lacan da forclusão que são apontamentos da posição do sujeito diante da castração. Neste sentido o estudo buscou investigar levantamento do amor na paranoia, sendo a emergência do fenômeno amoroso uma posição diante da vida com as impossibilidades que lhe são próprias, quanto avia de sustentação ao laço social, retomando a hipótese de Lacan sobre uma forma que na paranoia o sujeito possa aproximar-se de uma forma de “amor morto”, na qual este sujeito reposiciona-se frente ao Outro e seus efeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Psicose. Paranoia. Amor.

1

INTRODUÇÃO

Sei lá!Sei lá!Eu sei lá bem
Quem sou?um fogo-fátuo,uma miragem...
Sou um reflexo...um canto de paisagem Ou apenas cenário!
Um vaivém. Como a sorte: hoje aqui, depois além!
Sei lá quem sou?Sei lá! Sou a roupagem
De um doido que partiu numa romagem
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!... (ESPANCA. 1923, p. 93)

A proposta de discutir as formas em que o amor pode apresentar-se nas psicoses, deu-se na observação da constante presentificação clínica e que a poesia presta a ensinar de que há um saber entre o amor e a loucura. Ambas fazem parte de uma relação muito importante, e do qual a Psicanálise, não propõe colocar um ponto de basta.

O estudo é um percurso realizado no mecanismo de funcionamento da formação do psicanalista proposto por Lacan em 1964, nomeado de Cartel, visando uma explanação sobre as possibilidades de modos de existência do psicótico, tomar-se-á a modalidade do amor como via de acesso ao laço com o outro, ou seja, uma possibilidade de construção de sentido nas relações.

Na psicose trataremos sobre o tipo clínico da Paranoia, essa escolha se deu nas leituras tanto de Freud quanto de Lacan realizadas na direção de pesquisar a seguinte questão: Existe amor na paranoia? Se existe, como opera o amor no psicótico? Qual sua função?

A psicanálise não se propõe a afirmativas absolutas, lembrando que cada caso é singular. Utilizando a celebre afirmação de Freud (1911) de que o recalque é a pedra angular na qual repousa a psicanálise, partimos deste princípio para questionar, qual lugar a psicose ocupa diante da Psicanálise, onde teria faltado o recalque na construção do sujeito. Isso nos leva a formular que boa parte dos conceitos e definições utilizados para uma contemplação do inconsciente na organização das neuroses não pode ser utilizado para compreender a lógica das psicoses.

FREUD E A PARANOIA

Freud começa a se distanciar da compreensão de Charcot sobre a psique, porém continua embaraçado com seu desejo de explicações não biologistas para as

possíveis manifestações da mente, endereça cartas, escreve rascunhos a Fliess, e suas correspondências continham o nome da Psicose mantida ainda refém de sua elaboração dos mecanismos próprios para neurose e psicose, como *Verdrangung* (recalcamento), e *Verwerfung* (rejeição), respectivamente. No texto seguinte, de 1896, sobre Novas observações sobre as psicose... ele até retrocede, aí sim, falando de recalque para a psicose também.

Depois de dedicar-se a um longo período de construções teóricas conceituais verificáveis a partir de 1891 a 1910, época que se localiza a produção de publicações de valor imensurável e marcantes como, a “Interpretação dos Sonhos em 1900 e Os Três Ensaios sobre a sexualidade em 1905, Freud atravessa um caminho rumo ao inconsciente e conseqüentemente o ápice das psicoses, falando dela paralelamente a histeria, casos de fobia, talvez sem dar-se conta do alcance que se propunha.

A partir de 1910 outras situações começam a guiar a caneta de Freud, visualiza-se um período em que o mestre investe seus esforços numa tentativa de estabelecer métodos sobre a técnica e parâmetros para o exercício da Psicanálise na sociedade vienense. Freud (1910/2009) colocou em evidencia sua constante preocupação com o futuro da Psicanálise, assim tentou ficar dar continuidade aos trabalhos, iniciando com a publicação da obra O caso Schreber e Artigos sobre a técnica e outros trabalhos, de 1911, textos que evidenciam suas pontuações sobre as psicoses. Nesse sentido o posicionamento de Freud diante da psicose consistia em afirmações desfavoráveis, na qual a Psicanálise não seria o melhor método para o tratamento da psicose.

Um fato interessante sobre a obra que Freud elaborou sob o nome acima citado, é que foi inspirada na leitura de um texto publicado 1903 de Daniel Paul Schreber intitulado “Apresentação das memórias de um doente dos nervos”. Quando lançado, o texto não chamou a atenção do pai da Psicanálise de imediato, e levou aproximadamente oito anos para que o fizesse, tempo este que nos leva a pensar o quanto os conceitos da teoria psicanalítica precisariam ser refinados para possibilidade de explicar tais fenômenos.

Cabe aqui mencionar a relação de Freud, com a sua percepção da loucura e sua relação com a arte, nas entrelinhas da história revelada de Octave Manonni, Ernest Jones, Peter Gay e Elizabeth Roudinesco, fica claro, tanto na história da Psicanálise quanto na própria escritafreudiana seu fascínio com a arte, seja na poética ou pictórica. O destaque de Freud sobre a arte aponta a transcendência de um conhecimento que a ele custava muito para adquirir, e confessava isso sem medo, e deste modo a loucura esta para ele como um marco, uma moeda que não possuía, por isso apresenta sua dificuldade em compreender teoricamente. Torna-se importante ressaltar que o artista e o psicótico possui um saber que escapou a habilidade terapêutica freudiana. Porém, o artista era apreciado já o louco nem tanto.

Mesmo com um caminho tão sinuoso, é necessário atentar ao método freudiano para elucidar as questões primárias em relação às psicoses.

Deste modo, podemos tomar as observações de Freud, quando este começa a investigar a suposta normalidade por meio do patológico, sendo que, esta subversão permitiu um grande avanço anunciado em seus *Estudos sobre a histeria* de 1893-1895.

Freud exhibe uma leitura do homem que resgata os aspectos fora de um padrão, daí a inauguração do inconsciente, e que permitiu o advento da Psicanálise, cruzando o campo das psicoses na formulação sobre a paranoia.

No contexto da história da criação da Psicanálise podemos propor uma linha do tempo em termos didáticos que nos auxilia sobre a compreensão do movimento e suas transformações. Ssituamos preliminarmente um período de 1891-1899 em que a cura era proposta com o método da hipnose, ou seja, a eliminação dos sintomas era lembrar. Em segundo tempo, o período de 1900 a 1920, o método de cura viria por técnicas de interpretação, como aponta sua obra da “Interpretação dos Sonhos” inaugural de um século propositalmente planejado, assim implicava em um *modus operandi de interpretação*, e o que acarretou diversos ônus ao processo de fundação da Psicanálise. E o último período, de 1920, em que as evidências da inserção de outra dimensão da pulsão, que está além do principio do prazer, reformulando a

ideia de uma cura, ou seja, não é mais entendido como uma eliminação total do sintoma.

Vemos assim, que a investigação de Freud como o método de associação livre surge na relação psicanalítica com as neuroses histéricas, e sofre diversos efeitos, prevalecendo como regra de ouro, incondicionalmente: a fala livre. A formulação do método de associação livre permitiu o avanço da construção do conhecimento a partir de um sujeito que ouve os sintomas, acolhe a queixa e permite a fala.

No texto “Rascunho K”, Freud oferece o primeiro esquema de formação da neurose vejamos na íntegra.

O rumo tomado pela doença nas neuroses de recalçamento é, em geral, sempre o mesmo: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e deve ser recalçada. (2) Seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança correspondente; ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário. (3) Um estágio de defesa bem-sucedida, que é equivalente à saúde, exceto quanto a existência do sintoma primário. (4) O estágio em que as ideias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dito: isto é, uma fase de ajustamento, de ser subjogado, ou de recuperação com uma malformação. (FREUD, 1896, p. 269)

Serve como ressalva essa explanação, pois, Freud também afirma que a paranoia, nome pelo qual ele chama as manifestações delirantes, seria resultado de um suposta rejeição, “na paranoia o rechaço se dá após um processo de pensamento consciente e complexo” (FREUD, 1986, p. 275), pois existe uma perda de realidade que desliga a representação.

É importante apontar o trabalho realizado por Freud, no qual universaliza para a criatura humana, sobre o fato de que na vida psíquica a realidade é perdida. A teoria psicanalítica aponta em direção de um encontro, existe um pacto inconciliável e que essa situação vivida na infância acontece independentemente das estruturas clínicas, sejam elas, neurose, psicose e perversão, porém, reconfigurando assim a concepção do patológico.

Queremos chamar a atenção para pensar as implicações dos modos de ligação do sujeito na estrutura paranoica, ou seja, como acontece a operação do amor na paranoia. Não almeja se apenas indicar que determinada estrutura é assim ou de tal modo, mas pensar no que antecede o advento deste modo de ligar-se ao Outro.

Pretendemos assim discutir um circuito pulsional que está no engendramento de toda a criação humana, ou seja, refletir a dimensão do amor na paranoia, e que segundo Lacan (1973), falar de amor trata-se de falar do ser em questão.

Para tal condição de discussão teórica é preciso, tomar o conceito nomeado por Freud em alemão, de *Verwerfung*, a elaboração desse conceito que está concentrado em dois momentos (1894 e 1918). O primeiro é aquele em que é estudado o recalçamento e a rejeição, no segundo, inicia-se outro estudo, o da renegação, e será este do qual nos deteremos, como renegação da castração e em Lacan por foraclusão, contribuindo para a compreensão mais avançada sobre os desdobramentos do amor nas psicoses, e aqui a paranoia em especial. Ainda sobre o termo de foraclusão Lacan diz tratar-se exatamente da,

A rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo significativo. (LACAN 1955/1988, p. 171)

Contudo, ressalta que a recusa é a modalidade de defesa empregada, tanto para definir a confusão alucinatória quanto a paranoia. Nas psicoses podemos partir de uma universalização de operação de defesa, assim temos, antes do advento do sujeito do inconsciente, uma posição do *infans* que exclui, ao deparar-se com a diferença inscrita no campo do Outro, o que pode ou não, passar na via anatômica, permitindo assim ser formulado. Trata de uma ocorrência de colágeno outro, produzindo uma morada imaginária, e lá constituir-se como ser, e como efeito no campo desse Outro das psicoses. Sendo assim não há reconhecimento de falta, ou seja, também não há inscrição de furo, e se essa inexistência tem consequências sobre a linguagem e assim conseqüentemente na esfera do amor, torna-se uma condição *sinequa non* para as psicoses.

Cabe apontar que nas psicoses tem-se um desdobramento tão radical de rechaço da alteridade em que na tipologia clínica da esquizofrenia o sujeito não faz uma conjuntura consistente da construção da imagem corporal. Este modo de operação da psique pode provocar um despedaçamento, suas raízes imaginárias são tão divididas que possivelmente poderá oferecer riscos de desintegração egóica. Já na paranoia o rechaço da diferença que está no campo do Outro leva a um modo de operar.

O sujeito posiciona-se de tal maneira ao responder com a forclusão alojando no próprio campo do Outro, identificado como tal, o que lhe permite a formação da imagem sustentando-se em identificações do próprio Outro. Temos aqui uma hipótese sobre a relação da Psicanálise com a paranoia, na qual esta posição de identificação permita maior sustentação aos escritos freudianos, e por isso encontremos mais referências sobre o estatuto da paranoia do que sobre a esquizofrenia. Vejamos isso tanto em Freud quanto em Lacan.

Mas antes de adentrar nas conjecturas que os desdobramentos do amor tem na paranoia, é imprescindível situarmos a compreensão do mecanismo de forclusão que assume fundamentalmente a configuração do amor na paranoia.

Vejamos, temos primeiro sentido da palavra forclusão como uma defesa enérgica que, em termos de sua operatividade, age afastando da consciência tanto a representação quanto o afeto a ela relacionado (Freud, 1894/1976).

Fundamentando-se nessas premissas, uma conclusão freudiana possível, é a de que a paranoia tem de ser pensada a partir de uma operação defensiva, sendo que em função disso, aquilo que é rechaçado ou abolido tem um destino especial, diferente do recalcado. Isso confere ao retorno do conteúdo uma conotação particular, mas como delírio ou confusão alucinatória.

Freud cria em seus rascunhos, dos quais ressaltaremos o H (1895), que versa sobre *A paranoia* e o rascunho K (1896), sobre *As neuroses de defesa* que serve como esteio inicial para pensarmos a questão da vida psíquica e que eminentemente tornam-se precursores do brilhante conteúdo desenvolvido no artigo *As novas observações sobre as psiconeuroses de Defesa* de 1896, vale considerar que nesta época Freud se empenhou para esclarecer a etiologia das neuroses, e essas evidências não poderiam passar batido, no desenrolar de artigos que foram tão fecundos, vasculhamos as afirmações sobre o processo que deu origem as primeiras elucubrações de sintoma, e podemos constatar que há um processo comum tanto na neurose quanto na psicose no percurso da vida psíquica de todo sujeito, “*elas tem varias coisas em comum*” (FREUD, 1896, p. 267), embora algumas direções sejam mudadas, acompanhem-nos.

“Em ambos os casos até aqui considerados [neurose histérica e neurose obsessiva], a defesa contra a representação incompatível foi efetuada separando-a de seu afeto; a representação em si permaneceu na consciência, ainda que enfraquecida e isolada. Ha, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu *rejeita* a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. *Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose [...]*” (FREUD, 1894/1976, p. 63-64 – grifos nossos).

Lacan (1956) confere um sentido mais preciso para o termo *Verwerfung*, na formulação freudiana de 1894, tomando então enquanto a abolição, o que será conceitochave para a interpretação do Caso Schreber, já no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan (1955c) aborda um primeiro tempo lógico do processo de estruturação do sujeito pensado em termos do mecanismo da forclusão e identificado ao momento de exclusão que constitui o real, no sentido daquilo que é deixado para fora do campo da linguagem.

O CAMPO DA PARANOIA EM LACAN

O campo em que se vale Lacan (1998d) toma como esteio as formulações sobre a forclusão para afirmar que, é por meio desta operação que o sujeito recusa o acesso ao mundo simbólico de algo que, sem dúvida, já experimentou como ameaça da castração: a ausência, no registro simbólico, de uma não admissão, uma falta da afirmação primordial que se confirmará pela alucinação. Nessas circunstâncias, a castração não existe então para o sujeito uma vez que não foi captada a diferença.

Decorrente disso, temos duas consequências no campo clínico da paranoia. Em primeiro lugar, o retorno com exterioridade indica que, na psicose, não há centralização do saber, no sujeito, no pai e nem no mundo. Devido ao processo de constituição do sujeito na paranoia não passar pelo recalque, o conteúdo não centraliza no ponto do sintoma e nem com origem específica, que é marca do recalque. Em segundo lugar, em decorrência da não centralização do saber o psicótico passa operar com certeza absoluta que é dada pela alucinação. (Quinet, 2009).

Sobre a recusa de uma alteridade, que consiste na interdição de uma função terceira, representante do mundo simbólico Lacan fala sobre o efeito dessa ação,

com efeito o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de nome-do-pai, isso é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro. (LACAN, 1957/58, p. 152)

O significante teria por objetivo estabelecer ordem, a qual no sujeito das Psicoses não há operação do Nome-do-pai, com a inexistência de recalque e sem a interdição de um Outro, a forma de manifestação do inconsciente enquanto sintoma merece ser repensada, uma vez que o sintoma tem por definição um efeito da relação com a linguagem operado por uma barra na qual supõe ser o recalque.

Antes de chegar a uma possibilidade de resposta sobre a questão inicial da existência do amor na paranoica, vemos aí que ele pode começar a apontar enquanto uma operação de contorno ao campo das significações, dando abertura ao sujeito para lidar com essa operação de foraclusão, que lhe ocasiona outros modos de se haver com o mundo e seus símbolos.

Sobre o efeito do foraclusão, marca de ausência, que Rabinovitch (2010) chama atenção para o conceito de nadatização² onde expõe que existe o Real predominante, o que podemos formular a partir deste lugar em que há prevalência de um “nada”, onde deveria advir um sim, sobre o reconhecimento de Outro enquanto portador de diferença, se aproxima do estatuto de objeto *a*,³ ora o objeto *a* não é justamente o que se mostra presente pela ausência?

Portanto hipoteticamente situa-se no âmago do Real, e chega a afirmar que o psicótico “*carrega o objeto a no bolso*”, (Lacan, 1964), entendemos que ele é o próprio objeto *a*, e nessa direção o delírio é a possibilidade de criação de sentido da existência desse ser, dito de outras palavras, é uma aposta de ser causa de algo para alguém, e tal funcionamento pode ser exemplificado nos desencadeamentos de

² Trata-se de um termo utilizado por Rabinovitch, para exemplificar que a ausência de um significante primordial, o qual não causa furo, mas sim uma ausência, é o nada que se encontra o sujeito da Psicose, e a criação a partir desse nada, desta ausência é o que permite ao Eu da psicose, a criação de um sentido, seja em forma de delírio ou de outros modos.

³ Termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo (ROUDINESCO,).

surtos psicóticos quando subjetivamente o sujeito se sente ameaçado em situações corriqueiras em separar-se do Outro, que tem sua habitação no mesmo ser.

Disso podemos lembrar a proposição de Freud (1911) freudiana da paranóia persecutória é “ele me odeia”, a proposição para a erotomania é “ele me ama” e, para a megalomania: “eu amo a mim mesmo”. É possível formular então que trata-se de uma re-produção do afeto, e situá-la na tentativa de simbolização dos afetos, que embora não se inscrevam a partir do recalque, eles continuam pulsionalmente requerendo uma via de manifestação.

Articulamos o questionamento sobre quais as implicações que a nadatização, ou essa ausência tem sobre o amor na paranoia, Lacan nos alerta “*o psicótico não pode apreender o Outro senão na relação com o significante, ele se demora apenas numa casca, num involucro, numa sombra, ali onde a fala esta ausente, ali situa-se o eros do psicotizado*” (LACAN, 1955, p;. 289).

O estatuto de ausência que Lacan (1950) se refere, estaria inclinado para a condição fraturada no campo da simbolização, podemos pensar na inconsistência da palavra que não opera corte ou não separa o Outro que resta absoluto.

AMOR-TECERNA PARANOIA

Aqui Lacan no esclarece que no campo da fala em que há condição presente das relações significantes e que no psicótico aparece “numa sombra” “*é ali que encontra seu supremo amor*” e insistiu “*o psicótico ama seu delírio como ama a si mesmo*” (1955, p. 289), é possível levantar que o amor enquanto uma construção implicada do próprio ser do sujeito, que aproxima-se de significantes, contorne o real, é a dimensão de fazer frente ao que ficou de fora da simbolização, ou seja, o real, situando aí uma possibilidade na qual a amor possa assumir funções de laço, Lacan acrescenta ainda, em aula na universidade Yale no Estados Unidos em 1974, sobre a temática, e diz que se trata de uma operação que falhou no campo do amor, isso nos leva a pensar que é na possibilidade das articulações de simbolização.

No ensino de Lacan podemos perceber um tempo em que persegue insistentemente a condição da linguagem como responsável pela tradução do inconsciente, porém percebe que algo reverbera entre o significante/significado e

que a própria língua denuncia como inominável, e acrescenta ainda que, no campo da Psicose, existe um tipo de amor morto, e nos diz mais.

A que se deve a diferença entre alguém que é psicótico e alguém que não o é? Ela se deve a isto: para um psicótico uma relação amorosa é possível abolindo-o como sujeito, enquanto ela admite uma heterogeneidade radical do Outro. Mas este amor é também um amor morto (LACAN, 1955-56, p. 287)

Nesse sentido tomamos então enquanto esteio da especificidade do amor morto na paranoia, essa condição estrutural estaria no sentido de que o sujeito fica a mercê do Outro, tendo seu próprio corpo evirado, invadido e abusado por este. O que este estudo buscou trazer levantar é que o amor morto como resultado de operações fundadoras pode alcançar duas dimensões, o que não implica a alteração de estrutura, mas sim de possibilidade de estabelecer outro modo de ligação com o Outro.

Reporta-se aduas vias específicas para compreender este processo. As duas operações simultâneas e constitutivas do sujeito desenvolvidas por Lacan (1964), sendo a de alienação e separação no seminário XI. A operação de alienação sem a incidência da separação condena o sujeito ao jogo imaginário letal com o outro. Ou é um ou é o outro. Trata-se da letalidade da dualidade imaginária. Mata-se por amor, ou morre-se. Aqui nota-se uma dimensão do amor na paranoia, aquela do imaginário que é frágil e por isso letal. Essas duas vias marcam também posições do sujeito em ativo e passivo, tendo como ativo a separação, e o passivo como alienação

Depois, a dimensão do Real, mediado ou não pelo símbolo, visto que um no exclui o outro, porém ao tratar-se da paranoia mantém uma peculiaridade, trata-se de uma sobreposição do imaginário sobre o simbólico. O amor morto na paranoia esta intimamente ligada a instância do Realem articulação ao Imaginário, isso pressupondo que existe uma condição possível ligar se ao Outro. Lacan (1955) esclarece o apego do psicótico com seu delírio, enquanto função que permita uma expressão de sua posição, é na condição de morto, passivo, sem reação que o sujeito fica na relação amorosa, a outra dimensão do amor morto, é o que mata, como no exemplo histórico do fã psicótico que matou em Nova York no ano de 1980 o músico Jhon Lennon. E o fez por amor, e ainda alegou ter feio isso por causa de delírios amorosos.

Contudo Pommier (1997) elabora construções importantes sobre esse ponto do amor morte, e coloca que mantendo a margem do amor cortês, a paixão de um sujeito (psicótico) por alguém pode livrá-lo das garras de um gozo insuportável – esta seria uma forma de mania de amor.

Sendo assim o que podemos articular a partir da leitura de Lacan e alguns autores que discutem essa temática da paranoia, formulamos interrogativamente a questão: Diante da formulação de Lacan sobre o “*amor morto*”, seria ele uma condição do sujeito da paranoia para manter-se ligado ao Outro? A partir dos atravessamentos de Freud e Lacan destaca-se as dimensões de amor na paranoia que possibilitaria um laço com Outro. Levanta-se como hipótese a modalidade do amor paixão, seja ela vivida ou não na construção delirante.

Lacan (1955), no seminário III, trata com muita profundidade as nuances das psicoses, ressalta o que poderia passar por esse ponto de amor-paixão: “na medida em que é praticado nesse estilo que se chama platônico ou idealista apaixonado, tornou-se cada vez mais uma coisa ridícula, ou que se chama comumente, e com razão, uma loucura” (LACAN, 1955, p. 289). Teríamos um exemplo clássico a paixão vivida por Aimeé, caso retratado na tese de doutorado de Lacan, em 1932 que revela a paixão platônica de Aimeé diagnosticada como psicose paranoica com o príncipe de Gales. (LACAN, 1932).

Aqui podemos notar o paralelo que Lacan traça entre o modo de amor paixão e sua proximidade com a loucura, isso se deve a impossibilidade de responder a um certo apelo, aquele do simbólico “é que se produz uma abundância imaginária de modos de seres que são tantas outras relações com o outro a minúsculo, abundância que suporta um certo modo de linguagem e fala” (LACAN, 1955, p. 288).

Ainda nos liames do amor morto, fizemos duas articulações: a primeira seria a recolocação do amor morto para um deslizamento de amor-paixão, uma amor que não estaria todo na dimensão letal do imaginário, no qual teria efeitos de amortecer, no sentido de tecer as relações do psicótico com o seu Outro. Ainda sobre o amor morto, enquanto deslizamento metonímico do amortecer, para amorte-ser, uma modalidade de amor que se apresenta enquanto amor paixão, o que implica na posição ativa na escolha de objeto, posição que faz parte de outra dimensão,

permite um escoamento do Outro absoluto, e visa uma brecha para que o sujeito encontro alguma expressão. Daí desague no amortecimento, e conseqüentemente produzindo efeitos na relação do sujeito da paranoia com seu Outro, com a vida e consigo mesmo. É bem sabido que uma paixão não esconde seu caráter avassalador e leta, mas também contem possibilidades de criação.

O estatuto de amor-amor paixão confere uma chance de subjetivação, de consentimento, e de amar a seu modo, uma possibilidade de criação de outra dimensão, dito em outras palavras a conquista do amor na paranoia seria uma reposicionamento que poderia diminuir sua invasão, e que de longe pensaríamos em estabilizações e manejos de gozo, e utilizando da arte teríamos o dito de Dali para sua esposa Gala “ *foi o amor dela por mim que me salvou da loucura*” e tanto o é, que quando Gala morre, ele tenta o suicídio.”

Isso aponta que a condição de amor morto traz um encarceramento sobre o sujeito, mas também não lhe impende de ter tentativas apazaguidoras, trata-se de uma possibilidade em que o amor-paixão que permite uma pacificação fugaz, intermediária, mesmo que continue cerrado sobre si, como nota-se no caso de Dali.

Sendo assim o que podemos articular a partir da leitura de Lacan e alguns autores que discutem essa temática da psicose, formulamos interrogativamente a questão: Diante da formulação de Lacan trata se de uma condição de “amor morto”, mas que podemos situar como uma outra dimensão de amor, que possibilitaria um laço com Outro na modalidade do amor paixão seja ela vivida ou não na construção delirante?

Lacan (1955) no Seminário III, onde trata com muita profundidade as nuances das psicoses, ressalta o que poderia passar por esse ponto de amor-paixão, “na medida em que é praticado nesse estilo que se chama platônico oi idealista apaixonado, tornou-se cada vez mais uma coisa ridícula, ou que se chama comumente, e com razão, uma loucura” (LACAN, 1955, p. 289).

Aqui podemos notar o paralelo que Lacan traça entre o modo de amor paixão e sua proximidade com a loucura, isso se deve a impossibilidade de responder a um certo apelo, “é que se produz uma abundancia imaginária de modos de seres que

são tantas outras relações com o outro a minúsculo, abundancia que suporta um certo modo de linguagem e fala”(LACAN, 1955, p. 288).

O autor situa essa modalidade de amor como uma forma específica de ligar-se a semelhante. Há uma via perigosa, que é uma supremacia de formações imaginárias que sustentam a ligação, o que não impossibilita, apenas lhe afere um caractere específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa direção o que podemos vislumbrar com os apontamentos de Lacan sobre o amor morto: eis uma via de resposta em linguagem própria, contendo sua consistência imaginárias ou não, uma vez que, segundo Ferreira (2009), o amor paixão está para condição imaginária da posição de objeto.

Contudo o que o artigo buscou evidenciar é que amar nesta posição de morto, tem sua similaridade com uma posição passiva, aproximando-se do caráter feminino e talvez daí um empuxo-a-mulher, porém um amor paixão na Paranoia seria uma condição de amortecimento, mesmo que temporário, na qual o sujeito consente com os excessos de seu Outro. É possível fazer articulação ao Caso Schreber, a experiência dele de invasão por Deus é completamente devastadora. Daí o surto e apenas quando ele acolhe a emasculação, atribuindo a essa invasão do real um sentido, - ele seria escolhido para criar uma nova raça de homens, só aí ele encontra pela via do delírio uma estabilidade, possibilitando uma posição de subjetivação ainda que a um modo próprio. (FREUD, 1911).

A cautela sempre bem-vinda e necessária tanto, na clínica psicanalítica quanto na sua escrita, foi um viés que tentamos não manter distantes, uma vez que as construções sobre o inconsciente independente de estruturas. A discussão se colocou constantemente enquanto questões e que deve ser hipoteticamente mencionado, e assim com as palavras que a Psicanálise nos oferece na caneta de Freud e de Lacan, podemos encerrar apenas afirmando que deve ser considerado toda e não-toda forma de amar com possibilidades.

REFERÊNCIAS

- DIDIER-WEILL, A. (1997). Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor
- FERREIRA, N. P. A teoria do amor, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Passo-a-passo) 2008.
- FREUD, S. (1894) “As neuropsicoses de defesa”. Rio de Janeiro: Imago, v. III, 1977.
- _____. (1911) “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”. v. XII.
- JULLIEN, P. O manto de Noé. Ensaio sobre a paternidade. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- LACAN J. (1932) Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- _____. (1949) “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.
- _____. (1954) “Introdução ao comentário de Jean Hypolite sobre a “Verneinung” de Freud”. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998c.
- _____. (1955-56) O Seminário, livro 03: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. (1970-75) O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. (1959) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.
- POMMIER, G. La transferencia en la psicosis. Buenos Aires. EdicionesKliné. 1997. QUINET, A. Teoria e clínica da psicose. Rio de Janeiro: Forense, 2009.
- OUZA, N. S. A psicose. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

CONSIDERATION ON LOVE IN PARANOIA: A READING FROM FREUD AND LACAN

ABSTRACT

This discussion is central axis the unfolding of love in psychosis structure, type of paranoia, to sustain this discussion were used formulations of Freud and Lacan. The route went from the formation of the subject of the unconscious, cutting across the concept named by Freud's Verwerfung, and Lacan of foreclosure, pointing subject position modes before the castration. In this sense the study sought the lifting of love in paranoia, being both a position towards life and the impossibility of its own, as the support via the social bond, resuming the hypothesis Lacan on a form in which the paranoid can approach -If a form of "dead love" in which this subject repositions up towards the Other and its effects.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Psychosis. Paranoia. Love.

CONSIDERATIONS IN LOVE PARANOIA : LECTURE DE FREUD ET LACAN

RÉSUMÉ

Cette discussion est l'axe central le déroulement de l'amour dans la structure de la psychose, type de paranoïa, de soutenir cette discussion ont été utilisés formulations de Freud et de Lacan. La route est passé de la formation du sujet de l'inconscient, coupant à travers le concept désigné par Verwerfung de Freud, Lacan et de forclusion, pointant modes de position sujet avant la castration. En ce sens, l'étude a demandé la levée de l'amour dans la paranoïa, étant à la fois une position envers la vie et l'impossibilité de son propre, que le soutien par l'intermédiaire du lien social, reprenant l'hypothèse Lacan sur un formulaire dans lequel le paranoïaque peut approcher -Si une forme de "amour mort" dans laquelle ce sujet jusqu'à repositionne vers l'Autre et de ses effets.

MOTS-CLÉS : Psychanalyse. La psychose. La paranoïa. Amour.

Recebido em: 11-08-2016

Aprovado em: 15-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

UM ESTUDO SOBRE O ESTATUTO DO SUPEREU NA PSICOSE

Claudete Justino Correa¹ e Magali Milene Silva²

RESUMO

O trabalho buscou identificar como opera o Supereu na psicose. Mesmo que Freud tenha abandonado a aposta na clínica da psicose, formulou as bases para pensar o sujeito na psicose. Freud apresenta o Supereu como herdeiro do complexo de Édipo, complexo estruturante para o sujeito na neurose, mas de que o sujeito não lançaria mão na psicose, tornando - se assim problemático a construção do Supereu nesta estrutura. Lacan atribui a forclusão como fator essencial da operação da psicose na castração, forcluindo o significante primordial, o Nome-do-Pai, que permite ao sujeito ancoragem simbólica e produção de significações. O que foi forcluído ressurgiu no real, alucinatoriamente. O que não foi internalizado reaparece no real como a voz do Outro, o sujeito, tendo certeza da voz que o comanda, experimenta o Supereu no real.

PALAVRAS-CHAVE: Supereu. Psicose. Psicanálise.

1

2

INTRODUÇÃO

Ao situar o Supereu como se constituindo para o sujeito após a elaboração do complexo de Édipo, Freud nos deixa margens para a indagação sobre a constituição dessa instância para o sujeito na psicose. Freud (1925/2011, p. 290) afirma: “[...] o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o Supereu se tornou seu herdeiro”. Se é preciso haver a inscrição do Édipo, a castração, para instituir o Supereu, surgem impasses sobre essa instância na psicose, uma vez que o sujeito na psicose não elabora a castração.

Por esta pesquisa, buscamos investigar se o Supereu se constrói somente a partir de uma demanda constitutiva no enredo pós-Édipo, uma vez que o Supereu tem uma função importante na economia psíquica ao configurar direções para o Eu mesmo que ideais. Para discutir essa questão, primeiramente buscamos em Freud seus escritos sobre a tentativa de interpretação da clínica da histeria e as primeiras hipóteses para diferenciar neurose e psicose; logo, as incertezas freudianas sobre a clínica da psicose e seu afastamento dessa estrutura como passível de tratamento analítico, a partir da consideração do narcisismo. Depois percorremos as elaborações freudianas sobre neurose e psicose considerando a temática das instâncias psíquicas da segunda tópica. Seguimos o trabalho com a apresentação do conceito forclusão como operação principal da castração, e, por último, as vozes como um mecanismo de via para o Supereu na psicose.

AS TENTATIVAS FREUDIANAS NA CLÍNICA DIFERENCIAL NEUROSE-PSICOSE

A pesquisa freudiana sobre sua inquietação a respeito dos fenômenos histéricos teve início com estudos junto com Breuer. Foi em 1894 que Freud escreveu uma obra para tentar descrever como ocorreriam os fenômenos da histeria, com seus próprios preceitos e análise de sua clínica: “As Neuropsicoses de

defesa”(1894)³. Ele formulou nesse texto o conceito de “defesa” e também falou sobre suas oposições a estudiosos que tinha próximo, como Charcot.

No trabalho descrito em “As neuropsicoses de defesa” (1894), Freud procurou formalizar teorias psicológicas da histeria de defesa, fobias, neuroses obsessivas e, também, algumas psicoses alucinatórias. O ponto de vista freudiano começou a ser adotado a partir da investigação de formas de uma doença mental, a teoria da defesa, o que permite uma “conexão inteligível” (Burgarelli, 2007).

Na terceira parte do texto, Freud (1894/1996) aborda a Psicose alucinatória e faz algumas distinções importantes entre a psicose alucinatória, a histeria, as obsessões e as fobias. Existe na psicose uma ação, uma defesa muito mais bem-sucedida, onde o Eu rejeita a ideia incompatível e o afeto correspondente de uma maneira que seria provável se comportar como se a ideia jamais lhe tivesse ocorrido, assim como o fragmento de realidade associado a essa ideia incompatível. Freud (1894/1996) considerou que se incluem como uma psicose de defesa, com um mecanismo especial de recalçamento, que posteriormente será diferenciado.

Ao discutir sobre um caso de paranoia, Freud articula que na neurose é possível ter pensamentos inconscientes e lembranças recalçadas, que retornavam de forma disfarçada na consciência, nos fenômenos que posteriormente ele listaria como manifestações do inconsciente: o sonho, o lapso, os esquecimentos, o chiste e o sintoma. Dessa maneira, esses conteúdos apareciam na psicose na forma de pensamentos que são percebidos como alucinados, ouvidos e vistos, sem que seu mecanismo de formação seja o deslocamento para o inconsciente e o disfarce (Freud, 1894/1996).

Apesar de afirmarmos se tratar do mesmo mecanismo, o recalque, podemos entender que Freud descobre uma especificidade ao mecanismo de defesa na psicose alucinatória, porém ele não ofereceu maiores esclarecimentos (Burgarelli,

³ As obras freudianas utilizadas no texto foram da tradução da Editora Companhia das Letras. Porém, essa coleção não publicou as obras pré-psicanalíticas. Assim, para os textos “As Neuropsicoses de defesa”(1894) e “Observações adicionais as neuropsicoses de defesa” (1896), foram utilizadas as versões da coleção Imago de 1996.

2007). Para Mezan (1991, p. 13), na psicose alucinatória, tanto o afeto quanto a ideia intolerável são recalcados, mas “a ideia está inextrincavelmente ligada a uma parte da realidade”. O Eu, por também conseguir realizar a defesa, também se desliga, total ou parcialmente, da realidade. O Eu consegue se livrar de uma ideia incompatível, mas fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade. Sendo assim, se a defesa é findada, o sujeito entra em um estado de total confusão alucinatória (Freud, 1894/1996).

Freud, em “Observações adicionais a neuropsicoses de defesa” (1896), retorna à diferenciação entre neurose e psicose e recorre a casos clínicos com o objetivo de confirmar a teoria apresentada no artigo anterior. Ele dedica a terceira parte do texto à psicose alucinatória, destacando que nela os pensamentos que surgiam no inconsciente eram ouvidos interiormente e alucinados; alucinações que provinham por parte de um conteúdo de experiências infantis recalcadas, sintomas do retorno do recalcado de um mecanismo equivalente (Burgarelli, 2007).

Freud comparou a paranoia e a neurose obsessiva. Em ambas, o núcleo do mecanismo psíquico é o recalco. O que já foi recalcado corresponde a uma experiência sexual da infância. Assim, na neurose obsessiva, a autoacusação é recalcada pela autodesconfiança, enquanto na paranoia é pelo processo de projeção, pois vem de um sintoma defensivo de confiar em outras pessoas. Desse modo, o sujeito deixa de reconhecer a autoacusação, mas fica incapaz de se proteger contra ela, que retorna nas ideias delirantes (Burgarelli, 2007).

Na paranoia, esse recalco é um processo que pode ser mostrado como uma projeção. O sujeito não reconhece a autoacusação, ficando privado de proteção contra elas, que retornam em suas representações delirantes, podendo ser também em forma de pensamentos ditos em voz alta (Freud, 1896/1996). Dessa maneira, podemos inferir que, na psicose, o conflito não é sentido como interno, mas projetado no exterior. Na verdade, parece que a diferenciação interno e externo se abala.

Freud ainda não fazia distinção entre as fantasias de seus pacientes sobre sua infância e suas recordações embora já se aproximasse dessa descoberta. Posteriormente, com a adoção da hipótese do inconsciente e construção dos pilares

da psicanálise, trata o discurso dos pacientes como revelador das fantasias inconscientes, e não dos fatos.

No artigo “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908/2010), Freud explica como é evidente a maneira como as fantasias inconscientes encontram-se ligadas à formação dos sintomas (Gallina, 2010). Nesse texto, Freud já inicia com um conteúdo de “caráter programático”, pois expressa um enunciado de ideias que futuramente, com Lacan, foi conceituado como as estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão (Jorge, 2002).

Na neurose, estaria presente a fantasia, que tem uma forte ligação com o efeito que causa os sintomas neuróticos; na perversão, teria uma satisfação sexual direta, podendo ser em ideia ou na realidade; e na paranoia, manifestar-se-ia o delírio (Jorge, 2002). Freud (1908/2010) chamou as elaborações inconscientes de fantasias históricas, ligando-as com a acusação dos sintomas históricos. A princípio, a criação dessas fantasias tem origem no que Freud chamou de “devaneios da juventude”. Essas fantasias podem ser descritas como as satisfações dos “desejos originários de privação”. O “devaneio” tem uma chamada para a compreensão dos sonhos noturnos, pois as fantasias diurnas são o núcleo da formação onírica de forma distorcida e, posteriormente, mal compreendidas pela instância psíquica. Na visão de Jorge (2002), o núcleo para os sonhos noturnos são as fantasias diurnas distorcidas pela censura. Ele continua dizendo:

Esses devaneios são acalentados carinhosamente pelo sujeito e ocultados como sendo seus bens mais íntimos; ele os guarda só para si, não os partilha com mais ninguém, vivencia-os como algo exclusivamente seu e cujo conteúdo, na maioria das vezes sexual, não pode ser revelado. Para ressaltar o paralelo que pode ser estabelecido entre a função da fantasia na neurose e a do delírio na psicose [...] (Jorge, 2002, p. 48).

Essa discussão revela o que instiga a pensarmos a comparação entre a função que exerce a fantasia na neurose e o delírio na psicose. Jorge (2002) aponta a fala de Freud a respeito do lugar que é ocupado pelo delírio na psicose quando nos traz que o psicótico ama seu delírio como ama a si mesmo. As fantasias podem ser tanto inconscientes como conscientes (Freud, 1908/2010). Quando ocorrer de as fantasias conscientes se tornarem inconscientes podem se tornar patogênicas e se manifestar como sintomas e ataques históricos (Jorge, 2002). As fantasias inconscientes podem ter origens sempre inconscientes e formadas no inconsciente, ou como são

mais frequentes, as fantasias podem ser criadas no consciente, “devaneios”; logo, são esquecidas, tornando-se inconscientes e recalçadas, e também podem ter origem no inconsciente e ali permanecer. Os conteúdos das fantasias podem permanecer os mesmos ou podem passar por algumas alterações (Freud, 1908/2010). Jorge (2002, p. 49) explica que:

[...] entre essas quatro possibilidades de gênese e evolução das fantasias, a que mais apresenta interesse clínico e aquela que, tendo sido recalçada para o inconsciente ou tendo ali nascido e permanecido, revela um acentuado poder patogênico e formador de sintomas.

As fantasias inconscientes têm uma carga importante com a vida sexual do sujeito, pois são parecidas com as fantasias que serviram para dar satisfação sexual durante a idade em que havia a masturbação. Nesse tempo, o ato masturbatório consistia em duas partes. “A primeira era a evocação de uma fantasia, a outra um comportamento ativo, no momento culminante da fantasia, para obter autogratisação” (Freud, 1908/2010, p.150). Primeiramente, um ato totalmente autoerótico visando a obter prazer de uma particular parte do corpo, denominada zona erógena. Mais adiante, funde-se a uma ideia com total parcela de desejo que pertence à esfera objetual, na qual culminou a fantasia devido à realização parcial da situação (Freud, 1908/2010). Se não há outras vias de satisfação, o sujeito fica abstinente e existem duas saídas: sublimar ou formar um sintoma (Jorge, 2002).

Posteriormente, quando o sujeito renuncia à satisfação, um conjunto de masturbação e fantasia, o ato é abandonado; daí a fantasia passa de consciente a inconsciente. Segundo Freud (1908/2010, p. 151): “Dessa forma as fantasias inconscientes são os precursores psíquicos imediatos de toda uma série de sintomas histéricos...”

Freud (1908/2010) considerou que o efeito inconsciente das fantasias exteriorizadas pela conversão representaria insistência ao buscar satisfação pulsional fornecida pela fantasia. Enquanto isso, Jorge (2002) argumenta que por trás do sintoma existe a fantasia. No entanto, por trás da fantasia, há a pulsão e sua busca pela forma mais exigente de satisfação.

Os delírios dos paranoicos seguem o mesmo processo de elaboração que as fantasias da histeria. A diferença é que eles se tornam diretamente conscientes.

Freud, nessas obras, estabeleceu alguns conceitos que foram essenciais para o momento que estava vivendo em sua clínica. Todavia, isso não foi suficiente para explanar os mecanismos de funcionamento da neurose e psicose, apesar de ter ido mais longe nas descobertas funcionais da neurose, principalmente quando conseguiu estabelecer um lugar para o recalque e para a fantasia, fatores que são cruciais na clínica. Entretanto, não conseguiu distinguir relações claras para a neurose e para psicose.

O RECUO FRENTE À CLÍNICA DA PSICOSE

A obra *“Introdução ao Narcisismo”* (1914/2010) é um estudo em que Freud faz a elaboração do Eu, organização psíquica que pode ser correlativa à constituição corporal; e, mais ainda, essa unidade que pode ser construída pelo sujeito a partir de uma imagem que ele tem de si mesmo seguindo o modelo do outro. Essa atração por si mesmo, definimos como Narcisismo e chamaremos de Narcisismo primário (Laplanche; Pontalis, 2001). O processo da formação do Eu por identificação com o outro é denominado por Freud de Narcisismo secundário. É a partir dessa informação que Freud elabora o antecedente do Supereu, o conceito de Ideal do Eu.

O Narcisismo é, para Freud (1914/2010), a narrativa do processo de construção do Eu. Uma instância como o Eu não está presente desde o início. Ela deve constituir-se para o sujeito. Nos *“Três Ensaio”* (1905/2010), Freud desenvolve uma série de concepções sobre a sexualidade infantil e também elabora conceitos que são fundamentais para a construção da análise psicanalítica: conceitos como pulsão, complexo de castração, inveja do pênis e a noção de estágio, que são as fases: oral, anal e fálica. A intenção é mostrar, por meio de cada fase, o autoerotismo e que as crianças são seres de gozo (Roudinesco; Plon, 1998).

É importante destacar essas fases da criança e todo o processo que a acompanham, como o autoerotismo. Pois é a partir desse conceito que Freud começa a estabelecer a noção de Narcisismo e seguidamente o Narcisismo primário e o secundário. Esse processo de autoerotismo da criança define que o corpo ainda não é psiquicamente reconhecido como uma unidade; somente como partes e sensações, pois há delimitações ainda em construção que fazem que o aparelho psíquico faça diferença entre o Eu e o outro (Freud, 1905/2010).

Vista a importância do investimento libidinal, desde criança, o Narcisismo marca uma relevante fase nesse aspecto. O Narcisismo primário é, para Freud (1914/2010), o primeiro Narcisismo, o da criança, o qual toma a si mesma como objeto de amor, antes mesmo de definir objetos exteriores, firmando o seu Eu ideal. Ao recorrer à ideia do Narcisismo libidinal do Eu, esse estudo nos leva à definição estrutural do Narcisismo (Laplanche; Pontalis, 2001).

Para K. Abraham, a demência precoce, e toda a sua característica psicosexual, é o retorno do paciente ao autoerotismo (Laplanche; Pontalis, 2001). Freud utiliza essa concepção para explicar o Narcisismo primário. Na visão dele, a energia libidinal da esquizofrenia e da demência precoce (Kraepelin) não está voltada a objetos externos e manifestariam duas características: “a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas)” (Freud, 1914/2010, p.10). Surge, então, a pergunta: para onde iria essa energia se não fosse dirigida para objetos do mundo externo? A resposta é que essa energia afastada do mundo externo é dirigida para o Eu, podendo determinar um caminho para a Psicose.

Aparece, também, a questão freudiana sobre a impossibilidade de análise desses sujeitos (psicóticos). Veremos adiante o processo do Narcisismo secundário, que surge além do próprio Eu, o Ideal do Eu, que permite investimentos libidinais em objetos externos, determinados por identificação parental. Em trabalhos futuros, quando Freud estuda análises psicanalíticas, ele nos mostrará que é necessário, para uma análise ser bem-sucedida, ter uma transferência, podendo esta ser de amor ou de ódio. Mas no caso dos sujeitos psicóticos, em que não há esses investimentos em objetos externos, a análise não seria viável, pois sua energia libidinal seria voltada para seu próprio Eu. Desse modo, Freud propõe uma nova divisão diagnóstica: neuroses de transferência (neurose obsessiva e histeria) e neuroses narcísicas (paranoia, esquizofrenia e melancolia). Sendo a transferência a mola a partir da qual o tratamento psicanalítico opera, Freud não aposta na possibilidade de tratamento analítico na psicose.

O Narcisismo secundário revela o caminho para chegar ao Ideal do Eu e para diferenciá-lo do Eu. Assim, é fundamental o Eu ser desenvolvido. As pulsões autoeróticas existem desde o princípio. Ao serem adicionados objetos para

direcionarem investimentos libidinais, surgirão novas ações ao psiquismo concretizando o Narcisismo (Freud, 1914/2010).

Ao estudar a vida erótica, Freud (1914/2010) chega à conclusão de que, para a criança, as escolhas objetais partiriam de suas experiências de satisfação e suas funções vitais sexuais autoeróticas serviriam de autopreservação e cuidado. Nesse âmbito, ela começaria a desenvolver não um ideal, mas propriamente uma identificação primária com o outro, que, neste caso, é a mãe ou o cuidador. Nesse caminho, surge o complexo de castração: é quando o sujeito entra em conflito e busca algumas saídas, como o recalque. Ao entrar no mundo exterior onde colocará em prática suas escolhas, experiências e desejos, o sujeito verá que nem sempre terá aprovação do outro; ao contrário, tais desejos serão rejeitados.

Frustrada com a castração, a criança não renuncia a toda experiência provinda de sua infância. Ela vê que não pode ter de volta toda experiência prazerosa e, então, começa a se deparar com a angústia. Por isso, busca alguma forma de recuperar todo o prazer vivido em sua infância, procurando-o como forma de um Ideal do Eu. Todo esse ideal do Eu agora é dirigido ao amor de si mesma, projetado diante de si como ideal, que é o substituto para o narcisismo perdido da infância, o qual era seu próprio ideal (Freud, 1914/2010).

O Ideal do Eu se refere a escolhas narcísicas experimentadas na infância de um amor primordial. Esse amor não poderá acompanhá-la em seu amadurecimento por causa da castração. Sendo assim, ela cria para si substitutos, a fim de que possa dar conta da angústia da castração (Freud, 1914/2010).

Freud (1914/2010) começa a estabelecer fundamentos para o conceito de Ideal do Eu e afirma que este tem como objetivo observar o Eu, fazendo isso como um ideal e começando a identificá-lo como uma consciência moral. O texto mostra a construção do Eu, que consiste em um distanciamento do Narcisismo primário. Logo, o sujeito faz enorme esforço para reconquistá-lo. Isso é recorrente do distanciamento que ocorre mediante o deslocamento da libido para um ideal vindo de fora (Laplanche; Pontalis 2001). Suas escolhas narcísicas não de se repetir ao longo da vida, tendo impasses nesse caminho.

Gerez-Albertín (2009) realça que o Ideal do Eu terá uma via em que se instituirá como uma instância de exigência moral. Tudo se complica a partir do momento em que essa instância começa a autorizar medidas para preservar o Eu. De um lado, preserva; de outro, torna-se severamente crítico; “abandona o papel de anjo da guarda para se converter em assoladoramente demoníaco, deixa de velar pela satisfação narcísica e se transformar em tenaz inimigo da segurança euóica” (p. 59).

Freud volta a refletir sobre o estudo deste ensaio (Introdução ao Narcisismo), de 1914, no texto “*Psicologia das massas e análise do Eu*”(1920- 1923/2011), quando propõe discorrer sobre a identificação e diferenciar claramente o Eu e o ideal do Eu. Gerez-Albertín (2009) ressalta que na Psicologia das massas existe uma variável que deve ser considerada: um líder perfeito com quem todos devem compartilhar uma comunidade de identificações e de quem tudo se espera. O líder é tratado como um Amo absoluto ao qual a comunidade ficará à mercê para demais sacrifícios que exaltam mais “aniquilação que amor”. Isso marca o momento em que Freud dá indícios de um lugar para o pai na construção de sua nova instância.

O Ideal do Eu irá se mostrar como uma consciência moral, porém dependerá da consciência moral dos pais, que partirá das influências críticas dos pais, “agenciada pelas vozes”, que, no decorrer do tempo, agrega outros (educadores, mestres etc.) (Gerez- Albertín, 2009). O Ideal do Eu se constitui “A partir da influência crítica das vozes da consciência moral dos pais que sitiam o sujeito por dentro” (Gerez-Albertín, 2009, p. 60). Esta discussão nos leva a ir ao princípio, ao mito do pai morto, à lei simbólica que é estabelecida pelo acordo da civilização, descrita por Freud em “Totem e Tabu” (1920).

O complexo de Édipo trata do caminho de uma organização psíquica do sujeito, que, no término de suas funções, fica em seu lugar o Supereu. Freud baseia-se no mito da tragédia de Édipo Rei, de Sófocles, mas sua obra não corresponde, necessariamente, ao mito grego. Toda essência é que o complexo de Édipo refere-se à forma mítica da origem da lei. Essa lei é estabelecida mediante o que Freud nomeou como lei da interdição do incesto. Todo gozo que gira ao redor do sujeito figurado pelo incesto mãe e filho não é permitido pela entrada da instância paterna, representada pelo pai simbólico (Correa; Silva, 2015).

Com a elaboração do Complexo de Édipo Freud (1924/2011) anuncia o propósito de sua instância – o Supereu – afirmando que a autoridade do pai é internalizada no Eu, formando o núcleo do Supereu. Nesse caso, está apenas sendo formado, o qual assume a severidade do pai, que proíbe o incesto.

A ALTERIDADE DA NEUROSE E DA PSICOSE A PARTIR DAS INSTÂNCIAS DA SEGUNDA TÓPICA

Freud (1920/2011) começa a estabelecer um conjunto de novas ações psíquicas, pois as instâncias da primeira tópica ficaram insuficientes na prática analítica. A primeira tópica era constituída pelo inconsciente, pré-consciente e consciente. Apesar de Freud em 1923 ter postulado a segunda tópica, as instâncias da primeira tópica continuam a existir, especificamente, fazendo parte de todas as instâncias da segunda. A segunda tópica é composta pelas instâncias Eu, Isso e Supereu. Freud apresenta-as em seu trabalho de 1923 e em sua conferência (1932).

Quando há a dissolução do complexo de Édipo, o que ficará na organização psíquica é uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe. No caso da identificação com o pai, será mantido o objeto materno do complexo positivo, que ocorre ao mesmo tempo substituindo o objeto paterno do complexo contrário. Sendo assim, as coisas se assemelharão com a identificação com mãe. Ao fazer esta análise, é possível supormos que o resultado da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado do Eu. Essa alteração do Eu, que faz que essas identificações se ajustem uma a outra, conserva sua posição especial, surgindo um conteúdo restante do Ideal do Eu ou do Supereu (Freud, 1923/2011).

O papel que desempenha o Supereu é o poder externo da autoridade dos pais. Pode haver influências dos pais com ameaças de castigos e também concedendo provas de amor. Quando a coerção é externa, é internalizada, e o Supereu adquire o lugar da instância parental, que observa, dirige e ameaça o Eu exatamente da mesma forma como faziam os pais. Fica, então, em seu lugar, sendo seu herdeiro. Ao olhar a maneira como age o Supereu, parece ter herdado apenas a severidade e a rigidez dos pais, com toda sua função punitiva e severa, pois, quanto aos cuidados, não parecem ter sido assimilados (Freud, 1932/2011).

No texto de 1924, “Neurose e Psicose”, Freud faz a análise da diferença básica entre a neurose e a psicose. Freud apresentou sua segunda tópica e, no início da obra de 1924, realça a importância das instâncias psíquicas para compreensão das formulações entre neurose e psicose.

Acentua a posição do Eu que fica como intermediário entre o mundo externo e o Isso e o esforço que faz para obedecer a seus senhores a todo o momento. Assim, Freud consegue fazer a distinção ao que concernem as singularidades da neurose e da psicose: “[...] a neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e seu Isso, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior” (Freud, 1924/2011, p. 159).

Ao explicitar as neuroses transferenciais, Freud descreve seu funcionamento psíquico, que se ao recuar o Eu e tolerar os impulsos pulsionais do Isso ou auxiliá-lo a encontrar vias para escoar-se, ou o Eu proíbe, nega aqueles impulsos que visam ao objeto. O Eu irá se defender contra o impulso pulsional do mecanismo de recalque. O material que fica recalçado inicia uma luta contra esse destino. Cria para si, ao longo de sua jornada, vias que o Eu não terá poder, uma representação que possa substituir; ou seja, o sintoma, nos indica que o Eu está seguindo as ordens do Supereu (Freud, 1924/2011).

Na psicose, Freud (1924/2011) aponta a relação para um distúrbio entre o Eu e o mundo externo, em que o eu, a serviço do Isso, repudia a realidade, reconstruindo-a no delírio. Freud cita a “amênciã” de Meynert, um tipo de confusão alucinatória aguda, em que o mundo exterior não é percebido de forma alguma ou sua percepção não faz efeito. Na amênciã, não é só expulso o acolhimento de novas percepções, também é retirado o investimento que ocorre no mundo interior que representava o mundo exterior, como uma cópia, de forma que a própria relação entre interior e exterior fica abalada na psicose. O Eu passa a criar um novo mundo interior e um mundo exterior. Podem ocorrer dois fatos: “de que esse novo mundo é edificado conforme os impulsos de desejo do Isso, e de que o motivo dessa ruptura com o mundo exterior é uma difícil, aparentemente intolerável, frustração do desejo por parte da realidade” (Freud, 1924/2011, p.161).

Em outros tipos de psicose, como na esquizofrenia, existe a perda de toda participação do mundo externo. Nos delírios, Freud mostra que pode ser uma manifestação feita como um “remendo” que fica no lugar onde, originalmente, uma fenda surgiu no enlace do Eu com o mundo externo. A origem que explicaria o que desencadearia uma psicose pode ser considerada a frustração, ou seja, a não realização de um dos desejos da infância que são introduzidos em nossa organização filogenética determinada. Tal frustração pode ser externa, mas individualmente pode proceder internamente, no Supereu, que assume a representação das exigências da realidade (Freud, 1924/2011). Isto é, Freud nos indica aqui que há alguma dificuldade na constituição do Supereu na psicose.

O efeito patógeno depende de que o Eu, nessa tensão conflituosa, continue fiel à sua dependência do mundo externo e procure amordaçar o Isso ou se deixe sobrepujar pelo Isso e separar da realidade. Esta situação aparentemente simples, porém, é complicada pela existência do Supereu, que, por um nexos ainda não esclarecido, reúne influências que vêm tanto do Isso como do mundo externo, sendo como que um modelo ideal daquilo visado por todo o esforço do Eu, a conciliação de suas múltiplas dependências. O comportamento do Supereu deve ser levado em consideração, o que não se fez até agora, em todas as formas de doença psíquica (Freud, 1924/2011, p. 162).

Ao questionar o estatuto do Supereu e sobre as doenças que podem ser evocadas pelo conflito do Eu e do Supereu, Freud (1924/2011) exemplifica esse suposto com a melancolia, que a classificou como “neuroses narcísicas”. Freud não fez separação entre a melancolia e a psicose. Porém, os conflitos das instâncias psíquicas são divergentes. “A neurose de transferência corresponde ao conflito entre Eu e Id, a neurose narcísica ao conflito entre Eu e Supereu, a psicose àquele entre Eu e mundo exterior” (p. 162).

Para Freud (1924/2011) na neurose, a fuga é representada pela quantidade de realidade que foi evitada; por outro lado, na psicose, a realidade é “remodelada”. Na psicose, a fuga originária é contínua de uma fase ativa de “remodelação”; e, na neurose, ser obediente inicialmente pode ser uma tentativa de fuga. Por assim dizer, a neurose não nega a realidade. Só não quer saber dela. A psicose nega e busca substituí-la. Na psicose, a constituição da realidade acontece nos “precipitados psíquicos”; nas relações que são entrelaçadas com ela, ocorrem nos traços mnemônicos, “[...] ideias e juízos que dela foram adquiridos até então, e pelos quais ela era representada na vida psíquica [...]” (p. 197).

A psicose terá uma árdua tarefa: terá que obter “percepções” que possam se ajustar à nova realidade. Esse caminho é feito pela maneira mais “radical”, pois é pela via da alucinação. Nas várias formas de psicose, os lapsos de memória, delírios e alucinações indicam um caráter bastante abusivo e se ligam a um desenvolvimento carregado de angústia, que nos mostra que esse processo, essa transformação, é realizado contra “violentas forças opositoras” (Freud, 1924/2011, p. 197).

A psicose utilizará como saída o delírio e a alucinação. Na neurose, também existem tentativas de substituir a realidade indesejada conforme apontam os desejos, pela via da fantasia. Nesse contexto que foi separado do “mundo externo real quando da introdução do princípio da realidade”, então é mantido longe das exigências da vida, “à maneira de uma reserva”. Por mais que não seja acessível ao Eu, é ligado frouxamente a ele. É a partir das fantasias que a neurose cria material para as novas construções de seus desejos.

LACAN E A FORACLUSÃO NA PSICOSE

Com Lacan, iremos pensar como fator principal para uma estruturação psicótica a não captação da castração materna, como consequência a ausência da anterioridade paterna, que Lacan chamou de “exclusão de um significante⁴ primordial”. Lacan introduz o termo foraclusão, para traduzir o termo alemão utilizado por Freud: *Verwerfung*, mas acaba por criar um novo conceito, mesmo que herdeiro da tradição freudiana (Farias, 2010). O termo foraclusão foi utilizado por Lacan em 1956 no Seminário 3 “As psicoses” na última sessão de sua obra (Roudinesco; Plon, 1998).

Freud analisou o caso do Homem dos Lobos, publicado em 1918, no qual a atitude de rejeição (ou *Verwerfung*) de seu paciente tratava da gênese do reconhecimento e do desconhecimento da castração. Quando Lacan comentou esse texto em seu diálogo com Jean Hyppolite, ele forneceu como correspondente francês de

⁴ Lacan definiu “como um conceito central em seu sistema de pensamento. Elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica” (Roudinesco; Plon, 1998)

Verwerfung palavra *retranchement* (supressão, eliminação). Por fim, depois de comentar longamente a paranoia de Schreber e inventar o conceito de Nome-do-Pai, Lacan propôs traduzir *Verwerfung* por forclusão (Roudinesco; Plon, 1998).

Foi fundamental a elaboração de alguns conceitos ainda não totalmente concluídos, mas citados nesse Seminário, como as noções de real, imaginário e simbólico. A diferença entre ambos é que, na ordem imaginária ou real, temos sempre, mais ou menos, um limiar, uma margem, uma continuidade. Na ordem simbólica, todo elemento vale como oposto a outro (Lacan, 1955-1956/2008). O conceito de real aqui utilizado por Lacan é o real como realidade. Porém, posteriormente em sua obra, Lacan apresentará o conceito de real que distingue desse, para “[...] designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 645).

Segundo Lacan (Lacan, 1955-1956/2008, p. 21): “É clássico dizer que, na psicose, o inconsciente está à superfície, é consciente. Por isso mesmo não parece que tenha grande efeito em ser articulado [...]”. O inconsciente é uma linguagem mesmo que não seja reconhecido. Ao se supor que alguém possa falar numa língua totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que fala. A questão não é saber porque o inconsciente está aí “articulado à flor da terra”, ainda que excluído para o sujeito, e sim porque aparece no real (Lacan, 1955-1956/2008)

Pode ocorrer de o sujeito não aceitar o acesso ao seu mundo simbólico, de algo que viveu, que é a ameaça da castração. No seu desenvolvimento, mostra que ele nada sabe dessa ocorrência. Freud diz que é “no sentido do recalado”. O que ocorre no recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalado acabam sendo a mesma coisa nesse sentido. O recalado sempre irá permanecer e aparece na forma de sintoma. Por outro lado, o que ocorre com a *Verwerfung* é totalmente divergente. “Sucedo, entretanto, além disso, que tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real” (Lacan, 1955-1956/2008, p. 22).

Convém destacarmos que não foi como caso Schreber que Lacan encontrou subsídios para ilustrar sua teoria de *Verwerfung*. Foi mediante o caso clínico

“Homem dos Lobos”⁵. Em destaque, a passagem em que, diante da castração, o Homem dos lobos não se prontifica ao fato de saber; ou melhor, dizendo, não a captou (Farias, 2010). Para Lacan (1955-1956/2008), o texto do “Homem dos lobos” mostra claramente as propriedades psicóticas constituídas. Ele rejeita a castração. O sujeito, quando foi colocado frente à diferença sexual, ignorou a existência da significação genital, conservando a universalidade do pênis como a antiga teoria sexual. Assim, o mecanismo da psicose é anterior a todo esse processo, o qual consiste na exclusão do recusado do campo de existência (Lacan, 1955-1956/2008). A cena que Lacan utilizou é a seguinte:

Brincando com sua faca, ele cortou o dedo, que só ficou preso mesmo por um pedacinho de pele. O sujeito conta esse episódio num estilo calcado no vivido. Parece que toda referência temporal tenha desaparecido. Ele sentou-se em seguida num banco, ao lado de sua ama, que é justamente a confidente de suas primeiras experiências, e não teve a coragem de falar com ela sobre isso. Quão significativa esta suspensão de toda a possibilidade de falar – e precisamente com a pessoa a quem ele falava tudo, e especialmente de coisas dessa ordem (Lacan, 1955-1956/2008, p.22).

Esse texto foi explicado por Lacan como o que é “recusado na ordem simbólica que ressurge no real”. Pela forclusão, o sujeito recusa o acesso ao mundo simbólico de algo já experimentado como ameaça da castração, a ausência no registro simbólico, de uma falta da afirmação primordial que se firmará pela alucinação. Então, a castração não existe para o sujeito, uma vez que não houve captação da diferença genital mediante o corpo da mulher (Farias, 2010).

No psicótico, os fenômenos elementares, particularmente a alucinação é sua maior característica. Isso nos indica que esse sujeito está completamente identificado com seu Eu, do qual ele fala. Ele fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos propriamente ditos. O que realmente apresenta a alucinação verbal, a partir do momento que ela aparece no real, acompanhada de sentimentos da realidade, que “é a característica fundamental do fenômeno elementar, o sujeito fala literalmente

⁵ O caso do “Homem dos lobos” não será descrito no trabalho. Será somente citada uma passagem na parte em que Lacan irá explicar seu conceito (Freud, 1914-1918).

com seu Eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva e falasse e comentasse sua atividade” (Lacan, 1955-1956/2008,p. 24).

Ao se referir ao caso Schreber e à realidade do psicótico, Lacan (1955-1956/2008) afirma que a questão não é a realidade, e sim a certeza. “Contrariamente ao sujeito normal, para quem a realidade lhe chega de bandeja, ele (o psicótico) tem uma certeza, que é a de que aquilo de que se trata da alucinação à interpretação – isso lhe concerne” (p. 93).

Mesmo quando é falado por ele no sentido que não é da ordem da realidade, não alcança sua certeza, que lhe concerne, “pois a certeza é radical” (Lacan, 1955-1956/2008). O psicótico pode achar que a realidade em que está pode ser diferente da dos outros, porém isso não abala sua certeza. Existe uma ambiguidade e uma contradição em suas crenças, porém não servem para abalá-las (Bulhões, 2009).

Encontramos, então, o que chamamos, com razão ou sem, o fenômeno elementar, o fenômeno constituído, o delírio (Lacan, 1955-1956/2008). Aquilo que não foi captado irrompe na consciência sob a forma de algo visível. Como forma desconhecida, uma significação impõe-se ao sujeito, no real, como absoluta exterioridade. No lugar em que ocorre a forclusão, o sujeito se perde. Assim, existem duas consequências no campo clínico da psicose. Primeiro, com o retorno da exterioridade, indica que na psicose não há centralização do saber “no sujeito”, “no pai” e nem “no mundo”. Em segundo lugar, por causa da não centralização do saber, o psicótico opera com certeza absoluta que é dada pela alucinação (Farias, 2010). Como existe esse fato da certeza, o psicótico se encontra na dimensão de uma totalidade, pois ele não se estrutura pela dimensão da falta, e fica na condição de ser o objeto materno alucinado a ser o falo, sendo o falo alucinado é o que completa a falta da mãe (Farias, 2010).

Para Lacan, o sujeito não existe sozinho, ele sempre está referido a um Outro que pode ser representado pela mãe ou por substitutos. Esta, porém, não é esse Outro, apenas o encarna. Quando a criança nasce, fica assujeitada aos significantes do Outro, ponto crucial para a constituição do sujeito. É necessário que a criança se aliene aos significantes do Outro, encarnado pela mãe, que presentifica a “língua materna”. Para que mais tarde se separe, é preciso destituí-la desse lugar tão

poderoso. Somente a partir dessa separação, a criança poderá se tornar um sujeito. Nesse processo de alienação e separação, é a Lei do Pai que virá nesse caminho para quebrar esse laço, evitando que a mãe faça da criança o centro de sua vida, e também permitirá à criança sair desse lugar na posição de objeto de fantasia materna (Costa, 2010).

Costa (2010) pontua que o Nome-do-Pai é o que Lacan chama o complexo de Édipo, que tem duas funções importantes: transmitir a interdição do incesto e a nomeação do filho. “O gozo a que o sujeito aspira, o gozo desejado, figura-se pelo incesto mãe-filho, não é permitido em razão da intenção da instância paterna, representado pelo pai simbólico” (p. 54). A presença no inconsciente do Nome-do-Pai intervém no Édipo e coloca a criança na norma fálica.

Lacan, no Seminário 5 “As formações do inconsciente” (1957-1958/1998), aponta que há um déficit. A falta que funda a significação não é explicada pela personalidade, e sim como posto à autoridade da lei. Define a lei o que se articula como nível do significante, o texto da lei. Quem permite esse texto da lei está no nível do significante, o que Lacan chamou de Nome-do-Pai; ou seja, o pai simbólico. O Nome-do-Pai é expresso pelo pensamento do mito do Édipo. Para haver a internalização da lei, sob a forma mítica da lei, para ser fundada pelo pai, é preciso haver o assassinato do pai. O pai como aquele que instaura a lei é o pai morto; isto é, o símbolo do pai. O Pai morto é o Nome-do-Pai.

A possibilidade metafórica da função paterna só será efetiva se o sujeito fizer uso do significante Nome-do-Pai. Para estabelecer o Nome-do-Pai como conceito, Lacan (1957-1958/1998) nos fala sobre a ênfase dada à linguagem e à fala, de modo a observar a importância do significante na economia do desejo e na formação do significado. O Édipo é constituinte dos seres dotados de fala: algo que concerne ao Outro. Lacan nos chama atenção para um terceiro elemento que já está embutido na relação mãe e filho. O mito expresso em “Totem e Tabu” (1913/2012) por Freud nos permite estabelecer a origem da Lei, responsável pela gênese da cultura e pela formação das sociedades. Para ter uma lei, é necessário que o pai primevo, que goza de todas as mulheres e regula a agressividade, bem como todas as satisfações dos filhos e dos outros, esteja morto, de modo que, para os filhos, seu estatuto adquira a forma mítica.

O pai morto é aquele que promulga a lei. É o símbolo do pai que se representa pelo Nome-do-Pai (Lacan, 1957-1958/1998). Por medo de ter o mesmo destino do pai assassinado, cada membro do clã respeitará os tabus determinados pelo totemismo através da simbolização da lei instituída. Uma vez legitimada a lei simbólica, o Nome-do-Pai irá determinar pontos fixos onde significantes e significado possam se encontrar. Assim, produz um sentido recalcado em relação ao qual cada significante possa se articular com o Outro (Ribeiro, 2006).

O psicótico, por não instituir simbolicamente o Nome-do-Pai, realizará outra articulação entre significante e significado, diversa da metáfora paterna. Contudo, ele não é indiferente ao pai, senão todo sujeito psicótico atuaria por impulsos primitivos e proibidos. Mas existe uma defesa radical diante da lei, a da censura. O sujeito fica tão impactado diante da ameaça de castração que exclui qualquer possibilidade de internalizá-la simbolicamente, o que fica sujeito a consequências drásticas, que terá que trabalhar com elas (Ribeiro, 2006).

O que foi negado no simbólico retorna no real como forma de “automatismo psíquico”, onde se expressa da forma mais evidente de alucinação. “Como o retorno é no real, o que retorna surge como se fosse algo que inclui fora do simbólico” (Ribeiro, 2006, p. 45) O que retorna aponta para uma exterioridade do sujeito em relação ao simbólico. Desse modo, manifesta as vozes alucinadas e os pensamentos sonorizados (Farias, 2010). “Na psicose ocorre a foraclusão do Nome-do-Pai, no lugar do Outro e o fracasso da metáfora paterna” (Costa, 2010, p. 68). Assim, não há inscrição no discurso da mãe, pois é excluído o significante da Lei paterna. É dessa forma que o delírio surge para tapar a falta desse significante. Como dizia Freud, o delírio é uma tentativa de cura, e não uma psicose (Costa, 2010).

Ao se posicionar frente ao Supereu, Lacan (1957-1958/1998) questiona esse lugar severo que vigia a todo o momento para punir, impondo sofrimentos deprimentes. Ele afirma que o Supereu não é uma pessoa, mas “funciona no interior do sujeito tal como o sujeito se comporta em relação ao outro” (p. 302). É no interior da subjetividade que temos a ideia do Ideal do Eu. Essa função não se confunde com a do Supereu. Elas podem ter sido formadas praticamente juntas. Por essa razão, têm significados diferentes. Podem se confundir, porém o Ideal do Eu

desempenha funções ligadas ao desejo do sujeito. Parece estar ligado às presunções do tipo sexual, envolvido numa economia social. Assim, Gerez-Albertín (2009) conclui que o Supereu em Lacan é composto como “correlato da castração”, derivado da metáfora paterna. A oposição está entre “Desejo-Lei e Gozo”. O Supereu, articulado ao gozo, e não ao desejo, é uma invocação à não castração: “força demoníaca que empurra a dizer algo [...]” (p.302), a força da presença do objeto aseimpondo na frase.

CHE VUOI? O SUPEREU COMO VOZ QUE RETORNA NA PSICOSE?

Gerez-Albertín (2009) nos mostra que, apesar de Lacan ter afirmado no Seminário 18 não ter trabalhado o Supereu, foi em 1971 que o aproximou do objeto *a*, como voz, e sua delimitação conceitual ao formulá-lo como “imperativo impossível do gozo”. O caso “*Aimmée*” levou Lacan a questionar os mecanismos punitivos, que promovem a paranoia às condenações obtidas das consequências do atentado do Supereu. O Supereu pensado como formas de objeto *a* ultrapassa a teoria freudiana, bem como o Supereu como correlato da castração impele o gozo. “Itinerário lacaniano que vai do registro imaginário-simbólico ao real como objeto causa de desejo e gozo” (p. 219).

O conceito de objeto (pequeno) afoi sendo construído e moldado no decorrer da obra de Lacan. Em 1967, com o conceito de real já findado, junto à trilogia do simbólico, Lacan transforma o pequeno *a* (“esse nada que falta ali onde é esperado”) em um resto que não é possível simbolizar, identificando assim, o objeto do desejo com o gozo puro, com aquilo que não se prega no simbólico e do significante para “cair”, mesmo que este vá ressurgir no real sob forma alucinatória (Roudinesco; Plon, 1998).

No campo do gozo, o Supereu é o objeto *a*, indicado por Freud como o causador do mal-estar na cultura. Na civilização, o Supereu é a voz que retorna e critica o olhar que espreita; “um mais-de-voz e um mais-de-olhar” (Quinet, 2009, p.28). Essa comparação do objeto *a* com o Supereu na obra lacaniana precisa ser pesquisada mais detalhadamente, pois precisam ser percorridas várias obras, em especial o Seminário, livro 10, A angústia. No entanto, consideramos suficiente, no escopo deste estudo, definir genericamente o objeto *a* e explorar sua relação com o

Supereu na psicose. O Supereu no psicótico será pensado nesta ocasião nas vozes do real.

Freud desenvolve o Supereu precisamente para a neurose, mas não é motivo para não pensar o Supereu nas outras estruturas, pois na sua clínica instigava a incidência do Supereu na melancolia e na paranoia. Nos estudos freudianos, é vista uma constatação de manifestos vindos do Supereu, particularmente a culpa, que nos leva a pensar uma clínica diferencial para neurose-psicose (Gerez-Albertín, 2009).

O Supereu pode ter um alto grau de autonomia. Freud ainda afirma que pode agir sendo severo e cruel em relação ao Eu, exemplificando com o estado melancólico, no qual o Supereu se torna supersevero e insulta, humilha e maltrata o Eu. Age de uma forma impulsiva, como se tivesse acumulando acusações, a fim de proceder com um julgamento condenatório. Assim, aplica ao Eu o mais rígido padrão moral e apresenta a ele todas as exigências morais como o Eu fica à mercê de toda sua crueldade. Para Freud, o sentimento moral de culpa é a expressão de tensão entre o Eu e o Supereu (Costa; Horizonte, 2008).

Podemos imaginar uma sessão de julgamento em que o Eu é o jurisdicionado e o Supereu, a lei. O Supereu funcionará como juiz que examina a conduta do Eu em relação ao comando imposto pela norma do Supereu (Correa; Silva, 2015). Seguindo essa linha de raciocínio, podemos, também, concluir que a severidade do Supereu pode alcançar a tirania ligada ao fato da introjeção dos imperativos morais imposto ao sujeito. Quanto mais o sujeito fica preso a essas normas, mais implacável é o seu Supereu ao julgar seu réu, o Eu (Correa; Silva, 2015).

O Supereu não é simplesmente resíduo das primeiras escolhas objetais do Isso e conserva o caráter do pai. Quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente, com influência de autoridade, ensino religioso, escola etc., ocorre seu recalque. Então, o Supereu será mais severo e terá domínio sobre o Eu, como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa (Freud, 1923/2011).

A delimitação de Lacan fica exposta ao conceituar o Supereu como uma das formas do objeto *a* e como correlato da castração que impele o gozo, permitindo

colocar neurose-psicose em clínicas diferenciais, tendo como fator principal a questão do Nome-do-Pai. Ao analisar as vozes a partir de casos clínicos foi possível a Lacan identificar os lugares que cada uma ocupa nas estruturas. Por isso, é preciso colocar um hífen ao pensar nas “pseudovozes” do Supereu dos neuróticos e das vozes das alucinações psicóticas que retornam a partir do real⁶. Ou, ainda melhor, encontrar referências que nos apoiem para conseguirmos diferenciar o imperativo de gozo do Supereu na neurose daquele da psicose, que podem ser manifestadas de maneiras silenciosas (Gerez-Albertín, 2009).

Ao analisarmos a clínica do sujeito, “do desejo do sujeito diante do desejo do Outro ou do gozo do Outro”(Gerez-Albertín, 2009, p. 234), pensamos na clínica da divisão do sujeito. Diante da clínica da neurose, esbarramos com o “que queres”? Por outro lado, temos na psicose uma afirmação: “o outro conspira contra mim, me gozando” (Gerez- Albertín, 2009, p. 234). Assim, a divisão lacaniana pode ser sustentada nas estruturas freudianas: o recalque para o neurótico e a foraclusão para o psicótico. Dessa maneira, podemos questionar o gozo na clínica, a saber que não são todos da ordem do Supereu, e ter um suporte para expor a diferenciar a neurose, que fica do lado do eixo do “Desejo-Metáfora Paterna” e das psicoses, apoiando na foraclusão do Nome-do-Pai. Miller (1999, p. 54) acrescenta: “o que está forcluído no simbólico retorna no real, o que está forcluído no simbólico como Nome-do-pai retorna no real como gozo do Outro”. O Supereu na psicose pode ser pensado na problemática de gozo que está na foraclusão com a Metáfora Paterna. No seminário 5, Lacan já propõe citar o Supereu na psicose e na neurose, como o imperativo do Supereu que crava na subjetividade sem que haja a intermediação da metáfora a Paterna, por meio da intrusão do órgão da linguagem. Assim como o psicótico não terá as vias pela Metáfora Paterna, fica exposto ao imperativo que recebe, passivamente, como um amontoado de palavras que o invadem com vozes parasitas.

⁶ O significado do Real aqui é de “[...] designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (Roudinesco; Plon, 1998, p.645).

Gerez-Albertín (2009) nos conduz que é dessa maneira intrometida que Lacan destaca a diferença entre o “mandato do supereu”, sem que haja uma mediação do Outro, além do Outro, “da invocação como demanda que faz passar pelo outro a fé e a credibilidade” (Gerez-Albertín, 2009, p. 236). Enquanto o neurótico reverte o mandato de invasão pelo Outro, o psicótico, por causa da forclusão do Nome-do-Pai, não consegue romper essa metamorfose.

Gerez-Albertín (2009, p. 236) esclarece a relação entre neurótico e psicótico:

O imperativo do supereu atravessa o fantasma na neurose, quebra suas fronteiras, arrebatando o sujeito e eclipsa a subjetividade com o risco da passagem ao ato e da subjetivação; o psicótico, pelo contrário, cujo fantasma carece de fronteiras, fica absolutamente suspenso e dividido pelo zumbido do discurso ou do desejo de enunciados.

Ao vincular a instância de Metáfora Paterna ao “*automatismo mental de Clerambaut*”, Lacan destaca as explícitas frases ou palavras que soam sem compreensão e soltas, consequência da linguagem, que “fala por si só”. Além de elementos típicos, como atos e gestos, que tem o psicótico. O significado desses elementos pode indicar a impossibilidade frente à falha de significação a partir do Outro. Lacan pontua: o importante não é saber se uma palavra foi ouvida, e sim fazer distinção entre o que busca a “certeza” e o que busca a “verdade-realidade” (Gerez-Albertín, 2009).

Ou seja, se um sujeito ouve vozes, não é razão para colocá-lo em uma estrutura neurótica ou psicótica, e sim o indício para a distinção de sua posição e o estatuto que é dado para essas vozes. Para o psicótico, é o momento quando tem certeza de estar sendo comandado e está vivendo pelo eco de pensamentos que são apresentados por outros. O neurótico consegue, apesar de murmúrios, reconhecer que eles são frutos de pensamentos. Por isso, Lacan diz que o que foi forcluído do simbólico ressurge no real sem quaisquer máscaras (Gerez-Albertín, 2009).

Isto não só implica que o forcluído no simbólico retorne no real, mas sim que o retorno, neste caso, das vozes e dos mandamentos do supereu, ao colocar o sujeito à sua mercê, aderiram a um grau de certeza indiscutível, pois não há disfarce que possibilite sua tramitação (Gerez-Albertín, 2009, p. 237).

Na psicose, o sujeito fica preso ao mandato do Supereu, do gozo do Outro; na neurose, existe um escada que leva ao desejo. O sujeito escapa na demanda e se sobressai ao alto grau de ordens do intrusivo mandato.

Assim, podemos concluir que, na psicose, a intrusão do objeto na voz e no olhar nos permite pensar sobre a possibilidade da instalação de um significante elementar que não deixa nenhuma forma de articulação com a demanda. Visto que o psicótico não tem condições de combinar o gozo, que foi “desabonado” do inconsciente e fora do discurso, é preciso considerar o Supereu real “sob a forclusão da Metáfora Paterna” (Gerez-Albertín, 2009, p.237).

Resta-nos, ainda, pensar, nesse processo de um Supereu projetado como voz no real, como a culpa se revelaria nesses sujeitos.

Graças a Lacan, podemos ver que é possível, sim, o psicótico constituir o Supereu mesmo que de forma diferencial das outras estruturas. Então, podemos pensar que o Supereu pode ser formado mesmo não registrando o significante primordial que levaria ao caminho da internalização do Supereu, é possível analisarmos o psicótico em uma organização psíquica. Essa abolição é que permite o psicótico elaborar no real. Podemos concluir que aquilo que não foi internalizado reaparece como a voz do Outro, como a voz no real, que indica um lugar para o Supereu nessa organização psíquica. Essa voz assustadora pode levar a caminhos catastróficos se pensarmos nos crimes e no manifesto da culpa.

REFERÊNCIAS

- BULHÕES, M.A. *O fenômeno psicótico e o seu mecanismo*. Jornada do Instituto APOA, Psicanálise e intervenções sociais, Porto Alegre, n. 180, p.23-27, jun.2009.
- BURGARELLI, Sueli Rodrigues. *Impasses e dificuldades nas formulações freudianas inaugurais sobre a psicose: uma abordagem retroativa de Lacan a Freud*. 2007. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CORREA, Claudete Justino; SILVA, Magali Milene. *Aproximações entre o conceito freudiano de Supereu e o conceito de Imperativo Categórico de Kant*. *Analytica: Revista de Psicanálise*, São João del-Rei, v. 4, n. 6, p. 53-88, jan./jun. 2015.
- COSTA, D. B.; HORIZONTE, B. *A crise do supereu e o caráter criminógeno da sociedade de consumo*. 2008. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- COSTA, Teresinha. *Édipo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.
- FARIAS F. R. *As Três Formas de Negação da Castração*. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p.74-94, nov./dez. 2010.
- FREUD, Sigmund. *“Obras Completas: O eu e o id”, autobiografia e outros textos (1923-1924)*. In: FREUD, Sigmund. Edição obras completas. v. 16. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2010.
- _____. *A dissolução do complexo de Édipo*. In: FREUD, Sigmund. Edição Obras completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 1924. v. 16, p.186-192.
- _____. *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose (1924)*. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011. v.19, p.205-207.
- _____. *Algumas Consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925)*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011. v. 16. p.256-271.
- _____. *As Neuropsicoses de Defesa (1894)*. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.3, p.51-67.
- _____. *Cinco Lições de Psicanálise (1910)*. In: FREUD, Sigmund. Obras completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2010. v. 11, p. 166-218.
- _____. *Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica (1933)*. In: FREUD, S. Edição Obras Completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2012. v. 22, p. 63-84.

_____. *Fantasia Históricas e sua Relação com a Bissexualidade (1908)*. In: FREUD, Sigmund. Edição Obras Completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2010.v.19, p.147-149.

_____. *História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1914/1918)*.In: FREUD, Sigmund.Edição Obras completas.São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2010. v. 14, p. 10-119.

_____. *Introdução ao narcisismo: Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*.São Paulo: Schwarcz. Ltda./Companhia das Letras, 2010. v. 12.

_____. *Neurose e Psicose (1923)*. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*.São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011.v.19, p.167-169.

_____. *Novas conferências introdutórias à Psicanálise. Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações (1932)*. In: FREUD, Sigmund.Edição Obras Completas.São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011.v. 22, p. 135-154.

_____. *Obras Completas: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1913)*.In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*.São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2012. v. 7.

_____. *Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa (1896)*. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.v.3, p.159-174.

_____. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*.In: FREUD, S. Edição Obras Completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011. v. 17, p. 75-137.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Schwarcz. Ltda./Companhia das Letras, 2010. v. 7, p. 119-218.

GALLINA, J.T. *Ficção e fixação: a amarração da Fantasia à repetição*. 2010. Dissertação(Mestrado em Psicologia – Psicanálise, Saúde e Sociedade)- Universidade Veiga de Almeida,Rio de Janeiro, 2010.

GEREZ-AMBERTÍN, Marta. *As vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2009.

JORGE, M. A.C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar 2002.V. 2 A clínica.

LACAN, J. (1932). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*.Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *O Seminário, livro 3: A Psicose (1955-1956)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. (Coleção Campo Freudiano).

_____. *O Seminário, livro 5: As formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. (Coleção Campo Freudiano).

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. Santos: Martins. 2001.

MEZAN, Renato. *A trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

QUINET, Antônio. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

RIBEIRO, M.M.C. *O humor e o chiste na clínica das psicoses*, 2006. 151f. Dissertação (Especialização em Psicologia)-Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ROUDINESCO, E. PLON, M; *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, D. Q. D.; FOLBERG, M. N. De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n.31, p. 50-59, set./out. 2008.

A STUDY OF THE STATUS OF THE SUPERER IN PSYCHOSIS

ABSTRACT

The study sought to identify how the super-ego operates in psychosis. Even though Freud has abandoned its commitment to clinical psychosis, formulated the basis for considering the subject in psychosis. Freud introduced the super-ego as the heir of the Oedipus complex, structuring complex to the subject in neurosis, but that the subject would not release hand in psychosis, making - thus problematic construction of the super-ego in this structure. Lacan attributes the forclusion as an essential factor of psychosis operation in castration forclusion the primary signifier, the name of the Father, which allows the subject symbolic anchor and production of meanings. What was forclusion resurfaces in realhallucination. What was not internalized reappears in the real as the voice of the Other, the subject, making sure the voice that commands, try the super-ego in the real.

KEYWORDS: Superego. Psychosis. Psychoanalysis

UNE ÉTUDE SUR LA SURMOI STATUS EN PSYCHOSE

RÉSUMÉ

L'étude a cherché à déterminer comment le Surmoi fonctionne dans la psychose. Même si Freud a abandonné l'engagement à la psychose clinique, il a formulé la base pour réfléchir le sujet dans la psychose. Freud a introduit le Surmoi comme l'héritier du complexe d'Œdipe, un complexe structurant pour le sujet dans la névrose, mais que le sujet ne lancerait pas la main dans la psychose, devenant ainsi problématique la construction du Surmoi dans cette structure. Lacan attribue la forclusion comme un facteur essentiel du fonctionnement de la psychose dans la castration, fracturant le signifiant primaire, le Nom du Père, qui permet l'ancrage symbolique de l'objet et la production de significations. Ce qui a été forclos ressurgit en temps réel, hallucination. Ce qui n'a pas été internalisé réapparaît dans le réel comme la voix de l'Autre, le sujet, en vous assurant de la voix qui commande, essayant le surmoi dans le réel.

MOTS-CLÉS : Surmoi. Psychose. Psychanalyse.

Recebido em: 08-07-2016

Aprovado em: 17-19-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

O SUPEREU NA LEI MOSAICA: RESENHA DO FILME BATA ANTES DE ENTRAR

*Pedro Brocco*¹

RESUMO

A presente resenha procura apresentar o articular o filme *Bata antes de entrar* (*KnockKnock*), lançado em 2015, com formulações da psicanálise acerca do *supereu* e da relação entre psicanálise e religião, sobretudo às formulações de Freud sobre o monoteísmo judaico. Neste sentido, o filme abre-se para interpretações que o ligam à noção de *supereu* que subjaz à Lei mosaica e às formulações de Lacan sobre a ética da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Supereu. Lei mosaica. Ética da psicanálise.

1

É a Lei a Coisa? De modo algum. Mas eu não conheci a Coisa senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência se a Lei não dissesse – Não cobiçarás. Foi a Coisa, portanto, que, aproveitando-se da ocasião, que lhe foi dada pelo mandamento, excitou em mim todas as concupiscências; porque sem a Lei a Coisa estava morta. Quando eu estava sem a Lei, eu vivia; mas, sobrevindo o mandamento, a Coisa recobrou vida, e eu morri. Assim o mandamento que me devia dar a vida, conduziu-me à morte. Porque a Coisa, aproveitando da ocasião do mandamento, seduziu-me, e por ele fez-me desejo de morte. (Jacques Lacan, O Seminário 7, AÉtica da Psicanálise)

Portanto, as palavras do Apóstolo: A letra mata, mas o Espírito comunica a vida não devem ser entendidas apenas no sentido literal, mas também e principalmente naquele outro expresso de um modo claro na sentença: Eu não teria conhecido a concupiscência, se a Lei não tivesse dito: Não cobiçarás [...] quando não há a intervenção do Espírito Santo, inspirando, em lugar da má cobiça, a boa cobiça, ou seja, a caridade que ele difunde em nosso coração, a mesma Lei, embora boa, aumenta o mau desejo pela proibição. (Santo Agostinho, O espírito e a letra, cap. IV, “A doutrina da Lei é letra que mata”)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem origem na fala de título homônimo apresentada na XII Jornada da Formação Básica do Corpo Freudiano, seção Rio de Janeiro, de modo que a apreensão da construção do sentido do tema se deu da fala à escrita. O objetivo central foi o de pôr em evidência o conceito psicanalítico de *supereu* (ou *superego*, nas traduções mais antigas de Freud, em especial aquelas oriundas da tradução inglesa, que traduz *Über-Ich* por *super-ego*), o direito e, em sentido mais amplo, a Lei. Tomei por paradigma a Lei mosaica que aparece em Deuteronômio, capítulo 5. Ali tem-se o desfile dos famigerados mandamentos da tradição judaica, cuja irradiação marca profundamente a nossa cultura.

Lacan trabalha com o tema ao fazer um movimento, em 23 de dezembro de 1959, que passa pela *Crítica da razão prática*; por *A Filosofia na alcova*; pelos *Dez Mandamentos*; e, por fim, deságua na *Epístola aos Romanos*. Seria este o percurso que leva ao Espírito que comunica a vida, de Agostinho?

O “fazer sintoma”, como sintoma de defesa, mantendo-se afastado de *das Ding* na medida em que já não lhe pode suportar o extremo bem quanto mais se situar em relação ao mau objeto: *das Ding*, um mau objeto? O fato é que seguindo o caminho a partir do qual a ética kantiana aparece relacionada ao princípio de prazer e seu correlato dialético, o princípio de realidade, Lacan poderá formular enfim sua urdidura entre Kant e Sade, pois em Sade está em jogo um funcionamento que Kant já reconheceu, aquele segundo o qual *um* correlato sentimental da lei moral seria a própria dor. “O extremo do prazer, na medida em que consiste em forçar o acesso à Coisa, nós não podemos suportá-lo” (Lacan, 2008, p. 100). Coisa fascinante essa, na medida em que força a ética kantiana para fora de seus templos assépticos. De forma muito grosseira, depois desse caminho, traçado por Lacan, não é digno de espanto que ele volte para os Dez Mandamentos: pois a lei moral se *encarna* em certo número deles.

Ora, mas que interessante é o fato de Lacan marcar que a estrutura da fala de Deus, preparando, aos poucos, os mandamentos, aproxima-se sobremaneira da língua inglesa: “*Devo deixar de lado as imensas questões que são colocadas pela promulgação desses dez mandamentos por algo que se anuncia como – Sou o que*

sou. Convém, com efeito, não solicitar o texto no sentido de uma metafísica grega traduzindo aquele que é², ou até mesmo aquele que sou. I am that I am, a tradução inglesa, é mais próxima, no dizer dos hebraístas, do que significa a articulação do versículo. Talvez eu me engane, mas, não conhecendo o hebraico e esperando o que poderia ser-me trazido como complemento de informação, refiro-me às melhores autoridades e creio-as sem equívoco” (Lacan, 2008, p. 101). Algo que aponta para a articulação, justamente, sobre o funcionamento dessa Lei numa obra audiovisual fruída pelas massas, por todos que fazem parte dessa indústria da fantasia, com origem nos *United States of America*. Mas se o hebraico fala bem inglês e instaura um funcionamento psíquico amparado nessa Lei, que tem como essência o amor de *lahweh* (Dt, 5, 32), e certamente, também, um temor de *lahweh*, como nos situarmos com relação ao olhar daquilo que destitui esse Deus, esse Outro, reconhecendo-o ali numa falta ou, se bem quiserem, num furo? *Eli, Eli, lamásabáctchânî*³. Um assassinato, sem dúvidas, no reconhecimento da falta, da ausência e do nada. Mas também, por parte do filho, um fazer-se sacrificar, transformando a *segunda eleição*, que escolhera entre o povo eleito, os judeus, o redentor da humanidade, filho de Deus, no esvaziamento de todo conteúdo judeu. Isso que vai depois reconhecer Paulo na Epístola aos Gálatas como essência do cristianismo: não há grego nem judeu, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher (Gl 3, 28). *Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente a justiça viria da Lei. Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa, pela fé em Jesus Cristo, fosse concedida aos que creem* (Gl 3, 21-22). Essa comunicação da vida, de que também nos fala Agostinho, não seria a comunicação pela fala ouvida aos borbotões por aí? E onde se apoia essa fala senão nela mesma, em seu próprio mecanismo, além de em ouvidos caridosos? E esse filho se fez sacrifício para ocupar o lugar das ovelhinhas

² Na edição consultada por mim, a tradução está no sentido da metafísica grega: *Eu sou aquele que é* (Ex, 3, 14). Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012, p. 106.

³ Não importando a forma correta de pôr essa formulação no papel, que traduziria “Deus, Deus, por que me abandonaste?”, o Deus aqui como Pai, o fato é que o radical *saba/sabá*, de *sabácthani*, aparece, talvez, formando a via do termo remetendo ao *sabbath*, ou *shabat*, “essa suspensão, esse vazio, introduz seguramente na vida humana o sinal de um furo, de um para além em relação a qualquer lei de utilidade. Parece-me haver por aí a conexão mais próxima em cuja pista estamos aqui caminhando” (Lacan, 2008, p. 101).

sacrificadas diuturnamente, cujas vísceras e adiposidades viravam fumaça no templo, enquanto as carnes boas viravam banquetes obscenos nos quais regalavam-se os sacerdotes, os doutores da Lei⁴? O filho se colocar como sacrifício, reconhecendo, de alguma forma, a impotência do pai, liga-se também ao episódio do sacrifício de Abraão, de seu filho Isaac, em Gênesis, 22. Sobre esse episódio, Lacan falará em seu *Nomes-do-Pai*, sobre a metáfora paterna e a ligadura, na tradição judaica: *Akedah*. Sobre isto, fala também Gisálio Cerqueira Filho: “A cena fundamental está remetida a Abraão e à ordem divina de sacrificar o filho Isaac. Abraão amarra, ata, seu filho Isaac (*alligare* em latim) no altar do sacrifício a fim de degolá-lo. Sensibilizado pela submissão de Abraão, Jeová dispensa-o de consumir tal homicídio e um carneiro acaba por tomar o lugar da vítima (Gênesis, 22). Isaac é, assim, sucessivamente ligado e desligado por seu pai” (Cerqueira Filho, 2002, p. 57).

É preciso, antes de mais nada, auscultarmos os limites dessa Lei, como ela se faz e incide em nossa cultura e em nosso tempo, ainda.

Inicialmente, portanto, coube-me examinar e aquilatar os limites do que poderia ser chamado de *corpus* mosaico de leis. Se os Dez Mandamentos são inscritos na cultura por intermédio do *Dedo de Deus*, dadivoso por nos tornar recebedores e sabedores de Sua vontade, a verdade é que a tradição judaica, em suas várias ramificações, carrega consigo formações mandamentais de extensão não irrelevante, como a Torá, que conta com 613 mandamentos. O batel da Torá fora então conduzido pelos Doutores da Lei, grandes Mestres dos ensinamentos de Deus inscritos nos mandamentos. Esses Doutores são realmente parte de uma casta especial, específica. Sua nomenclatura deriva do grego *φαρισαίος*, que dará origem ao termo *fariseu*, designando “o separado”, ou apartado. Partes escolhidas a dedo quando do parto dos mandamentos divinos dadivosos, seria verdadeiramente um

⁴ Cf. Aslan, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 32: “Um assistente coleta o sangue em uma tigela para espargir sobre os quatro cantos cornudos do altar, enquanto o sacerdote cuidadosamente estripa e desmembra a carcaça. A pele do animal é para ele; ela alcançará um bom preço no mercado. As entranhas e o tecido adiposo são arrancados do cadáver, levados por uma rampa para o altar e colocados diretamente sobre o fogo eterno. A carne do animal é cuidadosamente retirada e colocada de lado para os sacerdotes se banquetearem após a cerimônia”.

ato insolente chamá-los de “porteiros da lei”, como fizera, ou dera a entender, certa feita, um escritor tcheco. No entanto, este lembrete serve para nos fazer sempre checar a homologação dessa tradição em relação à lei e seus doutores em nossa cultura, dita contemporânea.

BATER ANTES DE ENTRAR

Entendi por bem articular o tema com um filme lançado recentemente sobre as telas de cinema: trata-se da película de Eli Roth, *Bata antes de entrar*, de 2015. No filme, Keanu Reeves interpreta *Evan Webber*, um arquiteto de relativo sucesso, bom pai de uma família banal em algum subúrbio de alguma cidade nos Estados Unidos. Sua esposa e filhos resolvem passar uns dias em algum balneário banal, deixando-o livre para projetar os artifícios que o engenho humano produz diferentemente de outros bichos, como as aranhas e as abelhas (a frase de Marx nunca é inoportuna, a de que o homem, diferentemente das abelhas, idealiza a obra antes de lhe pôr as mãos, de concretizá-la: “Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade”). Pois bem: este sujeito será assaltado em uma noite chuvosa por duas mulheres, aeromoças perdidas em meio à torrente, vindas, portanto, do céu, ou caídas em meio aos pingos, como um maná. Uma delas atende pelo nome de *Genesis*, como se não bastasse.

Essas mulheres tentarão seduzir Evan, falando-lhe sobre fazer sexo *off limits*, sem regras, sem limites, o que dará o contorno de seu fruto proibido. E quando conseguem o feito, se consuma a tortura que se insinua, na segunda parte do filme, quando este vira um *thriller* de terror psicológico e Evan passa a ser por elas torturado, e seu santuário conjugal, maculado. Até o momento em que o enterrarão, deixando apenas sua cabeça fora da terra, e lhe mostrarão um vídeo gravado no celular mostrando para ele mesmo sua transgressão, a cena de sexo fora dos limites. Essa, enfim, é a morte prometida, não a morte física. Mas seriam essas mulheres reais ou, apenas, um mecanismo psíquico de Evan, de seu próprio funcionamento e posição no mundo? No seguinte diálogo, tirado do filme, podemos perceber esse entrelaçamento da morte com a transgressão da Lei:

Evan Webber: Death? Death? You're gonna kill me? You're gonna fucking kill me? Why? WHY? Because I fucked you? You fucked me! You fucked ME! You came to MY house! You came to ME! I got you a car, I brought you your clothes, you took a fuckin' BUBBLE BATH! You wanted it! You wanted it! You came on to me! What was I supposed to do? You sucked my cock, you both fucking sucked my cock! It was FREE PIZZA! Free fuckin' pizza! It just shows up at my fuckin' door! What am I supposed to do? "We're flight attendants. Come on, fuck us! No one will know. Come on, fuck us!" Oh, twosomes, threesomes. It doesn't matter! Starfish! Husbands! You don't give a fuck, you'll just fuck anything, you'll just fuck anything! Well, you lied to me, I tried to help you! I let you in, I was a good guy, I'm a good father! And you just fucking fucked me! What? Now, you're gonna kill me? You're gonna kill me? Why? Why? 'Cause you fucked me? What the fuck-FUCK-FUCK, this is fucking insane!

E, também, no mesmo momento, um diálogo entre as duas mulheres, *Genesis* e *Bel*, colocando em cena duas coisas importantes: o jogo infantil muito característico da América do Norte: o *knockknock*, título inglês do filme, e a trapaça (o *cheating*, que também tem som de *shitting*) e o chiste com o nome do personagem:

Genesis: Knock, knock.
Bel: Who's there?
Genesis: Cheating Evan.
Bel: Cheating Evan who?
Genesis: Cheating Eventually gets you killed.

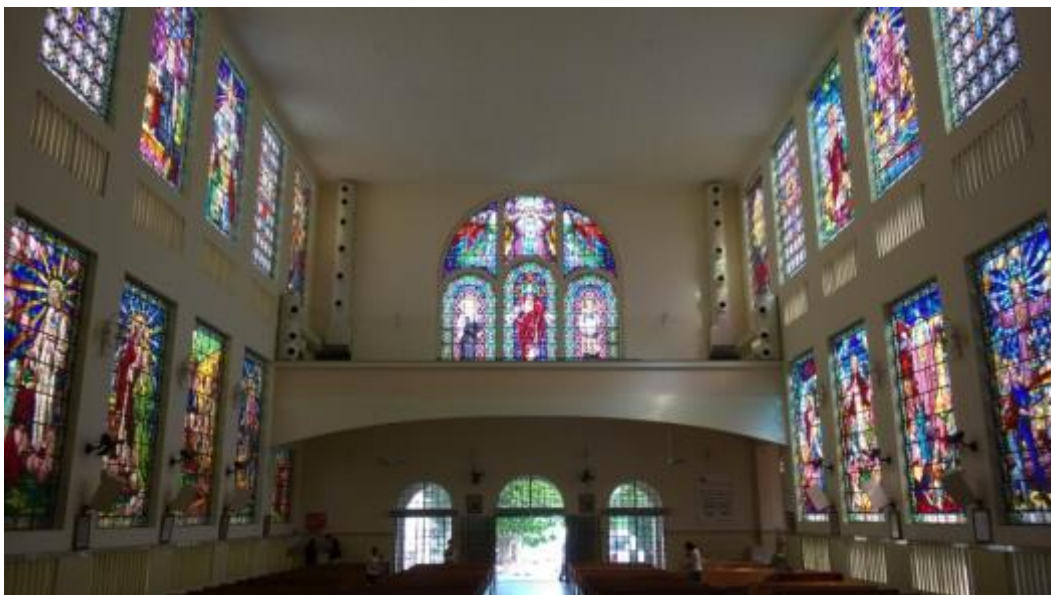
Essas mulheres, seriam mulheres de um outro, ou de um Outro? Coincidentemente, uma das atrizes é esposa, na “vida real”, do diretor do filme, *Eli* (Roth). Essa relação que coloca o sujeito diante da mulher do próximo evoca mesmo o mandamento: *Não cobiçarás a mulher do próximo. Não cobiçarás sua casa, nem seu campo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence.* Lacan dirá que essa lei, sempre viva no coração dos homens que a violam a cada dia, “deve certamente ter alguma relação com aquilo que é aqui nosso objeto, ou seja, *das Ding*”. E acrescenta: “*das Ding* como o próprio correlato da lei da fala em sua mais primitiva origem, nesse sentido que esse *das Ding* estava já no início, que é a primeira coisa que pôde separar-se de tudo o que o sujeito começou a nomear e a articular, que a própria cobiça em questão se dirige, não a uma coisa qualquer que eu deseje, mas a uma coisa na medida em que é a Coisa de meu próximo” (Lacan, 2008, p. 103).

Neste sentido, Eugène Enriquez reconhece: “O vínculo social se apresenta, em princípio, como um vínculo *trágico*: ele nos faz compreender que os outros existem, não como objetos possíveis de nossa satisfação, mas como *sujeitos de seus*

desejos, em outras palavras, como tão suscetíveis de nos rejeitar quanto de nos amar, de manifestarem vontades contraditórias às nossas, de representarem perigos permanentes não apenas para nosso narcisismo, como também para nossa simples sobrevivência, e de serem, para nós, apesar de tudo isso, tão indispensáveis quanto o ar que respiramos. O semelhante, o irmão, é um adversário em potencial, às vezes até mesmo um inimigo cruel. [...] O outro é sempre um traidor, o lago de Otelo, que pode nos destilar seu veneno de maneira lenta e segura, mas é também Pílates, o amigo fiel, finalmente encontrado. Mas se o outro, ao mesmo tempo, nos ama e nos detesta, se ele é nosso semelhante (sempre sob a imagem da diferença), isto significa que nós mesmos nos amamos e nos detestamos” (Enriquez, 1990, p. 158).

Mas então como entrar numa relação temperada com esse próximo, além dos limites da lei? Seria através do deslocamento do funcionamento psíquico calcado no *supereu* para aquele do *ideal do eu*? O que se consuma não é a morte desse olhar do Outro vigilante da Lei, instaurando uma nova maneira de lidar com o furo, a falta no Outro? Paulo busca marcar o tempo todo o vazio sem sentido de uma vida vivida segundo a Lei: *Eu, Paulo, vos digo: se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá. Declaro de novo a todo homem que se faz circuncidar: ele é obrigado a observar toda a Lei. Rompestes com Cristo, vós que buscais a justiça na Lei; caístes fora da graça. Nós, com efeito, aguardamos, no Espírito, a esperança da justiça, que vem da fé. Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé agindo pela caridade* (Gl 5, 2-7).

Um funcionamento mediado pela fé, pela caridade, ou ação pela fé caridosa (mediante ouvidos caridosos), artífice do verdadeiro parto humanizado, na medida daquilo que nos torna humanos; a comunidade que vem fazer a comunicação da vida, seria capaz, como foi já, de transformar a Lei mosaica em vivos mosaicos que contam a vida de um simples camponês nazareno? Comunicar a vida é fazê-la (em) comum.



Catedral no interior do Espírito Santo: posição do Pai e ideal do eu. Arquivo pessoal.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *O espírito e a letra*. Em: *A graça (I)*. São Paulo: Paulus, 2015.

ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Édipo e excesso: reflexões sobre lei e política*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 2002.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MARX, Karl. *O Capital: livro 1*. São Paulo: Boitempo, 2013.

KNOCK KNOCK. Direção: Eli Roth. Roteiro: Eli Roth, Nicolás López, Guillermo Amoedo, Anthony Overman, Michael Ronald Ross. Intérpretes: Keanu Reeves, Lorenza Izzo, Ana de Armas, Aaron Burns, Ignacia Allamand, Dan Baily, Colleen Campet. *al.* 2015 (99 min).

THE OVERHEAD IN THE MOSAIC LAW: REVIEW OF THE FILM BATA BEFORE ENTERING (2015)

ABSTRACT

This review seeks to present and articulate the movie *Knock Knock* (2015) with psychoanalytic formulations about the superego and the relationship between psychoanalysis and religion, especially of the formulations of Freud's Jewish monotheism. In this sense, the film opens to interpretations that connect the notion of superego that underlies the Mosaic Law and the formulations of Lacan on the ethics of psychoanalysis.

KEYWORDS: Superego. Mosaic Law. Ethics of Psychoanalysis.

LE SURMOI LA MOSAÏQUE DROIT : CRITIQUE DU FILM FRAPPER AVANT D'ENTRET (2015)

RÉSUMÉ

Cette critique vise à présenter le film *Knock Knock* (2015) avec des formulations psychanalytiques sur le surmoi et la relation entre la psychanalyse et la religion, en particulier pour les formulations du monothéisme juif de Freud. En ce sens, le film ouvre à des interprétations qui relient la notion de surmoi qui sous-tend la loi mosaïque et les formulations de Lacan sur l'éthique de la psychanalyse.

MOTS-CLÉS : Surmoi. Loi Mosaïque. L'Éthique de la Psychanalyse.

Recebido em: 03-08-2016

Aprovado em: 23-09-201

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

O TEMPO, ESSE PASSANTE

Maria Teresa Saraiva Melloni¹

"Mulher que [...] nos faz esquecer que o tempo passa, porque está sempre presente." "Não há nelas fendas por onde se possa introduzir-lhes o prazer." (Yourcenar, 1981, p. 18)

Ele está passando... devagarinho, passo a passo, sem olhar pra trás, sempre o tempo, tomando, partindo em tomos, atomizando, em gomos, sorvendo, marcando, em traços, uma vida.

Yourcenar confessou que só conseguia recompor o tempo, com um pé na erudição é o outro na magia, disse Eclea Bosi, em *O tempo vivo da memória* (2003)

Tempo sem dono, sem rumo, sempre presente, que se esvai em um átimo, no voo veloz de um pássaro raro chamado futuro, cujas penas escrevem com a tinta negra, o furo de um passado encantador. Canta, canta a dor como o trinado de um fado que chora o amor.

Penas que nos são imputadas, como culpados e pesam, como fardos.

Penas, plumas, pretas, vermelhas, adornam no cabaré, o corpo da mulher.

Escondem dos homens, o rubor e o pudor e lhes dão asas a voar!

Mas pra onde vais? Pra onde vai o tempo, esse passante? Onde embarcou esse passageiro do bonde da vida? Qual a sua morada, seu porto de embarque, seu ponto de basta, de um passado na lembrança?

¹ Psicanalista da Escola Lacaniana de Psicanálise –RJ; autora dos livros: *A Perda d'Ele em Mim – um trabalho de luto e Rio de Janeiro: uma psicanálise possível*; Professora de Fundamentos de Psicanálise do IBMR – Laureate Universities (1978/2013).

Quero seguir com você, não me abandona, não me deixa para trás. Abrace-me, embale-me, embrulhe-me, enrole-me, arrasta-me nem que seja aos trambolhões!

Mas se ele vai, se esvaem no presente, suas marcas, seu gostinho de quero mais ou de trava na garganta. Algumas coisas, pessoas, lembranças, ele leva, mas ele deixa, deixa um legado, uma herança, a memória, a experiência.

Mas não é só isso! Ele deixa principalmente um lugar futuro, o tal furo, uma tela em branco, onde pintamos novas imagens, novas paisagens. Ele deixa a página vazia para uma nova história, *a love hystory*.

Ah... O amor, esse sim, seu grande rival, consumidor contumaz que o devora e esgota! Como Alice no país das maravilhas, o amor corre atrás, volta lá para alcançar a pedra da magia que o estanca!

Mas onde foi que o perdi, o perdão que não pedi? Quando foi que ouvi a primeira badalada? Onde foi dado o primeiro impulso? Onde e quando foi que o tempo nasceu? Criação divina? Castigo por ter Adão comido a maçã oferecida por Eva? Haveria tempo no paraíso ou lá é o lugar da eternidade?

É terna a idade? Para alguns, sim; já para outros...

Se há esse tempo, o tempo do nascimento do tempo, não me é dado dele saber! Não adianta procurar, perguntar, ninguém sabe, ninguém viu. Sabem os mortos, sobre a eternidade? Mas os mortos, como as rosas, não falam. "Simplesmente exalam o perfume que roubam de ti!" (Cartola)

Ah, o amor que canta Cartola. "Devias vir, para ver os meus olhos tristonhos. E, quem sabe, sonhava meus sonhos. Por fim." Voltar atrás, parar o tempo, sonho impossível das ciências, das humanidades, das artes e dos amantes.

"Só se possui eternamente, àqueles de quem nos separamos", disse Yourcenar. Por outro lado, Eco nos adverte sobre a perenidade de uma obra de arte, dizendo: "Eu definiria o efeito poético como a capacidade que um texto oferece de continuar a gerar diferentes leituras, sem nunca se consumir de todo". São

formas poéticas de dizer que para tomar o sentido da vida é preciso fazer o luto da eternidade?

Desde Freud, aprendemos que para se fazer representar, o sujeito deve deixar para trás a sua condição primordial na relação com a Coisa², sua verdadeira origem. Lacan nos ensina que para ascender ao desejo, há que abrir mão do gozo. Que é nos tropeços e desvios da narrativa formal, na perda de sentido, na falta de palavras, que a verdade, o oco do sujeito, o objeto de sua causa, poderá vir à luz. É na impossibilidade de nomear de todo, o desejo da mãe, que o sujeito vai se inserir na castração, na lei fálica, lei do desejo.

No texto *Sobre a transitoriedade* (2006), Freud, referindo-se a uma flor, que por durar apenas uma noite, só aumenta o valor e a beleza, diz: "a limitação da possibilidade de uma fruição, só aumenta o valor dessa fruição."

Então voltemos ao tempo, esse que está passando... Falávamos do tempo presente, esse que escapa, escorre entre os dedos, o agora, no qual estamos todos imersos, sem no entanto, nada sabermos dizer dele. A não ser que a partir dos seus furos, a coordenação da mesa, ou o olhar entediado do auditório se intrometa, barrando com o corte significante do relógio esse gozo do blá, blá, blá, transformando-o em história. Falar do tempo presente exige um distanciamento. O tempo, assim como a experiência, é um espetáculo que se assiste da coxia, ali no umbral da reviravolta moebiana presente-ausente do não-todo.

Entre o passado e o presente, a história, como escrita é uma constante, é a nossa relação com o mundo e o conhecimento possível, é o que podemos extrair da vida vivida.

Numa análise trata-se de levar o analisante a escrever sua história, emendar seu sinthoma com o real que paralisa o gozo, tornando-o um gozo possível, construindo dessa maneira um enodamento dos tempos. O Sinthoma permite inventar uma nova maneira de tratar o tempo.

² Das Ding

O tempo presente é esse aparecimento evanescente que se faz entre um instante de ver, esse da intuição mesma, tempo em que algo é sempre elidido, se não perdido e esse momento elusivo em que, precisamente, a apreensão do inconsciente não conclui, em que se trata sempre de uma recuperação lograda ou na melhor das hipóteses, uma ficção.

Talvez como Garcia Márquez, acreditemos que seja um triunfo da vida “[...] que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam” (2005 p. 14). Ou como Yourcenar, que “[...] a memória dos homens assemelha os viajantes fatigados que se desfazem das bagagens inúteis a cada pausa do caminho” (1983, p. 17). Mas nunca nos desfazemos de tudo, não é?

A busca do tempo perdido das reminiscências das neuroses histéricas, o adiamento e a procrastinação de um encontro sempre futuro das neuroses obsessivas, insistem num retorno do recalçamento sobre o instante de ver, cujo fulgor cegou Tiresias. O saber sobre o sexual que está na origem insiste em uma repetição que desenha sempre um algo a mais.

O que não cessa de não se inscrever do real, origem da experiência, insiste em marcar com o cessa de não se inscrever pulsional, uma atualização do não cessa de se inscrever do nome, para um gozo a mais.

Assim o passado mítico, do trauma original bate incessantemente no presente, aniquilando-o, aprisionando sob o sentido de um gozo do sintoma, ou relançando-o à quimera fascinante de um futuro que desafia a morte. Então, o neurótico padece de um presente encharcado com os restos do passado, podre, carcomido pelo vai e vem das marés e encalhado nos arrecifes da fantasia, impedindo-o de avançar sob o frescor dos ventos, na expedição pelos misteriosos mares do futuro.

Lembro aqui uma passagem do meu trabalho intitulado *Navegar é preciso II* ou *Destinos do amor*, que diz:

“Ao mesmo tempo que o sujeito numa análise se agarra à suposição de saber no analista, se desdobrando entre artifícios do pensamento, para não perder o pouco de si que ele pensa ser, por outro lado, é quando algo o surpreende e o ultrapassa enquanto pensamento, que alguma transmissão é possível”. (Melloni, T. 2013, p. 25)

Eis aqui duas modalidades de tempo que se superpõem: o tempo cronológico, esse que passa, que chamamos de tempo perdido e o tempo oportuno, o que nos ultrapassa, ou tempo lógico para Lacan. O tempo de uma psicanálise é o momento oportuno do desejo, que se não escoar na deriva e no adiamento, lança mão do ato, que do instante, arranca um evento. É o tempo da pulsação, o espaço de uma síncope, atravessa o arranjo melódico que resta de uma referência subjetiva, explodindo no fortíssimo acorde final de um gozo.

Mas se o tempo que tenho é sempre o tempo que perco, ou seja, o tempo presente; o tempo da experiência é sempre um tempo contado, numa conta de chegar; não me resta saída, a não ser contar e passar ao tempo futuro.

Ao introduzir o ato psicanalítico, como o trinado de um apito que empurra o sujeito para o centro do rodado, no qual ele permanecia siderado, sem saída, Lacan indica um outro destino para a clínica psicanalítica, que vai na direção da entrada, da origem, do rompimento com o véu da fantasia. A clínica do Real, onde a saída é a entrada.

Desde então, o fora do tempo, o não dito, não entendido, o não tem nada a ver, o traumático do olho do furacão, estão presentes na clínica, deslocando tanto o do sofá como o da poltrona, revirando tudo o que resta de referência subjetiva, pelo avesso do toro, reduzindo o tempo real em um espaço virtual. Não há apelação ao Outro, sem pele e sem ação, não há como recuperar o que está na origem, sob a forma de um gozo a mais. Pelo contrário, no momento do corte, a angústia em carne viva, faz da falta, a perda. "O que se diga, permanece esquecido atrás do que se diz no que se ouve" (Lacan, 2006, p. 448)

Resta então ao corpo, a superfície do corpo, perfurada pelo movimento pulsional, encarnar a escrita da descontinuidade, da atemporalidade e intermitência espaço temporal silenciosa do objeto, fazendo, pelo momento de concluir, da perda, a causa.

Objeto *a*, desencarnado, desenganado, desprovido de conteúdo, sem nome, sem documento, ponto de passagem, de re-virão, onde o há de vir do futuro,

advertido e divertido, que por um lapso emerge no leito do rio, para logo depois desaparecer no oceano.

Dizem que viver é uma arte, “*mas não se encontra a mulher que a gente tem no coração*” (Araulfo Alves). Por isso o artista retira a matéria – o barro, as tintas, os sons, as formas, as palavras - de seu estado natural, para durante um certo tempo, transformá-la em obra de arte. Depois, passado um tempo, essa matéria se reduz ao pó que era antes, mas não sem deixar marcas do seu percurso. De todas as modificações causadas pelo tempo, nenhuma afeta tanto às artes, como as alterações do olhar daqueles que as admiram. Oscar Wilde revela isto, na obra *O retrato de Dorian Gray*. Mostra que o efeito do tempo se marca inexoravelmente, através de sucessivos traços, acumulam-se enquanto significações e vão desenhando, o quadro que Gray mantém escondido no segredo da prisão.

O tempo é significativo, é limite, se refere à morte, à castração, portanto, graças ao despertar do gozo eterno, o corpo submetido ao falo, é levado à condição de corpo falante.

Em outras palavras, é na condição de se submeter à castração, que a falta pode se desgarrar do todo, revertendo-se na presença de uma ausência, como marca distintiva e não como frustração. Já não é um tempo que falta, mas sim um tempo que corre, descortinando um imenso céu azul de um futuro incomensurável!

Cito Yourcenar:

"A vida me fez aquilo que sou, isto é, prisioneiro (se assim se quer) de instintos que não escolhi, mas aos quais me resigno e me entrego. À falta da felicidade, essa aceitação, assim espero, me proporcionará a paz." (1981, p. 123. Alexis ou o tratado do vão combate).

Dizem que o tempo passa, para não dizermos que somos nós, o nosso ser que passa, como todos os seres a nossa volta. Então, como meu tempo já passou, pego uma carona com Roberto Juarroz em *La creación del arte*. Incidência freudiana e me despeço dizendo "no tenemos una language para los finales" (p. 19).

Vá meu amor, corra depressa, voe bem alto, para que quando o tempo te fizer desaparecer por entre as nuvens, fique em meus olhos o clarão do teu rastro.

Vá, seja veloz, esgueira-te entre as árvores, galope para bem longe, batendo as patas sobre a terra, deixando soar mata adentro, o eco do teu passar.

Vá, atravesse o sol do deserto, caminha mesmo sob as tempestades de vento, até que o inebriante odor do teu suor ardente encharque cada grão de areia.

Vá meu menino, mergulhe orgulhoso nos mares revoltos, rasgue com teu braço forte, a espuma das entranhas que, ao longe, irão bordar a musculatura viril de teu dorso.

Vá, atravesse-me cortante, retalhe meu corpo com voracidade, devore-me cuidadosamente e saboreie o meu mais precioso alimento.

Mas vá, parta, antes que desfaleça a imagem que tenho de ti. Vá, para que sejas eterno.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. O tempo vivo da memória (2003)

Cartola. As rosas não falam (1973)

_____. Pois é (1955)

ECO, Umberto. Os limites da Interpretação. 2a ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2004.

FREUD. Sobre a Transitoriedade. Obras Completas, vol XIV, Rio de Janeiro, Imago Ed. 2006.

_____. Além do princípio do prazer. Obras completas, vol. VIII, Rio de Janeiro, Imago Ed. 2006.

UARROZ, Roberto. La creación del arte. Incidência freudiana. Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1991.

LACAN, J. O Seminário, Livro XX, Mais... ainda. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1982.

_____, Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Escritos. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1998.

_____, O Seminário, livro X, A Angústia. Rio de Janeiro, Ed. Zahar,

_____, O aturdido, Outros Escritos, Rio de Janeiro, Ed Zahar, 2006.

_____, O Seminário, livro XV, O Ato psicanalítico. Edição Escola de estudos psicanalíticos de Recife – PE (circulação interna)

MARQUES, Garcia. Memórias de minhas putas tristes. São Paulo, Ed. Record, 2005.

MELLONI, Teresa. Os destinos do amor ou Navegar é preciso II. Rio de Janeiro, Revista Bergassen 19, vol 5, 2013.

WILDE, Oscar. O retrato de Dorian Gray, Januario Leite – trad. Irmãs Pongetti, Rio de Janeiro: 1955.

YOURCENAR, Marguerite. Alexis ou o tratado do vão combate. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1981.

_____. O tempo esse grande escultor. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1983.

Recebido em: 12-10-2016

Aprovado em: 20-11-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

CONTENTS

ADOLESCENCE AND PSYCHOANALYSIS: ABOUT THE IMPORTANCE OF WELCOMING THE NEWCOMER	22
FROM LITERATURE TO PSYCHOANALYSIS: THE POETIC MOURNING MANUAL BANDEIRA	45
CLINICAL CASE REPORT: A RITORNELLO AROUND THE ABSENCE	62
THE INFLUENCE OF FRANÇOISE DOLTO IN THE PSYCHOANALYTIC TREATMENT WITH CHILDREN NOWADAYS	88
THE CHILD AND MOURNING: THE EXPERIENCE OF DEATH IN CHILDHOOD	102
SATURN AND NUN: THE HELPLESSNESS AND BE IN DEPRESSION	120
A READ ABOUT THE SUICIDAL ACT IN THE CONTEMPORANEITY	145
ANOREXIA: THE SUBJECT IMPASSE TO DEAL WITH THE BODY AND FEMININITY	164
THE NON-IMPUTABILITY AND SUBJECTIVE RESPONSIBILITY IN THE VIEW OF PSYCHOANALYSIS	182
THE INSTINCTUAL PUZZLE IN SIDONIE CSILLAG'S OBJECT OF CHOICE, A YOUNG HOMOSEXUAL	207
CONSIDERATIONS ABOUT THE MIRROR STADIUM AND THE LACAN OPTICAL SCHEMES	230
BASIC STRUCTURE OF THE CLINIC: IN MODERN MEDICINE TO PSYCHOANALYSIS	246
CONSIDERATION ON LOVE IN PARANOIA: A READING FROM FREUD AND LACAN	264
A STUDY OF THE STATUS OF THE SUPERER IN PSYCHOSIS	294
THE OVERHEAD IN THE MOSAIC LAW: REVIEW OF THE FILM BATA BEFORE ENTERING (2015)	307

SOMMAIRE

ADOLESCENCE ET DE LA PSYCHANALYSE: L'IMPORTANCE D'ACCUELLIR LE SUJET DES NOUVEAUX ARRIVANTS	23
DE LA LITTÉRATURE A LA PSYCHANALYSE : LE DEUIL POÉTIQUE DE MANUEL BANDEIRA	46
L'ÉCRITURE DE CAS : UN RITOURNELLE QUI ENTOURE DU MANQUE	63
L'INFLUENCE DE FRANÇOISE DOLTODANS LA CLINIQUE PSYCHANALYTIQYE AVEC LES ENFANTS D'AUJOURD'HUI	89
LES ENFANTS ET LA DOULEUR : L'EXPÉRIENCE DE LA MORT DANS L'ENFANCE	103
SATURN ET NUN : L'IMPUISSANCE ET D'ETRE EN DÉPRESSION	121
UNE LECTURE SUR L'ACTE SUICIDAIRE DANS LA CONTEMPORANÉITÉ	146
ANOREXIE: L'IMPASSE SUBJECTIVE DE TRAITER AVEC LE CORPS ET LA FÉMINITÉ	165
LA NON-IMPUTABILITÉ ET LA RESPONSABILITÉ DES SUJETS SUR LA VISION DE LA PSYCHANALYSE	183
L'ÉNIGMA PULSIONNELLE EN CHOIX DE L'OBJET DE SIDONIE CSILLAG, UN HOMOSEXUAEL JEUNE	208
CONSIDERATIONS SUR LE MIROIR STADIUM ET REGIMESDE LACAN OPTIQUE	231
LA STRUCTURE DE LA CLINIQUE : DANS LA MÉDICINE MODERNE AU LA PSYCHANALYSE	247
CONSIDERATIONS IN LOVE PARANOIA : LECTURE DE FREUD ET LACAN	265
UNE ÉTUDE SUR LA SURMOI STATUS EN PSYCHOSE	295
LE SURMOI LA MOSAIQUE DROIT : CRITIQUE DU FIILM FRAPPER AVANT D'ENTRET (2015)	308